ENVER HOXHA



A LUTA DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA CONTRA O REVISIONISMO KRUCHOVIANO

OBRAS

Volume 19

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

ENVER HOXHA

OBRAS

PUBLICAÇÃO EM PORTUGAL, CEDIDA EM EXCLUSIVO
ÀS EDIÇÕES «BANDEIRA VERMELHA» PELA EDITORA
ALBANESA «8 NËNTORI»



ENVER HOXHA

ENVER HOXHA

VOLUME

19

JUNHO 1960 — DEZEMBRO 1960

EDIÇÕES «BANDEIRA VERMELHA»
LISBOA — 1976

EXTRACTOS DO PREFÁCIO À EDIÇÃO ALBANESA DO 19.º VOLUME

Os documentos deste volume ocupam um lugar especial nas Obras do camarada Enver Hoxha. Trata-se de documentos — a maioria dos quais publicados pela primeira vez — correspondentes ao período Junho/Dezembro de 1960, época extremamente complexa, devido ao aparecimento de profundas divergências no movimento comunista internacional e nas relações entre vários partidos. Nesse período, o nosso Partido teve de tomar decisões de particular responsabilidade e levantar-se abertamente perante todo o movimento comunista internacional para defender o marxismo-leninismo da nova e perigosa corrente revisionista que se cristalizava no seu seio, o revisionismo kruchoviano.

Neste volume encontram-se documentos que encarnam a elaboração da linha estratégica e táctica do PTA contra a difusão do revisionismo contemporâneo e, sobretudo, contra a actividade divisionista antimarxista da direcção soviética, com Kruchov à frente. Até então o PTA tinha-se limitado a dar a conhecer à direcção soviética as suas discordâncias e ressalvas acerca de uma série de teses e acções incorrectas da sua parte. Mas os factos comprovavam que o grupo de Kruchov continuava marchando obstinadamente por um caminho errado e cheio de perigos para o movimento comunista e operário internacional, o que ficou particularmente claro com a conspiração de bastidores organizada por esse grupo na reunião de Bucareste. Nessas circunstâncias, tomava-se indispen-

sável submeter a linha e as posições anti-marxistas da direcção soviética a uma crítica aberta e audaz, diante de todos os partidos comunistas e operários.

Este volume apresenta um claro panorama da coerente luta travada pelo Partido do Trabalho da Albânia na Reunião de Bucareste e na Conferência de Moscovo. Em Bucareste, o PTA não aceitou que fossem julgados os chamados erros do Partido Comunista da China, nem que ele fosse condenado com base no material cheio de acusações caluniosas fabricado pela direcção soviética, sem que se desse ao PC da China tempo e possibilidade de examiná-lo e apresentar o seu ponto de vista. Já em Moscovo, o nosso Partido deu a sua opinião com audácia revolucionária, criticando abertamente diante do comunismo internacional a linha errada da direcção soviética no tocante a uma série de grandes questões de princípios. O PTA nunca fez concessões de princípios, não aceitando seguir o rumo revisionista do grupo de Kruchov. Vivo testemunho disso são os diversos documentos publicados neste volume, entre os quais os informes, discursos, intervenções e conversações. O volume também abrange inúmeros radiogramas e cartas, enviados de Tirana a Bucareste, Moscovo, Pequim e Nova Iorque, contendo as directrizes e a linha revolucionária do PTA. A assinatura «Shpati» de alguns desses radiogramas traz-nos à mente os anos tempestuosos da luta de Libertação Nacional.

A luta ideológica entre o PTA e a direcção soviética tornou-se ainda mais renhida após a reunião de Bucareste, quando o grupo de Kruchov se lançou num enérgico ataque contra o PTA, visando vergá-lo e fazê-lo seguir a linha revisionista. Inicialmente, o grupo de Kruchov lançou mão de dois métodos principais: o das ameaças e o da demagogia. Mas tão-pouco deixou de agir através da embaixada soviética em Tirana, que desenvolvia um trabalho hostil e subversivo contra o PTA e a sua direcção. A direcção kruchoviana soviética esforçou-se por «tomar a fortaleza por dentro» e, para tal, manipulou e colocou ao seu serviço Liri Belishova e Koço Tashko. As posições e pontos de vista desses dois inimigos contrapunham-se aberta-

mente à justa linha seguida pela nosso Partido em relação à direcção soviética, capitaneada por Kruchov, razão pela qual fracassaram os seus esforços de revisão da linha do Partido. Assim, os materiais deste volume trazem à luz tanto a actividade dos inimigos externos como a dos inimigos internos, bem como a luta de classes contra eles travada pelo PTA, em defesa da sua férrea unidade, da sua linha cristalina e da pureza do marxismo-leninismo (...).

São enormes os ensinamentos decorrentes dos documentos deste volume, ensinamentos que nos armam ainda mais na luta pela construção do socialismo, em defesa dos elevados interesses da nossa pátria e do nosso povo e contra os inimigos externos e internos. As obras contidas no 19.º volume constituem um rico manancial da teoria e da prática revolucionárias do nosso Partido, bem como do imenso tesouro do marxismo-leninismo.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE (*)

21 de Junho de 1960
11.30 horas

EXCLUSIVAMENTE PARA O CAMARADA HYSNI

Pelos teus radiogramas, vemos que a situação se está a precipitar por um caminho errado, apresentando-se, portanto, muito delicada.

Está muito atento. Dá a entender que só tomarás parte na reunião decidida conjuntamente — na qual participarão

(*) Em 2 de Junho de 1960, o CC do PCUS enviou uma carta ao CC do PTA, propondo para fins de Junho a realização de uma reunião de representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista «para troca de opiniões sobre questões da actual situação internacional e para a fixação da nossa respectiva linha comum». Mas em 7 de Junho o CC do PCUS enviava outra carta ao CC do PTA propondo o adiamento da reunião, ficando a sua data para ser fixada num encontro prévio entre os representantes dos partidos irmãos do campo socialista que iriam a Bucareste participar do III Congresso do Partido Operário da Roménia. Concordando com isto, o CC do PTA autorizou o camarada Hysni Kapo, membro do Bureau Político e secretário do CC do PTA, que chefiaria a delegação do PTA ao III Congresso do PO da Roménia, a trocar opiniões com os representantes dos demais partidos irmãos, visando fixar a data da reunião. Mas, de facto, em Bucareste, a delegação do PTA encontrou-se diante de uma reunião internacional, preparada pelos dirigentes soviéticos para atacar o PC da China.

apenas os partidos do campo socialista — *para determinar a data e o lugar da próxima reunião,* mais ampla, dos partidos comunistas e operários. Mantém-nos ao corrente. Avisa-nos com precisão quando se realizará a reunião.

Abraços
Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

SIGAMOS COMO SEMPRE UMA LINHA JUSTA

Extractos da intervenção na reunião do Bureau Político do CC do PTA

22 de Junho de 1960

A questão que hoje trataremos relaciona-se com a Reunião de Bucareste. Como tínhamos decidido, enviámos uma delegação partidária à Roménia, sob a chefia do camarada Hysni Kapo, para participar nos trabalhos do III Congresso do Partido Operário da Roménia. Tínhamos previsto que iriam como chefes de delegação os primeiros secretários dos partidos ou uma boa parte deles. Mas, por inúmeras razões nossas conhecidas, pensámos que eu não deveria ir. Além de participar nos trabalhos do Congresso do Partido Operário da Roménia, a nossa delegação também foi autorizada a tomar parte na reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista, a fim de fixar, conforme acordo anterior, o lugar e a data de uma reunião de todos os partidos para, entre outras coisas, discutir as divergências existentes entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China.

É indubitável que estas divergências devem ser solucionadas quanto antes pela via marxista-leninista, antes de mais nada entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. No caso das divergências não serem resolvidas entre eles, então as teses devem ser submetidas

a uma discussão, em que participem os representantes dos partidos comunistas e operários, de maneira que as questões sejam solucionadas de forma correcta.

Entretanto, em Bucareste, os dirigentes soviéticos estão a esforçar-se por fazer com que se fale desde já dessas divergências. No radiograma que nos enviou, o camarada Hysni informa que, tendo sido adiada a reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários, os soviéticos propõem a realização de um encontro dos representantes de todos os partidos que lá se encontram, durante o qual seriam expostas as divergências da União Soviética com a China — evidentemente, segundo a óptica da União Soviética. Conforme Kruchov, o encontro poderia, inclusivé, tomar decisões e, além disso, todos os partidos deveriam manifestar os seus pontos de vista, solidarizando-se com a União Soviética e com a Declaração da Conferência de Moscovo de 1957 ([1]), à qual, segundo ele, «os camaradas chineses não estão a ser fiéis». E tudo isto está a ser feito através de conversas e combinações, de delegação em delegação, com o objectivo de, posteriormente, comunicar à delegação do Partido Comunista da China se a China permanecerá ou não no campo socialista.

([1]) Esta conferência dos partidos comunistas e operários realizou-se em Moscovo, em Novembro de 1957. Nela, o grupo de Kruchov esforçou-se por legitimar a orientação revisionista do XX Congresso do PCUS como linha geral do movimento comunista internacional, mas defrontou-se com a oposição das delegações do PC da China, do PTA (que era chefiada pelo camarada Enver Hoxha) e de outros partidos que defenderam os princípios fundamentais do marxismo-leninismo e desmascararam os pontos de vista revisionistas da direcção soviética. Diante da lógica férrea dos argumentos científicos, os revisionistas foram obrigados a recuar. Apesar da Declaração da Conferência possuir em geral um conteúdo revolucionário, dela constava uma formulação incorrecta a propósito do XX Congresso do PCUS, apresentado como um congresso que inaugurava, pretensamente, uma nova etapa na vida do movimento comunista internacional. O PTA também manteve reservas quanto a outras questões incluídas na Declaração, ressalvas que manifestou através da imprensa e da propaganda do Partido.

Dizem os soviéticos que esta reunião não visa isolar a China, realizando-se apenas «para que nos informemos e adoptemos uma posição comum».

Penso que a decisão por nós tomada é justa (²). Não devemos ouvir só o que dizem os soviéticos, mas também o que dizem os chineses, para depois discutirmos e darmos a nossa opinião. Desta maneira, coloca-se para nós a seguinte questão: que posição assumirá a nossa delegação nesse encontro tramado pelos soviéticos, com Kruchov à frente? Lá, estamos a ser objecto de muitas provocações, às quais Hysni resistiu firmemente. Mas ele necessita de maior ajuda e intruções ulteriores, pois encontra-se diante de um grande número de dificuldades, pressões e provocações das mais diversas.

Devemos seguir como sempre uma linha justa, pois temos uma grande responsabilidade para com o nosso povo. Como partido marxista-leninista que somos, cabe-nos assumir uma posição marxista-leninista em relação a cada acontecimento. A vida já mostrou que nós nunca vacilamos. Assim, nem mesmo agora poderá haver canhão que nos demova da justa linha seguida pelo nosso Partido. No que se refere aos revisionistas jugoslavos, a vida demonstrou não termos errado nas nossas posições e opiniões, que eram correctas. Se Kruchov e companhia mantiveram uma outra posição, não lutando contra os revisionistas jugoslavos, isso é problema deles, já que assim pensam. Mas nós também temos o direito de manifestar-lhes a nossa opinião.

Nós apoiamos a Declaração da Conferência de Moscovo de 1957, não só no que se refere à questão jugoslava, mas também no tocante a outras questões, como a unidade do campo socialista e a coexistência pacífica. No entanto, mantivemos certas reservas em relação a muitos pontos da Declaração, ressalvas que comunicámos aos soviéticos ou então tratámos na

(²) Refere-se à participação na reunião dos partidos do campo socialista, em Bucareste, para fixar o lugar e a data de uma próxima conferência, mais ampla, dos partidos comunistas e operários.

imprensa e na propaganda do Partido, marcando a nossa posição. Somos favoráveis à coexistência pacífica, mas como a concebia Lenine e não para que ela seja estendida ao campo da ideologia, pois isto é extremamente perigoso. Quanto ao desarmamento, a vida já comprovou que o imperialismo não se desarma mas, pelo contrário, arma-se cada vez mais. Então, porque devemos nós desarmar-nos? Pelo contrário, devemos estar vigilantes. E nós temo-nos mantido vigilantes, e fizemos bem: devido à linha seguida pelo nosso Partido, o povo e todos os comunistas estão prontos a levantar-se em luta contra qualquer perigo de agressão.

Em algumas questões, podemos dizer aos soviéticos que eles não estão certos. Podemos dizer-lhes, por exemplo: «Não estamos de acordo convosco por não desmascararem até ao fim os revisionistas jugoslavos.» Da mesma maneira, se tivermos qualquer coisa a dizer aos outros, diremos com franqueza, num espírito de camaradagem e de forma marxista. Portanto, devemos preparar-nos para isso, indo à próxima reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários para dar a nossa opinião. Todos devem assumir uma posição marxista-leninista clara e firme em tomo destas questões. E que não se permitam provocações de parte alguma.

Agora, se desejam, podemos ler o radiograma enviado pelo camarada Hysni.

Depois de lido o radiograma enviado pelo camarada Hysni Kapo, toma novamente a palavra o camarada Enver Hoxha:

Logo ao chegar a Moscovo, o camarada Gogo (3) foi chamado por Brejnev (4) que, depois dos cumprimentos da praxe,

(3) Refere-se ao camarada Gogo Nushi, membro do Bureau Político do CC do PTA e presidente do Conselho Central das Uniões Profissionais da Albânia, que passava por Moscovo de regresso de Pequim, onde, chefiando uma delegação das UPA, tinha participado na reunião do Conselho Geral da Federeção Sindical Mundial.

(4) Leonid Brejnev, então presidente do Soviete Supremo da URSS e membro do Presidium do CC do PCUS.

passou logo a expor as suas teses sobre os chineses. O mesmo sucedeu quando da estada do camarada Mehmet ([5]) em Moscovo: Kossiguine ([6]) foi visitá-lo, falando-lhe durante uma hora e meia sobre essas questões. O camarada Mehmet respondeu-lhe: «Se as coisas estavam assim, porque se deixou que elas crescessem, quando era possível solucioná-las de forma marxista-leninista, primeiro entre os dois partidos e, depois, se fosse necessário, submetendo-as aos demais partidos?» Mehmet disse-lhe ainda que «o nosso Partido manterá uma posição de princípios, justa e marxista-leninista e não cairá em posições sentimentalistas e oportunistas».

Na sua carta, o camarada Hysni conta que Teodor Jivkov ([7]) lhe fez uma provocação, dizendo-lhe: «O que se passa com a Albânia? Só a Albânia não está de acordo!» O camarada Hysni perguntou-lhe: «O que quer dizer com isso?» E Jivkov então respondeu-lhe: «Estava a brincar...» Hysni fez-lhe notar que ele deveria ter algo em mente para dizer que «só a Albânia não está de acordo». Mas de novo ele respondeu que «estava a brincar...». Por outro lado, os búlgaros publicaram um folheto ilustrado contendo um mapa dos Balcãs, no qual a Albânia aparece como parte da Jugoslávia. No que se refere a esta questão, eu disse a Behar ([8]) que convocasse o embaixador búlgaro para lhe perguntar o que significa isso e exigir a imediata retirada de circulação desse folheto.

Penso que devemos orientar o camarada Hysni a propósito das questões que aqui discutimos. Eu já preparei uma carta, que passo a ler devagar por ser importante.

([5]) Refere-se ao camarada Mehmet Shehu, membro do Bureau Político do CC do PTA e presidente do Conselho de Ministros da RPA.

([6]) Alexis Kossiguine, na época vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS.

([7]) Primeiro secretário do CC do Partido Comunista da Bulgária, notório como um lacaio dos revisionistas de Moscovo.

([8]) Behar Shtylla, naquela ocasião Ministro das Relações Externas da RPA.

Depois da leitura e aprovação da carta (*), prossegue o camarada Enver Hoxha:

Quero ressaltar que a nossa força reside na unidade de pensamento e acção da nossa direcção e de todo o Partido, o que tem uma importância excepcional. A nossa unidade baseia-se nos ensinamentos do marxismo-leninismo e, sendo assim, devemos forjá-la sempre mais. É por este caminho que temos marchado e continuaremos a marchar, lutando pela aplicação rigorosa e cabal das decisões que adoptamos conjuntamente aqui no Bureau Político e — quando necessário — consultando-nos novamente. Mas, no caso de algum de nós se encontrar só e em dificuldades, sem possibilidades de consultar os demais, então deve actuar como o fazíamos na época da guerra, quando, longe dos demais companheiros, tinha de decidir sozinho lançar ou não todas as forças ao ataque ou à defesa e aplicar sozinho a linha do Partido.

Publicado pela primeira vez no 19.º volume (Ed. albanesa), conforme original existente no Arquivo Central do Partido.

(*) Ver carta ao camarada Hysni Kapo em Bucareste, 22 de junho de 1960.

CARTA ENVIADA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

22 de Junho de 1960

Querido camarada Hysni:

Recebemos os teus telegramas e a tua carta, que foram por nós estudados no Bureau Político. Pensamos unanimemente que a situação se apresenta muito grave, desenvolvendo-se fora das normas partidárias. O nosso Bureau Político considera extremamente errado, prejudicial e perigoso o desenrolar dos acontecimentos, com a deflagração e a extensão do conflito entre a União Soviética e a China da maneira como estão ocorrendo. Sendo assim, o nosso Bureau Político não pode concordar de modo algum com os métodos e formas que estão a ser utilizados para solucionar este conflito, que tão caro custa ao nosso campo socialista e ao comunismo internacional. Como sempre, o nosso Bureau Político permanece inabalável na linha marxista-leninista de que não se deveria ter deixado de maneira nenhuma que as divergências entre a União Soviética e a China tomassem corpo, bem como de que não se deve permitir que o conflito se aprofunde, devendo-se resolvê-lo com meios e métodos marxistas-leninistas.

O Bureau Político pensa que as divergências existentes entre a União Soviética e a China não foram comunicadas aos partidos comunistas e operários conforme as normas leninistas, mas de maneira fortuita, através de polémicas abertas ou indirectas de imprensa, ou então de forma verbal. Este não

é o método correcto para a solução de um tal conflito, se é que se deseja, como o exige o marxismo-leninismo, que os demais partidos possam intervir e ajudar com a sua experiência e o seu peso. E, até ao último momento, essa ajuda não tinha sido pedida. Além disso, conforme os telegramas que nos enviaste, mesmo agora os soviéticos tratam de evitar essa forma correcta de solução. Daí, chegamos à conclusão de que não foram feitos todos os esforços devidos para que essas questões fossem esclarecidas entre os dois maiores partidos do campo socialista de maneira regular e objectiva, de forma marxista-leninista. E inclusivé parece-nos não estar a ser encarada seriamente a solução do problema por uma reunião da qual também participem os partidos comunistas e operários do nosso campo, na medida em que os dois partidos divergentes não apresentaram *oficialmente* aos demais partidos irmãos as suas teses e pontos de vista sobre tais divergências.

O Bureau Político considera que o nosso Partido tem tanta responsabilidade como todos os outros partidos, não só no que se refere ao fortalecimento da unidade do campo socialista de forma marxista-leninista, como também no tocante à salvaguarda da pureza do Partido e do marxismo-leninismo. A União Soviética é muito cara ao nosso Partido, mas a China também o é. Portanto, não nos é permitido cometer erros, não nos é permitido meter o Partido num beco escuro e levá-lo a confusões ideológicas e políticas. Nós nunca fizemos isto e jamais o faremos. Quando se trata de defender os princípios, não nos importa que este ou aquele possa ficar aborrecido. O nosso Partido sempre se guiou e continuará a guiar continuamente por justas posições marxistas-leninistas. Ele sempre se caracterizará pela audácia marxista-leninista de princípios.

E agora, que posição devemos manter em relação aos acontecimentos em curso em Bucareste? A linha do nosso Partido está clara para ti; seria desnecessário alongarmo-nos sobre ela. Mas, na medida em que se desencadearam paixões de forma partidária irregular, deves mostrar-te muito cauteloso. As respostas devem ser bem medidas e pesadas. Pensa

sempre nos interesses do Partido e do marxismo-leninismo. Mas isto não quer dizer que não devas responder devida e prontamente a quem quer que seja. Não é ridículo e inaceitável, por exemplo, que um Magyarosi ([9]) qualquer venha convencer-nos a nós, albaneses, da «justeza» da linha da União Soviética e das «culpas» da China?! Que Magyarosi vá vender o seu peixe noutros mercados e não a nós! Não precisamos que nenhum Magyarosi venha «esclarecer-nos» sobre os princípios e verdades pelos quais o nosso Partido sempre lutou e está sempre pronto a lutar. Ou então, por exemplo, dá bem a entender a Andropov ([10]) que não estamos de acordo que os soviéticos abordem os nossos camaradas, membros da delegação ao Congresso do Partido Operário da Roménia, para lhes dizer com aparente surpresa: «Como, a vossa direcção não vos colocou a par destas coisas?!» Lembra a Andropov que Mikoian ([11]) queria falar dessas questões ([12]) só com o camarada Enver e que foi este (Enver) que, por iniciativa própria, levou também o camarada Mehmet. Mikoian pediu encarecidamente ao camarada Enver que tudo o que lhe dissera deveria ser mantido no máximo segredo. E quando se diz algo assim à nossa direcção, ela mantém a palavra, pois não tem o hábito de fazer disso assunto para mexericos. Diz a Andropov

---

([9]) A. Magyarosi, na época membro do Bureau Político do CC do PC da Roménia.

([10]) Trata-se de J. Andropov, então director da Secção da Europa Oriental no Departamento de Relações Externas do CC do PCUS e hoje membro do Bureau Político do CC do PCUS.

([11]) Anastas Mikoian, membro do Presidium do CC do PCUS e primeiro vice-prasidente do Conselho de Ministros da URSS.

([12]) No inicio de Fevereiro de 1960, quando se encontrava em Moscovo chefiando a delegação do PTA que participava numa reunião de representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas da Europa sobre questões relativas ao desenvolvimento da agricultura, o camarada Enver Hoxha encontrou-se com Mikoian, a pedido deste. No encontro, Mikoian falou cerca de 5 horas sobre as divergências ideológicas e políticas que existiam entre o PCUS e o PCC.

que, no entanto, estamos a observar duas tendências perigosas nos camaradas soviéticos que conversaram com os camaradas da nossa delegação: por um lado, a subestimação do perigo representado pelo revisionismo, com o que nunca poderemos estar de acordo; por outro, uma tendência a apresentar a direcção do nosso Partido como culpada aos olhos dos nossos camaradas, supostamente por não os ter colocado a par da situação. Diz a Andropov que essas tácticas anti-marxistas devem cessar imediatamente, que eles saibam que é férrea a unidade da nossa direcção — assim como é férrea a unidade entre a nossa direcção e todo o Partido do Trabalho — e ainda que aqueles que de uma forma ou de outra nos fazem coisas do género estejam certos de que levam a resposta. Diz também a Andropov que não é nem regular nem necessário que os camaradas soviéticos coloquem os nossos camaradas ao corrente da situação, pois a nossa direcção, que sabe defender o marxismo-leninismo, também sabe colocar os seus membros a par das coisas devidas no momento próprio.

Diz tudo isto a Andropov com serenidade. Mas di-lo, pois bem compreendes que deve ser dito. Eles estão a agir de maneira irregular e à margem das normas partidárias. É chegado o momento de barrar o caminho a tais práticas. Diz também a Andropov: «Fiquei muito contrariado por ter trazido consigo Magyarosi, não como anfitrião, mas para me persuadir da justeza da linha da União Soviética e do caminho errado da China.» Diz-lhe: «Só a boa educação, visto que me encontrava em sua casa, me impediu de me mostrar «grosseiro» e com toda a razão.» Ou então, quando aparecer uma ocasião como aquela em que Andropov te disse que «o Partido Comunista da China pensava que vos ganharia por vocês estarem firmemente contra os jugoslavos, mas enganou-se (...)», etc., diz-lhe: «Acabaram-se os tempos em que o nosso Partido do Trabalho e a sua direcção poderiam ser enganados por alguém, tomando-se adeptos de linhas erradas. O nosso Partido forjou-se na luta e não escorrega em madeira podre. Ele sempre se manteve e continuará a manter no caminho dos princípios marxistas-leninistas.»

Antes de passarmos à essência do problema, deves também ter presentes algumas outras questões que te poderão ajudar. A situação desenvolve-se num sentido errado pois, como escreves na tua própria carta, estão a ser realizadas manobras de bastidores e provocações. Portanto, mantém-te firme e mostra que na nossa direcção há unidade, determinação e audácia.

Conforme decisão do Bureau Político, deverás agir da seguinte maneira:

I — Convoca Andropov e diz-lhe, em nome da direcção do Partido (sempre em nome do Partido, em nome da direcção): «Comuniquei à minha direcção tudo o que me disse. Ela já conhecia essas divergências em linhas gerais, tendo-as considerado extremamente graves e prejudiciais à nossa causa comum; por isso, manifesta novamente a opinião de que devem ser solucionadas, mas solucionadas de forma correcta, conforme as normas organizativas marxistas-leninistas. A nossa direcção tinha dado o parecer de que essas divergências ideológicas e políticas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China deviam ser resolvidas de forma marxista-leninista, através de conversações entre os dois partidos. Se mesmo assim a questão não se resolvesse, então os representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista deveriam ser convocados para discutir e manifestar os seus pontos de vista. E as posições tomadas nessa reunião poderiam ser apresentadas a uma reunião mais ampla dos partidos comunistas e operários, como foi a Conferência de Moscovo de 1957. Agora, a realização dessa reunião já está decidida. A direcção do nosso Partido considerou essa decisão justa, deu a sua concordância, está a preparar-se para manifestar a sua opinião sobre as questões e espera a fixação da data.»

Diz também a Andropov: «Eu (Hysni) estou autorizado a discutir a fixação da data. A nossa direcção decidiu e já comunicou que a nossa delegação à próxima reunião será chefiada pelo camarada Enver Hoxha. A nossa direcção considera prematura e muito prejudicial a reunião que se está propondo

realizar agora em Bucareste sobre as divergências entre o PCUS e o PC da China, com a participação de todos os representantes dos partidos comunistas e operários irmãos presentes ao Congresso do Partido Operário da Roménia. O nosso Partido também considera muito prejudicial qualquer campanha de imprensa, aberta ou indirecta, em torno dessas tão delicadas questões. Que a próxima reunião julgue quem está certo e quem está errado. O nosso Partido empenhará todas as suas forças e a modesta experiência que possui no esforço para resolver essas graves divergências num caminho marxista-leninista de princípios. O nosso Partido assume todas as suas responsabilidades — como sempre, ele lutará com honra e intrepidez em defesa da sua justa linha marxista-leninista, em defesa do marxismo-leninismo, em defesa do campo socialista e da sua unidade. A União Soviética e o Partido Bolchevique sempre foram, são e serão muito caros ao nosso Partido. Mas é inegável e indiscutível que a grande China também é muito cara, tanto para nós como para vós e para todo o nosso campo. Portanto, a nossa direcção pensa e reafirma que os erros, onde existirem, têm de ser examinados na reunião de maneira realista, fazendo-se todos os esforços possíveis e imagináveis, com meios e métodos marxistas-leninistas, a fim de que eles sejam corrigidos, para o bem do socialismo e do comunismo. Esta era a opinião oficial da nossa direcção ao enviar-me a Bucareste e esta continua a ser a sua opinião agora, depois de lhe dar conhecimento do que me comunicou.»

Diz ainda a Andropov: «Eu (Hysni) só estou autorizado a representar o Partido do Trabalho da Albânia no Congresso do Partido Operário da Roménia e a discutir com os representantes dos demais partidos do campo socialista a fixação da data da próxima reunião. Se a reunião proposta por vós e pelo Partido Operário da Roménia se realizar agora, imediatamente, em Bucareste, eu estou autorizado a participar nela, apesar de a nossa direcção a considerar prematura, como já frisei antes. Estou autorizado oficialmente a fazer-lhe esta comu-

nicação, para que a transmita à sua direcção. Tudo o que tem a dizer, o nosso Partido di-lo franca e destemidamente, no caminho marxista-leninista.»

II — Mantém-te sereno na reunião que possa vir a realizar-se. Emprega palavras bem medidas. Não deves pronunciar-te sobre as divergências existentes entre a União Soviética e a China. A tua declaração deve ser breve e concisa.

Na essência, deves declarar em nome do nosso Partido:

1) o nosso Partido do Trabalho aprovou e aplicou as decisões da Conferência de Moscovo de 1957;

2) destaca a justeza e a coerência da política de princípios do nosso Partido, a infinita fidelidade do Partido ao marxismo-leninismo e o grande carinho do Partido e do nosso povo para com os partidos e povos dos países do campo socialista, para com todos os outros partidos comunistas e operários irmãos do mundo e para com a unidade do nosso campo, que não deve ser colocada em perigo de maneira nenhuma, devendo, pelo contrário, ser fortalecida e forjada no caminho marxista-leninista;

3) manifesta a amargura do nosso Partido pelas divergências surgidas entre o PCUS e o PCC e exprime a nossa convicção de que elas devem ser solucionadas de forma marxista-leninista na conferência dos partidos comunistas e operários que se realizará posteriormente;

4) manifesta a decisão do nosso Partido de lutar ombro a ombro com os países socialistas, mantendo-se sempre vigilante e desmascarando impiedosamente e até ao fim o imperialismo e os seus agentes, os revisionistas.

Faz disto a essência da tua intervenção.

Confiamos em que tudo te sairá bem. Estamos no caminho correcto; portanto, acompanha a situação com a serenidade e a audácia revolucionária que te caracterizam.

Mantém-nos a par de tudo.

Uma óptima notícia: ontem caiu uma boa chuva em toda a parte.

Todos os camaradas te enviam muitas lembranças e

eu abraço-te
Enver

P. S. — A qualquer tentativa ou sugestão dos soviéticos para que eu vá a Bucareste deves responder: «Ele não vem.»

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

EXTRACTOS DA CARTA ENVIADA A LIRI BELISHOVA [13] SOBRE A POSIÇÃO A ADOPTAR EM PEQUIM A PROPÓSITO DAS DIVERGÊNCIAS SURGIDAS ENTRE A UNIÃO SOVIÉTICA E A CHINA

23 de Junho de 1960

Tendo examinado a carta e o relatório que nos enviaste, o Bureau Político considera que cometeste um grave erro ao informar a embaixada soviética em Pequim sobre o que os camaradas chineses te disseram. E isto porque, *em primeiro lugar,* ainda não tinhas informado a direcção do teu Partido e não tinhas a sua aprovação; *em segundo lugar,* não se tratava de questões do nosso Partido e não te cabia informar os soviéticos sobre elas; e, em *terceiro lugar,* conheces a nossa opinião de que essas divergências deviam e devem ser resolvidas com formas e meios marxistas-leninistas, e não com conversas ao ouvido ou na base do leva-e-traz. Em questões desta natureza, o nosso Partido deve abster-se de participar em qualquer coisa feita à margem do caminho marxista-leninista.

Sendo assim, escrevo-te esta breve carta para que tenhas o cuidado de não te pronunciar sobre as divergências existen-

---

(13) Membro do Bureau Político e secretária do CC do PTA. Em Junho de 1960, encontrava-se de visita à República Popular da China e a alguns outros países da Ásia, como membro de uma delegação albanesa. Esta carta foi-lhe enviada por mensageiro especial.

tes entre a União Soviética e a China, na medida em que o nosso Bureau Político julgou que esse conflito não se está a desenvolver de forma regular e por um caminho justo. Todos os partidos do nosso campo decidiram que essas questões deverão ser discutidas numa próxima reunião, cuja data será fixada mais tarde. Este é o caminho correcto e é nessa reunião que manifestaremos a nossa opinião.

A quem quer que te interrogue a respeito dessas divergências, responde que «elas são prejudiciais e perigosas para a nossa causa; têm sido deixadas de lado e avolumaram-se; deveriam ter sido resolvidas entre os dois partidos de forma marxista-leninista; e, agora, que foi decidido realizar num futuro próximo uma reunião dos partidos comunistas e operários, é lá que devem ser resolvidas de uma vez por todas. Como sempre, o nosso Partido defenderá uma posição marxista-leninista de princípios».

Antes em Moscovo (14) e agora em Bucareste, os soviéticos informaram todos os delegados que foram ao Congresso romeno sobre as suas divergências com os chineses. E tu também foste citada nesses relatórios entre os que informaram os soviéticos sobre o que os chineses tinham dito. As informações que deste aos soviéticos agradaram-lhes muito, certamente; é por isso que eles te tecem elogios, qualificando o teu gesto de «heróico», «de princípios» e coisas do estilo. Estão a cobrir-te de louvores e vão continuar. E tu, naturalmente não deves deixar-te envaidecer por esses elogios, que são feitos com objectivos bem determinados.

Sendo assim, escrevo-te esta carta para que tenhas cuidado, acentuando que isto que te digo é *unicamente* para teu exclusivo conhecimento.

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme a cópia do original existente no Arquivo Central do Partido.

---

(14) Ou seja, as delegações que passavam por Moscovo.

RADIOGRAMA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

24 de Junho de 1960

Querido Hysni:

Na reunião que se realizará de manhã, declara o seguinte: «Com base nas cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, a nossa direcção só tem conhecimento de que as delegações presentes em Bucareste, que não são de alto nível, fixarão unicamente a data e o lugar da próxima reunião dos partidos comunistas e operários. As referidas cartas diziam também que se poderia trocar ideias sobre a situação política externa criada com o fracasso da Conferência de Paris ([15]). No entanto, vejo que aqui estão a ser colocadas questões extremamente sérias a propósito do Partido Comunista da China. A delegação soviética entregou-nos um volumoso material apenas 10 horas antes da reunião, não nos dando tempo nem para respirar. Isto surpreende-nos.»

Ao tomar a palavra na reunião, deves afirmar ainda: «Não estou autorizado a pronunciar-me sobre tais questões,

([15]) Essa conferência deveria ter-se realizado em Maio de 1960, mas não pôde iniciar-se devido às rixas ocorridas entre Kruchov e o presidente dos Estados Unidos Eisenhower, em virtude do abatimento de um avião espião norte-americano U2 em território soviético, em Maio daquele ano. A violação do espaço aéreo da URSS por aquele avião tinha provocado a revolta das amplas massas populares da URSS.

pois a nossa direcção sabe que elas serão discutidas na próxima reunião dos representantes dos partidos, conforme o estabelecido por todos nós.» Se algum «grande» fizer qualquer alusão provocadora ao facto de não nos termos pronunciado na presente reunião, então pega na declaração oficial que te enviamos para comunicar à direcção soviética através de Andropov e procede à sua leitura após o teu discurso. Se a «alusão» for feita depois de teres falado, então pede a palavra pela segunda vez e lê a declaração do nosso Comité Central que transmitiste a Andropov.

Compreendemos a tua difícil situação, mas não te preocupes nem um pouco, pois estamos no caminho correcto. Saúde e paciência.

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

NÃO NOS SUBMETAMOS A NENHUMA PRESSÃO

Extractos da intervenção na reunião do Bureau Político do CC do PTA

24 de Junho de 1960

Recebemos do camarada Hysni uma série de radiogramas relacionados com a Reunião de Bucareste, os quais continuaram a chegar até tarde, até às 3 da madrugada. Pensei que não seria caso para reunir novamente o Bureau Político de madrugada, mas com base nas suas directrizes, transmiti ao camarada Hysni as respectivas respostas.

Depois de ler os radiogramas enviados pelo camarada Hysni e as respostas enviadas, continuou o camarada Enver Hoxha:

Está claro que Hysni se encontra numa situação muito difícil em Bucareste. Conforme o acordo anteriormente estabelecido, as delegações dos partidos comunistas e operários que participam do Congresso do Partido Operário da Roménia realizariam um encontro em Bucareste para decidir somente a data e o lugar de uma conferência dos partidos comunistas e operários do mundo. Mas, de facto, o camarada Hysni encontra-se diante de uma inesperada reunião internacional, tramada pelo grupo de Kruchov.

Se aquela reunião emitir algum comunicado que não contrarie a Declaração da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários realizada em Moscovo em 1957, penso que Hysni

deve aceitá-la. Todavia, pode acontecer também que o comunicado contenha outras «nuances», já que procederia de uma reunião irregular, na qual os representantes dos partidos comunistas e operários receberam da direcção soviética um informe de 65 páginas condenando o Partido Comunista da China. Nós não podemos aceitar um comunicado que faça até mesmo a mínima alusão contra a China. E isto é muito importante, pois chegou-se a uma situação tal, que questões extremamente sérias estão a ser levadas à reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários que se realiza em Bucareste. O informe da delegação soviética contra o Partido Comunista da China terá grande repercussão mundial, a exemplo do que ocorreu com o informe «secreto» apresentado por Kruchov ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética sobre o chamado culto a Staline (16).

Mesmo se aceitarmos um comunicado sem alusões, ainda assim devemos considerá-lo irregular, na medida em que é resultado de uma reunião feita de surpresa, contrastando com as normas organizativas marxistas-leninistas. Portanto, é correcta a posição do nosso Partido ao opôr-se à reunião actualmente em curso.

Estas são apenas algumas ideias preliminares. Entretanto, no que se refere ao comunicado, Hysni foi avisado para não se pronunciar enquanto não receber novas instruções. Se lhe derem um comunicado com alusões contra a China, ele deve dizer de maneira categórica: «Não assinarei este comunicado sem antes informar a direcção do Partido que represento.» No entanto, se não houver nenhuma alusão, então Hysni deve intervir na reunião dizendo: «Estou autorizado pelo Partido do Trabalho da Albânia a declarar que concordo com este comunicado, acrescentando, porém, que ele é resultado de uma

---

(16) Esse informe representou um ataque contra J. V. Staline e a sua grande obra revolucionária, com o objectivo de justificar a liquidação da linha marxista-leninista do Partido Bolchevique e a sua substituição por uma linha revisionista.

reunião irregular. Posto que não viemos preparados para uma reunião como esta, não nos podemos pronunciar sobre as questões levantadas contra o Partido Comunista da China.»

Os camaradas chineses solicitaram um adiamento da reunião, mas os representantes dos demais partidos comunistas e operários não estão de acordo. Isto não é correcto, pois coloca os camaradas chineses numa difícil situação: um partido irmão de um país socialista pede tempo para se preparar para uma reunião e não lhe é concedido! Está claro que isto é feito intencionalmente.

Hysni deve dizer que o nosso Partido do Trabalho não está de acordo com o procedimento proposto para a reunião dos partidos comunistas e operários de Bucareste; que o nosso Partido só concorda que se decida agora quando e onde se realizará a próxima reunião dos partidos comunistas e operários, cuja efectivação aceitamos em princípio; e que somente depois de também recebermos materiais de esclarecimento da outra parte, o Partido Comunista da China, é que, então, nos prepararemos, a fim de dar a nossa opinião na próxima reunião.

Muita coisa pode acontecer, mas não nos submetemos a nenhuma pressão, aplicando sempre a nossa justa linha marxista-leninista.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

CARTA ENVIADA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

25 de Junho de 1960

Querido Hysni:

Recebemos os radiogramas da noite de ontem. E escrevo-te este bilhete agora de manhã ([17]) somente para te dizer que deste uma boa resposta ao «amigo» ([18]). Quando alguém te provocar, não te perturbes nem um pouco, mas replica, e até mesmo com força, ainda que com calma. Quaisquer que sejam as baixezas que se façam, o justo vence sempre. Se continuarem a fazer-te provocações não deixes recair nada sobre as nossas costas, mas sim sobre as deles.

Abraço-te
Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([17]) Enviado pelo avião que traria o camarada Hysni de volta à pátria.

([18]) Refere-se a N. Kruchov.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

25 de Junho de 1960
24.00 horas

Camarada Hysni:

Deves falar amanhã conforme as instruções do Bureau Político que te foram enviadas por carta. No fim do teu discurso, ou então num lugar ou ocasião que considerares adequado, afirma: «Em nome do nosso Partido, declaro que o Partido do Trabalho não concorda de maneira nenhuma com o espírito da reunião e com os métodos que nela estão a ser empregados para a solução deste problema de tanta relevância para o movimento comunista internacional. O nosso Partido é de opinião que essas questões devem ser tratadas com cuidado, serenidade e num espírito de camaradagem, conforme as normas leninistas.» Se, depois desta declaração te fizerem perguntas ou observações provocadoras, levanta-te e diz: «Além do que já declarei, nada mais tenho a dizer *nesta reunião.»* Se já tiveres falado quando tal acontecer, pede novamente a palavra e faz esta última declaração. E se não te concederem a palavra, então entrega a tua declaração à presidência da reunião e exige que ela seja registada em acta.

Esperamos-te. Sê bem-vindo.

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

EXTRACTOS DA CARTA ENVIADA A LIRI BELISHOVA ACERCA DA REALIZAÇÃO DA REUNIÃO DE BUCARESTE E SOBRE A POSIÇÃO QUE ELA DEVERIA MANTER EM MOSCOVO

28 de Junho de 1960

A Reunião de Bucareste foi organizada e realizou-se à margem do espírito e do caminho marxistas-leninistas. As normas leninistas foram violadas tanto nas práticas de trabalho como nas relações entre os partidos. E estes pontos de vista do nosso Bureau Político foram apresentados às claras na reunião.

As nossas teses: **«Tratava-se de divergências entre os dois partidos, que deveriam ter sido resolvidas entre eles. Na medida em que isto não aconteceu, estamos de acordo com a realização de uma conferência dos partidos comunistas e operários em Moscovo, em Novembro deste ano.»**

A tese dos soviéticos (à qual, em Bucareste, em apenas dois dias, se uniram também os demais partidos dos países de democracia popular da Europa): «A China violou as decisões da Conferência de Moscovo, tratando-se então, de divergências entre ela e o nosso campo.»

A coisa chegou ao ponto de Kruchov chamar os chineses de «*trotskistas»* e dizer-lhes: *«Se quiserem, afastem-se do nosso campo.»* Não me estendo mais sobre isto, porque já basta para que compreendas imediatamente a situação. As posições prudentes e de princípios do nosso Comité Central

certamente não agradaram a Kruchov. Mas, agrade ou não a este ou àquele, nós defendemos os princípios. E na próxima Conferência de Novembro, em Moscovo, daremos a nossa opinião sobre as divergências soviético-chinesas.

Escrevo-te isto para que o leves em conta, pois os soviéticos vão querer conversas contigo para te *«esclarecer»*. Escuta com cuidado e calma, mas não manifestes nenhuma opinião, dizendo apenas: «Não estando a par do andamento da situação, não posso dar parecer algum.» E diz também: *«A nossa direcção agiu muito acertadamente em Bucareste e eu solidarizo-me inteiramente com a posição do Comité Central do nosso Partido.»*

Isto, e apenas isto; não te estendas mais. *Que eles vejam a férrea unidade da nossa direcção, bem como a justeza e a audácia leninista de toda a nossa linha e de cada membro da nossa direcção.*

É assim que tens de agir em relação a tão relevante e delicada questão. Dou-te somente um conselho: *mede bem cada palavra; e quanto menos palavras, tanto melhor!*

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme a cópia do original existente no Arquivo Central do Partido.

NOTA VERBAL TRANSMITIDA AO EMBAIXADOR SOVIÉTICO EM TIRANA SOBRE A ATITUDE ANTIMARXISTA DO EMBAIXADOR E DO ADIDO MILITAR SOVIÉTICOS EM BELGRADO NO COMÍCIO DE SREMSKA MITROVICA

9 de Julho de 1960

O Partido do Trabalho da Albânia, como se sabe, sempre se baseou nos imortais princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário nas suas relações com o Partido Comunista da União Soviética e todos os demais partidos comunistas e operários. E é justamente partindo desses princípios que desejamos manifestar-lhes franca e sinceramente o nosso profundo pesar por um acontecimento sucedido ultimamente.

Em 4 de Julho de 1960, o sujo agente da burguesia capitalista, um dos revisionistas-mor da camarilha de Belgrado, inimigo mortal do povo albanês e sanguinário carrasco da população albanesa de Kossova, Alexander Rankoviç ([19]), falando num comício «solene» em Sremska Mitrovica, na Sérvia, atacou abertamente a política dos países socialistas e, em especial, investiu duramente contra o Partido do Trabalho da Albânia, o povo albanês e a nossa República Popular. Apelidando o nosso país socialista de «inferno em que sobressai o arame

([19]) Ex-ministro do Interior da Jugoslávia e ex-secretário do CC do partido revisionista jugoslavo.

farpado», entre outras coisas, o agente do imperialismo Alexander Rankoviç chegou ao ponto de dizer que o regime neo-fascista italiano seria mais democrático que o nosso regime de democracia popular!

Para nós, comunistas albaneses, bem como para o povo albanês, não há nada de inesperado e surpreendente nessas declarações, vindas de um inimigo do nosso povo e do campo socialista e de um lacaio do imperialismo, como é o caso de Alexander Rankoviç. Se o inimigo nos ataca, é sinal que estamos no caminho correcto. E o nosso bastão sempre esteve e continuará erguido para dar a merecida resposta aos inimigos do marxismo-leninismo, da nossa pátria e do campo socialista. Mas é outra a essência da questão sobre a qual queremos manifestar a nossa preocupação através desta nota.

Os infames ataques de Rankoviç contra o socialismo em geral e a República Popular da Albânia em particular, realizazados com objectivos bem determinados de antemão, assumem um significado diverso quando se sabe — inclusivé através de notícias da própria agência soviética TASS — que ao comício «solene» de Sremska Mitrovica assistiram o embaixador da União Soviética em Belgrado, I. K. Zanchevsk, e o adido militar soviético em Belgrado, coronel V. K. Tarasevich, que ouviram até ao fim todos os isultos de Alexander Rankoviç contra nós.

Em face disso, o Comité Central do nosso Partido manifesta ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética o seu assombro e pesar pela atitude do embaixador e do adido militar soviéticos, comportamento este que consideramos contrário aos princípios do internacionalismo proletário em que se alicerçam as relações entre os nossos dois Partidos e Estados e, além disso, inamistoso para com o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês, amigos autênticos, leais, coerentes e incondicionais dos povos soviéticos e do Partido Comunista da União Soviética.

Naturalmente, não é da nossa competência decidir se o embaixador e o adido militar da União Soviética devem ou não

comparecer a este ou àquele comício. Essa questão é da exclusiva competência da União Soviética, e jamais nos passaria como nunca nos passará pela mente intervir nos assuntos internos de outrem. Da nossa parte, todavia, nunca permitimos e jamais permitiremos, em caso algum, que o embaixador da República Popular da Albânia continuasse a assistir a um comício como o de Sremska Mitrovica, no qual inimigos do comunismo e agentes do imperialismo lançassem torpes ataques contra um outro partido irmão ou um outro país socialista. E adoptaríamos tal atitude — como a adoptaremos no futuro — porque a consideramos como uma obrigação internacionalista, em plena concordância com os princípios em que se fundamentam as relações entre os partidos marxistas-leninistas e entre os países socialistas.

Posto que todo o mundo tomou conhecimento do que foi dito em Sremska Mitrovica e soube quem assistiu àquele comício revisionista, nós reputamos um dever internacionalista de camaradas que a atitude do embaixador e do adido militar soviéticos — comportamento que, de facto, não foi nem um pouco marxista — seja discutida entre os nossos dois partidos, com base nas normas leninistas e sem publicidade. Já no que se refere aos ataques, calúnias e desígnios malévolos de Rankoviç, também desta vez, como sempre aconteceu, não deixaremos de pagá-los com a moeda que merecem.

É inconcebível que o embaixador Zanchevsk e o coronel Tarasevich não saibam quem são os revisionistas titistas, não percebam o grande perigo que eles representam para o movimento comunista internacional e a unidade do campo socialista, não conheçam o que eles já fizeram e os propósitos que alimentam contra a República Popular da Albânia e o nosso Partido do Trabalho. Já se tomou público e notório que os revisionistas de Belgrado são perigosos inimigos do movimento comunista internacional, cujos conluios se voltam ameaçadoramente contra a independência do povo albanês e dos demais países socialistas. E os revisionistas jugoslavos foram tão longe nas suas maquinações contra a República Popular da Albânia

que chegaram ao ponto de tentar escravizá-la ([20]) *manu militari* (*). Aliás, a história dos 19 anos de vida do nosso Partido constitui um vivo testemunho de toda a actividade criminosa dos trotskistas de Belgrado contra o nosso país.

Da mesma forma que os povos da União Soviética se revoltaram com toda a razão contra a infame agressão norte-americana, quando o avião espião norte-americano U-2 violou a soberania da União Soviética por ordem do presidente Eisenhower, há mais de 15 anos que o povo albanês se vem indignando com a actividade hostil dos revisionistas de Belgrado contra a independência da nossa pátria. Nós — e todo o povo albanês, sem excepção — aprovamos de bom grado a atitude do governo soviético face ao imperialismo norte-americano, em resposta à agressão do avião espião U-2. Mas, ao mesmo tempo que apoiamos do coração toda a posição firme contra o inimigo número um da humanidade, o imperialismo norte-americano, também lutamos contra os seus fiéis servidores, os revisionistas de Belgrado.

Estamos convencidos de que o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética terá uma justa compreensão da legítima indignação do Comité Central do nosso Partido perante o comportamento não-marxista do embaixador soviético Zanchevk e do adido militar Tarasevich. Como o fazemos em qualquer outra questão, também neste caso vos falamos com franqueza e sinceridade comunista, como nos ensina o marxismo-leninismo. E deveis compreender-nos correctamente. Da nossa parte, asseguramos-lhes que envidaremos todos os esforços para o contínuo fortalecimento da amizade que liga os

---

([20]) A direcção revisionista jugoslava tinha planeado ocupar militarmente a Albânia. Para tanto, em 1948, a pretexto da ameaça de um iminente ataque grego contra o nosso país, socilitou com premência o envio de várias divisões do Exército jugoslavo para a Albânia.

(*) Pela força das armas. Em latim no original.

nossos povos, pois ela baseia-se no sangue por eles derramado contra o mesmo inimigo e nos princípios imorredouros do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

NA REUNIÃO DE BUCARESTE NÃO ACEITÁMOS A VIOLAÇÃO DAS NORMAS LENINISTAS NAS RELAÇÕES ENTRE PARTIDOS

Extractos da intervenção na XVII Sessão Plenária do CC do PTA ([21])

11 de Julho de 1960

Também desejo acrescentar algo ao informe apresentado pelo camarada Hysni, chefe da nossa delegação ao III Congresso do Partido Operário da Roménia e à reunião dos representantes de partidos realizada em Bucareste. As questões que abordei relacionam-se com as já tratadas no informe. Ressalto, porém, que elas devem ser bem compreendidas, pois são muito importantes.

O problema apresenta-se assim: existem grandes divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, o que criou uma situação particularmente grave e difícil para o campo socialista e para todo o comunismo internacional. Dessa maneira, toma-se indispen-

---

([21]) A XVII Sessão Plenária do CC do PTA — realizada em 11/12 de Julho de 1960 — ouviu, discutiu e aprovou o informe «Sobre a realização dos trabalhos da reunião de representantes dos partidos comunistas e operários irmãos em Bucareste e a posição assumida pela delegação de nosso Partido nessa reunião», apresentado pelo camarada Hysni Kapo.

sável que todos os partidos comunistas e operários do campo socialista e do mundo inteiro contribuam com todas as suas forças para que essas divergências ideológicas e políticas sejam submetidas a uma discussão de princípios, a fim de serem resolvidas quanto antes, da melhor e mais correcta maneira possível, como o exigem os interesses do comunismo internacional, do campo socialista e do nosso próprio futuro.

O Bureau Político do CC do PTA considera que essas divergências não se dão em tomo de pequenas questões, que possam ser resolvidas de forma improvisada. Tais problemas não são absolutamente de fácil solução, pois trata-se de questões bastante sérias, pertencentes à própria vida e ao futuro da humanidade. E afirmamo-lo com plena consciência, já que, independentemente do facto de representarmos um pequeno povo de um milhão e meio de seres, nós encaramos as questões como marxistas que defendem os interesses do seu povo e do seu Partido, bem como do campo socialista, e não somente os interesses actuais, mas também os futuros. E, como marxistas, temos o direito de dar o nosso parecer.

Os pontos de vista a serem apresentados por parte de cada partido têm grande importância. Por isso — sobretudo neste momento — é necessário que eles sejam bem discutidos nas direcções de cada partido, que devem estudar com muito cuidado, sem *parti pris* (*) e sem preconceitos, as fontes do conflito e as divergências propriamente ditas e chegar a uma justa conclusão marxista-leninista, de maneira que as questões sejam depois debatidas numa reunião regular e num caminho marxista-leninista, para que se veja quem tem culpa e porquê e se possam fazer todos os esforços a fim de que o culpado seja colocado no caminho correcto. Ao cabo de todas as diligências, feitas com a maior paciência, então pode-se até mesmo adoptar uma medida drástica, de acordo com a necessidade e o grau de culpabilidade, conforme a prática marxista-leninista dos nossos

(*) Em francês no original — posição firmada de antemão.

partidos. O marxismo-leninismo ensina-nos que tal prática é necessária não somente para resolver esses tão importantes problemas de carácter internacional, mas inclusivé para tomar medidas em relação a um simples membro do partido. E, mesmo neste caso, devem ser feitos todos os esforços para levar o culpado ao justo caminho — se ele for verdadeiramente culpado. Esta é a prática leninista, que o nosso Partido sempre aplicou e aplicará, tanto nos pequenos como nos grandes problemas. Assim, ninguém tem o direito de criticar o nosso Partido acerca dessas questões de princípio, terreno em que ele permanece firme como uma rocha.

Na Reunião de Bucareste, os dirigentes soviéticos tentaram apresentar as suas divergências com o Partido Comunista da China como sendo relativas a questões que se contrapõem a todo o movimento comunista internacional. O modo como isto foi feito e a maneira como foram colocadas questões de tal importância para o campo socialista e todo o comunismo internacional não pareceram à direcção do nosso Partido nada ponderados e tão-pouco dignos dos dirigentes soviéticos, pois não se trata de um modo correcto, marxista-leninista. Colocar a questão de maneira repentina e da forma como foi feita, exigindo-se que os representantes dos partidos — que tinham ido a Bucareste com outro objectivo — tomassem em poucas horas posição contra o Partido Comunista da China, significava aceitar a apressadíssima tese de Kruchov de que «se a China não está connosco, então que se separe e saia do campo socialista, pois já não é nossa camarada»! Se o nosso delegado o tivesse consentido, teria cometido um grave e inadmissível erro, que iria manchar o nosso Partido. E com isso não estou a referir-me aos outros partidos, pois aqui, no Comité Central, nós julgamos a posição assumida pelo nosso Bureau Político. E a nossa opinião é que não lhe era permitido adoptar uma posição diferente sem considerar bem cuidadosamente a questão e sem possuir dados concretos das duas partes. O Bureau Político jamais poderia permitir que a actual e futura gerações do nosso Partido e do nosso povo pudessem dizer: «Como é que o nosso

Partido pôde cometer um tão grave erro nesse momento histórico?!»

Entendamo-nos bem, camaradas: não estou a falar do conflito existente entre nós e o Partido Comunista da União Soviética. O problema reside no modo como os dirigentes soviéticos agiram na solução de uma questão tão séria e relevante, que se relaciona com a própria vida do campo socialista. Por isso é que dizemos ao Comité Central que julgue se procedemos ou não correctamente.

Nós somos marxistas, camaradas. O nosso Partido já não tem um ou dois anos de vida, está prestes a completar 20 anos de existência. E todo esse tempo não foi passado num berço de ouro, mas numa sangrenta e inconciliável luta contra o fascismo italiano, o nazismo alemão, os *balistas* ([22]), os ingleses, os norte-americanos, os revisionistas jugoslavos, os monarco-fascistas gregos e toda a espécie de inimigos internos e externos. Dessa maneira, nós aprendemos o marxismo nos livros bem como na luta e na própria vida; e, portanto, já não somos jovens ou imaturos. O nosso Partido não é um partido de crianças, que não seja capaz de compreender o marxismo, tanto em teoria como na sua aplicação prática. O nosso Partido sempre se esforçou por trilhar o justo caminho, não se observando erros de princípios na sua marcha, pois ele soube aplicar correctamente o marxismo em todas as circunstâncias.

Assim, como marxistas, não podemos crer que foi no espaço de um ou dois meses que surgiram divergências tão sérias entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. A dialéctica marxista não admite tal coisa. As referidas divergências têm profundas raízes. São inúmeros os factos reveladores de como ocorreu esse processo, com os erros acumulando-se e avolumando-se até chegar ao ponto de se dizer que «a China quer a guerra» ou que «está contra o desarma-

---

([22]) Membros da organização traidora albanesa apelidada «Balli Kombetar».

mento» e «a coexistência pacífica». Afirmam os chineses: «Nós fomos e somos favoráveis a este caminho.» E, efectivamente, leiam a última nota do Governo da RP da China ao Governo da URSS: ela demonstra que a RP da China concorda com as propostas soviéticas acerca do desarmamento e da defesa da paz. E não foi só nesse documento que a China adoptou tal posição sobre as questões em foco; ela também o fez noutras ocasiões.

Quem viola o marxismo-leninismo deve ser criticado de forma marxista-leninista, tomando-se as medidas adequadas para corrigi-lo: este é o único procedimento justo, que interessa a todos os partidos do mundo inteiro, particularmente ao nosso Partido e ao nosso povo, que defendem com coerência o marxismo-leninismo. Gomulka ([23]) e companhia, que agora se apresentam como amigos da União Soviética, foram os mesmos que lançaram ao fogo a amizade com a União Soviética. É facto sabido ter-se permitido que a Igreja e a reacção polacas se levantassem contra o Exército Soviético, bem como ter-se expulsado marechais soviéticos que comandaram o Exército Vermelho que libertou a Polónia e a Europa do fascismo. E são estes que, agora, querem ensinar-nos, a nós, albaneses! Já o representante do Partido Operário da Roménia, Magyarosi, vem «convencer» a direcção do nosso Partido da «justeza» da linha do Partido Comunista da União Soviética!

Tudo isso já o dissemos também a Nikita Kruchov, através do representante do nosso Partido. Enquanto os nossos camaradas combatiam nas montanhas levando no peito a «História do Partido Comunista (b) da União Soviética», as legiões romenas de então martirizavam o povo soviético. Assim, pois, não aceitamos e tão-pouco engolimos os esforços conjuntos de Magyarosi e do representante do Partido Comunista da União

([23]) Vladislau Gomulka, ex-primeiro secretário do CC do Partido Operário Unificado Polaco. Condenado em 1949 por actividades anti-partido, foi reabilitado pelos revisionistas em Outubro de 1956, sendo colocado à frente do partido. O tempo comprovou tratar-se de um revisionista inveterado.

Soviética no sentido de «convencer» o representante do Partido do Trabalho da Albânia da «justeza» da linha do Partido Comunista da União Soviética. Nós não amamos a União Soviética para agradar a Magyarosi ou Andropov. A União Soviética e o Partido Comunista Bolchevique de Lenine e Staline sempre tiveram e terão o nosso amor. Mas seria um grave erro não assumir uma posição correcta ao ver tais coisas serem feitas — e um erro leva a outro. O marxismo-leninismo e a dialéctica ensina-nos que, se alguém erra uma vez e não compreende que errou, esse erro avoluma-se como uma bola de neve que rola encosta abaixo. Mas nós jamais permitiremos que tal aconteça.

Como poderíamos ter participado dessa actividade incorrecta? Até recentemente, nada sabíamos sobre estas questões por parte dos camaradas chineses. Foi Mikoian quem nos colocou a par, em Fevereiro deste ano. Mal o nosso avião acabara de aterrar em Moscovo, quando nos aparece um dos funcionários do Comité Central a dizer-nos que Mikoian solicitava um encontro comigo para a manhã seguinte, a fim de conversar sobre algumas questões importantes. «De acordo — disse-lhe eu — mas também levarei o camarada Mehmet.» Ele respondeu-me que «ele só me falou de si», mas eu disse-lhe que Mehmet também devia ir. Fomos, efectivamente. E não por pouco tempo: Mikoian reteve-nos cinco horas a fio, e isto antes da conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários de Fevereiro, que trataria de questões relativas à agricultura.

Disse-nos então Mikoian: «Camaradas albaneses, vou dar-lhes conhecimento de inúmeras divergências que temos com o Partido Comunista da China. Friso: com o Partido Comunista da China. Nós tínhamos decidido falar disso somente para os primeiros secretários. Assim, peço ao camarada Mehmet Shehu que não nos leve a mal. Não se trata de falta de confiança; é que tinha sido esta a nossa decisão.» Disse-lhe então Mehmet: «Não, eu saio; inclusivé fiz muito mal em vir.» Mas foi o próprio Mikoian quem não o deixou retirar-se. Depois disso, con-

tou-nos tudo aquilo que vocês já ouviram no informe do camarada Hysni.

Dissemos a Mikoian que não se tratava de pequenezas, mas de questões muito importantes entre os dois partidos; que, sendo assim, não compreendíamos porque se havia deixado que elas se avolumassem; e que pensávamos que elas deveriam ter sido resolvidas imediatamente, por serem muito perigosas para o nosso campo. Ele respondeu-nos que informaria o Presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética sobre o teor da nossa conversação. Então, em nome do nosso Partido, repetimos-lhe tratar-se de uma questão que, por sua grandeza, deveria ser resolvida entre «os vossos dois partidos». Ao finalizar, ele alertou-nos: «Esta questão é secretíssima; portanto não falem dela nem ao Bureau Político.» E nós não falámos dela nem ao Bureau Político, à excepção de alguns camaradas. Vocês compreendem que mantivemos essa posição porque a questão nos pareceu extremamente delicada, tanto mais que tínhamos a esperança de que as divergências surgidas podiam ser resolvidas através de discussões e debates internos.

Todavia, na Reunião de Bucareste, Nikita Kruchov manifesta-se pasmado com a posição do nosso Partido, que não alinhou com todos os demais partidos para condenar a China da forma e pelas razões de que ele se serviu, sem que nós pudéssemos examinar profundamente as questões. Pode ser que ele próprio tenha reflectido sobre elas. Mas nós também temos o direito de dizer que ainda não meditámos sobre todos aqueles volumosos materiais entregues a Hysni, que nem teve tempo para lê-los, quanto mais para formar uma opinião. O caso é que não se tratava de uma questão qualquer. Em muitos outros casos, envolvendo coisas de natureza diversa, nós respondemos logo afirmativamente ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Mas, tratando-se de uma questão tão relevante a ponto de se dizer à China «retire-se do campo socialista», parece-nos não ser correcto. O Bureau Político considerou que nós jamais deveríamos efectuar um tal acto. E foi por

esta razão que nos disseram: «Sentimos muito que o Partido do Trabalho da Albânia não se tenha posto na mesma linha que o Partido Comunista da União Soviética, pois as questões apresentadas em Bucareste dizem respeito a todo o campo socialista.» Mas será que nós também não podemos ficar sentidos por não termos o direito, como marxistas-leninistas, de perguntar a Nikita Kruchov se ele resolveu todas as questões importantes de carácter internacional da mesma forma que queria encaminhar a questão da China? Nós também temos pleno direito de lhe dizer isto.

Vejamos um pouco a questão dos revisionistas jugoslavos, sobre a qual voltarei a falar mais adiante. Dois ou três dias antes de ir pela primeira vez á Jugoslávia para se reconciliar com os revisionistas jugoslavos, Nikita Kruchov enviou uma carta ao Comité Central do nosso Partido comunicando-nos o facto. O nosso Bureau Político reuniu-se e examinou a questão com sangue frio. Como se sabe, a condenação e o desmascaramentos dos revisionistas jugoslavos foram realizados em 1948 por um órgão internacional dos partidos irmãos, o Cominform, na medida em que não se tratava de um pequeno conflito entre dois partidos, mas de uma questão pertencente a todos os partidos comunistas e operários do mundo. Assim, para que se passasse a seguir outra linha face aos revisionistas jugoslavos, era preciso que o mesmo organismo que adoptara a resolução se reunisse novamente, pois a ele é que cabia anular a decisão ou determinar a forma e o método de exame da questão, bem como estabelecer até que ponto iria a viragem na posição referente aos revisionistas. Pensamos que, conforme as normas leninistas, era assim que se devia agir.

Assim, o Bureau Político do nosso Partido enviou uma carta ([24]) ao Comité Central do Partido Comunista da União

---

([24]) Entre outras coisas, dizia a carta: «Pensamos haver bastante diferença entre o conteúdo da vossa carta de 23 de Maio de 1955 e a tese principal da nossa posição conjunta até agora mantida em relação aos jugoslavos. (...) Parece-nos não ser correcto o procedimento

Soviética informando não ter objecção à viagem, já que a decisão sobre a conveniência da ida de Kruchov a Belgrado não dependia de nós. Mas ressaltámos então que o Comité Central do nosso Partido considerava que se devia tomar uma outra decisão sobre a questão, sendo necessário reunir novamente o Cominform em sessão plenária, para que ele decidisse o que devia ser feito. E, não sendo membros do Cominform, manifestávamos o desejo de ser convidados a participar da reunião como observadores, para podermos expressar o nosso ponto de vista. No entanto, nada disso foi feito, apesar de se tratar de uma questão relativa a todos os partidos comunistas e operários, e não apenas aos dois partidos em causa. Então, o Comité Central do nosso Partido marcou a sua posição sobre o passo dado, comunicando-a ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética através de outra carta, cujas cópias se encontram nos arquivos do Partido Comunista da União Soviética e do Comité Central do nosso Partido.

Depois, houve a contra-revolução na Hungria ([25]), uma tremenda barafunda. Aí, o socialismo sofreu um golpe por

---

proposto para a aprovação da revogação da resolução tomada pela reunião do Cominform de Novembro de 1949. (...) Em nossa opinião, uma decisão tão rápida (e precipitada) sobre uma questão de princípios tão importante sem a realização anterior de uma profunda análise conjunta por parte de todos os partidos interessadas e, além disso, a publicação dessa decisão na imprensa e a sua consagração nas conversações de Belgrado, não só seriam medidas prematuras, como também causaria sérios prejuízos à orientação geral.» (Extraído da cópia da carta existente no Arquivo Central do Partido).

([25]) A contra-revolução húngara (23 de Outubro/4 de Novembro de 1956) foi fruto do revisionismo, que se tinha difundido amplamente e criado profundas raízes naquele país após o XX Congresso do PCUS. O grupo de Kruchov havia contribuído directamente para a destruição do partido dos trabalhadores húngaros, levando ao poder a camarilha revisionista de Kadar-Nagy e criando assim as condições para a eclosão da contra-revolução. Entretanto, devido à grande pressão que lhe vinha de baixo e, sobretudo, em virtude da contestação de que a Hungria estava a sair da esfera de influência soviética, Kruchov foi obrigado a permitir

parte do imperialismo, unido aos revisionistas jugoslavos, a Imre Nagy ([26]) e a toda a escória anti-comunista. E qual foi a posição adoptada antes e depois dos acontecimentos? Esta questão também dizia respeito a todo o comunismo internacional, particularmente ao campo socialista. Sabia-se que pouco antes tinha sido tentada a deflagração de uma contra-revolução análoga na Albânia. Ou seja, corria perigo a existência de um membro do Tratado de Varsóvia ([27]), a Albânia, que sempre estivera e ainda continuava naquele período constantemente ameaçada de perder a sua liberdade e independência. Mas o nosso Partido soube golpear os inimigos internos, fazendo com que nada acontecesse no nosso país. Contudo, nós não fomos colocados a par do que então acontecia na Hungia — a Albânia tinha sido «esquecida». De todos os cantos, membros do Presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética partiam de avião rumo aos países socialistas, a fim de

---

que tropas soviéticas acorressem em ajuda dos defensores da revolução húngara. A contra-revolução foi desbaratada, mas as suas raízes mantiveram-se. Os revisionistas continuaram a deter posições-chave no poder político e no partido reorganizado.

([26]) Ex-primeiro ministro da República Popular da Hungria. Tendo ascendido ao cargo em Julho de 1953, foi demitido em 1954 por actividades anti-socialistas e anti-comunistas, sendo também expulso do Partido. Em 1956, os revisionistas tentaram levá-lo novamente ao poder. E foi com a sua ajuda que ele se tomou um dos principais dirigentes da contra-revolução, afogando em sangue a Hungria.

([27]) O Tratado de Varsóvia foi criado em Outubro de 1954, com a participação dos oito países socialistas da Europa, como contrapeso ao pacto agressivo do Atlântico Norte (NATO), tendo em vista a garantia da paz e da segurança na Europa. Após a traição da direcção soviética, transformou-se num pacto agressivo de tipo fascista. Isto foi comprovado pela agressão contra a República Socialista da Checoslováquia (em 21 de Agosto de 1968) por parte das Forças Armadas de 5 países membros do Tratado de Varsóvia. A República Popular da Albânia, um dos membros desse tratado, já o tinha abandonado de facto desde 1960/1961. Contudo, em 12 de Setembro de 1968, através de decisão especial da sua Assembleia Popular, a RPA também se libertou de jure de qualquer compromisso decorrente desse tratado.

explicar a questão da contra-revolução húngara. Mas à Albânia, um ponto particularmente nevrálgico do campo socialista, que vinha sendo atacado anos a fio pelos revisionistas encabeçados por Tito, não veio ninguém e nem nos foi comunicado coisa alguma — e isto tendo eles pleno conhecimento de que uma contra-revolução similar também havia sido preparada contra o nosso país.

Vocês já tinham ouvido falar disso? Nunca, porque nós não criámos problemas em tomo do assunto, já que pensávamos tratar-se de erros de pessoas isoladas que, um dia, seriam corrigidos. E não falámos da questão nem ao Comité Central do nosso Partido, apesar dele ser a direcção do Partido do Trabalho. E isto porque, naqueles tempos difíceis, não queríamos transmitir a mágoa do Bureau Político a todos os camaradas do Comité Central, nem desejávamos que essas críticas — por um instante sequer e mesmo inconscientemente — se transformassem num arrefecimento com os camaradas soviéticos, o que não permitimos que acontecesse. Sim, nós pensávamos que, lá como aqui, eram pessoas isoladas que cometiam os erros.

E houve também os acontecimentos da Polónia ([28]), sobre os quais não fomos informados nem se realizou nenhuma reunião. E isto quando se sabe que não se tratavam apenas de questões internas da Polónia, pois nós estamos ligados a ela por um tratado, de acordo com o qual, se fosse o caso, o nosso povo seria convocado a derramar sangue pela linha Oder-Neisse. E, sendo assim, não terá o povo albanês o direito de perguntar o que significam todos esses padres do Exército polaco? É com um exército desses que nós lutaremos juntos? Há um tratado que nos vincula mas, apesar disso, nem sequer fomos

---

([28]) Em Junho de 1956, o imperialismo internacional e os revisionistas organizaram uma revolta contra-revolucionária em Poznan, na Polónia, a fim de derrocar o sistema socialista e restaurar o capitalismo, coisa que conseguiram mais tarde através da degenerescência ideológica e política burguesa-revisionista.

consultados sobre tais questões. Certa vez, Kruchov disse-nos abertamente: «Não compreendemos o que está a dizer esse Gomulka; só os fascistas podem falar como ele vem fazendo.» Seriam, então, questões restritas apenas aos dois partidos?

Se só agora levantamos problemas em tomo dessas questões, é porque hoje Nikita Kruchov e os demais dirigentes soviéticos se mostram ressentidos porque nós não teríamos compreendido devidamente os seus actos incorrectos de Bucareste ao afirmarmos tratar-se de questões entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. Essa atitude deles é ilógica.

Dois ou três dias antes da Reunião de Bucareste, Kossiguine visitou Mehmet, que se encontrava em Moscovo, dizendo-lhe, entre outras coisas: «No que se refere aos chineses, não podemos de maneira alguma fazer qualquer compromisso ou concessão.» E repetiu quatro vezes seguidas essa afirmação. Isto significa que já estava tudo decidido antecipadamente pelos soviéticos. Ora, quando não se aceita nenhuma opinião, então porque me chamam para a reunião: para fazer número, para levantar a mão nas votações? Não, se me convocam, eu também devo dizer o que penso. Nós apoiamos a Declaração de Moscovo de 1957 e lutamos pela sua aplicação no nosso país. No entanto, camaradas, nós temos algo a dizer sobre a aplicação dos seus pontos, e os soviéticos igualmente; do mesmo modo, os camaradas chineses ou checoslovacos têm algo a dizer sobre nós, como nós sobre eles, e assim por diante. São coisas que acontecem na vida. Pode certamente acontecer que, na prática, cada partido faça concessões ou cometa erros. Mas nós estamos aqui justamente para nos ajudarmos mutuamente a corrigirmo-nos, pelo justo caminho.

O que vemos, porém, é que, na prática, há algumas coisas que destoam na aplicação da linha por, parte do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e de vários outros partidos. Trata-se de questões ligadas à luta contra o revisionismo jugoslavo, tanto com base na Declaração de Moscovo como antes da Declaração de Moscovo.

Não há razão para vos repetir agora quem são os revisionistas jugoslavos e como se deve lutar contra eles. Mas nem todos pensam como nós no tocante ao caminho a seguir para combatê-los. O Bureau Político do Comité Central, porém, jamais poderá aceitar que se critique o nosso Partido pela sua heróica posição marxista-leninista contra os revisionistas jugoslavos, que procuram dividir os partidos dos países socialistas e tentam liquidar a Albânia. O Comité Central, todo o Partido e o povo inteiro aprovaram a nossa justa posição face aos revisionistas jugoslavos, que é respeitada por muitos comunistas e partidos de todo o mundo.

O nosso Bureau Político também não transformou em conversa de café as divergências entre todos os partidos irmãos, sem excepção, a propósito da aplicação prática da linha marxista-leninista na luta contra os revisionistas jugoslavos. Pelo contrário, ele soube manobrar com sabedoria e serenidade, e não com arrebatamento, como diz Kruchov. O Bureau Político agiu de modo a não dar a perceber a existência de tais diferenças na aplicação prática desse ponto — e fê-lo não somente em relação ao nosso povo e à opinião pública internacional, mas, em muitos casos, até mesmo em relação ao Comité Central.

As provas foram tão grandes que não deixam lugar à mínima dúvida de que os revisionistas jugoslavos sejam mesmo inimigos jurados do campo socialista. Eles são agentes do imperialismo — isto foi dito pelo próprio ministro do Interior da União Soviética na Conferência dos Ministros do Interior dos países socialistas da Europa, realizada há duas semanas em Praga. Todos estivemos de acordo com aquela conclusão. No entanto, Nikita Kruchov criticou a nossa posição a propósito dos revisionistas jugoslavos. Em 1957, quando fomos a Moscovo numa delegação do Partido e do Governo, e, entre outras coisas, falámos também da nossa posição em relação aos revisionistas jugoslavos, Kruchov ficou tão revoltado que chegou a levantar-se e dizer: «Não se pode discutir convosco; interrompamos as conversações!» Nós indignámo-nos, mas mantivemos o sangue frio, pois estávamos no caminho correcto,

defendíamos o nosso povo e o nosso Partido e protegíamos a nossa amizade com a União Soviética. Não nos curvámos à pressão de que fomos objecto e, com a nossa atitude, obrigámos Kruchov a sentar-se para prosseguir as conversações.

Ao irmos para o comício que se realizou depois disto, eu e Mehmet estávamos muito preocupados, mas nem as nossas mãos nem os nossos corações tremiam. Não é nada justo comportar-se de tal maneira para com o nosso Partido por ele manter uma posição revolucionária contra os revisionistas jugoslavos. Apesar disso, nós não vacilámos em momento algum. Pelo contrário, tivemos paciência, pois julgámos que estávamos com a razão e que o tempo demonstraria a justeza da linha do nosso Partido. E, efectivamente, não foi preciso muito tempo para que novamente se visse quem são os jugoslavos: as conspirações preparadas no seu Congresso ([29]) encarregaram-se disso. Então, o próprio Partido Comunista da União Soviética marcou uma posição e o próprio Kruchov desmascarou-os, qualificando-os de «bandidos» e «cavalos de Tróia», entre outras coisas.

Mas não foi só isto. Quinze dias antes de eclodir a contra-revolução na Hungria, num encontro com Suslov ([30]) em Moscovo, ao conversarmos com ele sobre questões internacionais, eu e Mehmet falámos das nossas impressões sobre a Hungria, contando-lhe o que estava a acontecer lá e acentuando que se deveriam tomar medidas e estar vigilantes. Ele perguntou-nos o que pensávamos de Imre Nagy. E, quando respondemos que se tratava de uma pessoa infame e anti-marxista, Suslov disse-nos imediatamente que estávamos errados, pois Nagy não era má pessoa. Replicámos que aquela era a nossa opinião.

([29]) Refere-se ao VII Congresso do partido revisionista jugoslavo, realizado de 22 a 26 de Abril de 1958, o qual aprovou um programa anti-marxista e anti-socialista dos pés à cabeça, apresentando-o como um «manifesto internacional». O congresso assumiu a defesa das camarilhas revisionistas de todos os países.

([30]) Mihail Suslov, membro do Presidium do CC do PCUS.

Mas ele afirmou ainda que o partido húngaro tinha errado ao expulsá-lo das suas fileiras. O tempo encarregou-se de mostrar quem era Imre Nagy ([31]), comprovando a justeza e exactidão da nossa opinião sobre ele.

Naquela época, Kruchov tinha recebido uma longa carta do traidor Panajot Plaku ([32]), que falava do seu «grande patriotismo» e do seu «ardente carinho» pela União Soviética e pelo Partido do Trabalho da Albânia, pedindo que, com a sua autoridade, Kruchov interviesse na situação para liquidar a direcção do nosso Partido, com Enver Hoxha à frente, pois nós seríamos «antimarxistas» e «stalinistas». E escrevia ainda na sua carta que tinha fugido para a Jugoslávia devido a uma suposta conspiração que teria sido organizada para o assassinar. Logo que recebeu a carta, Kruchov perguntou-nos: «E se este Plaku voltasse à Albânia ou o trouxéssemos para a União Soviética?» E nós respondemos: «Se ele voltar à Albânia, nós enforcá-lo-emos vinte vezes; e se vier para a União Soviética, vocês realizarão uma acção fatal para a nossa amizade.» Então, ele recuou.

A coisa, porém, vai ainda mais longe. Kruchov disse-nos também que não tínhamos feito bem em executar Dali Ndreu e Liri Gega, a qual estaria em estado de gravidez. «Nem o czar fez uma coisa dessas», afirmou ele. Nós respondemos calmamente que não matamos por matar e só levamos ao pelotão de fuzilamento aqueles que traem a pátria e o povo — e mesmo assim, apenas depois de comprovado que eles realizaram actos hostis e no caso de terem ultrapassado as medidas. Há anos e anos que essas pessoas vinham sendo condenadas pelo nosso Partido, pois eram traidores e agentes dos revisionistas jugos-

---

([31]) Depois do fracasso da contra-revolução na Hungria, os revisionistas jugoslavos assumiram a defesa de Imre Nagy, abrigando-o na sua embaixada de Budapeste. Mais tarde, foi enviado para a Roménia, sendo lá julgado e executado, pois já era uma carta fora do baralho, deixando de ser necessário aos revisionistas.

([32]) Traidor do PTA e do povo albanês.

lavos. Mas só depois, quando tentavam fugir do país, é que os nossos órgãos de segurança os capturaram e, com base nos factos, o tribunal popular lhes deu o castigo merecido. Quanto à pretensa gravidez de Liri Gega, isto não passa de uma calúnia.

Nós não revelámos isto anteriormente; são coisas que vocês estão a ouvir pela primeira vez. Mas teria sido inadmissível que o Bureau Político não houvesse criticado esses erros como o fez. E vocês tão-pouco deveriam permitir que o deixássemos de fazer, pois isto em nada contribuiria para o fortalecimento da amizade. Qual foi o nosso procedimento face a todas essas coisas que nos aconteceram e que nos foram feitas, tanto na arena internacional como em questões internas? Viram alguma coisa na imprensa ou suspeitaram de alguma acção contra a União Soviética ou contra a direcção do Partido Comunista da União Soviética? Não.

Não falámos a ninguém dessas atitudes assumidas para connosco. Mas somos marxistas, e agora chegou a hora de falar. Corre por aí que os albaneses são exaltados. E porque é que somos exaltados? Defender a sua pátria e o seu povo dos revisionistas jugoslavos, dos monarco-fascistas gregos e dos neo-fascistas italianos, que há mais de 16 anos nos atacam e provocam nas fronteiras — isto é ser exaltado? Não admitimos que nos chamem exaltados por defendermos os interesses vitais do nosso povo. Amaldiçoados fossem o leite materno que nos criou e o pão com que o Partido e o povo nos alimentam se nós não defendessemos os interesses do nosso povo! E, assim agindo, nós, ao mesmo tempo, também estamos a defender os interesses da União Soviética e de todo o campo socialista.

Vou dar-lhes ainda um pequeno exemplo, de um facto ocorrido anteontem à noite. O embaixador da União Soviética, Ivanov, veio ter comigo para trazer um informe de Kruchov a propósito do seu encontro com Sófocles Venizelos. Entre outras coisas, Venizelos falou a Kruchov sobre a Albânia, dizendo-lhe: «Chegaremos a um entendimento com a Albânia se discutirmos

também a questão do Épiro do Norte ([33]), a qual deve ser resolvida sob a forma de autonomia.» E Kruchov manifestou-se da seguinte forma: «Deveis resolver essas questões pacificamente, mas transmitirei o seu ponto de vista aos camaradas albaneses.» Eu disse logo ao embaixador soviético que Kruchov não tinha replicado correctamente e não deveria ter dado a resposta que deu, mas sim deveria ter dito a Venizelos que as fronteiras da Albânia são intransponíveis. O embaixador soviético objectou: «Mas vocês sabem qual é a posição da União Soviética.» E eu respondi ao embaixador Ivanov: «Sim sei. Mas, concretamente, a resposta dele a Venizelos não foi correcta. A este Venizelos não o conhecemos, mas sabemos muito bem quem foi o seu pai ([34]). Se é que Moscovo não sabe — apesar de ter a obrigação de o conhecer — nós dizemos que foi ele quem incendiou o Sul da Albânia, matou milhares de albaneses, quis queimar Girocastra, organizou bandos e lançou desde há muito a ideia da autonomia do chamado Épiro do Norte.»

Assim, é bem velha a ideia do novo Venizelos: é a concepção de todo o chauvinismo grego. Foi contra essa ideia e para defender a integridade do seu país que o povo albanês derramou sangue no passado — e, se necessário for, derramará também no futuro. Nós somos favoráveis à paz nos Balcãs e à manutenção de normais relações estatais e comerciais, mas não aceitamos tais condições por parte da Grécia. Normalizaremos as relações com a Grécia quando ela reconhecer que não se encontra em estado de guerra com a Albânia; caso contrário,

([33]) Os chauvinistas gregos chamam «Épiro do Norte» ao Sul da Albânia, região sobre a qual alimentam pretensões anexionistas, considerando de maneira inteiramente absurda aquele antigo território albanês como «território grego».

([34]) Trata-se de Eleutherios Venizelos (1864-1936), dirigente reaccionário grego e representante dos interesses da grande burguesia grega. Foi por muitos anos primeiro-ministro da Grécia. Em 1919, patrocinou a participação do Exército grego na intervenção contra a Rússia soviética.

não chegaremos a nenhum acordo. E qualquer colaboração com ela deve ser feita em base de paridade. O modo como se agiu até agora não ficou sem resposta. É bem possível que, amanhã ou depois, algum dirigente soviético declare ter o camarada Enver dito que a União Soviética não defende a Albânia. Mas não é bem isso. As coisas devem ficar claras, como foram ditas.

Falamos com base nos factos. Mas não ultrapassamos as medidas, pois vemos em primeiro lugar os grandes interesses gerais. E também neste caso trata-se de uma questão relacionada com um interesse superior. O Bureau Político agiu com muita correcção e calma ao assumir aquela posição em Bucareste, pois não se podia permitir que todas as importantes questões políticas e ideológicas em foco, envolvendo dois grandes partidos, fossem tratadas com tanta ligeireza e irresponsabilidade.

Finalmente, perguntamos: o que foi feito em Bucareste? Nada foi resolvido; apenas se alinharam forças para uma dura luta, como se se tratasse dos Estados Unidos e não da grande irmã China. Aceitámos a proposta da direcção soviética no sentido de irmos à Conferência de Moscovo para resolver tais questões, mas é preciso que também tenhamos materiais da parte dos camaradas chineses. Da mesma forma que a União Soviética colocou o problema em Bucareste, que se deixe igualmente a China falar e apresentar o seu ponto de vista, para depois julgarmos. Na medida em que se decidiu realizar a Conferência de Moscovo com um programa determinado, nós também precisamos de tempo para estudar bem as questões. Se os soviéticos aceitaram isto, então porque agem desta maneira? Isto não é correcto — foi assim que pensou o Bureau Político do Comité Central do nosso Partido.

O Bureau Político considerou que o nosso Partido não deveria de maneira alguma manchar-se com tais procedimentos organizativos, estranhos ao marxismo-leninismo. Mas, então, com que objectivos tinham ido os demais partidos? A direcção de cada partido é responsável perante o seu próprio

partido e o seu próprio povo, bem como perante o comunismo internacional. No que se refere a nós, que nos julgue o Comité Central do nosso Partido, pois é diante dele, do Partido, do povo e do comunismo internacional que nós respondemos pela nossa posição.

E porque é que os primeiros secretários dos partidos dos países socialistas foram a Bucareste e eu não? Eu não fui, e fiz muito bem, pois apliquei a decisão do Bureau Político de não comprometer o nosso Partido em coisas alheias ao marxismo-leninismo. O que eu faria lá seria apresentar as opiniões do Bureau Político, e isso o Hysni fê-lo muito bem. Os dirigentes soviéticos ficaram enfurecidos por eu não ter ido, na medida em que todos foram e só Enver não, justamente porque a coisa não estava a cheirar bem. O Partido enviar-me-á sim, mas a Moscovo, em Novembro, para ser intérprete da sua palavra. E o nosso Partido só dará o seu ponto de vista depois de ele ser aprovado pelo Comité Central, pois não estamos diante de questões simples.

Além da data da Conferência, em Bucareste foi formada ainda uma comissão composta por representantes de 26 partidos para estudar pormenorizadamente as questões e colocá-las no papel, de modo que os materiais sejam enviados aos comités centrais dos respectivos partidos para serem examinados e discutidos. E depois, que se diga ao Comité Central: camaradas, eis os materiais de uma parte, eis os da outra e eis também o ponto de vista do Bureau Político; diante disso, consideramos que se deve assumir tal ou tal posição. É assim que nós pensamos discutir a questão no Comité Central, antes de irmos para a Conferência de Moscovo. Esta é a forma mais regular. Não é correcto recusar-se a conceder um prazo de um ou dois meses para que um partido irmão possa reflectir, até porque um acto desses não leva a nenhum resultado. Assim, penso que o Bureau Político assumiu uma atitude marxista-leninista neste caso, defendendo os interesses do campo socialista. A nossa posição não agradou aos dirigentes soviéticos, já que não alinhámos com eles como o fizeram Gomulka,

Kadar ([35]) e Jivkov. Mas a verdade é que só o Partido do Trabalho da Albânia agiu bem, defendendo a própria União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética. E, nessas questões, devemo-nos manter sempre no terreno dos princípios. Erros e divergências são coisas que acontecem. O facto, porém, é que devem ser resolvidos de forma correcta, com base nos princípios e normas leninistas.

Depois de tudo o que aconteceu, é desagradável e amargo ver que os embaixadores soviético e búlgaro em Belgrado escutam até ao fim e aplaudem o agente Rankoviç no comício realizado na cidade de Sremska Mitrovica, na Sérvia. Ele falou de maneira tão sórdida contra o campo socialista, particularmente contra a Albânia, que chegou a classificar o nosso país de «inferno em que sobressai o arame farpado» e dizer que a nossa democracia popular é pior do que o actual regime da Itália! E ainda apresentou as relações entre a Jugoslávia e a Itália como exemplares e modelares, já que milhões e milhões de jugoslavos e italianos transitam livremente pelas respectivas fronteiras todos os anos. Assim, tal atitude não nos agradou, e fizemo-lo saber ao Partido Comunista da União Soviética.

O Comité Central do Partido Comunista Búlgaro tomou a decisão de não atacar os revisionistas jugoslavos, quer na imprensa, quer em discursos de dirigentes. Ao cumprimentar o camarada Hysni, recém-chegado a Bucareste, Teodor Jivkov disse-lhe com o maior descaramento: «O que se passa com a Albânia? Só a Albânia não está de acordo!» E quando Hysni lhe perguntou: «O que está a querer dizer com isto?», Jivkov

---

([35]) Janosh Kadar, primeiro-secretário do Partido Socialista dos Trabalhadores da Hungria. Foi preso em 1951 por graves erros e actividades antipartido e anti-socialistas. Em Julho de 1954, foi reabilitado no seguimento da campanha desencadeada por N. Kruchov contra o chamado «culto da personalidade». Na época dos acontecimentos de Outubro/Novembro de 1956 na Hungria, os revisionistas contemporâneos, principalmente os soviéticos, colocaram-no à frente do governo e, mais tarde, também do partido húngaro.

respondeu: «Nada, nada, estava a brincar...» Se não se é coerente na luta contra os revisionistas jugoslavos, acaba por acontecer o que está a suceder na Bulgária. Há dois meses, editoras búlgaras publicaram, com grandes erros, um folheto ilustrado com um mapa dos Balcãs, no qual a Albânia aparece como parte da República Federativa Popular da Jugoslávia. Naturalmente, o Comité Central do nosso Partido protestou contra isso. Mas, apesar dos dirigentes búlgaros terem manifestado o seu pesar pelo ocorrido e prometido tomar medidas para recolher todos os folhetos, o facto é que eles chegaram aos quatro cantos do mundo. Os dirigentes búlgaros disseram tratar-se apenas de um erro técnico. Mas porque não houve um erro que desse uma parte da Bulgária, digamos, à Turquia?

Há seis meses, na Polónia, durante a festa de 29 de Novembro, pessoas recomendadas pelo Ministério de Relações Externas da República Popular da Polónia tentaram roubar documentos estatais albaneses e incendiar o prédio da nossa embaixada. Apanhados com a mão na massa, os ladrões pegaram no filme «Skanderbeu» para despistar. Um criminoso foi capturado e apresentámos um protesto pelo ocorrido. E o que aconteceu? O promotor pediu a pena de 12 anos de prisão para o culpado, mas o tribunal condenou-o apenas a dois meses, ficando ele em liberdade condicional. Já há uma semana atrás, um antigo encarregado da correspondência cifrada da Embaixada polaca em Tirana, que agora é funcionário do Ministério de Relações Externas em Varsóvia, apareceu na Embaixada albanesa e puxou do revólver para assassinar o nosso embaixador. Mas o nosso pessoal que lá se encontrava capturou-o, entregando-o à polícia. Afinal, o que significa tudo isto? Que terror branco é este contra o nosso país? Enviámos uma nota de protesto ao Governo polaco, chamámos o nosso embaixador a Tirana e comunicámos que só o enviaremos novamente quando o Governo polaco der garantias ao Governo albanês de que não mais ocorrerão actos deste tipo contra o pessoal da nossa Embaixada em Varsóvia. Além disso, levámos o suce-

dido ao conhecimento de todos os embaixadores dos países socialistas, que ficaram muito indignados.

Então, o que significa isto que está a acontecer? E porque é que acontece? Devemos examinar isto — e que nos digam se erramos ou não, se agimos com sabedoria ou arrebatamento. Vocês compreendem perfeitamente que estas questões têm grande importância para todos nós, devendo ser resolvidas quanto antes pela via justa e num espírito de camaradagem. Não há outro caminho para a sua solução. Lenine já definiu as normas, não nos resta mais do que aplicá-las. Porquê duas normas, porquê dois pesos, porquê duas medidas? Aqui deve haver apenas uma norma, um peso e uma medida. Assim, devemos sair daqui com a certeza de que estamos com a razão, de que temos a consciência limpa e de que nada mudou nas nossas inabaláveis posições.

Devemos ter clareza sobre estas questões, para evitar cometer erros. Até porque não devemos errar, nem jamais desnortear a bússola ou permitir que ela seja desorientada por quem quer que seja. Devemos ter em vista que nos encontramos no início de um processo muito complicado. Mas, com as nossas convicções e dentro das nossas modestas possibilidades, faremos todo o possível para que as questões sejam solucionadas correctamente, de forma marxista-leninista. E isto exige uma férrea unidade do Comité Central do nosso Partido, do Comité Central com as massas do Partido e do Partido com o nosso povo. Devemos sair desta Sessão Plenária fortes como o aço, como sempre fomos — e agora ainda mais do que antes, pois trata-se de defender o marxismo-leninismo. Defendamos firmemente a nossa pátria e o nosso Partido, porque assim estaremos a defender o nosso povo e o seu futuro — este é o único caminho correcto.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o texto extraído da acta da XVII Sessão Plenária do CC do PTA existente no Arquivo Central do Partido.

FALAREMOS EM MOSCOVO COMO NOS ENSINA O MARXISMO-LENINISMO — PARA NÓS NÃO EXISTE OUTRA LINGUAGEM

Discurso de encerramento da XVII Sessão Plenária do CC do PTA

12 de Julho de 1960

Como todos vocês disseram — e como salientou também o camarada Mehmet, que manifestou correctamente e de maneira marxista-leninista o ponto de vista de todo o nosso Partido — são vitais as questões levantadas nesta Sessão Plenária. E nós não tínhamos a menor sombra de dúvida de que o Comité Central do nosso Partido, saído da luta, dos esforços e das grandes provas atravessadas pelo nosso povo e pelo nosso Partido, estaria certamente à altura devida, nestes momentos tão difíceis para o movimento comunista internacional.

Se há uma grande conclusão que nós já podemos tirar é a de que, antes mesmo que todas as questões estejam sobre a mesa, os membros do Comité Central do nosso Partido já se mostram extremamente vigilantes e bem armados com a ideologia marxista-leninista, entendendo os problemas bem melhor do que muita gente que vive fazendo declarações trovejantes mas que, de facto, trabalha para enganar as pessoas e os povos. Os membros do Comité Central do nosso Partido forjaram-se na luta do Partido em defesa do marxismo-leninismo. A sua aparência simples constitui um grande mérito da nossa direc-

ção. Mas os camaradas da Sessão Plenária do nosso Comité Central também possuem um elevado nível, que lhes possibilita uma justa compreensão dos problemas políticos e ideológicos. Além disso, eles são dotados de um extraordinário olfacto para perceber e julgar as coisas, manifestando com grande e exemplar coragem o seu ponto de vista sobre quem quer que cometa grandes erros, que muito custam ao socialismo e à revolução proletária no mundo. Precisamente por ter contado com uma direcção como esta é que o nosso Partido venceu todas as batalhas em que se empenhou. E, com tal direcção, ele superará todas as dificuldades, por maiores que sejam.

Também é inteiramente justa, camaradas do Comité Central, a vossa afirmação de que o nosso pequeno mas valente e heróico Partido certamente contribuirá para o bem do movimento comunista internacional. Iremos a Moscovo para falar como o marxismo-leninismo nos ensina e exclusivamente da maneira como nos recomenda o Comité Central, pois para nós não existe outra linguagem. Seguramente, aquilo que vamos dizer não será do gosto de alguns. Mas pensamos que as nossas justas palavras, baseadas no marxismo-leninismo e nos factos, não ficarão entre as quatro paredes da sala da conferência: elas decerto serão ouvidas por todos os partidos e pelos demais povos. A verdade não pode ser escondida, não pode ser encerrada numa prisão, não pode ser sufocada por ameaças ou chantagens. Saído do seio do povo, o nosso Partido nunca se deixou atemorizar nem pelas ameaças nem pelas chantagens e saberá manter-se sempre inquebrantável.

É indispensável sustentar estas firmes posições, pois elas são vitais para nós — como comunistas, como marxistas e como patriotas. Porque é que os dirigentes soviéticos tratam estas questões como se estivessem numa feira, procurando com uma espantosa leviandade discutir toda a espécie de fórmulas e aferrar-se a algumas palavras, termos, ditos e não ditos, coisas que não só são inadmissíveis como também bastante suspeitas? Na Conferência de Moscovo, nós interviremos conforme

os princípios do marxismo-leninismo e com base na nossa experiência revolucionária e nos factos do dia-a-dia.

Num momento em que o imperialismo se arma até aos dentes e realiza tantas provocações, em que a situação revolucionária está em ascenso na Ásia e noutros lugares e em que no Japão, por exemplo, milhões de pessoas atacam Kichi e o seu governo inspiradas pelo heróico Partido Comunista da China e pelas ideias de Mao Tsé-tung, pode-se permitir que Kruchov e os dirigentes soviéticos, agarrando-se às fórmulas, marchem rumo à divisão do campo socialista?! Precisamente num momento destes é que os dirigentes soviéticos vêm dividir o campo socialista e desacreditar essa grande força revolucionária que inspira toda a Ásia! Exactamente agora, quando se está a jogar o destino da humanidade, dizer à China que saia do campo socialista constitui um grande crime contra a humanidade e o comunismo internacional. Num momento em que a Bundeswehr alemã recebe armas e mísseis e ameaça a Europa e o mundo, Nikita Kruchov ataca o Partido Comunista da China, acusando-o de belicista pela sua justa afirmação de que as palavras de ordem desarmamentistas não passam de ilusão! Parece que só Nikita Kruchov estaria a favor da paz ...

Seguramente, os próprios factos e a posição dos partidos marxistas-leninistas se encarregarão de desmascarar essa actividade não-marxista, obrigando Kruchov a agir de maneira diferente. Na reunião dos novos oficiais realizada no Kremlin, ele já se viu obrigado a afirmar: «Nós retirar-nos-emos da Comissão dos Dez de Genebra porque o desarmamento se tornou uma ilusão, uma cortina que só serve para seduzir os povos.» Vejam, pois, que métodos são utilizados: o que se diz hoje não se diz amanhã, diz-se uma palavra a favor de uma questão e cinco contra ela — ou seja, uma tremenda confusão. E quando se procura colocar os pontos nos ii, eles fazem uma pirueta e escrevem num número do «Pravda» que já falaram disso, daquilo e daqueloutro. Falar, falaram, mas e daí? Saíram da Comissão dos Dez, mas consultaram alguém para fazer isto? E vocês, camaradas, há quanto tempo sabem desta

questão? Há cerca de dez dias. Mas nós somos ou não somos membros do Tratado de Varsóvia? Eu só hoje recebi um telegrama através do qual o Governo soviético nos comunica a sua retirada de Genebra e a entrega da questão à ONU. O que significa tudo isto? E como estas, camaradas, há ainda muitas outras.

Os camaradas abordaram aqui todas as questões. E isto demonstra que além do Bureau Político, o Comité Central do nosso Partido também possui uma grande maturidade. Qualquer um de nós podia ter errado, mas isso não aconteceu, porque nós estamos estreitamente ligados, trocamos as nossas opiniões, medimos bem os pontos de vista e, assim, mantemo-nos no caminho justo. Este é o método marxista-leninista, o método mais correcto para evitar erros. E se nós não errámos, não foi por mérito de apenas uma ou duas pessoas, mas graças à nossa unidade de pensamento e às nossas conversações francas, realizadas num espírito de camaradagem e fraternidade. E isto porque nós combatemos por uma mesma grande causa: pelo triunfo de comunismo, pelo bem-estar do nosso povo, pela construção do socialismo na Albânia, para trazer esse tão sacrificado povo à luz do dia.

Esta unidade é que torna invencível a nossa força, elevando a confiança na luta contra as dificuldades e na batalha contra as tormentas, para que possamos sair vitoriosos, o que certamente acontecerá. Mas não teremos pela frente um prado florido — também encontraremos luta. E porquê? Porque os dirigentes soviéticos não agem com uma sadia lógica marxista-leninista. Eu posso dizer-lhes — e este é o ponto de vista de todo o Bureau Político — que na actividade da direcção soviética há erros graves e profundos, há violação das normas leninistas, há subjectivismo, há anti-marxismo e há ainda um terrível chauvinismo. Eles podem citar quantas fórmulas e normas quiserem, que nós permaneceremos de olhos abertos; o que os seus actos significam é: «Ou se faz como nós queremos ou então nada feito!» O que significa isto? Nestas condições, que não nos venham falar de leninismo. Eu tenho

as minhas opiniões e quero expressá-las, boas ou más. Aí, vem aquele outro e toma medidas anti-leninistas para me colocar de joelhos se eu me mostrar medroso! Mas os verdadeiros comunistas não são assim; pode haver apenas alguns. Trata-se aqui de uma questão muito importante, pois o Partido ensinou-nos e instruiu-nos a não engolir a imundície servida pelos revisionistas e a não comer gato por lebre.

De há muito que estamos preparados para essa luta. Vocês podem mesmo criticar-nos pelo facto de que nos mostrámos, por assim dizer, um pouco conspirativos convosco acerca de tais questões. E terão toda a razão. Mas vocês não podem imaginar que força imensa recebemos aqui na Sessão Plenária do Comité Central e que grande ensinamento recolhemos de vós quanto à coragem que devemos demonstrar no futuro! E isto porque, a julgar pelo alinhamento das forças de Bucareste, será muito difícil desbaratar imediatamente as fileiras inimigas. A Conferência de Moscovo será arena de uma terrível batalha. Mas agora, que as questões foram aqui colocadas desta maneira e que o Comité Central nos armou desta forma, estaremos cem vezes ainda mais seguros de nós mesmos do que já estávamos antes.

Assim, para nós, membros do Bureau Político, esta reunião da Sessão Plenária representou uma grande lição, apesar de vocês nos terem coberto de flores. Não informámos antes o Comité Central sobre tais questões porque não queríamos transmitir essa ansiedade a toda a direcção do Partido. Estávamos inteiramente convencidos de que um dia elas viriam à tona, seriam colocadas e se resolveriam. E confiamos em que elas serão solucionadas. Acreditamos que algo se conseguirá na conferência de Novembro. Mas a coisa não será nada fácil, pois já vimos a rapidez com que Kruchov organizou a Reunião de Bucareste. E soubemos ainda das afirmações feitas ao camarada Hysni pelo delegado oficial do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética: espezinhando tudo o que havia sido decidido, ele disse a Hysni que aquela reunião iria mesmo tomar decisões, isto é, excluir a China. Mas tal coisa não foi

feita em Bucareste porque Kruchov teve medo e recuou. O facto, porém, é que ele tinha pensado em adoptarem-se decisões. E, mesmo não tendo alcançado isto, preparou o terreno para dizer à China na reunião seguinte, de Novembro: «Vejam como todos nós estamos unidos como os dedos das mãos e reflictam bem: ou se submetem à maioria, ou então podem ir-se!» A China, no entanto, não engole estas coisas. Ao encerrar-se a Reunião de Bucareste, o Comité Central do Partido Comunista da China distribuiu a todas as delegações uma carta escrita em bases marxistas, acusando directamente N. S. Kruchov, condenando os métodos antimarxistas empregados por ele e por outros e acentuando que essas questões seriam colocadas na próxima conferência.

N. Kruchov acusa a China de querer a guerra, deformando flagrante e maldosamente as afirmações do camarada Mao Tsé-tung. Nós ouvimos pessoalmente o camarada Mao Tsé-tung falar na Conferência dos Partidos Comunistas Operários de Moscovo, em 1957. Ele falou de maneira pormenorizada sobre a grande força do campo socialista, começando pela Segunda Guerra Mundial, passando pela guerra da Coreia, chegando à guerra da Indochina, e assim por diante. Em seguida, depois de discorrer sobre a grande força do nosso campo, ressaltou também ser possível que os imperialistas nos ataquem. Acentuou que, se houver guerra, pode ser que o imperialismo utilize a bomba atómica e morram centenas de milhões de pessoas mas que, apesar disso, nós venceremos. Os dirigentes soviéticos tão-pouco interpretam correctamente a expressão dos camaradas chineses de que «o imperialismo é um tigre de papel». Eles aferram-se a uma expressão qualquer e modificam-lhe o sentido original, em função dos seus objectivos. Com aquela figura, os chineses quiseram ilustrar a deterioração do imperialismo. E o próprio Mao Tsé-tung salientou a grande força do nosso campo, ao afirmar que, perante a grande força do campo socialista, o imperialismo é um tigre de papel.

Somos a favor da coexistência, mas não de uma coexistência como a pregada por Kruchov, que chama irmão a Nehru

ao mesmo tempo que este afoga em sangue as revoltas do esfomeado povo hindu. Outra coisa: todas as vezes que fui ao Kremlin, vi sobre a escrivaninha de Kruchov o busto de Gandhi. ([36]) E vocês sabem quem foi Gandhi. Porque diabo então o primeiro secretário do Partido Comunista da União Soviética haveria de ter o busto de Gandhi na sua escrivaninha?

O desarmamento de que fala Nikita Kruchov não passa de ilusão e ostentação. Mas se até nós, que somos um pequeno país, respondemos por essas questões, que se relacionam com os destinos da revolução e da humanidade, quanto mais os dirigentes soviéticos, que têm uma extraordinária responsabilidade diante de si. Portanto, não se devem manter posições vacilantes. Se Nikita Kruchov e companhia levam a questão a um beco sem saída, nós também teremos algo a dizer. E isto sempre o nosso Partido fez e continuará a fazer por um só caminho: o caminho justo, marxista-leninista.

Criticámos duramente Liri Belishova por ter ido contar ao conselheiro da Embaixada soviética em Pequim tudo aquilo que os chineses lhe tinham contado. E porque a criticámos? Porque se tratava de uma questão que não dizia respeito ao nosso Partido. Não tem havido segredos entre o nosso Partido e o Partido Comunista da União Soviética. Mas ir lá para informar, como fez Liri Belishova, é o mesmo que lançar mais lenha na fogueira. O resultado foi que Kruchov e todos os demais dirigentes da União Soviética aproveitaram-se da informação de Liri e classificaram a sua atitude de «heróica». Os camaradas chineses falaram-lhe das suas divergências com a União Soviética e, ao fazê-lo, não cometeram nenhum erro, pois tratava-se de uma questão de seu directo interesse. Já Liri errou ao ir contá-las aos soviéticos. E foi por isso que a criticámos.

Mas Liri não errou apenas nesse ponto: ela também não aplicou as directrizes que lhe foram enviadas pelo Bureau Político a Ulan Bator, através de mensageiro especial. O Partido preparou-nos para qualquer situação. Já passámos por tantas

([36]) Mahatma Gandhi (1869/1948), personalidade política da Índia.

provas que aprendemos a farejar de longe os métodos antimarxistas. Diante de alguns actos dos dirigentes soviéticos, o nosso olfacto disse-nos que seguramente eles abordariam Liri para lhe falar dessas questões, logo que ela chegasse a Moscovo na sua viagem de regresso da China. Por isso, enviámos-lhe uma carta concisa e concreta do Bureau Político, para que ela compreendesse que métodos poderiam ser utilizados para com ela em Moscovo, naquela oportunidade. Através da carta, Liri era instruída de maneira clara e categórica sobre o que deveria falar num possível encontro com os dirigentes soviéticos: em suma, defender a posição do nosso Partido em Bucareste e dizer que, apesar de ter estado ausente de Tirana, solidarizava-se inteiramente com as decisões do Bureau Político, pois elas eram correctas. Dizíamos a Liri na carta: «Eles estão a cobrir-te e cobrir-te-ão de louvores, mas tu não deves envaidecer-te (...), portanto, tem cuidado.» E, efectivamente, os dirigentes soviéticos agiram como nós havíamos previsto; só que Liri não aplicou a directriz que recebeu.

Penso que o Bureau Político deve reexaminar atentamente o caso de Liri ([37]) e que ela própria reflicta sobre isso. A unidade da direcção tem extraordinária importância. E nós devemos preservá-la como a menina dos olhos, pois os inimigos tentam dividir-nos e tratam de corromper as pessoas vacilantes. Sem unidade o Partido não vive, e a construção do socialismo no nosso país passa a correr perigo.

Os métodos utilizados pelos dirigentes soviéticos são antimarxistas. O camarada Hysni já disse isto em Bucareste, em nome do Bureau Político, sugerindo a imediata cessação de tais práticas. Com tais procedimentos, os inimigos visam colocar os elementos do nosso Partido contra a sua direcção. Mas o

---

([37]) Liri Belishova foi duramente criticada pela Sessão Plenária do CC do PTA devido aos erros programáticos por ela cometidos durante a sua visita à RP da China, bem como pela sua posição antipartido nos encontros com os dirigentes soviéticos em Moscovo. (Vide material publicado na página 117 deste Volume).

nosso Partido reduzirá a nada esses métodos. Por um lado, Mikoian diz-me a mim e a Mehmet: «Por favor, camaradas albaneses, mantenham estas coisas em segredo.» E nós não as revelámos nem ao Bureau Político. Por outro lado, em Bucareste, Andropov pergunta aos membros da nossa delegação ao III Congresso do PO da Roménia: «O Bureau Político não lhes disse nada sobre estas questões?» Mas nós dissemos a Kruchov, através do camarada Hysni, que o nosso Partido é que sabe o que deve dizer aos seus membros e quando deve dizê-lo. Agora, vemos que os soviéticos seguramente recebem instruções para agirem como agem. Eis um exemplo: até mesmo aqui, vão a um funcionário do Comité Central que nem sequer conhecem e perguntam-lhe: «Como vai?», «quando nos encontraremos?», «vamos discutir um pouco sobre estas questões?» e assim por diante. Mas ele respondeu-lhes que essas questões se discutem no lugar devido e não com ele.

Que práticas são essas? Marxistas é que elas não são. Foi por isso que enviámos aquela carta aos comités do Partido. E o Bureau Político decidiu ainda que os nossos jornais não publiquem nenhuma palavra de materiais soviéticos que, directa ou indirectamente, façam a menor alusão a este conflito. E isto porque não desejamos lançar a confusão no Partido sem que a questão esteja julgada e tão-pouco queremos que, nestes tão difíceis momentos da situação internacional, o nosso Partido se inquiete também pela causa do nosso campo e da sua unidade.

Estas questões estão claras para vós. É muito importante para o nosso Partido que os membros da Sessão Plenária do Comité Central, os primeiros secretários dos comités regionais e os quadros em geral as tenham compreendido correctamente, antes mesmo que elas lhes fossem apresentadas pelo Comité Central e o Bureau Político. Foi assim, sob o vosso exemplo, que se armou todo o Partido — disso não há a mínima dúvida. Está claro que nós queremos que estas divergências sejam resolvidas. As nossas posições são claras. Mas nós viremos de novo ao Comité Central para receber a vossa ajuda, a fim de estar-

mos perfeitamente armados. Ressalto, porém, que vocês também devem ter em vista algumas coisas.

Que esta grande questão que nos preocupa actualmente — e que continuará a preocupar-nos até ser correctamente solucionada — não se tome obstáculo à amizade que devemos demonstrar para com os povos da União Soviética. Se o pessoal soviético que trabalha no nosso país levantar essas questões, que se lhe diga que as divergências serão resolvidas na Conferência de Moscovo, em moldes marxistas-leninistas.

Uma outra questão é que a vigilância esteja na devida altura em qualquer momento. Estejamos bem armados e saibamos prever como é que os numerosos inimigos que nos cercam tentarão aproveitar-se da situação. Usando as pessoas que têm aqui, eles tratarão de vomitar fel para intensificar e instigar essa luta contra o nosso Partido e contra a construção do socialismo na Albânia. Portanto, que a vigilância seja aguçada ao máximo.

Um outro problema, que o camarada Mehmet também tratou, é o trabalho que devemos realizar para o cumprimento dos planos. Precisamos encarar seriamente as questões económicas e pensar muito nelas, pois podem criar-se situações difíceis. E, nesse sentido, devemos estar preparados para qualquer eventualidade. Que eventualidade? Bem, pode ocorrer que os inimigos nos ataquem. Por isso, como sempre, precisamos de nos manter vigilantes em relação ao inimigo, enfrentando-o com uma luta dura e intransigente e golpeando-o impiedosamente.

Os nossos inimigos não deixarão certamente de tramar conluios. Nós conhecemos os planos dos revisionistas jugoslavos contra o nosso país. É por esta razão que temos estado vigilantes e assim nos manteremos. Mas, agora, a vigilância deve ser elevada a um grau ainda maior nas fileiras do Partido, em todos os sentidos, até no da disciplina da produção, a fim de que nada escape ao trabalho do Partido.

Que o Partido tome bem nas suas mãos os problemas económicos. Não devemos justificar-nos com as más condições atmosféricas ou coisas do género e deixar que as questões

fiquem à deriva. Nós temos possibilidades de trabalhar bem e colher mais trigo, milho, algodão e outros produtos, independentemente das condições atmosféricas. E devemos explorar essas grandes possibilidades, mobilizando-nos totalmente nesse sentido, pois os imperialistas podem criar-nos alguns imprevistos.

Em função disso, que o Exército esteja bem armado, pronto e vigilante. Que a chama revolucionária que arde no coração dos comunistas anime todo o Exército. Que o Partido esteja pronto, mantenha as armas firmemente nas mãos, seja disciplinado e tenha um alto nível político. Com uma disposição e uma preparação destas, as coisas seguramente correr-nos-ão bem.

Que os órgãos do Ministério do Interior demonstrem uma grande vigilância revolucionária e, como sempre, se mantenham na ofensiva contra os inimigos internos e externos, defendendo as nossas fronteiras das incontáveis tentativas que os inimigos empreenderão. Que os organismos do Partido deste sector mobilizem todas as suas forças, resistam firmemente e façam cair impiedosamente o seu punho sobre a cabeça dos inimigos. A nossa linha sempre foi correcta e jamais afrouxámos a vigilância. Assim, continuemos sempre vigilantes também no futuro e não nos deixemos adormecer. Isto tem uma excepcional importância.

A verdade é que os comunistas albaneses são bravos. Eles não são exaltados, como pretende Kruchov, mas sim calmos, como o são os verdadeiros bravos. Digo isto porque não se observou nenhum pânico no nosso trabalho. Nós já passámos também por outros momentos muito difíceis, mas mantivemo-nos firmes, sem perder a cabeça.

Mobilizemos as massas no caminho do Partido para a realização dos planos e o fortalecimento da vigilância revolucionária. E que todos nós, sem alarme algum — pois o que o inimigo quer é precisamente alarmar-nos — cumpramos bem as tarefas que o momento nos incumbe. O inimigo utiliza métodos multifacetados para semear o pânico entre nós: mas que o Partido

dê o exemplo e que os comunistas se mantenham inabaláveis, heróicos e imperturbáveis. Se se mantiver uma atitude dessas, o povo também se inspirará e forjará na resistência inquebrantável do Partido. Portanto, que se destaque e leve às bases todas essas qualidades do nosso Partido, mobilizando a nossa gente para nela amalgamar todas essas virtudes do Partido.

Esta Sessão Plenária foi uma grande escola para todos nós. Armemo-nos, pois, com os seus ensinamentos e ponhamos mãos à obra! Agora, propomos que o projecto de comunicado seja publicado, a fim de que o nosso povo e os nossos amigos sejam informados da realização da reunião do nosso Comité Central.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o texto extraído da acta da reunião da XVII Sessão Plenária do CC do PTA existente no Arquivo Central do Partido.

O COMITÉ CENTRAL É A DIRECÇÃO DO PARTIDO, QUE JULGA SEMPRE COM JUSTEZA, SABEDORIA E SERENIDADE, MAS TAMBÉM COM DUREZA, QUANDO NECESSÁRIO

Extractos da conversação com Koço Tashko ([38])

3 de Agosto de 1960

CAMARADA ENVER HOXHA: Recebi a carta que me enviaste pedindo um encontro comigo. Eu autorizei o camarada Hysni Kapo a conversar contigo, mas tu fizeste-te rogado, pois tinhas metido na cabeça que só conversarias comigo, ou então nada feito. É certo que mesmo um simples cidadão pode pedir para falar com o primeiro secretário do Comité Central. Mas pode acontecer que o primeiro secretário esteja muito ocupado com algum trabalho ou nem se encontre em Tirana. Nesses casos, autoriza-se uma outra pessoa, como eu fiz.

Logo que recebi a tua carta ontem à noite, enviei-a imediatamente a Hysni através de um oficial. O mesmo oficial foi então encarregado de avisar-te que devias comparecer ao encontro, no Comité Central. Mas parece que tu não gostaste disso, exprimindo-te mal para com os nossos oficiais. Quando um secretário do Comité Central te convoca para um encontro, deves ir sem mais nem menos na hora por ele fixada, e não

([38]) Na época, presidente da Comissão Central de Verificação do PTA.

quando te dá na veneta. Caso contrário, como pode uma pessoa considerar-se comunista, se não se mostra correcta e disciplinada ao ser convocada por um camarada eleito pelo Partido para a sua direcção? [39] Além disso, tu sabes que os nossos oficiais são camaradas, são comunistas, e não «polícias», como tu dizes. Não é correcto falar assim, pois tu és membro do Partido. Os nossos oficiais realizam importantes tarefas, que lhes foram confiadas pelo Partido.

Hoje, convocámos-te [40] para conversarmos sobre as questões de que tratas na tua carta e sobre o que conversaste com Hysni. Portanto, fala franco, clara e pormenorizadamente, como compete a um membro do Partido. Temos tempo à disposição e paciência para ouvir-te até ao fim. Fala-nos ordenadamente sobre as questões que tens a levantar. Em que consiste a tua discordância com o Comité Central e qual é a sua origem? Fala-nos sobre as conversas que tiveste com os funcionários da embaixada soviética, o que foi que eles te disseram e o que tu lhes disseste.

Koço Tashko põe-se a falar de maneira irresponsável e com uma acentuada presunção. Intervindo de quando em quando com perguntas, o camarada Enver Hoxha, pacientemente, procura ajudá-lo.

CAMARADA ENVER HOXHA: Tens estado com rodeios, contando-nos o que foi dito na Sessão Plenária [41] do Comité Central do nosso Partido, como se eu não tivesse estado presente. Porque não falas das questões sobre as quais te interpelamos? Não nos falaste daquilo que disseste a Hysni.

---

[39] No encontro com o camarada Enver Hoxha, Koço Tashko apresentou-se com três horas de atraso, pelo que foi duramente criticado.

[40] Também estava presente ao encontro o camarada Rita Marko, membro do Bureau Político do CC do PTA.

[41] Trata-se da XVII Sessão Plenária, realizada em 11/12 de Julho de 1960.

Pois eu afirmo-te que deves tratar de julgar melhor as questões. Muitas coisas que levantas são produto da tua imaginação.

Não estás certo ao dizer que as críticas que fizemos a Kruchov não eram justas. Na tua opinião, em que errou Krucov? Ou será que ele não errou em coisíssima nenhuma? Como tu mesmo disseste, a tua opinião é de que «Kruchov foi injustamente atacado pelos que falaram na Sessão Plenária, sem que se adoptasse qualquer atitude em relação a eles!». Isto é espantoso: ao invés de condenares as posições de Kruchov, tu ainda procuras reprovar os camaradas da Sessão Plenária que se pronunciaram com razão contra ele.

Ao falar pouco antes, tu disseste: «Passeando tanto pelos países capitalistas, talvez Kruchov possa trazer outras ideias. Quero dizer, é possível que algumas circunstâncias o influenciem. Mas se é que Kruchov erra, Staline também errou.» Esta não Koço Tashko, não mistures Kruchov com Staline! E tão-pouco fales em geral, diz concretamente: Kruchov errou ou não?

KOÇO TASHKO: Pois digo que ele não errou.

CAMARADA ENVER HOXHA: Mas tu disseste que Kruchov pode errar do mesmo modo que Staline?

KOÇO TASHKO: Mesmo se errar eu acredito que ele se corrigirá.

CAMARADA ENVER HOXHA: Tu disseste não ter concordado com o facto de eu não ter ido à Reunião de Bucareste, pois com isto eu teria recusado o convite dos soviéticos. Mas a coisa não é assim como tu a apresentas. Eu não tinha nenhum convite dessa natureza. Estás a inventar coisas que não existem.

As normas dos partidos marxistas-leninistas são conhecidas de todos. Se é que tu não as conheces, então eu digo-te: jamais aconteceu que o Comité Central do nosso Partido dissesse ao primeiro secretário «não vá!», quando ele tenha sido convidado a uma reunião dos partidos comunistas e operários do campo socialista ou do mundo inteiro. Agora mesmo, a úl-

tima Sessão Plenária decidiu que o primeiro secretário do Comité Central será o chefe da delegação do nosso Partido à próxima Conferência de Novembro, em Moscovo. No caso de Bucareste, só houve convite da parte do Partido Operário da Roménia para participarmos no seu congresso, e nós enviámos uma delegação. Já no que se refere à reunião de representantes dos partidos comunistas e operários que se realizou em Bucareste, o seu único objectivo, conforme o acordado anteriormente, era fixar a data e o lugar da próxima conferência dos partidos comunistas e operários do mundo. Assim, o nosso Comité Central achou desnecessário enviar-me a Bucareste, autorizando então o camarada Hysni Kapo a participar naquela reunião. Desta maneira, não compreendemos quais são os teus desígnios e de onde tiras isto que dizes, falseando a realidade. Portanto, explica-nos tu mesmo.

Sendo tu membro do Partido, como se explica então que possas chegar ao ponto de julgar que tudo o que foi dito na Sessão Plenária do Comité Central não foi posto correctamente e não tem consistência? Mas o que é consistente, então? Isto que tu nos dizes?

KOÇO TASHKO: Vocés devem ter mais confiança em Kruchov!

CAMARADA ENVER HOXHA: Quando algum partido crítica um outro ou algum dirigente critica qualquer dirigente de um outro partido por ter cometido erros, e o faz com base nas normas organizativas marxistas-leninistas e nos preceitos do internacionalismo proletário, trata-se de uma atitude correcta.

Tu és de opinião que a Conferência de Moscovo não deve realizar-se em Novembro, mas quanto antes. Essa proposta, porém, é só tua. O essencial é que nós iremos à Conferência de Moscovo e lá transmitiremos o nosso ponto de vista. O que podes dizer-nos disto?

KOÇO TASHKO: Não concordo que lá se abordem minúcias.

CAMARADA ENVER HOXHA: Com que estás então de acordo? Diz-nos!

KOÇO TASHKO: Já falei, não tenho motivos para me alongar, até porque sou um homem doente.

CAMARADA ENVER HOXHA: Não, Koço Tashko, tu não és tão doente quanto queres aparentar, pelo menos de corpo! Tu és doente, sim, mas de espírito. O Partido, porém, é saudável. E o Partido cura os doentes, de espírito, quando eles querem ser curados. Ele tem o dever de ajudar as pessoas a dar o seu parecer, corrigir-se e tomar o justo caminho. Mas para poderem ser ajudadas, elas devem abrir os seus corações ao Partido. Tu conheces esses princípios?

KOÇO TASHKO: Conheço, e por isso é que pedi para falar consigo, pois na Sessão Plenária não podia falar como faço aqui. Lá, quem permitiria que se falasse assim? Eles lançar-se-me-iam à garganta!

CAMARADA ENVER HOXHA: O que é que estás a dizer? Explica-te um pouco: quem te impede de falar na Sessão Plenária do Comité Central? Em tua opinião, na medida em que não podes falar de modo algum na Sessão Plenária, isto significa que lá existiria uma situação doentia. Tu mesmo nos disseste que tens uma grande confiança no Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Porque é que então não tens também a mesma confiança no nosso Partido, do qual tu próprio és membro?

KOÇO TASHKO: Eu disse isso porque, se me interrompessem quando estivesse a falar, sendo eu uma pessoa nervosa ... E, depois, basta uma interrupção, uma observação para que eu expluda.

CAMARADA ENVER HOXHA: O que tu sentes não sei. Só sei as normas leninistas do nosso Partido. O Comité Central é a direcção do Partido, que julga sempre com justeza, sabedoria e serenidade, mas também com dureza, quando necessário. Então, como podes falar assim do Comité Central, da direcção do Partido? Os membros do Comité Central não são crianças que — como tu pretendes — não te iriam julgar bem

e lançar-se-te-iam à garganta! E o que queres dizer com essa história de que és nervoso?

KOÇO TASHKO: Que lá não consigo mesmo falar, é uma questão física.

CAMARADA ENVER HOXHA: E pode ser chamada de marxista uma tal atitude diante do Comité Central do nosso Partido? Ontem à noite tu disseste a Hysni que, se tivesses falado na Sessão Plenária, terias provocado divisão. Já aqui, dizes-me que, se tivesses falado se te «lançariam à garganta». Qual das duas afirmações fica de pé? Se vens explicar isto por «razões de saúde», não nos convences. Como membro do Partido, tens a obrigação de dar as explicações que o Comité Central te pede. Conta-nos, portanto: porque pensas que os membros da Sessão Plenária não te julgariam com justeza?

O comunista fala abertamente nas reuniões do Partido. Quando ele crê estar a manifestar uma opinião correcta, sabe que isto corresponde aos interesses do Partido. Então, defende a sua opinião até ao fim, mesmo que todos estejam contra ela, como nos ensina Lenine. Deve-se olhar acima de tudo pelos interesses do Partido, e não o interesse pessoal. O comunista pode até morrer, pode até cair desmaiado na reunião, mas o Partido tem de conhecer o seu parecer — hoje ou daqui a 50 anos. Portanto, ele deve dar o seu ponto de vista tal como é. É assim que pensam os membros do Partido, e não como tu, que tens medo de falar na Sessão Plenária e vens dizer-nos aqui que «se falo, o meu coração pára de bater»! Peço-te novamente que nos expliques: que ideia é aquela que manifestaste a Hysni, de que a tua intervenção na reunião iria provocar divisão?

KOÇO TASHKO: Eu disse que não queria que os camaradas do Comité Central pensassem que eu estava a criticá-lo a si.

CAMARADA ENVER HOXHA: Tu é que pensas assim, e não os camaradas da Sessão Plenária, que têm uma justa compreensão da crítica. E, depois, porque não me criticarias? Diz-nos: o que é o Comité Central e o que sou eu? Eu sou um

membro do Partido, um soldado do Partido. Acima de mim está o Bureau Político, acima do Bureau Político está o Comité Central e acima deste está o Congresso do Partido. Então, porque preferes tu conversar a sós comigo ao invés de falar ao Comité Central, que é o órgão dirigente do Partido, ao passo que eu sou apenas um dos seus membros? Amanhã, voltarás novamente ao Comité Central para dar explicações sobre tais pontos de vista.

KOÇO TASHKO: Mas também há coisas que as pessoas devem conversar de maneira um pouco mais reservada.

CAMARADA ENVER HOXHA: Ao que parece, tu não possuis uma justa concepção do que é o Comité Central. O que é que há aqui para discutir de maneira reservada? Porquê discutir essas coisas reservadamente, por que razões? Como se explica que tu procures deixar de falar dessas questões no Comité Central? Porque te afliges com a preocupação de que, falando na Sessão Plenária do Comité Central, provocarias divisão nas suas fileiras? Não nos esclareceste isto.

Tu disseste aqui que, se tivesses falado na Sessão Plenária, poderia ter-se pensado que «o Koço esperou para dizer tais coisas numa reunião, no meio da multidão!». Como é que dizes isso do Comité Central? Estarás a regular bem da cabeça? O que é o Comité Central? Uma «multidão», uma aglomeração casual de pessoas? Tu podias mesmo ter dito essas coisas na Sessão Plenária, que não terias provocado nenhuma divisão, apenas terias rebaixado a autoridade que o Partido te concedeu. Pensa, fala como se deve falar no Partido, infeliz! O que é isto tudo? Tu já passaste vinte dias guardando estas ideias para ti, sem nada nos dizer.

Tu disseste que só estás de acordo com a nossa ida a Moscovo e que, «se tivermos algo a dizer sobre Kruchov, que lhe digamos a ele». Mas sabes muito bem — pois estavas no Comité Central e ouviste — que nós sempre dissemos o que pensávamos a Kruchov. Assim, o que podemos dizer a Kruchov não constitui novidade, pois já lhe dissemos na cara, não guardámos para nós. Ouviste ou não ouviste isto na Sessão Plená-

ria? Os factos estão a mostrar que tu não concordas com as decisões da Sessão Plenária, à excepção de uma coisa: que podemos ir a Moscovo.

Aqui não se trata nem de questões familiares, nem de questões entre amigos. Manifestaste pontos de vista contrários ao Comité Central. Não levantaste no tempo devido essas questões tão preocupantes, sobre as quais o Comité Central já decidiu que posição adoptar. Porquê então só hoje as levantas? Tratando-se de questões partidárias como essas, porquê esperar, pensando em encontrar o camarada Enver «quando ele for de férias»? Tu deverias ter vindo a nós logo no dia seguinte para discutir todos esses teus problemas, que se contrapõem às posições do Partido. Porque deixaste então esta questão arrastar-se por vinte dias? Estas atitudes não são próprias de um membro do Partido. Como é que tu as explicarás à tua organização de base?

KOÇO TASHKO: Não vim porque pensei que estavas ocupado com Thorez (42).

CAMARADA ENVER HOXHA: Mas eu só fiquei duas horas com Thorez! Tu devias ter solicitado um encontro, pois tinhas o dever de dizer tudo ao Partido, ao invés de ficar a pensar que «o camarada Enver agora está ocupado com Thorez», que «irei encontrá-lo quando ele for a Korça de férias», e assim por diante. E se eu não tivesse ido a Korça, como terias feito? Ainda continuarias a guardar essas coisas, sem as dizer, tanto mais que tu não querias falar delas a nenhum dos outros secretários do Comité Central?

KOÇO TASHKO: Como disse também aos camaradas soviéticos, eu tinha esperanças de que o camarada conversaria sobre estas questões com Thorez e que ele serviria de intermediário para alcançar uma solução.

CAMARADA ENVER HOXHA: Então, é esse o teu ponto de vista. E, ao que parece, foi isto que te levou a não solicitar

---

(42) Maurice Thorez, secretário-geral do PC Francês, que então se encontrava de férias na Albânia.

logo um encontro comigo. Porque é que tu tens esperanças em Thorez e em ti mesmo e não em Enver, que é o teu primeiro secretário? Consideras correcta a tua opinião de que, agora que veio Thorez, as coisas vão endireitar-se? E que coisas se vão endireitar, podes-nos dizer? Será que tu pensaste correctamente? Tu pensaste que, agora que veio Thorez, serão feitas tentativas para melhorar as relações com Kruchov. Que tentativas seriam? Segundo tu, que mediação solicitaríamos nós a Thorez? Explica-te!

KOÇO TASHKO: Isso é muito simples. Thorez é secretário-geral de um glorioso partido, e eu pensei: o camarada Enver vai falar com ele para que a Conferência de Moscovo se realize antes de Novembro.

CAMARADA ENVER HOXHA: Tu meteste na cabeça que a Conferência de Novembro tem de ser feita antes. Já te disse que isso não depende de nós. Nós queríamos e queremos que essa reunião se faça e declarámo-lo diante dos representantes de mais de 50 partidos. Em Bucareste, foi decidido que a conferência se realize em Moscovo, por ocasião dos festejos da grande Revolução Socialista de Outubro. Também foi decidido que, antes da conferência, funcione uma comissão composta de representantes dos 12 partidos dos países socialistas e de 14 partidos de países capitalistas. Antes, as questões serão discutidas na comissão e, depois, os materiais serão enviados a todos os partidos, e, portanto, também ao nosso. Quando nos chegarem esses materiais, nós estudá-los-emos com muita atenção e procederemos como ficou decidido na Sessão Plenária do Comité Central, como tu também tens conhecimento. Portanto, não tens motivo para pedir ao nosso Partido que a conferência se realize quanto antes, apesar de estarmos prontos a ir se ela se realizar antes do previsto.

Tu queres que a conferência se faça quanto antes. Mas vir a nós, conforme as normas partidárias, e falar ao primeiro secretário sobre o peso que te aflige, isso não fazes. Então, quais são as razões que te levam a pensar que «agora que

Thorez veio, as questões tomarão um bom caminho e serão resolvidas»? De que questões falas?

KOÇO TASHKO: Das questões que sabemos, ora bolas! Trata-se de tudo aquilo que se falou na Sessão Plenária e que estamos a falar também aqui!

CAMARADA ENVER HOXHA: Ou seja, que nós disséssemos tudo a Thorez para que ele fosse expor tudo lá onde tu pensas! Mas o que ficou resolvido no Comité Central? A Sessão Plenária decidiu que nós levantaremos as questões na Conferência de Moscovo. Assim, se nós as tivéssemos solucionado através de Thorez, isto significaria agir à margem da decisão do Comité Central. Como podes chegar a pensar desse modo?

KOÇO TASHKO: Eu penso ser justo utilizar Thorez para resolver alguma divergência que vocês tenham com Brejnev, Kozlov ([43]) e outros.

CAMARADA ENVER HOXHA: Quem é esse Brejnev? Porque é que nos vens assustar com esses? Nós não temos nada a ver com o presidente do Presidium do Soviete Supremo da União Soviética. Não nos venhas fazer provocações aqui! Quanto a Kozlov, o que tenho a dizer já lhe disse na cara e fá-lo-ei de novo.

Agora, fala-nos sobre os teus encontros com os soviéticos. Interessa-nos saber acerca do que conversaram. Mas diz-nos aquilo que for de importância.

KOÇO TASHKO: Em 29 de Julho, Bespalov ([44]) telefonou-me, convidando-me para conversar. Encontrei-me com ele no Clube Soviético, vimos um filme e depois saímos, indo ao Hotel «Dajti». Bespalov disse-me que as nossas relações tinham arrefecido.

CAMARADA ENVER HOXHA: E ele não te disse porquê?

([43]) Froll Kozlov, membro do Presidium e secretário do CC do PCUS.

([44]) F. Bespalov, primeiro secretário da Embaixada soviética em Tirana.

KOÇO TASHKO: Não me disse e nem eu perguntei. Conversámos sobre muita coisa. Eu disse-lhe que a Sessão Plenária do Comité Central do nosso Partido dera ao camarada Enver o encargo de resolver as questões. E disse-lhe ainda que talvez pudesse ser feito algo através das conversações com Thorez.

CAMARADA ENVER HOXHA: Mas qual era a tua opinião?

KOÇO TASHKO: A minha opinião era de que essas questões tinham de ser resolvidas na Conferência de Novembro ou em qualquer outra reunião que se pudesse realizar. Eu não excluo a possibilidade de uma outra reunião, além da de Novembro.

CAMARADA ENVER HOXHA: Assim, tu não exclues a possibilidade de uma outra reunião ... Continua.

KOÇO TASHKO: Eu disse a Bespalov que a vinda de Thorez ao nosso país acarretaria algo de positivo. Isto porque, naquele mesmo dia, tinha lido no jornal «Zeri i Popullit» o discurso pronunciado por Thorez em Korça e havia-me causado impressão o facto de ele dizer muito bem do nosso Partido, do Comité Central e do camarada Enver.

CAMARADA ENVER HOXHA: Ou seja, tu chegaste à conclusão de que nós havíamos conversado, levantado também essas questões e concordado com Thorez. Quer dizer, tu julgas as coisas de fora, imaginas que Thorez não veio para passar férias mas para manter conversações e ainda vais dizê-lo a Bespalov! Parece que pensaste que os camaradas do Bureau Político poderiam ter chegado a um acordo com Thorez e, partindo da avaliação do nosso Partido feita por Thorez no seu discurso de Korça, julgaste que a direcção do nosso Partido também fez concessões. Assim, conforme a tua opinião, o resultado é que todas as decisões da Sessão Plenária teriam sido rasgadas e Enver teria aderido às opiniões de Koço.

E com Novikov ([45]), encontraste-te?

([45]) K. Novikov, conselheiro da Embaixada soviética em Tirana.

KOÇO TASHKO: Sim. Bespalov disse-me para ir jantar a casa de Novikov, onde também estaria Ivanov ([46]). Depois do jantar, ficámos muito tempo a conversar. No fim da conversa, não me recordo como surgiu o assunto, acabámos falando sobre Thorez.

CAMARADA ENVER HOXHA: Esforça-te por te lembrares como surgiu esse assunto.

KOÇO TASHKO: Assim, falámos de Thorez ...

CAMARADA ENVER HOXHA: Toda a tua conversa girou só em tomo de Thorez?

KOÇO TASHKO: Sim, pois Thorez seria a salvação.

CAMARADA ENVER HOXHA: E Ivanov, o que foi que ele te disse?

KOÇO TASHKO: Não sei bem, ele falou de generalidades.

CAMARADA ENVER HOXHA: Nós conhecemos muito bem Ivanov, ele não é homem para falar de generalidades.

KOÇO TASHKO: Ivanov nunca conversou comigo sobre as questões de que estamos a falar, e tão-pouco Zolotov ([47]) e Bespalov. Eles são muito meus amigos.

CAMARADA ENVER HOXHA: A mim espanta-me o facto de que eles não tenham conversado contigo, que és seu amigo íntimo, mas se dirijam a quadros que nem conhecem bem, dizendo-lhes «venham conversar».

KOÇO TASHKO: Eles não conversaram comigo, e não só agora, mas também em 1957, quando me encontrava na União Soviética. Notei algo nas suas atenções para comigo naquela época: fizeram-me todas aquelas grandes honrarias, disseram-me «se quiseres, podes ficar na vivenda onde está o camarada Enver com a delegação governamental», convidaram-me até para a recepção que se realizou no Kremlin. Quer dizer, eles têm *uvajenie* (*) por mim e comportam-se bem

---

([46]) V. Ivanov, embaixador da URSS na República Popular da Albânia.

([47]) Funcionário da Embaixada soviética em Tirana.

(*) Em russo no original — respeito.

comigo. Mas, ultimamente, quando me cumprimenta, Ivanov retira logo a mão, para não me comprometer diante de alguém que não goste de mim.

CAMARADA ENVER HOXHA: Mas porque é que te comprometeria? Quem é que não gosta de ti? Isso é verdade?

KOÇO TASHKO: Não sei, não sei como explicá-lo.

CAMARADA ENVER HOXHA: Mas depois, porque é que Ivanov se aproximou novamente de ti?

KOÇO TASHKO: Essa é uma das perguntas que eu também faço a mim próprio.

CAMARADA ENVER HOXHA: Tu disseste que «toda a conversa com os soviéticos girou em torno de Thorez, pois essa questão era muito importante». No entanto, julgando importante a questão de Thorez, porque conversas com Novikov e Ivanov e não vens conversar comigo? Todos os teus colóquios com eles ocorreram antes de me enviares aquela carta.

KOÇO TASHKO: Eu encontrei-me com eles por acaso.

CAMARADA ENVER HOXHA: Os camaradas do Partido vão rir-se de ti quando se discutir esta questão. Se supões que o camarada Enver pode ter conversado com Thorez, por que motivo vais discutir a questão com os soviéticos?

KOÇO TASHKO: Não vejo nada de mal nisso.

CAMARADA ENVER HOXHA: Aqui, estamos nos escritórios do Comité Central; portanto, fala como se deve. Eu não sou promotor, mas primeiro secretário do Comité Central do Partido; portanto, discute as questões como se faz dentro do Partido. O que tu estás a dizer-nos não pega. Por um lado, dizes que só podes conversar com o camarada Enver, pois ele é o primeiro secretário do Comité Central; por outro lado, não lhe confias a tua opinião sobre o nosso Partido, mas vais dizer a Bespalov, que consideras — como tu mesmo disseste — um íntimo amigo. Que história é esta que nos vens contar? Bespalov é uma coisa, mas o primeiro secretário do Comité Central do nosso Partido é outra, muito diferente.

Porque é que desrespeitaste as normas organizativas do Partido, não vindo conversar comigo? Se tens divergências com o Comité Central e queres comunicá-las ao primeiro secretário, deverias ter feito isto no tempo devido, inclusivé imediatamente após a Sessão Plenária. Se depois tivesses ido ou não ter com os soviéticos, já seria uma outra questão. Para mim, não tinhas razão para ir. Mas tu não só foste conversar com os soviéticos, como também permaneceste sem nada nos dizer enquanto tiveste três encontros com eles.

KOÇO TASHKO: Três não, dois encontros tive eu.

CAMARADA ENVER HOXHA: É o que está escrito na tua própria carta. E mesmo que não tivesses tido encontro algum! Só o facto de teres concebido a ideia de ir conversar com eles antes de discutir com o teu Partido já teria sido inadmissível e contrário às normas organizativas partidárias.

Não concordo com essa história de que tu me escreveste antes de conversar com os soviéticos: o próprio conteúdo da carta desmente tal afirmação.

Segundo tu, Thorez teria vindo de Paris expressamente para conversar connosco sobre estas questões e, depois, ir a Moscovo. Quando Ivanov te disse que outros também irão a Moscovo em 8 de Agosto, além de Thorez, não ficaste interessado o bastante para perguntar quem são os outros? Mais ainda, quem te encarregou de dizer a Ivanov que o camarada Enver também devia ser convidado para tal encontro? Quem te autorizou a falar em nome do primeiro secretário do Comité Central?

Tu agoras vens dizer-me seres de opinião que não se deve deixar para Novembro a discussão das questões, «porque depois elas avolumam-se». Isso sabemos nós, mas sabemos também outra coisa: não é o nosso Partido que avoluma as questões, mas sim actos como os teus. Portanto, não acuses o nosso Partido. Nós já estamos há quatro ou cinco anos sem nos referir publicamente aos actos incorrectos de alguns dirigentes soviéticos. Alguns deles atacam-nos mas nós temo-nos mostrado pacientes. Tu, entretanto, vens dizer-nos que não devemos

deixar as questões avolumarem-se. Isto não é uma acusação? Eu já te disse e repito que não compete ao nosso Partido fixar a data da conferência. Porque meteste na cabeça que essa conferência tem de realizar-se quanto antes? Tu dizes a Ivanov que se deve convidar o camarada Enver, mas depois chegas aqui e dizes que vá eu mesmo conversar com Ivanov. Será que tu te dás a mínima conta do caminho em que te meteste? Porque ages assim? Que mal te fez o nosso Partido? Foi o Partido que te criou, ajudou, ajuda e ajudará. Mas o que fizeste é muito grave. Tu dizes que amas o Partido. Mas então porque não confias ao Partido o que tanto te preocupa?

KOÇO TASHKO: Eu disse-lhe que sou um tipo fleumático. Portanto, o camarada também deve ter em conta o lado humano e o temperamento das pessoas. Além disso, no encontro, os soviéticos encostaram-me à parede.

CAMARADA ENVER HOXHA: E como te encostaram à parede? Explica-te!

KOÇO TASHKO: Eu tencionava encontrar-me consigo, mas adiava esse encontro de dia para dia. Logo que conversei com Bespalov, compreendi que não podia adiar ainda mais a questão.

CAMARADA ENVER HOXHA: Explica-nos um pouco porque foste discutir com ele, já que tu condenas essa conversa.

KOÇO TASHKO: Não, eu não a condeno mas teria algo a dizer-lhe também a si.

CAMARADA ENVER HOXHA: A eles tu dizes tudo, enquanto ao primeiro secretário do Comité Central do teu Partido dizes apenas «algo». E quem é culpado disso que fizeste? Se é que tu compreendes a tua falta, então faz pelo menos um início de autocrítica. Os soviéticos com quem te encontraste não te perguntaram como tinha sido a Sessão Plenária?

KOÇO TASHKO: *(hesita em falar).* Pode ser que me tenham perguntado ...

CAMARADA ENVER HOXHA: Fala francamente: disseste alguma coisa sobre a Sessão Plenária? Ivanov não te

perguntou como é que as questões foram abordadas na Sessão Plenária? Ele colocou-te esta questão?

Além disso que foi aquilo que disseste a Hysni? Armado em conhecedor da história do Partido Comunista da União Soviética, colocas a nossa direcção no mesmo plano dos mencheviques e trotskistas e afirmas que estaria a acontecer no nosso país o mesmo que «na época do Kronstadt» ([48]) na União Soviética. Tu pensas tais coisas do teu próprio Partido? E o que somos nós? Guardas brancos? Tu conheces a história do nosso Partido? O grande carinho do nosso povo para com os povos da União Soviética não foi forjado por ti, mas pelo nosso Partido, com luta, sangue e suor. E tu, agora, ainda vens fazer-nos tais acusações! As raízes do que estás a dizer estão noutro lugar que não em ti. Portanto, pensa e reflecte; mas somente na linha do Partido, caso contrário não te corrigirás. Desce um pouco à terra. O Partido respeitou-te mais até do que merecias. A tua imaginação é doentia. E essa doença não apareceu agora: tu já a tens de há muito.

Para dizer a verdade, nunca na minha vida ouvi alguém discutir desta maneira, com afirmações sem pés nem cabeça, inteiramente desconexas. Muitos camaradas já se me dirigiram quando cometeram erros, abrindo-me os seus corações, mas saíram das conversações revigorados. Tu, no entanto, vens falar-me de «humanismo» de «tipo fleumático»! Eu sempre me mostrei humano para com as pessoas e os camaradas. Agora, porém, o que estás a querer com isso de «também levar em conta o lado humano»? Não queres por acaso que eu me abstenha de defender a linha do Partido e os seus interesses? Ora, por favor! Eu ponho os interesses do Partido e do povo acima de qualquer coisa e defendê-los-ei enquanto for vivo.

([48]) Revelando a sua tendência abertamente hostil, Koço Tashko comparava as justas críticas do PTA aos revisionistas kruchovianos com a rebelião do Kronstadt, em 1921, quando forças mencheviques e trotskistas, ajudadas pelo imperialismo anglo-norte-americano, se levantaram contra o poder soviético.

Se alguém tem factos para nos criticar, a mim e ao Comité Central, nós receberemos de braços abertos as críticas justas, como sempre fizemos. Mas se alguém nos critica pela nossa posição diante dos revisionistas jugoslavos, aí então nós dizemos «alto lá!», seja quem for, até mesmo Kruchov, pois nós nunca deixamos de chamar os bois pelo nome. Ele próprio afirmou que a direcção jugoslava é composta por agentes do imperialismo. Então, por que razão atacar o nosso Partido pelas suas justas posições contra os revisionistas jugoslavos? Por que razões? E como podemos nós ficar de boca fechada diante disso? Quando dizemos que o Partido Comunista da União Soviética é o partido-guia, isto não significa que devamos calar-nos diante dos erros de algum dos seus dirigentes.

Depois das conversações que realizámos em Moscovo, em 1957, deixámos por algum tempo de escrever contra o revisionismo jugoslavo na imprensa, em sinal de respeito pelo Partido Comunista da União Soviética. Todavia, logo a seguir, os revisionistas jugoslavos realizaram o seu tristemente célebre VII Congresso, com o que ficou novamente demonstrada a justeza da linha do nosso Partido. Mantendo-nos em posições revolucionárias, nós, ao mesmo tempo, também estamos a defender a própria União Soviética e o seu Partido Comunista. Quanto aos que, de uma ou outra forma, violam os princípios do marxismo-leninismo — sejam eles quem forem —, serão por nós criticados de maneira marxista-leninista. Ou não temos nós o direito de criticar alguém que tenha ultrapassado as medidas? Não podemos ficar calados quando se cometem erros. Pelo contrário, devemos criticá-los de forma marxista-leninista, pois assim defendemos a liberdade e a independência da nossa pátria e da própria União Soviética, já que por isto muito sangue foi derramado. É assim que se defende o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário, e não como tu pensas, Koço Tashko, que ficas a remoer as coisas na tua imaginação. O Partido Comunista da União Soviética tem o direito de agir como bem lhe pareça. Mas nós também temos o direito de nos manifestar sobre as observações que são feitas ao nosso Par-

tido. O nosso Partido luta até ao fim em defesa dos interesses do povo e do marxismo-leninismo contra os inimigos, mas a tua imaginação mórbida é de outro parecer. Crítica é crítica. Portanto, estando diante de erros, é oportunismo não criticar. Tu, porém, tens sofrido um pouco dessa doença. Eu acompanhei com cuidado a vida do Partido desde o início. Há ocasiões em que se deve falar pouco, mas há outras em que se deve rilhar os dentes; e quando se trata então dos princípios, deve-se defendê-los, não se pode violá-los.

Tu viste os nossos escritos de crítica aos revisionistas jugoslavos? Eles sempre invocaram a experiência do Partido Comunista da União Soviética. Então, que história é essa de vir enumerar-me os artigos publicados pelos soviéticos? Eu conheço-os mas também há diferenças de posição, que não são apenas de natureza táctica. E nós fizemos as nossas observações ao próprio Kruchov, não andámos a falar às escondidas; e fizemo-las de frente, assim como ele também nos fez as dele. Mas nada disto nos levou a nenhuma divisão. Tu conheces o ponto de vista do nosso Partido de que as divergências surgidas são divergências entre dois partidos, o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. E nós já dissemos no tempo devido que o exame destas questões em Bucareste era prematuro e apressado e que elas deveriam ser resolvidas com cuidado, aplicando-se rigorosamente as normas organizativas leninistas que regem as relações entre os partidos. Então, o que te leva a adoptar essa posição contra o Comité Central? Portanto — falo-te como camarada — reflecte sobre estas questões. Nestes dois ou três dias, conforme as normas do Partido, tens a possibilidade de escrever ao Comité Central sobre todas estas questões.

KOÇO TASHKO: Não tenho mais nada para dizer.

CAMARADA ENVER HOXHA: Ou seja, tu recusas-te a agir como qualquer outro membro do Partido a quem o Partido estende a mão para lhe possibilitar um exame aprofundado dos seus erros. Assim sendo, não venhas dizer amanhã que

«o camarada Enver não me deu possibilidades de reflectir mais profundamente sobre os meus erros».

KOÇO TASHKO: Não tenho mais nada para dizer. O que tinha, já disse aqui.

CAMARADA ENVER HOXHA: Em suma, essas são as tuas posições. Não vais revê-las? Eu aconselho-te mais uma vez a reflectir hoje, amanhã e depois de amanhã, entregando-nos então por escrito as tuas opiniões. Depois, julgaremos o teu caso no Comité Central, pois trata-se de uma questão importante, que deve ser discutida e decidida pela Sessão Plenária do Comité Central do Partido.

KOÇO TASHKO: Escrever não escrevo. O que eu tinha a dizer, já disse.

Publicado péla primeira ves no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o texto extraído da acta do encontro existente no Arquivo Central do Partido.

CARTA ENVIADA AO CC DO PC DA UNIÃO SOVIÉTICA SOBRE A ABERTA INTERVENÇÃO DE ALGUNS FUNCIONÁRIOS DA EMBAIXADA DA URSS EM TIRANA NOS ASSUNTOS INTERNOS DO PTA E DO ESTADO ALBANÊS

6 de Agosto de 1960

Nas suas relações com o Partido Comunista da União Soviética, o Partido do Trabalho da Albânia sempre se guiou e continuará a guiar-se pelos grandes princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário (...).

É com grande pesar que comunicamos que, nos últimos tempos, depois da reunião de representantes dos partidos comunistas e operários de Bucareste temos constatado uma mudança radical na atitude de algumas pessoas do quadro de funcionários da Embaixada soviética em Tirana. É uma atitude que só pode trazer prejuízos às relações amistosas entre os nossos dois países e partidos, pois concretiza-se numa intervenção aberta dessas pessoas nos assuntos internos do nosso Partido e do nosso Estado. É uma atitude contrária à que sempre foi mantida pelos soviéticos em relação às nossas questões internas.

Constatamos com grande amargura que o camarada K. I. Novikov, conselheiro da Embaixada soviética em Tirana, à margem de todas as normas partidárias e dos preceitos que regem as nossas relações fraternais, tentou muitas vezes recolher informações de quadros e funcionários do nosso Partido, tanto em Tirana como em Elbassan, Durres e outros lugares, sobre questões internas tão importantes como os assuntos exa-

minados pela Sessão Plenária do Comité Central do Partido, os quais se relacionam com a linha política geral do Partido do Trabalho da Albânia. Ele falou abertamente a quadros do nosso Partido contra a linha geral do Partido procurando convertê-los para os levar a posições erradas contrárias às do Comité Central do nosso Partido.

O primeiro secretário da Embaixada soviética, F. P. Bespalov, juntamente com o embaixador, camarada V. I. Ivanov, e com o conselheiro, camarada K. I. Novikov, utilizando-se de métodos inadmissíveis nas relações entre partidos marxistas-leninistas, conseguiram influenciar negativamente Koço Tashko, presidente da Comissão Central de Verificação do nosso Partido, atraíndo-o para posições abertamente contrárias à linha geral do nosso Partido. Essa actividade constitui uma flagrante e inaceitável intervenção nos assuntos internos do nosso Partido marxista-leninista por parte desses funcionários da Embaixada soviética representando uma acção abertamente dirigida contra a unidade do nosso Partido e contra a sua linha geral.

Sentimo-nos particularmente pesarosos pela atitude do embaixador soviético, camarada Ivanov, o qual, nos últimos tempos foi tão longe na sua actividade inamistosa face ao nosso Partido, a ponto de ter tido a ousadia de, no aeroporto de Tirana, publicamente, fazer aos nossos generais e oficiais a espantosa e suspeita pergunta: «A quem permanece fiel o Exército?» Os nossos generais deram-lhe prontamente a resposta devida, vindo depois ao Comité Central do Partido — com lágrimas nos olhos, revoltados com a tendenciosa pergunta do camarada Ivanov — levantando uma questão plenamente lógica: «Porque fez ele uma pergunta destas, pondo em dúvida a fidelidade do nosso Exército ao Partido, à pátria, ao povo e ao campo socialista?» Todos nós consideramos absolutamente inadmissível esta atitude do embaixador da União Soviética, camarada Ivanov.

Tais factos — e como esses há ainda muitos outros — afligiram-nos desmedidamente. Até hoje temo-nos feitos

surdos e temos fechado os olhos em relação ao procedimento desses funcionários da Embaixada soviética e só o fizemos em função dos interesses da grande amizade existente entre os nossos dois países. Agora, no entanto, que os actos de alguns funcionários da Embaixada soviética contra a linha geral e a unidade do nosso Partido assumem proporções insuportáveis, sentimo-nos na obrigação de vos informar amigavelmente sobre eles, com a esperança de que tomareis as medidas correspondentes. Tais actos de alguns funcionários da Embaixada soviética não contribuem para o fortalecimento da amizade que liga os nossos dois países, e, além do mais, prejudicam as relações internacionalistas existentes entre os nossos dois partidos.

Sentimo-nos no dever de vos comunicar tais coisas, falando franca e correctamente, como sempre fizemos e como nos ensina o próprio Partido do grande Lenine. Não compreendemos porque se deu uma mudança desta natureza na atitude dos referidos funcionários da Embaixada soviética. Eles falam abertamente aos nossos quadros contra a posição assumida pelo nosso Partido na Reunião dos partidos comunistas e operários de Bucareste e esforçam-se intensamente por quebrar a unidade do nosso Partido e da sua direcção.

A posição do nosso Partido na Reunião de Bucareste foi clara como a luz do Sol. O nosso Partido exprimiu franca e claramente os seus pontos de vista naquela reunião e a ninguém é permitido deformar a realidade dessas posições. Assim como falámos franca e claramente em Bucareste sobre as questões apresentadas àquela reunião, da mesma forma também falaremos franca e claramente na próxima reunião, a realizar-se em Moscovo, em conformidade com a decisão de todos os partidos que participaram da Reunião de Bucareste. A ninguém é permitido, por razão alguma, intervir nos nossos assuntos internos para modificar a justa posição marxista-leninista do nosso Partido, como tentam fazer alguns funcionários da Embaixada soviética em Tirana.

A exemplo de todos os demais partidos marxistas-leninistas, o nosso Partido tem o direito de possuir o seu próprio ponto de vista e manifestar livremente as suas opiniões da maneira que pensa, como nos ensina o grande Lenine. Foi o marxismo-leninismo quem deu ao nosso Partido o direito de manifestar livremente os seus pontos de vista. Assim, é inteiramente inadmissível que se façam esforços para apresentar a situação como se o nosso Partido tivesse assumido ultimamente um caminho tortuoso, como tratam de «provar» alguns funcionários da Embaixada soviética.

Engana-se redondamente quem quer que trate de deformar a realidade no que se refere à posição do nosso Partido. O Partido do Trabalho da Albânia sempre foi, é e continuará por toda a vida fiel ao marxismo-leninismo. O melhor testemunho disso é todo o glorioso caminho percorrido pelo nosso Partido, desde a sua fundação até aos dias de hoje (...). E, como sempre, o Partido do Trabalho da Albânia continuará a lutar com todas as suas forças para se manter consequentemente fiel ao marxismo-leninismo, como nos ensina o grande Lenine (...).

O Comité Central do nosso Partido considera que a diferença de posições observada na Reunião de Bucareste entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido do Trabalho da Albânia não deve tomar-se motivo de intervenção nos assuntos internos de um ou de outro, por parte de quem quer que seja, pois isto não iria contribuir para a causa e, além do mais, prejudicaria os interesses comuns dos nossos dois partidos.

Estamos convencidos de que tomareis as medidas necessárias para que não mais se repitam casos como estes na actividade dos funcionários da Embaixada soviética em Tirana.

Saudações comunistas
Em nome do Comité Central
do Partido do Trabalho da Albânia

O primeiro secretário
Enver Hoxha

Publicado pela primeira vez na colecção «Principais Documentos do Partido do Trabalho da Albânia» (Ed. albanesa), 3.º Volume, 1970, pág. 344.

Publica-se conforme o 19.º Volume.

CARTA ENVIADA A TODAS AS ORGANIZAÇÕES DE BASE DO PARTIDO ACERCA DA REALIZAÇÃO DA REUNIÃO DE BUCARESTE E SOBRE AS DIVERGÊNCIAS ENTRE O PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E O PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

9 de Agosto de 1960

Surgiram algumas importantes divergências ideológicas e políticas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. Já se começou a falar dessas divergências tanto na imprensa chinesa e soviética como nos discursos dos dirigentes desses dois países, naturalmente sem mencionar nomes, mas fazendo alusões de fácil compreensão para qualquer pessoa. Estas questões também foram abordadas e discutidas abertamente na reunião realizada em Bucareste pelos representantes dos partidos comunistas e operários que lá estavam como delegados dos seus partidos ao III Congresso do Partido Operário da Roménia. O Comité Central do Partido considera necessário, através desta carta, informar todas as organizações do Partido sobre a nossa posição em relação ao problema.

Em 2 de Junho de 1960, o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética enviou uma carta ao Comité Central do nosso Partido, propondo a realização de uma reunião de representantes dos partidos comunistas e operários dos países do campo socialista, em fins de Junho, «para troca de opiniões sobre questões da actual situação internacional e

fixação da nossa respectiva linha comum». O Comité Central do nosso Partido respondeu imediatamente à carta, salientando estar inteiramente de acordo com a realização da reunião proposta para fins de Junho e informando que o camarada Enver Hoxha chefiaria a delegação do nosso Partido àquela reunião.

Em 7 de Junho, contudo, o nosso Comité Central recebeu uma outra carta do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética informando que todos os partidos se haviam declarado, em princípio, favoráveis à realização da reunião de representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista, mas que alguns de entre eles propunham a sua transferência para uma data posterior. Dizia sobre isso a carta de 7 de Junho do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética: «No tocante à data de convocação da reunião, poderíamos discutir previamente com o representante do vosso Partido quando do III Congresso do Partido Operário da Roménia, em 20 de Junho, depois do qual, de acordo com os comités centrais dos partidos irmãos, podemos fixar definitivamente a data da reunião.» O Comité Central do nosso Partido respondeu ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética informando estar de acordo com a ideia de transferir a reunião e discutir em Bucareste a fixação da data da sua realização. Para tanto, o Bureau Político do Comité Central autorizou o camarada Hysni Kapo — que chefiou a delegação do nosso Partido ao III Congresso do Partido Operário da Roménia — a trocar opiniões com os representantes dos partidos irmãos que se encontrassem no Congresso, tendo em vista a fixação da data da reunião proposta nas cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

Mas, efectivamente, a nossa delegação, que tinha ido a Bucareste para participar no Congresso do Partido Operário da Roménia e para chegar a um acordo sobre a fixação da data da reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista, encontrou-se perante uma reunião internacional previamente preparada. Era uma reunião

contrária a tudo o que tinha sido decidido e ao próprio conteúdo das cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética de que falámos pouco antes. E a ordem-do-dia também era inteiramente diferente: em vez de se trocarem opiniões para fixar a data da reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários, como dizia a carta do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, colocava-se sob acusação o Partido Comunista da China. Com esse objectivo, apenas dez horas antes da reunião, todos os delegados estrangeiros (a maioria dos quais eram apenas membros dos seus comités centrais) receberam um material de 65 páginas, preparado pelos camaradas soviéticos, o qual expunha os pontos de vista do Partido Comunista da União Soviética sobre as suas divergências com os camaradas chineses. E, apesar de se tratar de uma questão tão importante e delicada, exigia-se, em apenas dez horas, que os representantes de mais de 50 partidos comunistas e operários de diversos países, que tinham ido a Bucareste com outro objectivo, tomassem posição e acusassem o Partido Comunista da China.

Está bem claro que a reunião foi organizada de maneira apressada, contrariamente às mais elementares normas organizativas leninistas. Bem sabeis, queridos camaradas, que mesmo nas organizações de base do Partido, quando se levanta a discussão do caso de um simples militante, o Partido ensina-nos sempre a sermos prudentes, ponderados e justos e nunca precipitados. Aplicando este princípio leninista do Partido, as organizações de base reunem-se uma, duas e frequentemente até três vezes, os comunistas são informados pelo menos três dias antes sobre a ordem-do-dia e o seu conteúdo, formam-se comissões para preparar os materiais necessários, e assim por diante. Este, e somente este, é o justo caminho do Partido, o caminho organizativo que nos é ensinado pelo marxismo-leninismo. E se nós agimos assim quando se trata de um simples membro do Partido, é normal que um partido inteiro, que conta com vários milhões de membros nas suas fileiras e dirige um povo de quase 700 milhões de seres, seja

acusado de uma maneira tão apressada e contrária a qualquer norma organizativa?

Nas circunstâncias em que foi preparada e se realizou a Reunião de Bucareste, o Bureau Político do nosso Partido adoptou uma justa posição, a única correcta, marxista-leninista e de princípios que se poderia assumir. Que posição foi essa? Ela pode ser resumida em poucas palavras: *primeiro,* as divergências em foco são divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China; *segundo,* a Reunião de Bucareste foi prematura e contrária às normas organizativas leninistas; *terceiro,* o nosso Partido dará a sua palavra sobre essas divergências na próxima Conferência, que deve ser preparada conforme as normas e práticas vigentes nos partidos comunistas e operários.

O nosso Partido do Trabalho considera que a reunião promovida em Bucareste foi irregular e prematura, não se realizando conforme o acordo concluído através de cartas entre o Partido Comunista da União Soviética e os demais partidos irmãos — segundo o qual, em Bucareste, só iria fixar-se a data da próxima reunião — e contrariamente às normas organizativas dos partidos comunistas e operários. Assim, por um lado, tendo em conta tudo o que já foi dito e, por outro lado considerando que apenas dez horas antes da reunião recebemos um material que só expunha o ponto de vista dos camaradas soviéticos, o nosso Partido não poderia pronunciar-se em Bucareste sobre as divergências existentes entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. O nosso Partido dará o seu ponto de vista sobre as referidas divergências na próxima Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários, a realizar-se mais tarde, mas só depois de ter estudado com atenção, ponderação e espírito de justiça marxista-leninista os materiais das duas partes. O nosso Partido, que sempre lutou fielmente em defesa dos princípios do marxismo-leninismo, considera que somente numa reunião organizada conforme as normas organizativas leninistas, depois de se ouvir os argumentos das duas partes, com

paciência, serenidade e num espírito de camaradagem, é que se pode concluir quem está certo e quem está errado, bem como definir uma orientação conjunta para se trabalhar pelo bem do socialismo e do comunismo, pelo bem da unidade do nosso campo socialista.

Foi esta sábia posição leninista de princípios que o camarada Hysni Kapo defendeu na Reunião de Bucareste, conforme as instruções do Bureau Político. E essa posição, como já estais informados através do comunicado publicado na imprensa, foi aprovada inteiramente, por unanimidade, pela Sessão Plenária do Comité Central, que se reuniu em 11/12 de Junho de 1960. O Comité Central está convencido de que cada membro do nosso heróico Partido apoiará esta justa posição de princípios. A nossa correcta posição só poderá deixar de agradar àqueles que não querem respeitar as normas leninistas.

As divergências existentes entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China envolvem os dois maiores países e partidos do campo socialista, e o nosso Partido não pode ficar indiferente perante elas (...). Como sempre fez, o nosso Partido continuará a trabalhar também no futuro para, com base no marxismo-leninismo, fortalecer o nosso carinho e amizade para com a União Soviética, os povos soviéticos e o Partido Comunista da União Soviética, pois não há afecto mais forte e sincero do que aquele que se baseia nos vitoriosos ensinamentos do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Mas, ao mesmo tempo, é inegável e indiscutível que a grande China, o seu povo e o seu Partido também nos são muito queridos, como de resto, para todos os países do campo socialista.

Assim, a exemplo de todos os demais partidos, o nosso Partido tem interesse em que esta importante questão seja resolvida correctamente, com base nos ensinamentos do marxismo-leninismo. E o nosso Partido confia em que esta questão será solucionada na próxima conferência a realizar-se daqui a dois ou três meses, e de cuja preparação está encarregada uma comissão formada por representantes de muitos partidos

irmãos, entre os quais o nosso. Se estamos firmemente convencidos disso é porque temos confiança no marxismo-leninismo, que já enfrentou muitas tempestades e saiu sempre vitorioso.

O nosso Partido do Trabalho sempre trabalhou e lutou pelo triunfo do marxismo-leninismo, pela sua aplicação prática e pela salvaguarda da pureza dos seus princípios. É por esta razão que, ao longo de toda a sua gloriosa história, ele sempre possuiu uma linha inteiramente correcta, em conformidade com os ensinamentos de Lenine e em correspondência com os interesses do povo albanês, do socialismo e do comunismo. E é esta linha, baseada nestes princípios, que o nosso Partido continuará a seguir, sem vacilações, também no futuro. Lutaremos e trabalharemos pelo triunfo do marxismo-leninismo e pela aplicação da Declaração de Moscovo de 1957 e também do Comunicado de Bucareste, o qual foi aprovado unanimemente pelo Comité Central do nosso Partido como a imprensa já informou.

O nosso Partido também aumentará e fortalecerá a sua vigilância revolucionária, a qual deve estar sempre no devido nível, como compete a um heróico partido como o nosso. E isto porque, como sempre, os inimigos do Partido e do povo, bem como os elementos fracos, oportunistas e cobardes se esforçarão por diversos meios por atacar o Partido e a sua justa linha, colocar em dúvida e caluniar a nossa amizade com a grande União Soviética e com a República Popular da China e difundir as palavras de ordem e os pontos de vista mais variados, a fim de criar confusão ideológica nas nossas fileiras. Mantendo-se vigilantes, todos os membros do nosso glorioso Partido devem lutar com audácia e decisão contra qualquer tentativa dos inimigos para alcançar esses infames objectivos.

O nosso Partido deve fortalecer ainda mais a férrea unidade das suas fileiras, a unidade de todo o Partido em torno do seu Comité Central leninista e a unidade do Partido com o nosso heróico povo. A nossa inquebrantável unidade sempre

foi a condição decisiva para superarmos com êxito qualquer obstáculo e avançar rumo a novos êxitos. E também agora ela constitui a condição decisiva para o triunfo da linha do Partido, bem como para esmagar qualquer actividade dos nossos inimigos e desbaratar os oportunistas, os elementos fracos e os cobardes.

O Comité Central do Partido está inabalavelmente convencido de que todas as suas organizações de base e todos os seus membros — que foram educados pelo Partido como seus fiéis filhos e como fiéis filhos do nosso povo, devotados até à morte ao marxismo-leninismo — também no julgamento desta importante questão, como sempre, mostrarão justeza, audácia, ponderação e firmeza de princípios, estreitando ainda mais as suas fileiras em tomo do Comité Central do nosso Partido.

O primeiro secretário do Comité Central
do Partido do Trabalho da Albânia
Enver Hoxha

Publicado pela primeira vez na colecção «Principais Documentos do PTA» (Ed. albanesa), 3.º Volume, 1970, pág. 348.

Publica-se conforme o 19.º Volume.

SÓ SE ALCANÇA E FORTALECE A VERDADEIRA UNIDADE NA BASE DOS PRINCÍPIOS MARXISTAS-LENINISTAS

Carta enviada ao CC do PCUS e ao CC do PC da China

27 de Agosto de 1960

Queridos camaradas:

Como se sabe, na Reunião de Bucareste, realizada por representantes dos partidos comunistas e operários em Junho deste ano, a delegação do Partido do Trabalho da Albânia, em conformidade com as directrizes do Comité Central do nosso Partido, assumiu uma posição diferente da mantida pela delegação do Partido Comunista da União Soviética e pelas delegações da maioria dos partidos participantes, no que se refere às divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China.

O Partido do Trabalho da Albânia alimenta o mais profundo respeito por todos os partidos comunistas e operários do mundo. Desta forma, manifesta o seu grande pesar por ter sido obrigado, pela primeira vez na sua história revolucionária, a tomar uma posição como a que assumiu na Reunião de Bucareste, contrária à posição da maioria das delegações dos partidos comunistas e operários. Mas o nosso Partido, a exemplo de qualquer outro partido marxista-leninista, tem o direito de manifestar a sua opinião como manda a sua própria consciência e de assumir a posição que julgue correcta.

Na Reunião de Bucareste, a delegação do Partido Comunista da União Soviética distribuiu um documento às delegações dos demais partidos, declarando por escrito que o Partido Comunista da China havia violado a Declaração de Moscovo de 1957. Naquela reunião (...) encontrámo-nos diante de uma verdadeira conferência internacional, organizada especialmente para criticar o Partido Comunista da China por «violação» da Declaração de Moscovo, baseando-se para tanto no documento apresentado pela delegação do Partido Comunista da União Soviética, o qual foi entregue à nossa delegação apenas dez horas antes da reunião.

Como se sabe, o marxismo-leninismo ensina-nos que ao examinar os erros de um comunista, devemos ser muito cuidadosos e prudentes, analisando profundamente todas as causas dos erros por ele cometidos, esforçando-nos por convencê-lo dos seus próprios erros e levando o seu caso à organização de base ou ao organismo partidário correspondente, onde a questão deve ser examinada com a maior obectividade, com base nos princípios marxistas-leninistas, visando alcançar um único objectivo: que esse comunista melhore e retome o caminho justo. E se fazemos tantos esforços para analisar os erros de um comunista e salvá-lo desses erros, o que não devemos então fazer quando se trata de um partido marxista que conta com milhões de membros nas suas fileiras e que possui um grande estágio de actividade revolucionária coerente, como é o caso do Partido Comunista da China? É por si só compreensível que esforços gigantescos deveriam ter sido feitos antes de se «trocarem opiniões sobre os erros de um partido» numa reunião comunista internacional, como foi o caso da Reunião de Bucareste. Mas, infelizmente, tais esforços não foram feitos.

O Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia parte do princípio marxista-leninista de que, para poder manifestar a sua opinião sobre os erros ideológicos e políticos de um outro partido marxista, deve primeiro convencer-se da existência desses erros, com base nos factos. E essa convicção só pode surgir quando a Sessão Plenária do Comité Central do Partido ana-

lisa com serenidade com base no método marxista-leninista todos os argumentos referentes à questão, ou seja, apresentados tanto pela parte criticante como pela parte criticada. Só depois da Sessão Plenária do Comité Central do nosso Partido ter feito esta análise marxista-leninista é que estaremos em condições de apresentar uma opinião objectiva sobre os erros de um outro partido. Pensamos que este é o método mais correcto para o exame dos erros ideológicos de um partido irmão. E é justamente este método que o Comité Central do nosso Partido utilizará para chegar a conclusões definitivas a propósito dos «erros» atribuídos pelo Partido Comunista da União Soviética ao Partido Comunista da China, a fim de exprimir a sua própria opinião sobre a questão na próxima Conferência dos partidos comunistas e operários, a realizar-se em Novembro deste ano. Consideramos que actuar de forma diferente, como aconteceu na Reunião de Bucareste, significa condenar um partido irmão sem uma análise serena e cabal de todos os factos, que permita concluir se o partido em questão errou ou não. Nestes casos, a pressa é prejudicial.

Foi por esta razão que a delegação do nosso Partido declarou na Reunião de Bucareste que foi entre o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e o Comité Central do Partido Comunista da China que tais divergências surgiram; que deveriam ser feitos esforços para a solução das divergências através de conversações entre os dois partidos; que, em caso de não se alcançar esse objectivo, então que a questão fosse apresentada a todos os demais partidos irmãos para que eles manifestassem as suas opiniões; que a reunião de Bucareste era prematura e não se conciliava com as normas leninistas; e que o Partido do Trabalho da Albânia manifestaria o seu próprio ponto de vista sobre as divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China na próxima Conferência dos partidos comunistas e operários, a realizar-se em Novembro.

Naturalmente, as divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da

China têm uma grande importância de princípios, ideológica e política. E a solução dessas divergências é de vital importância para a unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional. Hoje, todos os partidos marxistas — entre os quais também o Partido do Trabalho da Albânia — estão interessados na solução dessas divergências. E não só isto: todos os partidos marxistas têm a obrigação de contribuir para a sua solução, na medida em que elas já sairam do quadro das relações entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, assumindo um carácter internacional.

Depois da Reunião de Bucareste, alguns partidos comunistas e operários dos países do campo socialista, entre os quais também o Partido Comunista da União Soviética, entregaram ao Comité Central do nosso Partido cópias de cartas por eles enviadas ao Partido Comunista da China. Tais cartas chegam à conclusão de que o Partido Comunista da China «se desviou da teoria e da prática marxista-leninista» (...) e fazem afirmações que nos convencem ainda mais de que a nossa posição na Reunião de Bucareste foi inteiramente correcta, marxista-leninista. Conforme o nosso ponto de vista, tais afirmações comprovam que a Reunião de Bucareste não se limitou a uma simples «troca» de opiniões «sobre os erros do Partido Comunista da China», já que os partidos que enviaram aquelas cartas condenaram *de facto o* Partido Comunista da China.

Além disso, essas cartas salientam que a Reunião de Bucareste comprovou a existência de uma «unidade total de todos os partidos comunistas e operários» no que se refere à crítica aos «erros» do Partido Comunista da China. Uma afirmação desta natureza dá a entender que o Partido do Trabalho da Albânia também teria alinhado com a maioria dos demais partidos comunistas e operários no que toca aos «erros» atribuídos ao Partido Comunista da China. Se por isso se entende a aprovação do comunicado da Reunião de Bucareste, concordamos que houve unidade de todos os partidos, pois

o nosso Partido também aprovou o comunicado. Se, porém, se entende a «unidade de todos os partidos» no que toca às divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, tal afirmação não corresponde à verdade, pelo menos no que se refere ao nosso Partido. E isto porque o Partido do Trabalho da Albânia não se associou à maioria dos demais partidos no que respeita a tais divergências, tendo declarado muitas vezes que manifestará a sua própria opinião sobre a questão na Conferência dos partidos comunistas e operários a realizar-se em Novembro próximo. Assim, afirmar que na Reunião de Bucareste houve «completa unidade de todos os partidos» em torno da crítica aos «erros» do Partido Comunista da China significa deformar os factos e a verdade.

O Comité Central do nosso Partido está hoje ainda mais convencido do que já estava de que a Reunião de Bucareste, longe de eliminar as divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, aprofundou-as ainda mais, levando-as a assumir proporções inquietantes.

Como já dissemos, a solução das divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China reveste-se de vital importância para a unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional. Assim sendo, consideramos que se devem fazer todos os esforços para chegar a uma solução com base nos princípios marxistas-leninistas, ainda mais perante o facto de que os inimigos do marxismo-leninismo — o imperialismo e o revisionismo — já começaram a aproveitar-se da existência dessas divergências para atacar o marxismo-leninismo, bem como para desacreditar e dividir o campo socialista e o movimento comunista internacional.

O Comité Central do nosso Partido considera não haver hoje questão mais importante para a vida de todos os partidos comunistas e operários do mundo, bem como para salvaguarda e o fortalecimento da unidade do campo socialista e do movi-

mento comunista internacional, do que a solução dessas divergências com base nos princípios do marxismo-leninismo (...).

O nosso Partido manter-se-á sempre vigilante face aos planos e actos belicosos do imperialismo e diante do revisionismo contemporâneo que, conforme a definição da Declaração de Moscovo, é o principal perigo para o movimento comunista internacional.

Saudações fraternais
Pelo Comité Central
do Partido do Trabalho da Albânia
Enver Hoxha

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

CARTA ENVIADA AO CC DO PCUS SOBRE A SUA PROPOSTA DE UM ENCONTRO ENTRE REPRESENTANTES DO PCUS E DO PTA ANTES DA CONFERÊNCIA DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS DE NOVEMBRO DE 1960 EM MOSCOVO

29 de Agosto de 1960

Recebemos há dias a vossa carta datada de 13 de Agosto deste ano, referente à Reunião de representantes dos partidos comunistas e operários realizada em Bucareste, através da qual nos é proposta a realização de um encontro de representantes dos nossos partidos antes da Conferência de Novembro dos partidos comunistas e operários, a fim de que «o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista da União Soviética compareçam à próxima Conferência de Novembro em completa unidade de opiniões» e de que «se apague no devido tempo, a centelha do mal-entendido que surgiu, de maneira que ela não se transforme em chama» (...).

Como se sabe, o marxismo-leninismo ensina-nos que, ao surgirem mal-entendidos, contradições e divergências entre dois partidos marxistas eles devem ser resolvidos através de conversações entre os dois partidos interessados, com base nos princípios marxistas-leninistas. E ensina-nos também que seria uma violação elementar das normas marxistas-leninistas que regulam as relações entre os partidos comunistas e operários se dois partidos realizassem conversações que tivessem por objecto a crítica à linha geral de um outro partido marxista.

E sabido que a reunião dos partidos comunistas e operários de Bucareste não examinou as relações entre o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista da União Soviética. Contrariamente à ordem do dia estabelecida anteriormente por todos os partidos dos países do campo socialista, aquela reunião, de forma inesperada e precipitada, discutiu uma questão tão relevante e vital como as divergências ideológicas e políticas de princípios surgidas entre o Partido Comunista da União Soviétiva e o Partido Comunista da China.

A nossa posição na Reunião de Bucareste foi clara. Não foi tomada em virtude de algum «mal-entendido», como se alude na vossa carta, mas sim adoptada em plena consciência. E assumimos toda a responsabilidade por ela diante do nosso povo e do movimento comunista internacional. A nossa posição na Reunião de Bucareste constitui uma aplicação coerente da linha ideológica e política geral do nosso Partido, a qual sempre se ateve inteiramente aos princípios, ao marxismo-leninismo e à Declaração de Moscovo, como vós próprios reconheceis.

A contradição surgida em Bucareste entre a nossa e a vossa posição não é resultado do exame das relações entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido do Trabalho da Albânia, mas sim da «troca de opiniões» sobre os erros atribuídos pelo Partido Comunista da União Soviética ao Partido Comunista da China. Portanto, se viesse a ter lugar um encontro entre representantes do Partido do Trabalho da Albânia e do Partido Comunista da União Soviética, conforme a proposta contida na vossa carta, ele teria por objecto os erros atribuídos ao Partido Comunista da China pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. E isto seria feito por representantes dos nossos dois partidos sem a preseça do terceiro partido interessado, ou seja o Partido Comunista da China. Compreende-se por si só que um acto como este não seria correcto e longe de contribuir para a causa comum, acabaria por prejudicá-la.

A exemplo de qualquer outro partido marxista, o nosso Partido também se sente no dever de dar a sua própria contribuição à solução dessas divergências. Tratando-se de questões tão relevantes, a indiferença e a neutralidade são inconciliáveis com o marxismo-leninismo. Desta forma, como já declarámos várias vezes, o nosso Partido dará o seu próprio ponto de vista sobre as divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China quando da próxima Conferência dos partidos comunistas e operários.

Asseguramos-lhes que o Partido do Trabalho da Albânia manter-se-á sempre fiel ao marxismo-leninismo (...) e aos interesses do seu povo e da própria pátria. Estamos convictos de que não fomos nós a produzir a «centelha do mal-entendido» na Reunião de Bucareste e garantimos-lhes que jamais seríamos nós a transformá-la em «chamas». Confiamos que o Partido Comunista da União Soviética e todos os demais partidos irmãos terão uma justa compreensão da nossa posição marxista-leninista (...).

Saudações fraternais
Pelo Comité Central
do Partido do Trabalho da Albânia
Enver Hoxha

Publicado pela primeira vez na colecção «Principais Documentos do Partido do Trabalho da Albânia» (Ed. albanesa), 3.º Volume, 1970, pág. 353.

Publica-se conforme o 19.º Volume.

NÃO IREMOS A MOSCOVO COM DEZ BANDEIRAS, MAS COM UMA SÓ, A BANDEIRA DO MARXISMO-LENINISMO

Intervenção na XVIII Sessão Plenária do CC do PTA sobre os graves erros de Liri Belishova em questões programáticas

6 de Setembro de 1960

Antes de falar sobre Liri Belishova, devo informar a Sessão Plenária sobre algumas decisões tomadas pelo Bureau Político.

Nas últimas semanas, mantivemos correspondência com o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

Os Comités Centrais dos Partidos Comunistas da União Soviética, Bulgária, Roménia e Checoslováquia deram-nos conhecimento de cartas por eles enviadas ao Partido Comunista da China. Na essência, as cartas acusam duramente o Partido Comunista da China de se ter desviado do marxismo-leninismo, de dogmatismo, de sectarismo e de chauvinismo de grande Estado, além de outras acusações deste género. Ao mesmo tempo, defendem N. S. Kruchov das afirmações de um documento que a delegação do Partido Comunista da China distribuiu aos representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista ao encerrar-se a Reunião de Bucareste. O material dos camaradas chineses dizia, entre outras coisas, que a Reunião de Bucareste se tinha realizado de forma irregular, que as intervenções e actos de N. S. Kruchov durante a reunião não eram marxistas-leninistas e que as questões em

foco têm grande importância para o maior desenvolvimento do movimento comunista internacional.

Mais tarde, recebemos uma carta do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, a qual, depois de afirmar terem sido extraordinariamente estreitos os laços entre os nossos dois partidos, diz que uma «centelha de mal-entendido» surgiu entre os nossos partidos na Reunião de Bucareste, faísca que não deve transformar-se em chamas. Assim, propunha-nos a realização de um encontro onde nós quiséssemos e ao nível que desejássemos, para discutir conjuntamente os mal-entendidos, a fim de que «o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista da União Soviética se apresentem em completa unidade de opiniões» na próxima Conferência de Novembro em Moscovo.

Pela nossa parte, enviámos três cartas ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética (*) (...).

Tendo em vista a melhor preparação da Sessão Plenária para a discussão destas questões, recomendo que sejam postos à disposição de todos os membros e suplentes do Comité Central os artigos da brochura chinesa «Viva o leninismo!», o documento distribuído pelos soviéticos na Reunião de Bucareste, a Declaração de Moscovo de 1957, cópias das cartas por nós enviadas ultimamente ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e sobre as quais acabo de falar, bem como os materiais já recomendados e que ainda não foram lidos. Todos estes materiais devem ser atentamente estudados, de modo a que os camaradas estejam preparados quando se discutirem as questões na Sessão Plenária. Se obtivermos outros documentos do Partido Comunista da China expondo os seus pontos de vista, também os colocaremos à vossa disposição para estudo.

Passemos agora concretamente à questão de Liri Belishova. Sabeis que, na Sessão Plenária de Julho, entre outras

(*) Vide cartas publicadas neste volume nas páginas 96, 108 e 114 respectivamente.

coisas, Liri foi criticada pelos grandes e graves erros que cometeu durante a sua estadia na China e na União Soviética. No entanto, naquela reunião da Sessão Plenária tais erros foram abordados apenas de passagem no meio das intervenções. Contudo, depois destas questões terem sido levantadas e discutidas por alguns camaradas, Liri não apresentou uma auto-crítica na Sessão Plenária, apesar de saber que o Bureau Político tinha concluído que a sua auto-crítica diante do Bureau não tinha sido completa, comportando muitas lacunas. Foi precisamente por esta razão que eu disse na Sessão Plenária que o seu caso, depois de ser novamente examinado pelo Bureau Político, deveria ser submetido à Sessão Plenária.

E com efeito, examinámos a questão de Liri ([49]). E fizémo-lo dando-lhe a possibilidade de reflectir profundamente, meditar sobre os graves erros por ela cometidos em situações tão complexas e difíceis, chegar a conclusões correctas e descobrir as razões que a levaram a cometer tais erros. Na reunião do Bureau Político, ela manifestou alguns sinais de nervosismo diante das perguntas que lhe faziam os camaradas, o que serviu para revelar e aclarar ainda mais a vacilação de Liri no que se refere à linha política e ideológica do nosso Partido. Mais tarde, eu também a convoquei, particularmente, para ajudá-la a reflectir sobre tais questões, inclusivé lembrando-lhe os métodos não-marxistas utilizados pelos dirigentes soviéticos para dividir as direcções de alguns partidos comunistas e operários e aconselhando-a a meditar sobre os problemas.

Quero dizer com isto que o Bureau Político do Comité Central, que sempre se guiou pelo princípio de esclarecer os camaradas para salvá-los dos erros e caminhos tortuosos, se mostrou paciente e sereno para com Liri, com o objectivo de ajudá-la. Os seus erros não são nem pequenos, nem leves; pelo

([49]) Em 3 de Setembro de 1960, o Bureau Político havia distribuído a todos os membros da Sessão Plenária um material que tratava dos erros de Liri Belishova e da posição por ela assumida no Bureau Político.

contrário, são erros profundos. E se ela não os compreende, corre-se o risco deles se tomarem ainda mais graves e prejudiciais, tanto para o Partido como para a sua própria posição no Partido.

Por outro lado, ao criticar os que cometem erros, o Partido ajuda-os a armarem-se e a procurarem descobrir as razões dos seus próprios erros, a fim de evitar a sua repetição. Este tem sido o caminho seguido pelo Comité Central, pelo Bureau Político e por mim mesmo para ajudar os que erram a corrigirem-se.

O Bureau Político considera que os erros de Liri Belishova são muito grandes e sérios. Revelam que, de facto, Liri se encontra em oposição à linha do nosso Partido, não estando de acordo nem em unidade de pensamento e acção com o Comité Central e com o Partido no seu conjunto no que se refere a algumas questões ideológicas e políticas. Ela não compreende como é vital a importância da unidade ideológica e política do Partido e, mais ainda, da unidade do próprio Comité Central e do Bureau Político, tanto para o nosso como para qualquer outro partido marxista. E esta questão reveste-se de importância particularmente vital na situação actual, em que os inimigos imperialistas e revisionistas contemporâneos tratam a todo o custo de criar cisões na nossa direcção, mesmo que sejam pequenas brechas, a fim de enfraquecer e depois golpear o nosso Partido. Assim, os que tentam quebrar essa férrea unidade, forjada pelo nosso Partido com luta e sangue no meio das tempestades, devem ser duramente condenados, como bem merecem e como o exigem os elevados interesses do Partido e do povo.

Quais são os erros de Liri Belishova?

Como sabeis, Liri foi à China. A sua viagem tinha um carácter oficial e a delegação em que participava não era composta de quaisquer pessoas, mas de quadros do Partido. Ou seja, a delegação não era composta de gente apolítica, mas de conhecidas personalidades do nosso Partido e do nosso Estado.

Antes de partir para a China, Liri já tinha conhecimento das divergências existentes entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, senão em toda a amplitude por elas tomada mais tarde, pelo menos em grande parte. Na medida em que recebeu a recomendação de, na medida do possível, não manifestar opiniões sobre as questões ainda não resolvidas, isto significa que ela conhecia o objecto das divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. Contudo, na sua visita à China, Liri Belishova não agiu como lhe tida sido recomendado.

Na sua estadia na China, Liri Belishova revelou um estranho medo, evitando qualquer conversação com os camaradas chineses quando se tratava de manifestar a opinião do nosso Partido sobre o revisionismo contemporâneo, sobre a amizade com o Partido Comunista da China e o Governo da República Popular da China e sobre a justa compreensão dos laços com a União Soviética. E, entre outras coisas, chegou inclusivé a pedir por diversas formas aos camaradas chineses que, se possível, não se conversasse sobre questões partidárias, pois «não estava autorizada» para tal ([50]).

([50]) Trata-se de uma justificação falsa de Liri Belishova, pois ela tinha recebido a devida orientação do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia sobre a posição que deveria manter na República Popular da China. E não só isso: em radiograma especial datado de 4 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha fazia-lhe observações e recomendava-lhe: «Temos lido as tuas saudações através dos jornais e elas espantam-nos, pois são extraordinariamente secas e contêm erros. Em primeiro lugar, deve-se falar mais longamente sobre a China, e de maneira extremamente calorosa; deve-se desmascarar duramente os imperialistas e os revisionistas jugoslavos (...). É inteiramente inaceitável limitar-se a falar genericamente de um revisionismo contemporâneo qualquer. Os êxitos do nosso país e a justa política do Partido em todos os terrenos devem ser clara e amplamente salientados em toda a parte. Os discursos devem ter elevado nível político e ideológico e não essa abundância de frases banais (...). Rasgue as saudações e discursos insípidos que preparou e redija outros inteiramente novos.» Noutro radio-

Mais tarde veremos porque agia ela assim, mas o facto é que os camaradas chineses desejavam conversar connosco sobre questões partidárias. Não podemos impedi-los de discutir tais assuntos, até porque temos a nossa posição, que pode ser expressa em qualquer ocasião. Pedir para não se conversar sobre questões partidárias não é uma coisa tão simples. Apesar de Liri solicitar a todo o custo que os problemas partidários não fossem abordados nas conversações, os camaradas chineses consideraram oportuno falar-nos daquela tão relevante e delicada questão. E se o fizeram foi certamente por terem grande confiança e profundo respeito pelo nosso Partido. Mas, ao que parece, ela não avaliou o facto deste modo.

Nas conversações, em vez de assumir a posição que devia, Liri Belishova opôs-se aos pontos de vista dos camaradas chineses sobre certas questões e deu a entender que nós estaríamos inclinados para o lado dos dirigentes soviéticos. E fê-lo sem que tivesse recebido qualquer orientação nesse sentido. Tanto mais que o nosso Partido não se tinha pronunciado por uma posição como aquela e, ainda por cima, todos os camaradas do Bureau Político estavam longe de concordar com inúmeras posições políticas e ideológicas dos dirigentes soviéticos que se vinham manifestando na sua actividade prática e na sua imprensa. Desta forma, o nosso Partido nunca se tinha pronunciado contra a China. Mas, com a sua atitude, Liri Belishova deu a entender aos camaradas chineses que o nosso Partido não estava de acordo com os seus pontos de vista ([51]).

---

grama, datado de 6 de Junho, dizia-se-lhe: «Só tu deves manter conversações com os camaradas chineses sobre as questões ideológicas em discussão.» (Trechos extraídos das cópias dos originais dos radiogramas existentes no Arquivo Central do Partido).

([51]) Em 6 de Junho de 1960, em radiograma «urgentíssimo» enviado a Liri Belishova para lhe chamar a atenção, o camarada Enver Hoxha dava-lhe a seguinte instrução: «Deves procurar uma ocasião para dizer aos chineses que o CC do PTA considerou muito bons os seus artigos

Outro erro de Liri Belishova foi o de ter ido encontrar-se com o conselheiro da Embaixada soviética em Pequim, contando-lhe tudo o que lhe tinha sido dito pelos camaradas chineses. E isto revela bem claramente o seu objectivo. Desde Kruchov até Polianski, os dirigentes soviéticos aperceberam-se das ideias de Liri, compreendendo que aquelas eram as suas opiniões pessoais, que ela estava contra os pontos de vista chineses e a favor das posições soviéticas sobre tais questões.

Liri Belishova foi considerada a «heroína» da situação pelos dirigentes soviéticos que passaram a utilizar a sua atitude para criar uma situação difícil no seio do nosso Partido e da nossa direcção e entre os nossos quadros. Após a Reunião de Bucareste, eles passaram a contactar todos os nossos camaradas que iam à União Soviética, apresentando-lhes os seus pontos de vista e sondando-os de uma ou outra forma para ver se estavam com o Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia. E um desses pontos de vista era precisamente o de que Liri Belishova se tinha comportado como uma «heroína» na China pois «respondeu como devia aos camaradas chineses e não permitiu que emitissem algum comunicado sobre as conversações». São estas as palavras provenientes dos dirigentes soviéticos.

O facto é que Liri Belishova não só já estava predisposta a manter tal atitude, como também cometeu ainda um erro de natureza organizativa: violou a disciplina do Partido, pois nem sequer tentou consultar o Bureau Político. Ela não compreendeu que a sua atitude era nefasta, pois atiçava o fogo na situação de divergências existentes entre aqueles dois partidos. E ainda mais sabendo que as divergências eram entre o Partido Comunista da União Soviética e Partido Comunista da China, e não entre este último e todo o movimento comunista

---

sobre o leninismo. Não há razão para que deixes de pronunciar-te sobre eles. Continua a apresentar a linha do Partido em toda a parte e em todos os seus aspectos.» (Extraído da cópia do original existente no Arquivo Central do Partido).

internacional, como a questão foi apresentada na Reunião de Bucareste.

As nossas relações com o Partido Comunista da União Soviética têm sido marcadas em todos os aspectos pela sinceridade. Mas, tendo em vista a maneira como se desenrolaram os acontecimentos e tratando-se de acusações contra um terceiro partido, não devíamos lançar mais lenha na fogueira. Antes da partida de Liri para a China, conversei com ela sobre tudo o que Mikoian nos havia dito acerca do Partido Comunista da China. E recomendei-lhe ainda que não conversasse com mais ninguém sobre a questão, pois não tínhamos comunicado nem ao Comité Central do nosso Partido a existência dessas divergências. Liri deveria ter compreendido que, na medida em que não tínhamos levado a questão ao conhecimento do nosso próprio Partido, não nos cabia tão-pouco comunicar ao Partido Comunista da China o que Mikoian havia dito acerca dele. Liri recebeu uma recomendação a este propósito; mas, mesmo que não tivesse recebido nenhuma, como membro do Bureau Político, também deveria ter pensado que as questões apresentadas pelos camaradas chinesas não poderiam tomar-se objecto de discussões com um terceiro partido, sem a aprovação do Comité Central.

Por que razão Liri não solicitou a opinião da direcção do Partido? Porque não possuía uma justa concepção da direcção, do Bureau Político, mostrando-se presunçosa e sobrestimando a sua capacidade e inteligência. Se assim não fosse, deveria ter consultado a direcção do Partido e não teria agido sem receber o seus conselhos, como faz qualquer membro do Comité Central quando enfrenta dificuldades em qualquer problema importante. E Liri não fez isso porque lhe agradava a posição que estava a assumir. No Bureau Político, ela fez grandes esforços para justificar os erros cometidos em Pequim, agarrando-se a argumentos como o de que se encontrava só, sem ter a quem consultar. Mas o facto é que ela persistiu nos seus erros também em Moscovo e até mesmo na reunião do Bureau

Político, depois do seu regresso. Ela não quer compreender os seus graves erros e recusa-se a admiti-los.

Quando Liri estava em Pequim enviei-lhe um radiograma. Qual era o seu conteúdo? Na época em que nos foi feita a proposta para a realização da Reunião de Bucareste em Junho, tínhamos recebido um radiograma da nossa Embaixada em Pequim, informando sucintamente o que sucedera na reunião do Conselho da Federação Sindical Mundial, onde houve grandes discordâncias de princípios entre as delegações da União Soviética e da China. E sabíamos que Liri teria encontros com os camaradas chineses. Por isso, enviámos-lhe um radiograma falando da reunião dos partidos comunistas e operários prevista para Junho. Dizíamos nós no radiograma que os camaradas chineses tinham proposto o adiamento da reunião de Junho e que nós não teríamos nenhuma objecção a isto se o Partido Comunista da União Soviética e os demais partidos aceitassem a proposta. Mas — afirmávamos então — se a reunião se realizasse mesmo em Junho, comunique-se aos camaradas chineses que, se nos é permitido exprimir a nossa modesta opinião, consideramos indispensável a participação do grande Partido Comunista da China na reunião.

Entretanto, recebíamos uma outra carta do Partido Comunista da União Soviética comunicando o adiamento da reunião que se realizaria em Junho. Então enviámos um novo radiograma a Liri dizendo-lhe já não ser necessário transmitir aos camaradas chineses o conteúdo do primeiro radiograma, pois já não tinha razão de ser o nosso receio de que os camaradas chineses não comparecessem à reunião cujo adiamento tinham proposto. Liri leu o radiograma e interpretou-o a seu bel-prazer, de acordo com o plano que ruminava na sua cabeça.

Também recomendámos a Liri que procurasse encontrar uma ocasião adequada para comunicar aos camaradas chineses que tínhamos lido os artigos por eles publicados pela passagem do 90.º aniversário do nascimento de Lenine e que tínhamos gostado deles. Mas ela não cumpriu essa recomendação do

Bureau Político, pois tinha os seus próprios pontos de vista. Independentemente, porém, do facto de não ter gostado dos artigos, ela tinha de transmitir aos camaradas chineses o ponto de vista do Bureau Político do Comité Central do nosso Partido. Depois, quando voltasse, poderia transmitir ao Bureau Político o seu ponto de vista pessoal. Isto demonstra que Liri Belishova foi à China com ideias definidas, diferentes das opiniões dos camaradas do Bureau Político que, naqueles dias, discutiam com frequência as posições políticas e ideológicas do Partido Comunista da União Soviética e do Partido Comunista da China.

Já ao chegar a Moscovo, Liri estava mais armada: vocês sabem que lhe enviámos duas cartas — simples, mas muito claras — que constituíam armas plenamente suficientes para ela não incorrer em erros ([52]). E tomámos essa medida justamente para que ela não caísse novamente em erro, pois receávamos a sua atitude, tendo em conta o seu procedimento na China e, sobretudo, os seus defeitos de carácter, como a presunção e a ambição — e juntando ainda a isso as bajulações que a direcção soviética lhe fazia, apelidando-a de «heroína». Ou seja, enviámos essas duas cartas para salvar Liri. Ela, porém, não aplicou as orientações enviadas.

Na primeira carta — que Liri recebeu logo ao chegar a Ulan Bator — o Bureau Político salientava-lhe o grave erro por ela cometido na China e que, em virtude disso, devia ter cuidado para não se deixar envaidecer pelas bajulações e os epítetos bombásticos que os dirigentes soviéticos poderiam dirigir-lhe. Já na segunda carta — que recebeu logo ao descer do avião em Moscovo — era informada sobre o desenvolvimento da Reunião de Bucareste e a posição lá assumida pelo nosso

([52]) Refere-se às cartas de 23 e 28 de Junho (vide as páginas 27 e 36 deste volume). Quando Liri Belishova regressou à Albânia, o Bureau Político e a organização de base a que pertencia pediram-lhe que entregasse essas cartas. Mas ela declarou que as havia destruído. A verdade, porém, é que as entregara aos dirigentes soviéticos nos encontros que com eles tivera.

Partido. Acentuando que essa posição não tinha sido do agrado dos dirigentes soviéticos, a carta salientava que ela devia ter o cuidado de defender a linha do Partido, declarando estar inteiramente de acordo com a posição do Comité Central do Partido, transmitida em Bucareste pelo camarada Hysni. Esta seria a atitude correcta, que barraria o caminho a todos os esforços de quem quer que tentasse dividir a nossa direcção.

Ou seja, Liri Belishova estava previamente preparada para não cometer erros, se realmente estivesse de acordo com a linha do Comité Central. Mas o facto é que não foi isto o que aconteceu. Nós conhecemos a táctica seguida pelos dirigentes soviéticos. Eles convidaram Liri para um almoço, no qual ela não se comportou como lhe tinha sido indicado pelo Bureau Político. Liri lançou mão da táctica dos gracejos, pensando: «Façamos algumas brincadeiras para sair desta situação.» Mas, de facto, nem as piadas a ajudaram, criando-se uma situação favorável aos dirigentes soviéticos, desfavorável e contrária à posição do Comité Central do nosso Partido e, no fim de contas, concordante com os pontos de vista de Liri Belishova.

Durante o almoço, os dirigentes soviéticos puseram-se a tecer elogios e levantar brindes a Liri, enquanto atacavam o nosso Partido. E ela começou a contornar as questões delicadas, os golpes e os venenos contra o nosso Partido, sobretudo da parte de Kozlov. Ele manifestou descontentamento com a posição assumida pelo camarada Hysni em Bucareste, mas ela não lhe lançou logo em plena cara a resposta merecida. Ela pretende não ter sido clara nesta questão, mas que teria dito a Kozlov que «Enver Hoxha não tem nenhuma mancha na sua vida, o que não é o caso de Gomulka», acerca de quem eles tinham dito ter mantido uma posição *pravilno e iasno* (*). Mas o que ela tinha obrigação de fazer era intervir imediatamente para afirmar que foi o nosso Partido que manteve uma posição justa e clara em Bucareste e que ela estava de acordo com tal posição.

(*) Em russo no original — *pravilno:* justa; *iasno:* clara.

Depois, Kozlov disse: «Nós queremos ser amigos, mas sem ziguezagues.» E quem é que pratica uma amizade com ziguezagues? Liri também não deu a devida resposta a isto. Na nossa carta tínhamos-lhe dito que Kruchov não tinha gostado da posição do nosso Partido na Reunião de Bucareste. Portanto, ela devia ter compreendido que, falando-se de ziguezagues, estava-se a atacar o nosso Partido, tornando-se então necessário responder que o nosso Partido não faz ziguezagues.

Desta maneira, Liri Belishova adoptou conscientemente tal atitude.

Durante o almoço foram lançadas ainda outras estocadas, como esta: «Vocês, albaneses, estão com os 200 ou com os 600 milhões?» E também isto ficou sem a devida resposta por parte de Liri. No meu encontro com Ivanov, eu disse-lhe que a afirmação de Kozlov é antimarxista. E o que quer ele dizer com «200 ou 600 milhões»? O nosso Partido trilha a via marxista, estando, portanto, com todos os países do nosso campo socialista. Todavia, na Sessão Plenária, Liri disse-nos que não ouviu ou não entendeu bem a afirmação. Mas é impossível que a frase se lhe tenha escapado, pois ele fez a pergunta no decorrer do almoço e bem perto dela. Nós não podemos aceitar uma justificação destas. Mesmo que eles tivessem dito tais coisas de forma dissimulada ou indirecta, no fim do almoço ela poderia ter-se levantado e declarado: «Camaradas, a nossa linha não tem ziguezagues, nós somos pela unidade de todos os países do nosso campo; portanto, brindemos ao triunfo do marxismo-leninismo!» De facto, porém, ela não agiu assim; e o almoço, com todas as venenosas afirmações dos soviéticos, decorreu como uma brincadeira.

E por que motivo como uma brincadeira? Porque Liri Belishova não estava de acordo com a linha do nosso Partido sobre estas questões, já que possuía um outro ponto de vista, por ela considerado como correcto. E, segundo ela, no fim de contas, os pontos de vista da direcção do nosso Partido não eram correctos e éramos nós que estávamos errados naquela posição.

Assim, mesmo depois do seu regresso, Liri teve algumas manifestações e tomou algumas atitudes que comprovam o nosso juízo.

Em especial, ela começou a dizer aos camaradas: «Ponhamos o camarada Enver de lado, de modo a não o expor nesta situação e a não o comprometer com tais questões.» Isto, em linguagem clara, quer dizer, conforme o ponto de vista dela: «Não se sabe como vai acabar o conflito entre o Partido Comunista da China e o Partido Comunista da União Soviética. Portanto, deixemos o camarada Enver de lado, de modo a que ele não se misture nisto. Quando acabar a questão, então vejamos quem tem razão, eu ou vocês. Aí então entra em casa o camarada Enver e aplicamos umas bordoadas nos que estavam errados. E assim ficará tudo em ordem.»

Quer dizer, mesmo depois de voltar a Tirana e apesar dos conselhos que recebeu na reunião do Bureau Político, Liri Belishova continuou a manter as mesmas posições e continuou a tramar intrigas para dividir a direcção do Partido. É a isto que também se liga a outra afirmação de Liri, de que «devemos preparar algumas variantes para a Conferência de Moscovo» e, depois de vermos para que lado «sopra o vento», utilizaremos a variante que nos parecer mais vantajosa. Tal ponto de vista é extremamente errado e oportunista e inteiramente inaceitável por parte do nosso Partido do Trabalho. Não devemos ir à Reunião de Moscovo com «algumas variantes», mas com uma posição precisa; não devemos ir com dez bandeiras, mas com uma só — a bandeira do marxismo-leninismo.

Um outro ponto de vista de Liri era o de que não se franqueasse aos camaradas da Sessão Plenária ou aos suplentes do Bureau Político os documentos trocados entre o Bureau Político e o camarada Hysni Kapo, quando ele se encontrava em Bucareste e recebia através deles as instruções sobre a posição que devia adoptar. O que significa isto? Ela justificou a sua atitude com o facto de que «tais documentos têm a assinatura de que não pôr o Comité Central a par da prática seguida pelo Enver», e, sendo assim, «não devemos dá-los a conhecer». E por-

que não pôr o Comité Central a par da prática seguida pelo Bureau Político, inclusivé para que a Sessão Plenária julgue a sua actuação? Que mal há nisso?

Na realidade, Liri Belishova devia ter e provavelmente tem algo premeditado na sua cabeça. As suas explicações não convenceram o Bureau Político de que ela tenha compreendido bem e profundamente os seus póprios erros. Ela devia ter revelado a razão pela qual agiu assim, quem a empurrou a fazer isso e sobre que bases surgiram tais opiniões — ou seja, devia ter feito uma profunda análise dos seus erros. Foi por isso que nós analisámos novamente a questão no Bureau Político.

O objectivo da discussão no Bureau Político foi o de ajudar Liri. As intervenções foram ardentes e severas, pois tratava-se de defender os interesses do Partido, a sua linha e a sua própria existência. E quando estamos diante de questões relativas aos interesses do Partido, devemos manter-nos inabaláveis. Na verdade, Liri recebeu uma boa ajuda dos camaradas e deveria ter feito uma auto-crítica franca, sem luvas de pelica. Mas a sua auto-crítica perante o Bureau Político não foi satisfatória. Liri nada disse de substancial e, inclusivé, nas suas intervenções, manifestou indirectamente descontentamento e dúvidas acerca da posição que se estava a adoptar em relação a ela.

Liri apresenta os seus erros como coisas muito simples. Ela não fez uma análise marxista-leninista desses erros e das suas origens, como se esperava que fizesse. Ela não partiu do princípio de dizer ao Partido as verdadeiras razões que a impeliram a incorrer em erros, mas aferrou-se a argumentos do género «encontrava-me só e não tinha a quem consultar». Esta táctica de Liri não é salutar. Ela deveria ter dito abertamente ao Bureau Político o motivo por que tais erros foram cometidos e qual a fonte que os originou. Os camaradas do Bureau Político analisaram os erros de Liri Belishova e chegaram à conclusão de que não teriam surgido sem mais nem menos se ela não possuísse já juízos errados e não sobrestimasse as suas próprias capacidades.

Liri Belishova deveria ter presente que o revisionismo não existe só na Jugoslávia, pois também há pontos de vista revisionistas em certos partidos de outros países, os quais estão a desviar-se do justo caminho marxista-leninista. Conversámos muitas vezes com ela sobre o facto de que inúmeros actos dos dirigentes soviéticos não correspondem a um caminho correcto, mas a uma via oportunista, pois favorecem os revisionistas, particularmente os revisionistas jugoslavos. E não se trata apenas das suas posições tácticas: constatamos, por exemplo, que os dirigentes soviéticos amorteceram a luta contra os revisionistas jugoslavos. De vez em quando, escrevem artigos teóricos contra os revisionistas jugoslavos, e mesmo assim com muitas lacunas. Mas a luta concreta contra eles foi extinta. Há inclusivé partidos, como o Partido Comunista Búlgaro, que tomaram até mesmo a decisão de não falar mais contra os revisionistas jugoslavos.

Assim, não se pode admitir que estas questões tenham caído do céu para Liri Belishova, não tendo ela o direito de dizer: «Como poderia eu imaginar que existem tais pontos de vista revisionistas na linha dos dirigentes soviéticos?» Conversamos todos os dias sobre estes problemas. Acontece, porém, que Liri Belishova se deixou confundir pelas bajulações e os grandes epítetos que lhe foram dirigidos pelos dirigentes soviéticos e conciliou-se com eles. Esqueceu-se de que não se pode impedir nenhum partido marxista de manifestar o seu próprio ponto de vista sobre uma questão tão importante como as divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, da mesma forma que não se pode impedi-lo de fazer o mesmo em relação aos actos de Kruchov ou Kozlov, que consideramos não serem de maneira alguma correctos.

Quando falamos de carinho para com a União Soviética, não devemos englobar aí os que cometem erros, seja quem for — soviéticos, checoslovacos, búlgaros ou albaneses. Qualquer marxista ou dirigente deve ter claro que nós não gostamos da União Soviética pelos belos olhos de Ivanov. Na medida

em que Ivanov hostilizava um povo e um partido que têm um sincero afecto pelo povo soviético — coisa que ele constatou com os próprios olhos na sua estada de três anos seguidos no nosso país — é ele quem não gosta da União Soviética e da nossa amizade com a União Soviética. E porque haveríamos de continuar a acarinhar Ivanov? Por receio de romper a amizade? E o mesmo é válido para Kozlov, Kruchov e companhia.

Temos os nossos pontos de vista, que já manifestámos e continuaremos a manifestar. Mas Liri Belishova não concordou com tal atitude na medida em que vacilou na linha do Partido. E foi a sua presunção que a levou a isto. Tornou-se muito presunçosa, sobrestimando as suas próprias capacidades e subestimando as dos outros, razão pela qual já tinha sido criticada várias vezes. Apesar dos conselhos que recebeu, mantém uma atitude muito arrogante em relação aos quadros, ofendendo-os frequentemente e atacando-os duramente, a ponto de camaradas funcionários do Comité Central terem pedido transferência por esse motivo. E apesar das críticas que recebeu, continuou a mostrar arrogância em relação aos quadros, como aconteceu na última reunião do Comité Central da União da Juventude do Trabalho da Albânia e ainda na Conferência do Magistério. E agir assim depois de todas aquelas críticas significa não ter reflectido sobre os próprios erros.

Estes procedimentos revelam ainda que aquele que despreza os quadros que tem sob a sua dependência, acaba por ter a mesma concepção sobre os quadros do seu mesmo nível. E, com efeito, em inúmeras ocasiões, Liri Belishova também não tem tido uma atitude correcta e sadia em relação aos camaradas do Bureau Político. Subestimar os camaradas da direcção e inclusivé manifestá-lo em público constitui um procedimento inadmissível. Uma coisa é criticar os quadros diante das massas — o que temos feito e continuaremos a fazer — e outra, muito diferente, é depreciar e desacreditar os quadros.

Há muitos factos dessa natureza no caso de Liri Belishova. Quando se possui uma tal concepção sobre os quadros, acaba-

-se por cometer erros ao encontrar-se perante situações cruciais, como sucedeu com ela, que errou até mesmo em questões programáticas. E quem conserva estes pontos de vista sobre os quadros e até sobre a direcção, tão-pouco terá um julgamento justo sobre as decisões dessa direcção, as quais representam a concretização multilateral da linha política do Partido. Portanto, se alguém anda com tais ervas daninhas na cabeça e vive com tal sobrevalorização de si mesmo, acabará certamente por também cometer erros na linha política.

Assim, Liri Belishova errou no tocante a tais questões e ainda não compreendeu os seus graves erros. O Bureau Político chegou à conclusão de que Liri devia reflectir ainda mais sobre eles, considerando insatisfatória a sua auto-crítica. Ela prometeu-nos que iria reflectir e deve ter reflectido. O caso agora depende da sua auto-crítica perante a Sessão Plenária e da medida em que ela soube aproveitar a ajuda do Bureau Político. Agora, tudo está sujeito à avaliação que ela fizer destes problemas diante da Sessão Plenária do Comité Central. Aconselhámo-la a encarar correcta e profundamente os seus erros, partindo de sãs bases marxistas-leninistas, pois nenhum camarada quer o seu mal — e não só dela, mas também de qualquer pessoa que tenha cometido erros. Só lhe desejamos o bem, e por isso mesmo estamos a esforçar-nos para a corrigir. Mas, com tais concepções, ela não pode continuar no Bureau Político, pois é muito grave discordar da linha do Comité Central. Portanto, o Bureau Político decidiu propor à Sessão Plenária que Liri Belishova seja destituída da sua função de membro do Bureau Político e de secretária de propaganda do Comité Central, ([53]) já que nestes órgãos superiores do Partido não

---

([53]) Apesar dos grandes esforços do Bureau Político e da Sessão Plenária do CC para fazer com que Liri Belishova voltasse ao caminho justo, ela, inteiramente comprometida com os revisionistas kruchovianos, não teve coragem para revelar tudo ao Partido. Pelo contrário, mantendo-se fiel às recomendações dos seus patrões de Moscovo, obstinou-se em manter uma posição anti-marxista e hostil. Em face disto, a Sessão

deve haver camaradas que se oponham aos pontos de vista e à linha político-ideológica do Comité Central. No Bureau Político e no Comité Central deve reinar uma total unidade de pensamento e acção, e antes de mais nada no que se refere às questões essenciais, como é o caso da actual questão, que se reveste de excepcional importância para a construção do socialismo no nosso país e para o movimento comunista internacional.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

Publica-se conforme o 19.º Volume, com algumas supressões.

Plenária excluiu-a por unanimidade dos seus quadros. Mais tarde, vendo que ela continuava a manter uma posição anti-marxista e hostil à linha geral do PTA e ao marxismo-leninismo, a organização de base de que fazia parte expulsou-a do Partido.

A DEFESA DA LINHA MARXISTA-LENINISTA É VITAL PARA O NOSSO PARTIDO, O NOSSO POVO E O COMUNISMO INTERNACIONAL

Intervenção na XVIII Sessão Plenária do CC do PTA

7 de Setembro de 1960

(...) A causa da defesa da linha do Partido em todos os seus aspectos é uma questão vital para o nosso povo e o nosso país, bem como para o comunismo internacional. Aqui, falamos como marxistas, e não como dirigentes de um pequeno Estado. E, como marxistas, temos tanto direito de dar a nossa opinião e defender o comunismo como os soviéticos ou qualquer partido marxista-leninista, seja ele grande ou pequeno. Não é presunção dizer que, com a nossa posição justa e coerente, estamos a defender e a ajudar a causa do comunismo internacional. Os marxistas têm uma justa compreensão disto. Os não-marxistas, que escondem os seus pontos de vista anti-marxistas e burgueses, esses sim poderão dizer-nos com ironia: «Mas quem são vocês que falam dessa maneira, pretendendo estar a defender o comunismo internacional?! Para nós, vocês não têm nenhum valor.» Mas pouco nos importa o que possam dizer os outros, da mesma forma que pouco se nos dá que nos chamem ou venham a chamar-nos «dogmáticos», «sectários» e outros epítetos do género, que não correspondem ao nosso Partido.

A linha do nosso Partido sempre foi correcta e marxista-leninista, tendo sido provada pela vida ao longo de quase 20 anos, na luta quotidiana pela libertação da pátria, pela construção do socialismo e em defesa do marxismo-leninismo contra os inimigos de todos os matizes e os revisionistas jugoslavos. Prova disso são os grandes êxitos alcançados pelo nosso povo e as grandes transformações operadas na Albânia nos campos económico, político, cultural e assim por diante. É de todos estes êxitos que o povo albanês fala com admiração. Mas o que mais ressalta no nosso povo é a sua convicção, com base numa justa compreensão, de que foram o marxismo-leninismo e a correcta linha marxista-leninista do nosso Partido que lhe trouxeram estas imensas transformações económicas, espirituais e sociais. E isto tem uma importância extraordinária, pois comprova a existência de laços excepcionalmente estreitos entre o Partido e o nosso povo.

Assim, a vida e a obra do nosso Partido demonstram que a sua linha é correcta e conta com o apoio e aprovação do nosso povo, não sendo nem dogmática nem sectária. Rechaçamos esses epítetos que nos vêm sendo lançados — hoje em surdina ou amanhã com grande alarido — e prosseguimos no nosso caminho marxista-leninista. Quem quer que faça tentativas desse género contra nós estará destinado a fracassar, pois serão a luta e a própria vida a desmascará-lo.

E não só os comunistas albaneses e o nosso povo que falam com admiração da justa linha do nosso Partido e dos grandes êxitos do nosso país: o mesmo fazem também os partidos comunistas e operários de muitos países do mundo. E fazem-no porque sabem ter sido o Partido do Trabalho da Albânia que libertou o país e o levou ao caminho do progresso e do socialismo, bem como porque vêem a grande vitalidade e heroísmo do povo albanês e do nosso Partido, que enfrentaram com grande firmeza tantas e tantas tempestades. Sendo assim, que ninguém pense — nem mesmo Liri —, que se deve a Kruchov a admiração dos comunistas de todo o mundo pelo nosso pequeno mas heróico Partido. De maneira nenhuma! Se a

Albânia estivesse nas mãos de Kruchov e da actual direcção soviética, ela não seria o que é hoje e tão-pouco existiria esta apreciação e admiração dos demais partidos pelo nosso país e o nosso Partido.

Aqui, estamos no Comité Central; portanto, é justo que se promovam debates francos e marxistas. Liri pode surpreender-se com as claras alusões por nós feitas em alguns casos, nas reuniões do Bureau Político. Dissemos, por exemplo, que há dirigentes de partidos que medem o valor da direcção de um outro partido pelo volume da produção de batatas e tomates e não pela linha por ela seguida. Liri fez então um àparte, afirmando: «Como se pode falar assim desses camaradas!» E nós replicámos dizendo-lhe que falamos deles com factos e franqueza, aqui no Comité Central e não pelas ruas, mas que viria o tempo em que estas ideias e opiniões, juntamente com outros factos extraídos da própria vida, também seriam ditas alto e em bom som em conferências internacionais.

Inúmeros partidos têm apoiado o Partido do Trabalho da Albânia pela sua firme posição contra o revisionismo contemporâneo, particularmente contra o revisionismo jugoslavo. Isto demonstra haver efectivamente imensas e sadias forças nesses partidos, independentemente do facto de que o verme do revisionismo penetrou nas direcções de alguns deles e está a roê-las por dentro. Seja como for, será muito difícil dobrar as forças marxistas-leninistas existentes no seio de todos os partidos. E essas forças compreenderam a nossa posição, apesar de não nos termos pronunciado publicamente contra os erros dos dirigentes soviéticos.

E que Liri Belishova não pense tratar-se de uma táctica para preservar Kruchov. Não, de maneira nenhuma! Nós nunca deixámos de lutar contra o revisionismo. O comunismo internacional já viu que estamos contra Kruchov e os verdadeiros marxistas-leninistas souberam apreciar a posição e a justa táctica do nosso Partido. Foi precisamente porque as nossas posições têm sido correctas que ninguém ousou atacar-nos abertamente. Mas tentar, tentaram, com esforços que vieram a

aumentar até chegarem às ameaças, pressões e chantagens. Nós, porém, pusemo-los no seu devido lugar.

Então, eles lançaram mão da táctica de desacreditar o Partido do Trabalho da Albânia. E como? Dizendo-nos: «Vocês estão a berrar e a bradar muito contra o revisionismo, a fazer apenas com que eles se tomem presunçosos.» Esta ideia já está generalizada em todas as direcções dos países de democracia popular, tendo chegado até mesmo às direcções de alguns partidos comunistas da Europa Ocidental. Mas o que eles dizem não tem nenhum fundamento. De facto, trata-se de um apelo ao amortecimento da luta contra o revisionismo jugoslavo.

Presentemente, essa táctica continua a ser aplicada, sob outras formas. E seguramente transformar-se-á em ataques contra o nosso Partido, na medida em que não alinhámos nas posições da direcção soviética, ou seja, recusámo-nos a seguir um outro caminho. Mas nenhuma dessas tácticas é capaz de perturbar ou atemorizar o nosso Partido, mesmo que nos apelidem de «dogmáticos», «sectários» ou «nacionalistas estreitos» e mesmo que procurem meter-nos num impasse. Isto demonstra a força do nosso Partido e do seu Comité Central. Está clara a inutilidade de todos os esforços que visam empurrar-nos para aquele caminho.

E aqui não se trata de uma questão de respeito. Conservamos o respeito e o carinho para com os povos da União Soviética, mas não sentimos nada por Pospielov ([54]). Enquanto ele se mantinha no caminho marxista-leninista, nós respeitávamo-lo. Mas, agora, que assume estas posições anti-marxistas em relação ao nosso Partido, dizemos-lhe: «Ora, se me dá licença!» Quando não se encontra a mínima violação do marxismo da nossa parte, por que motivo vem dizer-nos «leiam Lenine!», como afirmou Pospielov ao nosso embaixador em Moscovo, camarada Nesti Nase, que, por sinal, resistiu muito bem aos seus ataques.

([54]) Piotr Pospielov, suplente do Presidium do CC do PCUS.

Queremos que as divergências entre os partidos sejam resolvidas pelo caminho justo, mas os dirigentes soviéticos não fizeram e não querem fazer esforços para solucioná-las. E não só isto: Pospielov precisa de saber também que o marxismo-leninismo nos ensina que não se devem realizar conversações nas costas de um terceiro partido e que, de acordo com as normas marxistas-leninistas, é com franqueza que se fala dos erros cometidos por um camarada. Que respeito poderíamos ter por aqueles que agem de forma diferente? Se se defende o marxismo-leninismo, então deve-se ser coerente até ao fim. É por isso que nós dizemos a Pospielov: «Pode ter lido Lenine durante toda a sua vida, mas os factos demonstram que agora está a deformar-lhe o pensamento.»

É bem claro que o nosso Partido tem seguido sempre uma linha justa. O nosso Partido errou na questão jugoslava? Os factos mostraram que não. Quem errou foram os outros, e Kruchov antes de mais ninguém. Falta-lhe a coragem marxista de dizer que cometeu erros. Mas, tendo errado, deveria dar marcha à ré e dizer: «Acusei Staline de ter errado em relação aos jugoslavos mas a vida demonstrou que Staline tinha razão.» Se se é marxista, deve-se ter a coragem de dizer que Staline não errou nessa questão.

E o que significa essa história de nos aconselhar a ficarmos calados e não desmascararmos os revisionistas jugoslavos, porque eles se tomariam presunçosos? Significa: fiquem calados, porque, se vocês falam contra os revisionistas jugoslavos, os podres dos outros também acabarão por aparecer, pois nem só os jugoslavos são revisionistas. Ou seja, intensificar a luta contra os revisionistas jugoslavos impede e previne a cegueira também no tocante aos outros elementos revisionistas, seja qual for a forma sob a qual eles se apresentem.

Dizem os dirigentes checos: «O vosso Partido marca a sua posição em relação aos revisionistas, mas não toma uma posição dessas face ao PC da China, que desrespeita o princípio da coexistência.» Mas por que razão estaríamos nós contra o Partido Comunista da China? Nesta questão, a linha do nosso

Partido é favorável à coexistência pacífica; mas, ao falar de coexistência, Lenine não nos aconselhava a beijar e abraçar os representantes da burguesia monopolista...

Se vissem um filme que eles produziram agora, sairiam verdadeiramente revoltados. O filme — parece-me que se chama «SOS» — conta a história de um marinheiro e um kolkoziano soviéticos que vão viver com um milionário inglês. A filha deste último dá o melhor quarto ao kolkoziano e cai de amores pelo marinheiro soviético, enquanto o lorde expulsa de casa o seu genro, um beberrão e vagabundo, etc., etc.

Somos a favor da coexistência pacífica, mas não de uma coexistência como essa do filme. Somos pela coexistência leninista, pelo desmascaramento do imperialismo e do revisionismo, bem como de todas as suas manobras e tentativas para nos liquidar. O objectivo deles é destruir o comunismo, enquanto que o nosso objectivo é liquidar o imperialismo e o seu agente, o revisionismo. Queremos coexistir com a Grécia, por exemplo — e porque não? Mas entregar Girocastra e Korça ([55]) à Grécia, que é o que querem os chauvinistas, isso de maneira nenhuma! Não podemos de modo algum fazer concessões aos chauvinistas gregos sob o rótulo da coexistência pacífica. Amanhã ou depois Kruchov pode até conceder a medalha da paz a gente como essa, que alimenta objectivos expansionistas para connosco, mas vamos levantar essas questões na Conferência.

Não somos favoráveis a que se abram as portas aos espiões norte-americanos, à arte decadente e ao modo de vida norte-americano. Não, nós não somos favoráveis a essa via. Armados da nossa ideologia, devemos combater todas as manobras e condenar os planos e a linha de conciliação com a ideologia burguesa. O imperialismo visa destruir os nossos países com múltiplos meios, inclusivé a ideologia, o teatro, a música, o ballet, a imprensa, a televisão, e assim por diante. Não con-

---

([55]) Trata-se de duas regiões do Sul da Albânia.

cebemos a coexistência como a difusão das americanices. E não concordamos que os funcionários checos ou soviéticos ofereçam recepções nas embaixadas para dançar à americana. Os camaradas que trabalham nas nossas representações no exterior estão escandalizados com esse comportamento. E nós não somos favoráveis a tal caminho.

Dissemos inclusivé a Mikoian que devem rever o seu ponto de vista sobre as questões de fronteira existentes entre a China e a Índia. Nós afirmamos que, se os gregos penetrarem nas nossas fronteiras em Gramoz ([56]), decerto não ficaremos de braços cruzados. E foi assim que os chineses agiram com os indianos. Agora, todavia, os soviéticos acusam a China de belicista e dizem que ela não consultou ninguém sobre os seus actos. Mas eles consultaram alguém antes de declarar que a União Soviética lançaria mísseis se os Estados Unidos atacassem Cuba? Antes de mais, se houver guerra em Cuba, todos nós nos envolveremos nessa guerra. Então, se os dirigentes soviéticos respeitam os demais países do nosso campo, pelo menos que também nos consultem sobre estes passos tão importantes. É verdade que Cuba é um país de um povo que lutou. Mas se os dirigentes soviéticos consideram a defesa de Cuba como uma atitude justa, porque acusam então a China pela questão de Taiwan, uma grande ilha de dez ou doze milhões de habitantes e de grande importância estratégica? A VII Esquadra americana construiu o seu ninho nessa ilha, que é parte inseparável da China. E porque deve a China ter paciência e deixar de exigir a devolução do seu território? Apesar disso, a China não perdeu a paciência. Mas cabe-nos realizar esforços e pressões contra o imperialismo, pois já somos uma grande força.

Tanto nós como os chineses dizemos que o nosso campo é forte. Mas se, devido a uma linha oportunista na concepção da coexistência pacífica, não se toma a defesa de causas de tão grande importância, não só nacional, mas também para o for-

---

([56]) Montanha na fronteira com a Grécia.

talecimento de todo o nosso campo, então o problema já é outro. Não é correcto deixar de mostrar a devida atenção para com os interesses da grande China. Os dirigentes soviéticos podem dizer que ergueram a sua voz a favor da China na ONU. Mas quantas e quantas situações existem para se falar em defesa dos interesses da China!

Brada-se aos quatro ventos que o nosso campo socialista é monolítico, está unido e assim por diante. Mas nós sabemos muito bem que a existência de tão sérias divergências no seio do nosso campo não é nada benéfico. E se não forem feitos esforços marxistas-leninistas para acabar com estas divergências, então os dirigentes soviéticos acabarão por enveredar por uma via revisionista extremamente perigosa.

E de quem é a culpa? Pedimos que sejam respeitadas as normas marxistas-leninistas que regem as relações entre os partidos. Mas os dirigentes soviéticos acusam-nos de, aparentemente, darmos muita importância à forma e colocarmos as questões em moldes muito rígidos. Mas os problemas que levantamos não são questões de forma. Kruchov foi quatro vezes à ilha de Brioni para discutir a questão húngara com os jugoslavos. Mas por que motivo não discutiu ele, pelo menos uma vez, connosco? E por que razão não se realizou na altura a reunião dos partidos membros do Cominform, para que também pudéssemos fazer ouvir a nossa voz e informar sobre as manobras dos revisionistas jugoslavos, de modo que os demais partidos também recolhessem a experiência? Ou será que isto é uma questão de forma?!

E, além disso, por que razão a importantíssima questão da Polónia foi resolvida de maneira bilateral?

O nosso Partido tem mantido posições correctas em todas estas situações, não dando motivos para eles nos atacarem directamente. Não obstante, o ataque acabou por vir após a Reunião de Bucareste. Até então, os diligentes soviéticos não diziam mal da linha do nosso Partido, a não ser nas críticas à severa atitude que mantínhamos em relação aos revisionistas jugoslavos, ou então faziam a afirmação de que nós seria-

mos exaltados, entre outras coisas. Mas agora, para eles, o nosso Partido tornou-se «sectário» e «nacionalista estreito». Mas nós não somos nem sectários, nem nacionalistas, nem dogmáticos; nós somos é marxistas. A justa linha do nosso Partido foi comprovada pela vida e pela nossa luta. É por isso que ela conta com a simpatia de todos os comunistas do mundo, o que nos incentiva a seguir adiante.

Estas questões sempre foram claras. Mas nós ainda as concretizaremos melhor, salientando que ninguém tem motivos para acusar a China e que somos contrários às acusações feitas contra ela. E aí também virão à tona os erros oportunistas e revisionistas dos dirigentes soviéticos e de dirigentes de outros partidos. (…)

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

Publica-se conforme o 19.º Volume, com algumas supressões.

EVITEMOS AS PROVOCAÇÕES E DEFENDAMOS O PARTIDO!

Intervenção na XVIII Sessão Plenária do CC do PTA sobre a posição hostil e antipartido de Koço Tashko

8 de Setembro de 1960

A Sessão Plenária manifestou-se com razão pela expulsão de Koço Tashko do Partido ([57]). Agora já não restam dúvidas de que se trata não só de um elemento anti-partido, mas também de um provocador, de um indivíduo manipulado por terceiros para quebrar a unidade do nosso Partido.

Koço Tashko não agiu por sua própria conta. Os factos demonstram isso. Depois da conversa que tive com ele, aconselhei-o a reflectir e a dar-nos as suas opiniões por escrito, a fim de que o Bureau Político e o Comité Central tomassem conhecimento delas, tornando-se capazes de as julgar. Em

---

([57]) Depois de examinar a questão de Koço Tashko, o Bureau Político do CC do PTA apresentou-a para discussão à Sessão Plenária do CC e à Comissão Central de Verificação, propondo a sua destituição do cargo de presidente da Comissão Central de Verificação, e a sua exclusão dos quadros dessa Comissão, devido à sua actividade anti-partido, à violação da disciplina e das normas organizativas do Partido, à quebra do segredo partidário, à deformação da linha partidária e ao facto de que se encontrava, de há muito, em oposição ao Partido. A proposta foi aprovada por unanimidade e a Sessão Plenária também o expulsou do Partido.

função disso, demos-lhe dois ou três dias para pensar e escrever. Mas ele recusou-se a isso, dizendo-nos: «Escrever, não escrevo. O que tinha a dizer, já disse.»

Diante do Bureau Político ele não disse nada de novo. Na Sessão Plenária, apareceu com um discurso escrito, apesar de se ter recusado anteriormente a escrever. Ao que parece, os seus «amigos» não o deixaram pelas ruas da amargura. Como viram, o discurso tinha sido preparado por outros ([58]). Isto mostra claramente que eles (os soviéticos), não tendo a que se agarrar para atacar o nosso Partido, tanto na sua linha e nas suas justas posições como nos seus estreitos laços com o leninismo e com o povo soviético, encontraram um provocador e colocaram-no em acção. Mas devemos estar excepcionalmente atentos e precaver-nos contra as provocações.

Os dirigentes soviéticos querem acusar-nos de anti-sovietismo, e é nesse sentido que agem. Assim, todas as teses de Koço Tashko são antes de mais nada, teses dos soviéticos. Vejam que infames objectivos trotskistas procuram alcançar através de provocadores. Portanto, devemos estreitar grandemente as nossas fileiras para combater os provocadores e fortalecer a nossa unidade.

Já sabemos quem é Koço Tashko ([59]). Assim, o que mais dizer sobre ele? O facto, porém, é que Koço Tashko obteve «garantias», que transparecem da sua atitude. Quando o con-

---

([58]) Na sua intervenção, ao encerrar a leitura de uma frase, Koço Tashko leu inclusivé o sinal de pontuação, dizendo «ponto». A sala explodiu em gargalhadas. Imediatamente, os presentes disseram *«tochka»*, que significa «ponto» em russo. Esse acto ridículo de Koço Tashko foi o bastante para se compreender que o texto do discurso tinha-lhe sido ditado pelos funcionários da Embaixada soviética e que ele, ao escrever o que lhe estava a ser ditado, havia-se confundido, não diferenciando o texto dos sinais de pontuação.

([59]) Koço Tashko já tinha sido criticado pelo Partido diversas vezes, por actividade divisionista, por carreirismo, por antigas manifestações de descontentamento em relação ao Partido e por manifestações de medo, falta de confiança e arrogância em relação ao Partido.

voquei para se encontrar comigo, tremia como varas verdes, pois pensava que o íamos prender. Na reunião do Bureau, estava muito abalado. Conquanto aqui, aparece cheio de arrogância, com injúrias e provocações. É que eles disseram: «Vai ao Comité Central e lança estas elevadas ideias, pois pode haver pessoas que, mesmo não estando a nosso favor agora, poderão conhecer a nossa verdadeira linha e reflectir no futuro.» Eles estão decididos a tomar o pulso de um e de outro para nos dividir. E tentarão inclusivé deixar-nos sem pão. Vejam que trabalho infame essa gente está a realizar!

A nossa justa causa triunfará, camaradas. Mas temos e teremos dificuldades pela frente, pois elas são inevitáveis. Esforçar-nos-emos para salvar as pessoas, mas gente como Koço Tashko deve ser posta imediatamente fora do Partido, apesar de devermos fazer esforços para salvar até mesmo esses.

Não resta a menor dúvida de que Ivanov e companhia também não agem por sua própria conta. Tais coisas vêm lá de cima, e não de qualquer um, mas do próprio Kruchov, pois até mesmo o trigo a fornecer à Albânia só pode ser entregue com ordem de Kruchov, apesar de nós o pagarmos à vista.

Devemos manter a calma, pois sabemos que essa gente quer prejudicar a nossa amizade com os povos da União Soviética. Mas ela não será prejudicada. Surgirão grandes vagas, sim, mas os comunistas albaneses e os comunistas internacionalistas da União Soviética saberão transpô-las. Assim, preservemos a unidade do Partido como a menina dos nossos olhos, mantenhamo-nos vigilantes, esmaguemos imediatamente qualquer tentativa hostil e conservemos a amizade com os povos da União Soviética. E que, como sempre, se faça propaganda disto no seio do povo.

Não quero dizer com isto que deixemos de falar contra as posições revisionistas dos dirigentes soviéticos, pois chegará o momento em que nos pronunciaremos inclusivé publicamente,

mas cada coisa no seu devido tempo. Evitemos as provocações e fortaleçamos o Partido!

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o texto extraído da acta da reunião da XVIII Sessão Plenária do CC do PTA, existente no Arquivo Central do Partido.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE ([60])

20 de Setembro de 1960

1) Recebemos um material maravilhoso de lá donde sabes, mas, infelizmente, não podemos enviá-lo para leres, pois estás longe. Basta, no entanto, que o tenhamos lido para que se te dissipe qualquer aborrecimento causado pelas misérias de Nova Iorque. É um material daqueles como se nós mesmos o tivéssemos escrito. Creio que esta explicação já basta para que tudo aí te pareça ninharia.

2) Diante de qualquer nova proposta que possa ser feita na ONU, e que, na tua opinião, seja incorrecta — política ou ideologicamente, a curto ou a longo prazo — não te apresses a dar aprovação imediata, para não pareceres que te estás a separar do «rebanho». Nesse caso, como decidimos, põe-nos a par, já que, devido ás circunstâncias políticas, podemos alinhar com os «amigos» mas, ao mesmo tempo, apresentar-lhes as nossas observações, oralmente e por escrito.

3) No que se refere aos teus discursos oficiais — mantendo sempre a forma diplomática e independentemente do facto de que os outros possam moderar o tom — toma posição sobre todos os pontos-chave, contra o imperialismo norte-

---

([60]) O camarada Mehmet Shehu, na qualidade de presidente do Conselho de Ministros da RPA, encontrava-se em Nova Iorque participando nos trabalhos da 15.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU.

-americano, etc., etc. Faz de maneira que ninguém, em qualquer época, possa ousar acusar-nos de moderação. O resto tu próprio sabes. Aqui está tudo em ordem. Estamos a preparar a ida da delegação para Moscovo.

Muitas lembranças
Shpati ([61])

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([61]) Um dos pseudónimos do camarada Enver Hoxha durante a luta de Libertação Nacional.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

23 de Setembro de 1960

Camarada Mehmet:

Temos recebido os teus radiogramas; continua a enviá-los, pois são «divertidos».

1) A delegação oficial alemã adiou a sua vinda por tempo indeterminado. Eles apresentam razões, mas daquelas que não valem nem um vintém. As razões são as que conhecemos.

2) Aproxima-te daqueles que se te mostrem mais chegados e não tenham mudado de atitude em relação a nós, e encontra uma forma de destruir a sua frente e dissipar as perturbações dos seus espíritos, pois deve haver vacilações no seio deles.

3) ...

4) ...

5) Depois do nosso pedido que sabes, os soviéticos reviram a sua decisão sobre a questão do trigo, aceitando fornecer-nos uma determinada quantidade, parte com acordo de pagamento e parte paga em ouro. Dissemos-lhes que mesmo assim não estamos satisfeitos, mas compraremos. Os romenos não nos fornecem coisa alguma.

6) ...

7) Por aqui vai tudo muito bem, não te preocupes. A nossa Rádio protestou junto dos soviéticos pelo facto de que a emissão em albanês na Rádio Moscovo não diz uma palavra a teu

respeito, onde estás, se falas ou não falas, mas diz tudo isso nas emissões em árabe. Ao fazer o nosso protesto, dissemos que, se eles continuarem a manter esta infame atitude, então não mais retransmitiremos as emissões da Rádio Moscovo através da Rádio Tirana.

Estamos a preparar-nos para o envio da delegação ([62]). Tivemos chuva nestes dias. Na tua família está tudo muito bem, os camaradas estão bem e mandam-te lembranças.

Abraços
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([62]) Refere-se à delegação do PTA que deveria participar nos trabalhos da Comissão dos 26 partidos encarregados da preparação dos materiais para a Conferência de Novembro. Composta pelo camarada Hysni Kapo e pelo camarada Ramiz Alia, secretário do CC do PTA, a delegação partiu para Moscovo em 27 de Setembro de 1960.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

26 de Setembro de 1960

Camarada Mehmet:

1) Amanhã parte para Moscovo a nossa delegação. Nela estarão Hysni e Ramiz, bem como auxiliares do sector de agitação e propaganda. Manter-te-ei a par do andamento da situação.

2) Amanhã parte igualmente para a China uma delegação que participará no Mês da Amizade Sino-Albanesa e também nos festejos.

3) ...

4) Os soviéticos continuam a fazer provocações; agora, fazem-nas também no sector da Marinha. Os nossos deram-lhes a merecida resposta. Não te preocupes, que as infâmias recaem sobre as suas próprias cabeças e eles acabam por recuar com o rabo entre as pernas.

5) Com calma, sim, mas resiste firmemente a todos aqueles que ladrarem para ti ou te provocarem. Permanece inabalável nas nossas decisões.

6) Lemos os discursos. Está muito bom o que disseste sobre o «Rei» de Belgrado ([63]). Ele mostrou mais uma vez não

---

([63]) Refere-se a Josip Broz Tito.

passar de agente do imperialismo, sobre o qual, aliás, não falou uma só vez no seu discurso. Desmascara-o impiedosamente, não só junto dos seus porta-vozes no seio do nosso campo, mas também junto dos demais.

7) (...) Lembranças a Behar. Esperamos ouvir o teu discurso hoje.

Abraços
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

28 de Setembro de 1960

Querido Mehmet:

1) Gostámos muito do teu discurso. A agência TASS transmitiu-o com atraso e não pudemos divulgá-lo de modo nenhum no mesmo dia em que falaste, nem pela rádio, nem pelos jornais. Só o publicámos no dia seguinte nos jornais e transmitimo-lo algumas vezes pela rádio. Os jornais escreverão alguns artigos com base no discurso.

2) O discurso de Castro estava bom. Publicámos tudo quanto foi transmitido pela TASS. Já os discursos dos outros amigos não divulgámos. Agiremos de maneira recíproca: quantas linhas eles publicarem do teu, tantas também nós publicaremos dos deles.

3) Que os nossos camaradas Behar e Reiz, nos enviem, por telegrama comum, comunicados sobre as conversações e contactos que possam ter com diversos dirigentes, a fim de serem publicados pela Agência Telegráfica Albanesa.

4) O Comité Central do Partido Comunista da China entregou-nos respostas enviadas aos partidos que lhe tinham mandado cartas, como já sabes. Queima-os com brasas, particularmente ao teu vizinho na ONU, Jivko (*).

(*) Diminutivo de Jivkov.

5) Foi Pospielov quem recebeu a nossa delegação em Moscovo, com muita frieza, apenas os cumprimentos da praxe e nada mais. Foram levados para um hotel. Foi para lá que levaram todas as delegações (...).

6) Da Bulgária chegam-nos informações de que (...). Na Feira de Plovdiv o último livro de Kardelj ([64]) em búlgaro está a ser vendido aos montões.

7) No dia 30 faremos a reunião do Bureau sobre o ensino e as directrizes do plano. Mas a Sessão Plenária talvez se reúna no dia 3 ou 5 de Outubro.

8) Distribuímos de maneira organizada o documento chinês, para que fosse lido por todos os principais quadros do Partido e do Estado. Ao mesmo tempo, também leram o documento soviético. Todos os quadros estão cheios de entusiasmo, manifestando grande confiança na justa linha do Partido. Os quadros estão firmes que nem uma rocha.

9) No dia 30 é a festa dos chineses. No meu discurso (*), lançarei algumas «bombas de antecipação» para os «amigos» soviéticos; vou bater na porta para que a janela escute.

10) Fiqret e as crianças estão bem. Dou-lhes sempre notícias tuas. Todos os camaradas estão bem e enviam-te lembranças. Espero com impaciência o radiograma com o qual me porás a par do andamento do famoso almoço.

Abraço-te
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([64]) Ideólogo revisionista jugoslavo. No seu livro «O socialismo e a guerra», falsifica os princípios fundamentais da ciência marxista, deforma a realidade do socialismo e coloca-se aberta e inteiramente ao serviço dos provocadores de guerras de rapina.

(*) Vide pág. 159 deste volume.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

29 de Setembro de 1960

Querido Mehmet:

1) Estamos a seguir atentamente todos os discursos, que podemos caracterizar com as palavras de Shakespeare: «Tanto barulho para nada!» Com efeito, faz-se um grande barulho, e sobretudo quando o «auto-barulho» — se o termo é permitido — é ensurdecedor. Que grande tempestade num copo de água, para no fim não aparecer nada de consistente! Aderimos inteiramente à tua opinião de que a coisa saiu como tínhamos previsto. Naturalmente, no fim de tudo, como conclusão, dir-se-á que a reunião foi positiva e «fizemos bem em vir» — como «Rrapo Lelo» ([65]) já declarou no almoço.

2) As negociações íntimas com o revisionista-mor de Belgrado são vergonhosas. As suas constantes conversações em plena luz do dia certamente preparam-nos novas iniciativas catastróficas (...).

Está a ser minada a influência da União Soviética, da China e de todos os nossos países. E aqui devemos ver sobre-

---

([65]) Alude ironicamente a Kruchov. Rrapo Lelo foi um inimigo do povo, um *Kulak* da região de Mallakastra.

tudo a actividade de sapa contra a influência chinesa junto dos novos Estados, os do chamado «terceiro mundo». Com a sua manobra, «Rrapo Lelo» visa golpear a China ideologicamente e miná-la politicamente. Com as suas acções, ele está a contribuir para o desenvolvimento do capitalismo, fortalecendo o imperialismo e enfraquecendo o nosso campo e as nossas posições na ONU (...).

E é essa terrível capitulação que os porta-vozes e lambe-botas de «Rrapo Lelo» classificam de grande êxito. Penso que, com tacto, deves arranjar forma de transmitir as nossas posições sobre tais manobras àqueles que consideres que estão preocupados com esta situação mas que não têm coragem para abrir a boca. Por que razão mantemos nós tão escondidos os nossos justos pontos de vista? É bem possível que algum deles vá dizer a «Rrapo Lelo» os nossos pontos de vista, mas pouco se nos dá. «Rrapo» compreenderá que não conversamos com ele sobre estas questões e, se não gostar, que vá para o inferno.

3) Quanto ao discurso de Gomulka, também chegámos às mesmas conclusões. Não podemos aceitar de maneira nenhuma as suas propostas. É inteiramente inadmissível um *status quo* favorável aos imperialistas. Adopta a posição que já decidimos. No que respeita às propostas de Gomulka, não só deves recusá-las mas diz-lhe também que, se elas se transformarem em resoluções, as denunciaremos na reunião plenária dos partidos comunistas e operários de Moscovo.

4) ...

5) ...

6) Ontem à noite estive com a tua família. Dei os teus radiogramas para que Fiqret lesse, e ela divertiu-se. A tua mãe e as crianças estão bem. Não te preocupes. O teu rapaz partiu a espada. Portanto, quando vieres, traz-lhe outra; creio que ainda encontrarás alguma por aí, pois nem todas as espadas devem ter sido fundidas e transformadas em arados ...

Dá lembranças a Behar. O filho está bem. Diz-lhe que cuide bem de Lukanov ([66]), para que o vento não o leve...

Abraço-te com saudades
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([66]) Então ministro de Relações Exteriores da República Popular da Bulgária, cuja destituição era prevista, vindo efectivamente a dar-se depois.

O NOSSO POVO E O NOSSO PARTIDO DEDICARÃO TODAS AS SUAS ENERGIAS À PRESERVAÇÃO E AO MAIOR DESENVOLVIMENTO DA AMIZADE COM A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Discurso pronunciado na recepção oferecida pela Embaixada da Republica Popular da China por motivo do 11.º aniversário da proclamação da República Popular da China

30 de Setembro de 1960

Queridos camaradas e amigos:

É com grande alegria que, em nome do Comité Central do Partido, do Governo e do Presidium da Assembleia Popular, saúdo do fundo do coração o grande e heróico povo chinês, o glorioso Partido Comunista da China e o Governo chinês por motivo do 11.º aniversário da proclamação da República Popular da China, desejando-lhes sempre maiores êxitos na construção do socialismo e na sua decidida luta em defesa do socialismo e da paz em todo o mundo!

O triunfo da Revolução Popular e a proclamação da República Popular da China, em 1 de Outubro de 1949, constituem um acontecimento de grande importância histórica, não só para o povo irmão chinês, mas também para toda a humanidade. A Revolução Popular Chinesa representa o mais importante acontecimento histórico deste século, depois do triunfo da grande Revolução Socialista de Outubro, gloriosamente dirigida pelo Partido Bolchevique e pelo grande Lenine. A procla-

mação da República Popular da China foi a coroação das aspirações e lutas seculares do povo chinês pela liberdade, a independência, o pão e a paz, bem como resultado da correcta direcção marxista-leninista do Partido Comunista da China, que levou a China à sua maior vitória, a proclamação da República Popular.

Faz agora 11 anos que, sob a direcção do glorioso Partido Comunista da China e tendo à frente o seu grande filho, o camarada Mao Tsé-tung, o povo mais numeroso do mundo, o heróico povo chinês de 650 milhões de seres, depois de uma longa luta revolucionária travada em condições extremamente difíceis, derrotou e derrubou para sempre os imperialistas japoneses, as forças de Chiang Kai-chek — servidoras do imperialismo, do capitalismo e do latifúndio — e os sanguessugas de todas as espécies e instaurou o seu regime de democracia popular. O nascimento da nova China Popular representou um golpe particularmente forte no imperialismo internacional, fazendo com que o seu odioso sistema colonial caminhasse rapidamente para a desagregação. Trata-se, assim, de uma contribuição de grande importância histórico-mundial para toda a humanidade e para a causa da libertação nacional e social. O movimento revolucionário tomou um novo ímpeto não só na Ásia, mas também em todo o mundo, apoiando-se desde então também nos resultados dessa vitória colossal.

V. I. Lenine e J. V. Staline apreciaram altamente o grande potencial revolucionário do povo chinês e a sua poderosa contribuição à luta dos povos para se livrar das garras do imperialismo. V. I. Lenine escreveu nas resoluções da Conferência de Praga do Partido Operário Social-Democrata Russo: *«A Conferência (...) constata a importância mundial da luta revolucionária do povo chinês, que está a levar a libertação à Ásia e a minar a dominação da burguesia europeia, saúda os revolucionários republicanos da China e manifesta o entusiasmo e a total simpatia com que o proletariado da Rússia está a seguir*

os êxitos do povo revolucionário da China» (...) (*). Também J. V. Staline escreveu: *«É imensa a força do movimento revolucionário na China. Ela ainda não encontrou a sua devida expressão, mas encontrá-la-á no futuro. Os governadores do Leste e do Oeste, que não vêem essa força e não lhe dão a importância devida, sofrerão as consequências (...). A verdade e o direito estão inteiramente do lado da revolução chinesa. Eis porque nós simpatizamos e continuaremos a simpatizar com a revolução chinesa na sua luta para libertar o povo chinês do jugo imperialista e unificar a China num Estado único. Quem não considera ou não considerar esta força será certamente derrotado»* (**). E a reacção interna chinesa e os imperialistas erraram nos seus cálculos sobre a força revolucionária do povo chinês, que os derrotou de uma vez para sempre, proclamando a República Popular em 1 de Outubro de 1949.

Apesar de possuir riquezas colossais, uma cultura antiga, um vasto território e a maior população do mundo, a velha China, sob a dominação dos imperialistas e dos seus servidores — os governantes reaccionários e sanguessugas — era um país extremamente atrasado do ponto de vista económico. A bárbara exploração colonial e a opressão das classes dominantes tinham refreado as inesgotáveis energias deste povo tão talentoso e de tão grande capacidade criadora. Mas, no breve espaço de 11 anos, decorrido desde a tomada do poder, este grande e valoroso povo mostrou a todo o mundo a sua capacidade e o seu maravilhoso talento, alcançando êxitos sem precedentes na sua história milenar. E, agora, ele está a transformar rapidamente a sua pátria num país socialista avançado, inspirando, com o seu brilhante exemplo, os demais povos do mundo recém-libertados do jugo colonial do imperialismo ou que ainda sofrem sob a feroz exploração imperialista.

A economia nacional chinesa desenvolveu-se em ritmo acelerado nos anos que se seguiram à libertação, característica

---

(*) V.I. Lenine, Obras (Ed. albanesa), 17.º Volume, pág. 548.

(**) J.V. Staline, Obras (Ed. albanesa), 7.º Volume, págs. 296-297.

que só se observa nos países socialistas, dirigidos pelos partidos marxistas-leninistas. Depois de cumprir com êxito o seu Primeiro Plano Quinquenal em 1957, a Repúblisa Popular da China alcançou sucessos deslumbrantes em 1958 e 1959, realizando três anos antes do prazo os principais índices do segundo Plano Quinquenal 1958/1962. No ano passado, o valor global da produção industrial cresceu 39,3 % e o da produção agrícola aumentou 16,7 % em relação a 1958 — e isto apenas num ano. A grande China, antes avassalada pela miséria e pela fome crónica e dominada pelos latifundiários, os capitalistas locais e os imperialistas — desde os japoneses, ingleses e franceses até aos norte-americanos — está hoje a transformar-se de dia para dia num país socialista avançado, cujas massas trabalhadoras elevam continuamente o seu nível material e cultural.

Acabaram-se para todo o sempre os tempos em que o povo chinês não desfrutava de nenhum direito. Agora, finalmente, as amplas massas populares gozam de todos os bens da democracia socialista e participam activa e amplamente da solução dos problemas actuais do país. Com a derrocada do velho poder na China Popular multinacional, também desapareceu a opressão nacional, fazendo com que, hoje, todas as nacionalidades vivam em harmonia como numa grande família, contando com iguais direitos, ajudando-se mutuamente como irmãs e vivendo assim numa total e exemplar unidade.

As profundas transformações económicas e sociais operadas na irmã República Popular da China nestes 11 anos devem-se à firmeza do Partido Comunista da China na aplicação correcta e criadora dos princípios do marxismo-leninismo, aos estreitos laços do Partido com as massas trabalhadoras, à autoridade do Partido e ao ardente carinho de todo o povo chinês pelo Partido Comunista, pelo seu Comité Central e pelo grande filho do povo e do Partido, o camarada Mao Tsé-tung. Os contínuos e imensos êxitos do talentoso povo chinês na construção do socialismo também se devem à justa e firme luta de princípios do Partido Comunista da China em defesa da pureza dos princípios marxistas-leninistas e ao combate contra

o revisionismo contemporâneo e qualquer outra nociva manifestação anti-marxista.

As colossais vitórias alcançadas pela República Popular da China nestes 11 anos transformaram a nova China numa grande potência mundial, numa decidida combatente pela paz e o socialismo, que goza de um grande e crescente prestígio internacional. Na sua política externa, o Partido Comunista da China sempre se guiou pelos elevados princípios da política leninista de paz e amizade entre os povos e pelos nobres princípios do internacionalismo proletário. Este grande e glorioso Partido, em cujo seio militam cerca de 14 milhões de membros, constitui uma força colossal do movimento comunista internacional, marchando ombro a ombro e em estreita união com todos os partidos comunistas e operários do mundo e mantendo hasteada e imaculada a bandeira do marxismo-leninismo.

A grande República Popular da China, integrante da enorme família do campo socialista, desempenha um relevante e importante papel na arena internacional. Luta continuamente pelo fortalecimento e pela consolidação da unidade do campo socialista, dando uma imensa contribuição à luta de todos os povos do mundo na defesa da paz e pela justa solução de todos os problemas internacionais ainda pendentes de solução. O Partido Comunista da China e o grande povo chinês encaram correctamente, com uma óptica revolucionária, a causa da libertação dos povos escravizados pelo imperialismo e pelo colonialismo e, na medida das suas possibilidades, ajudam esses povos a conquistar a sua libertação nacional.

Foi precisamente por esta justa luta que a República Popular da China granjeou respeito e simpatia não só no continente asiático, mas também em todo o mundo. Por isso, são inúteis os esforços dos agressores imperialistas, sobretudo dos norte-americanos e dos seus fiéis servidores, os revisionistas jugoslavos, que caluniam e inventam mil e uma infâmias para fazer crer que a China «não quer a paz, mas a guerra», «é contrária à coexistência pacífica entre países de diferentes sistemas sociais», e assim por diante.

Tendo em vista minar a simpatia e a grande influência que a República Popular da China não cessa de conquistar na arena internacional, os imperialistas norte-americanos lutam obstinadamente para que ela não ocupe o seu legítimo lugar na Organização das Nações Unidas ou noutras organizações internacionais. Os vorazes imperialistas norte-americanos ocuparam o secular território chinês de Taiwan e procuram por todos os meios isolar a China para evitar a sua participação na solução dos problemas internacionais. E todas estas iniciativas dos imperialistas norte-americanos integram-se na sua política agressiva, voltada contra o campo socialista em geral e contra a China Popular em particular.

Desta maneira, a defesa da República Popular da China contra qualquer manejo dos imperialistas e a nossa insistência para que lhe sejam reconhecidos todos os direitos que lhe cabem na arena internacional contribuem para fortalecer o campo socialista e conjurar uma nova guerra mundial. Permitir que o imperialismo norte-americano continue a trilhar esse caminho contra a República Popular da China significa deixar que ele golpeie uma das mais fortes posições do nosso campo socialista, bem como a paz e a coexistência pacífica entre os povos. Qualquer esforço de qualquer natureza dos imperialistas e dos seus servidores contra a grande China Popular terá de se defrontar com o duro contra-golpe do campo socialista, de todos os comunistas do mundo e de toda a humanidade progressista. A grande China derrotará os imperialistas e os seus servidores na luta pela conquista dos seus legítimos direitos.

Visando enganar e adormecer os povos, os imperialistas norte-americanos apregoam ser favoráveis à coexistência pacífica entre Estados de diferentes sistemas político-sociais, mas as suas palavras não passam de um logro. Clara prova disso é a atitude do governo norte-americano em relação à China, à Albânia e a muitos outros Estados. O Governo da República Popular da China sempre lutou sinceramente para viver em paz com todos os Estados, indepedentemente dos

seus regimes, como o comprovam os múltiplos laços de amizade da República Popular da China com grande número de Estados da Ásia e da África, com Cuba e outros países, bem como os vínculos comerciais e culturais que a China mantém e desenvolve diariamente com inúmeros Estados. Os imperialistas, porém, fracassarão vergonhosamente na sua política, como já está a acontecer.

Em Nova Iorque, como se sabe, foi inaugurada, e prossegue os seus trabalhos a sessão ordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas. O chefe do Governo da República Popular da Albânia, camarada Mehmet Shehu, manifestou aí a vontade do povo albanês, do nosso Partido e do nosso Governo no sentido de que seja preservada a paz mundial. Condenou o colonialismo. Defendendo a grande China, o camarada Mehmet Shehu exigiu com persistência a sua admissão nas Nações Unidas e a expulsão da camarilha fantoche de Chiang Kai-chek, acentuando com razão que nenhum grande problema internacional pode ser solucionado correcta e verdadeiramente sem a participação da China.

O imperialismo está em putrefacção. Entretanto, o marxismo-leninismo ensina-nos que, enquanto existir o imperialismo subsistirão também as causas das guerras de rapina. Por isso, devemos estar sempre vigilantes em relação ao imperialismo, pois só assim poderemos impor a vontade da humanidade amante da paz a essas feras imperialistas com feições de gente. E isto só será alcançado através do caminho revolucionário, sem fazer concessões de princípios aos imperialistas e mantendo sempre a vigilância diante de todos os seus esforços para debilitar as nossas posições políticas, ideológicas, económicas e militares. Devemos unir os nossos esforços à luta revolucionária libertadora dos países coloniais e dependentes e à luta de todas as forças progressistas e amantes da paz de todo o mundo. Os febris preparativos de guerra dos imperialistas norte-americanos e dos seus servidores devem ser desmascarados sem transigência. Que eles e os revisionistas de Belgrado sejam impiedosamente desmascarados e combatidos nos terrenos polí-

tico e ideológico, pois só assim estaremos a servir devidamente a causa da verdadeira paz, da coexistência, da libertação dos povos que sofrem o jugo colonial, do triunfo do socialismo e do comunismo. É este o caminho marxista-leninista que o nosso Partido tem seguido e continuará a trilhar sem qualquer vacilação.

Da mesma forma que a República Popular da China, a nossa República Popular segue e continuará a seguir uma coerente política de paz e coexistência pacífica entre os povos. Como o grande Lenine nos indicou, essa política, paralelamente aos esforços pelo estabelecimento de relações amistosas entre os Estados, consiste também em nunca abandonar a luta política e ideológica contra os capitalistas e os traidores do marxismo-leninismo, os revisionistas contemporâneos.

O povo albanês está ligado ao grande povo chinês por uma amizade indestrutível, seguindo com simpatia e admiração a sua luta pela paz e o socialismo. O nosso Partido e o nosso Governo sempre apoiaram e continuarão a apoiar com todas as suas forças a política pacífica e os direitos da República Popular da China na arena internacional. O nosso povo e o nosso Partido alegram-se por ter no povo chinês um grande e fiel amigo. Eles dedicarão todas as suas energias à preservação e ao maior desenvolvimento da sadia amizade que liga os nosos dois povos irmãos, com base no marxismo-leninismo.

Aproveito esta ocasião em que estamos reunidos por motivo deste glorioso aniversário para, em nome do nosso Partido e do nosso povo, expressar mais uma vez ao Partido Comunista, ao Governo da República Popular da China e a todo o grande e irmão povo chinês o profundo reconhecimento e os agradecimentos mais calorosos pela sua contínua ajuda à construção do socialismo no nosso país. Nestes momentos de alegria para o povo chinês amigo, enviamos-lhe os nossos mais calorosos votos de que ele realize as suas aspirações, de que vá avante a construção do socialismo e de que a paz triunfe em todo o mundo!

Permitam-me, camaradas e amigos, fazer um brinde:

Ao grande e talentoso povo chinês!

Ao glorioso Partido Comunista da China, tendo à frente o destacado marxista-leninista, camarada Mao Tsé-tung!

Ao Governo da República Popular da China, chefiado pelo camarada Chu En-Lai!

À eterna amizade entre os nossos dois povos!

Ã paz em todo o mundo!

À vossa saúde, camaradas e amigos!

Publicado pela primeira vez no jornal «Zeri i Popullit» (A Voz do Povo), órgão do CC do PTA, n.º 253 (3764), de 1 de Outubro de 1960.

Publica-se conforme o 19.º Volume (Ed. albanesa).

CARTA ENVIADA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

1 de Outubro de 1960

Querido camarada Hysni:

A tua carta e o documento que me enviaste foram-me entregues ontem quando estávamos reunidos no Bureau Político para examinar o projecto de directrizes do Terceiro Plano Quinquenal, a ser apresentado ao IV Congresso do Partido, bem como o informe sobre a reorganização da escola. Quando acabava de receber o documento, chegou também o teu radiograma informando que aquele material deve ser-te devolvido. Por isso, o entregámos para ser copiado. Digo-te tudo isto para que compreendas que, no momento em que te escrevo, ainda não comecei a ler o documento que me enviaste e, sendo assim, nada tenho a dizer sobre ele por enquanto. Enviar-te-ei a minha opinião através de um radiograma ou de uma carta mais longa, que te será mandada por avião.

Unindo-me ao teu ponto de vista, também considero que os soviéticos estão a levar a cabo uma infame manobra com objectivos bem determinados.

O documento que fizeram pode ser aceitável até certo ponto; foi elaborado de maneira a poder levar correcções ainda mais fortes. Isso para eles não tem grande importância! Poderão mesmo dizer: «Se quiserem, nós transformamo-lo até em pólvora; o que é preciso é que não se faça polémica, que tudo corra na mais completa ordem e calma; mas no que respeita

à aplicação daquilo que pusemos no papel, disso ocupamo-nos nós, quer dizer, continuamos o nosso caminho e violamos também esta declaração, como fizemos com a de Moscovo; e se vocês nos acusarem de novo, convocamos uma segunda reunião de Bucareste e tratamos-lhes da saúde.»

Se os soviéticos fizeram algumas concessões ou estão predispostos a aceitar que a declaração se torne ainda mais forte, **não o fazem porque tenham mudado de posição ou porque admitam os erros, mas para encerrar a história por aí, fazendo pretensas concessões. Pensam que nós estamos ávidos e doentes por declarações. Mas nós temos o marxismo-leninismo. O que precisamos e no que insistimos é que os soviéticos corrijam os seus erros oportunistas.** A declaração deve ser a conclusão dessas discussões. É precisamente isto que atemoriza os soviéticos, e é isto precisamente o que não nos atemoriza.

Os soviéticos têm medo das discussões, não só porque houve abalos noutros partidos depois de Bucareste, mas também porque tais abalos se tomarão ainda mais fortes depois de Novembro. Sabendo disto é que eles procuram antecipar-se, apresentando essa declaração e dizendo: «Se quiserem, podemos tomá-la ainda mais forte.» E, com isso, todos os seus porta-vozes saem a gritar e aclamar: «Eureka! Esta é, foi e será a nossa linha! Não errámos nunca! A China reflectiu, reviu os seus erros e voltou ao caminho justo. Ou seja, *a Reunião de Bucareste foi muito paliezno (*). Nos nossos partidos, a China e a Albânia foram condenadas como dogmáticas, etc.* Nós matámos dois coelhos com uma só cajadada: desmascarámo-los e curámo-los ao mesmo tempo e ainda deixamos a porta aberta para amanhã ou, depois, dizermos novamente aos partidos que os doentes não tinham sido inteiramente curados, já que tiveram uma recaída de dogmatismo. No fim de contas, ganhámos nos dois tabuleiros e continuamos a trilhar o nosso caminho.» É mais ou menos este o raciocínio dos sovié-

(*) Em russo no original — proveitosa.

ticos e dos seus porta-vozes, penso eu. Nikita encontrou o remédio para Jivko e companhia.

Não podemos de maneira alguma cair nas manobras ardilosas dos revisionistas soviéticos. Devemos dar a entender aos soviéticos e aos outros que concordamos em elaborar esse documento, tirando ou acrescentando coisas, mas que ele deverá sair como conclusão das discussões multilaterais de Novembro, as quais têm de visar o seguinte: como foram aplicados os princípios do marxismo-leninismo e as decisões da Conferência de Moscovo de 1957; quem deles se afastou e quem os aplicou com coerência. E tem de ser feita também uma reavaliação da Reunião de Bucareste com base nos factos — e não só nos «factos» apresentados pelos soviéticos, mas também com base nos factos que os demais partidos levarão sobre a questão.

A próxima Conferência de Moscovo não pode ser uma reunião puramente formal, nem uma reunião de polémica estéril, mas uma reunião de grande importância construtiva, com base no marxismo-leninismo e nas normas leninistas. Não poderá ter o sentido de uma reunião conciliatória «pacifista», destinada a encobrir graves erros com um véu de seda, mas de uma reunião que ponha a descoberto e cure radicalmente os erros. Outra via não há, e que não esperem de nós nenhuma outra solução. Se esses erros não forem encarados de frente, estamos seguros de que os revisionistas levarão ainda mais adiante a fúria do seu trabalho destruidor. Portanto, só há um caminho para nós — a luta em defesa do marxismo-leninismo, e não a conciliação com os erros oportunistas e revisionistas na ideologia e na política, como fazem Kruchov e o seu grupo. Penso que a luta deve começar já na comissão, para onde os outros partidos, à excepção do da China, enviaram gente do quarto escalão; e assim fizeram porque, naturalmente os soviéticos já acertaram tudo com eles, adoptaram uma táctica comum e agora procuram saltar mais facilmente o fosso que eles próprios cavaram, acusando a China e nós de mil e uma coisas. **Mas nós não engolimos isso.**

Por agora, não me alongo mais, pois tu próprio sabes das coisas. Quando te enviar as observações sobre o documento, então poderei alongar-me mais.

Lembranças ao Ramiz e aos outros camaradas.

Abraços
Enver

Escrevo-te à pressa porque o avião vai partir; por isso, terás dificuldade na leitura. Ontem, estivemos com os camaradas chineses e lancei as «bombas de antecipação» no meu discurso.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

1 de Outubro de 1960

Camarada Hysni:

1) O problema apresenta-se assim: que caminho deve trilhar o movimento comunista internacional na situação actual e como marchou ele do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética para cá?

2) Os chineses e nós pensamos terem sido cometidos graves erros de princípios, tácticos e estratégicos, por parte do grupo de Kruchov. Este grupo desviou-se dos princípios marxistas-leninistas e violou a Declaração da Conferência de Moscovo de 1957. E não só aprofundou os seus próprios erros como também promoveu a Reunião de Bucareste, acusando a China directamente e a nós indirectamente de dogmatismo, e assim por diante. Portanto, os chineses e nós lutaremos para que sejam comprovadas e aceites por todos as nossas justas teses, bem como para que o grande erro cometido pela direcção soviética na Reunião de Bucareste seja provado e reconhecido.

3) O grupo de Kruchov e os que se encontram comprometidos com ele defendem teses contrárias. Na Reunião de Bucareste, esse grupo conseguiu fazer alinhar do seu lado praticamente todos os presentes, fazendo com que, pelo menos as direcções, aceitassem que «Kruchov não errou, os chineses erraram e Bucareste era necessário e correcto».

4) Para nós, todos os problemas devem ser resolvidos na próxima Conferência de Moscovo. Para o grupo de Kruchov, em função dos seus objectivos, os problemas foram resolvidos em Bucareste. Portanto, o grupo de Kruchov chega à Conferência de Moscovo com o ponto de vista de que a sua via e os seus actos foram correctos e de que nós devemos aceitar uma declaração que aponte a direcção em que deve marchar o movimento comunista internacional; mas quem se desviou, quem teve faltas e o que representou a Reunião de Bucareste são questões que ficam silenciadas; e a China, consequentemente, continua condenada.

5) Suponhamos agora que a Declaração da próxima Conferência de Moscovo possa ser bem formulada, de modo a definir um caminho justo para o movimento comunista internacional. Uma Declaração dessas seria uma espécie de cópia da adoptada pela Conferência de Moscovo de 1957. Da mesma forma, suponhamos que a comissão aí reunida para preparar a Conferência de Moscovo altera a Declaração, mas sem esclarecer concretamente quem se desviou e por que motivo a China foi condenada em Bucareste. Mesmo que as coisas sucedam desta forma, o nosso justo objectivo não terá sido alcançado.

6) O nosso objectivo e a nossa tarefa não residem no aumento da colecção de declarações, mas na condenação e na correcção dos erros. É isto o importante, pois só assim haverá a certeza de que tanto a Declaração de 1957 como a nova declaração serão aplicadas correctamente, pela via marxista-leninista.

7) O marxismo-leninismo, a Declaração da Conferência de Moscovo de 1957 e a nova declaração a ser emitida pela próxima Conferência de Moscovo não têm nenhum valor para o grupo de Kruchov. Portanto, mesmo que nos esforcemos por melhorar essa declaração, isso não terá qualquer valor se os erros não forem analisados e reconhecidos por parte deles. Assim, a vossa reunião tem de começar a luta contra os erros e não ficar só na discussão do projecto de declaração. Que o projecto de declaração seja discutido através do desmasca-

ramento dos erros do grupo de Kruchov. Pode acontecer que não se chegue a nenhuma conclusão até à Conferência. Nesse caso, a manobra deles terá fracassado.

8) O novo documento tem muitos pontos fracos — e disso falarei mais tarde — mas o facto é que as pálidas concessões do grupo de Kruchov visam adormecer-nos, pensar que, tendo-se alterado o projecto de declaração, se fecharam as portas para a discussão dos erros do grupo.

9) Apresentaremos os problemas na Conferência de Moscovo da maneira como indiquei acima, pois, para nós, o problema mantém-se na sua totalidade. Damos ao grupo de Kruchov e a todos os partidos um projecto de declaração correcto, solicitando que os trabalhos se realizem com base nele. Mas, na Conferência, não ficaremos nos limites da declaração, pois consideramo-la como conclusão dos debates que se realizarão, enquanto que o grupo de Kruchov pensa de forma diferente, dando a entender justamente o contrário. Muitos representantes dos demais partidos à Conferência já estão antecipadamente comprometidos com Kruchov de uma ou de outra maneira, alguns mais e outros menos. Encontrando-se diante de uma declaração previamente bem preparada pela Comissão, eles ficarão pasmados com a nossa correcta discussão e com as nossas críticas duras e justas, às quais o grupo de Kruchov se oporá, na impossibilidade de impedi-las. E no final, chegar-se-á à conclusão de que não estamos de acordo com o grupo de Kruchov e os seus partidários, mas concordamos com o projecto de declaração preparado previamente.

10) Por um lado, atingiremos as divergências, pois o grupo de Kruchov nunca admite os seus erros. Mas, por outro lado, a Conferência de Moscovo acabará por nos colocar diante da questão: subscrevem ou não esta declaração, que é correcta (mas que não diz quem tem erros na linha, etc.)? Se subscrevermos uma declaração dessas, contendo erros de princípio, sem termos alcançado o nosso objectivo de pôr bem a descoberto os erros do grupo de Kruchov, então este grupo terá triunfado e a China continuará condenada. Se, porém, não a

subscrevermos, damos uma arma ao grupo de Kruchov e aos seus seguidores para que nos acusem de não termos subscrito uma declaração correcta.

Tudo isto constitui uma táctica bem pensada pelo grupo de Kruchov. De certeza, esta táctica foi elaborada por todo o grupo dos soviéticos, juntamente com Jivko e companhia, que já antes conheciam o documento. Portanto, façam esforços para corrigir o projecto de declaração, conforme os nossos pontos de vista. Se não se faz isto, então acabaremos por nos meter na via que expliquei mais acima, o que é perigoso.

A declaração correctamente elaborada tem de reconhecer os erros do grupo de Kruchov e denunciar os seus objectivos na Reunião de Bucareste. E, como o grupo de Kruchov não admite os seus erros, o documento ficará pendente e, com isso, tudo terá de ser decidido depois das discussões da Conferência.

Finalizando, estas são apenas algumas ideias preliminares. Reflictam e actuem conforme a justa linha do nosso Partido e segundo as instruções que o Bureau Político já lhes deu e continua a dar-lhes. Mas mantenham-nos, ao mesmo tempo, a par de tudo.

Estamos a trabalhar nas observações sobre o documento e ajudar-vos-emos com todas as nossas possibilidades.

Muitas lembranças para ti, Ramiz e para todos os camaradas.

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

1.º de Outubro de 1960

Querido Mehmet:

1) Inicia-se hoje a Reunião de Moscovo ([67]). Delegações muito apagadas, à excepção da chinesa e da nossa; 50 pessoas ao todo. Soubemos que a delegação búlgara actuará como lhe dizem os soviéticos, no sentido de não atiçar a polémica. É esta a directriz geral lançada pelo «amigo» que está contigo por aí.

2) Os soviéticos entregaram um documento de 36 páginas, em forma de declaração, como base para discussão, no sentido de acrescentar ou suprimir alguma parte. Acabámos de traduzi-lo e copiá-lo, pois chegou-nos ontem. E há pouco acabei de fazer uma primeira leitura rápida. Em Moscovo, a verdadeira reunião de trabalho começará terça-feira próxima, dia 4.

3) As primeiras impressões sobre o documento: uma infame manobra dos revisionistas, sem tom polémico, mas com algumas insinuações subtis e abjectas, inúmeras e grandes lacunas, ajustamentos das arestas perigosas para eles, alguns recuos tácticos para atirar poeira aos olhos e algumas aproximações com as nossas teses, como quem diz «aí está, estamos a fazer concessões face à vossa teimosia e a ter em conta que temos um feroz inimigo diante de nós; portanto, tomai esta declaração, satisfazei-vos e utilizai-a como incenso». Ela, porém,

---

([67]) Refere-se à reunião da Comissão Preparatória dos 26 partidos.

deve ser lida novamente com atenção; e eu farei recomendações a Hysni sobre as questões de fundo.

4) A manobra dos revisionistas, conforme a minha opinião: «Encubramos todos os erros com um véu de grinaldas.» E o véu é precisamente esta declaração. Eles pensam que estamos sedentos de declarações, como se nós não tivéssemos a nossa ideologia, o marxismo-leninismo. Assim, segundo eles, «satisfazem-nos o desejo» com uma declaração, deixando brechas para que sejam feitas correcções e, inclusivé, para que se meta «até mesmo pólvora» dentro dela. Creio que eles vão afrouxar um pouco a corda, para depois dizer: «Vejam, esta era a nossa linha, vocês acrescentaram alguma coisa, nós estivemos de acordo, agora nada nos separa e hurra! Mas quem se desviou do marxismo-leninismo, quem é revisionista ou dogmático, como foi a história de Bucareste, como é que as coisas foram conduzidas depois, etc., etc. — isto são coisas decididas, e decididas correcta e unanimemente. Quer dizer: vocês resvalaram para o dogmatismo, nós condenámo-los com razão, nós desmascarámo-los nos nossos partidos, isto serviu-lhes de lição, vocês reflectiram sobre os vossos erros, vieram aqui, discutimos, chegámos a um acordo e fizemos até uma declaração. Agora, rapazes, vão para casa, façam a auto-crítica nos vossos partidos e não cometam mais o erro de nos criticar, se não levá-los-emos a uma segunda reunião de Bucareste, e desta vez vocês serão reincidentes.» É este, aproximadamente, o objectivo de «Rrapo Lelo». Este raciocínio e esta táctica de «Rrapo» representaram certamente o cúmulo da satisfação para Jivko e companhia. E isto porque, se não hoje, daqui a algum tempo certamente haveria um terramoto sob os seus pés, coisa que eles pensam evitar com esta manobra. Naturalmente, este é o caminho deles, mas não o nosso. O nosso caminho é aquele que já traçámos; e é o caminho correcto.

5) Avisei Hysni para começar já a luta na Comissão e que dê claramente a entender que nós poderemos discutir o projecto de declaração, suprimir ou acrescentar coisas, mas que a declaração terá de ser a conclusão de debates marxistas-leninistas

sobre as questões em foco: quem aplicou correctamente e quem traiu o marxismo-leninismo e a Declaração de Moscovo de 1957; quem são os revisionistas e quem não é dogmático; quem promoveu a Reunião de Bucareste e por que razão o fez; quem criou esta divisão e por que motivo a criou. Todas as questões serão lançadas sobre a mesa e estudadas, não só com base nos factos mentirosos dos soviéticos, mas também com base nos argumentos dos chineses, nossos, dos outros e de quem os tiver. Paz pela paz no movimento comunista, isso não aceitamos; que se encubram as faltas, isso não permitimos. Não podemos deixar que a Conferência de Moscovo seja uma «conferência de revisionistas» e de pacifistas de direita; lutaremos para que ela seja uma conferência marxista, combativa, construtiva. Não há outro caminho. Desta maneira, que se acabe com qualquer ilusão dos kruchovianos, que se arruinem as suas manobras e que se vá até o fim. Creio que os chineses agirão da mesma forma que nós.

Por enquanto é só. Se tiveres observações e sugestões, escreve-nos.

Abraço-te
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

QUE A DECLARAÇÃO DE MOSCOVO SE TORNE O MAIS FORTE POSSÍVEL, FEITA DE PÓLVORA E NÃO DE ALGODÃO

Carta enviada ao camarada Hysni Kapo em Moscovo

4 de Outubro de 1960

Querido camarada Hysni:

Recebi esta manhã a tua carta e compreendi os vossos pontos de vista. Estou de acordo com eles e também com as vossas propostas, as quais, em geral, correspondem ao que lhes escrevi.

Assim, saliento mais uma vez: conforme conversámos quando partiste de Tirana, vocês lutarão para que a declaração da Conferência de Moscovo se tome o mais forte possível, feita de pólvora e não de algodão e contendo formulações correctas, condizentes com os nossos pontos de vista e não com teses equívocas e desenxabidas, como tentará fazer a delegação soviética, cujas ideias são oportunistas e revisionistas.

Deveis ter em vista uma coisa: que, através dessa declaração nós não só exprimamos as correctas concepções marxistas-leninistas do nosso Partido sobre os problemas, mas também façamos com que, ao ler esse documento, qualquer comunista do mundo compreenda imediatamente que foi o grupo de Kruchov quem perdeu no «conflito ideológico» por ele tão apregoado no nosso campo e fora dele e que a sua linha revisionista

foi condenada. E que, pela simples leitura, isto seja compreendido em primeiro lugar pelos membros daqueles partidos em que as questões foram apresentadas de maneira deformada, com calúnias contra o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia, que foram condenados e cobertos de lama injustamente. E isto tem muita importância, pois os caluniadores não têm a menor intenção de voltar aos seus partidos para fazer auto-crítica. Portanto, as coisas dependem muito das discussões que vocês travarem aí e das formulações que propuserem. Prestem a maior atenção à formulação das questões principais, cuidando de não ficarem limitados ao texto soviético e à forma por eles dada à colocação de um problema. Quero dizer com isto que não devem tentar rectificar as questões com base na frase elaborada pelos soviéticos ou, então, temer quebrar o «quadro» geral ou parcial da estrutura do texto soviético. Tal forma de construção do texto estorvá-los-ia na formulação das ideias como nós as concebemos, já que os soviéticos redigiram o documento conforme os seus pontos de vista, ampliando nalguns pontos para meter um pedaço de veneno ou então distribuindo o veneno ao longo de toda uma «tirada» e ainda espalhando pelo caminho um pouco de açúcar refinado. Portanto, não façam um quebra-cabeças da estrutura e da construção do texto soviético. Preocupem-se, isto sim, com os problemas-chave, suprimindo as ervas daninhas e as asneiras, e o Secretariado que arranje depois a estrutura da declaração.

Na minha opinião, a declaração é nojenta justamente nas questões principais, exactamente como também vocês pensam. Li-a uma vez com todo o cuidado e, durante a leitura, já fui tomando algumas notas à margem do texto. O tempo não me permitia reunir todas essas observações e elaborá-las. Assim, decidi enviar-lhes o texto anotado por mim. Não pensem que cada uma dessas notas é uma pedra preciosa, pois há também coisas supérfluas, apressadas, feitas sob a pressão da raiva. Portanto, vejam vocês mesmos; o objectivo é mais o de recordar-lhes algo que lhes possa ter escapado e que eu tenha

anotado, ou vice-versa. Estou seguro de que vocês espremeram bem o documento soviético e viram todas as questões delicadas; por isso, nesse aspecto estou tranquilo. De qualquer maneira, ficaria satisfeito no caso de os ter ajudado por pouco que fosse, apesar da dificuldade que vocês vão ter para lerem as minhas notas, que estão cheias de gatafunhos.

Se tiverem alguma coisa especial para me perguntarem, mandem-me um radiograma. Quanto ao discurso a ler, seria muito bom que nos enviassem uma cópia — tal como dizem — pois poderíamos ajudá-los com alguma observação, ou através de radiograma, ou devolvendo o texto com as anotações que porventura tivéssemos para fazer, se o tempo de regresso do avião nos permitir.

(...) O grupo de Kruchov arrastou para as suas posições um grande número de partidos por ele colhidos de surpresa e explorados na sua confiança e carinho para com o Partido Comunista da União Soviética. Será difícil que esses partidos comunistas tenham imediatamente a coragem de assumir uma posição categórica. Isto é bem verdade. Mas seria muito perigoso deixar que essa questão se arrastasse, pois entretanto o revisionismo faria o seu terrível trabalho, comprometendo pessoas e partidos e promovendo uma vasta propaganda demagógica com os imensos recursos materiais de que dispõe. Ao longo de dez anos, a camarilha de Tito degenerou inteiramente o partido e meteu na prisão ou assassinou os comunistas e os autênticos patriotas. Portanto, a posição mais justa que podemos adoptar na Conferência, como marxistas, é a de levar até ao fim o exame da questão. Que se ponha inteiramente a descoberto quem está no caminho antimarxista, quem está a trair o marxismo-leninismo e quem está a violar a Declaração de Moscovo de 1957: o grupo de Kruchov. Por isso, a Conferência deve pôr bem os pontos nos ii. E que ela o faça no que se refere à Reunião de Bucareste de maneira que quem cometeu erros os reconheça como marxista na reunião e volte ao seu partido com o objectivo de corrigi-los. O grupo de Kruchov não reconhecerá os seus erros e, dessa maneira, ele será o responsável pelo

rompimento da unidade ideológica do movimento comunista internacional.

Estamos no justo caminho marxista-leninista. Mas o grupo de Kruchov caiu no desvio revisionista, e, assim, será desmascarado pela nossa luta e pelo próprio correr do tempo. Há, no entanto, uma coisa: o uso das ameaças e a acção divisionista apressarão o processo de falência do grupo de Kruchov e o seu isolamento no seio do Partido Comunista da União Soviética e nos demais partidos, os quais, com os abalos que sofrerão, se darão conta melhor e mais rapidamente dos problemas. Caso contrário, esses partidos apresentar-se-ão como estando à margem do conflito, considerarão inclusivé um êxito não se ter chegado à divisão e encarregarão o tempo de comprovar qual a linha justa, a soviética ou a nossa. A palavra de ordem «que o tempo comprove a linha», pregada por alguns (...) é bem ao gosto de Kruchov, pois é oportunista, revisionista e anti-marxista. Ela contém em si mesma o medo de ir ao fundo das coisas e curar o mal pela raiz. Tal ideia serve apenas para manter o *status quo* kruchoviano com uns poucos remendos, os quais, de resto, Kruchov nunca levou, leva ou levará em consideração. Tal palavra de ordem tem como única consequência dar uma mão aos revisionistas para que eles vão ainda mais longe na difusão do revisionismo. Em suma, devemos estar convictos de que a adopção dessa palavra de ordem levaria a grandes perigos. O revisionismo é o perigo principal e deve ser atacado, por maiores que sejam as «cabeças» portadoras dessa infecta doença. O abcesso deve ser extraído com bisturi. Todos aqueles que dizem «deixemos ao tempo» compreendem a situação, mas não possuem a audácia revolucionária de pôr o dedo na ferida e adoptar meios eficazes para a espremer.

Por outro lado, devemos saber que o grupo de Kruchov teme a situação criada e receia a divisão. Ele vê que a sua política está a sofrer derrotas e a criar situações graves e incorrectas. Tem plena consciência de que, do ponto de vista ideológico, está irremediavelmente a caminho do abismo. Assim, nestas condições, podemos deixar esse grupo revisionista tomar

fôlego para saltar o grande fosso por ele mesmo criado? Parece-me que não devemos permitir que isso aconteça. Estaremos a cometer um erro se não desmascararmos o grupo de Kruchov, porque ele aproveitar-se-á disso para prejudicar ainda mais a União Soviética, o Partido Comunista da União Soviética e o comunismo internacional. Kruchov é um saltimbanco de feira: vejam o que ele tem estado a fazer na ONU! Esta é a razão por que mandei aquele longo radiograma anteontem à noite.

Mas, seja como for, querido Hysni, prossigam o trabalho que já começaram, pois estão no caminho certo.

Vito está bem, mergulhou no estudo com Nexhmije ([68]). O teu rapaz também está bem, almoçou comigo no domingo.

Todos os dias recebo radiogramas «divertidos» de Mehmet. As coisas continuam como antes. Nenhum resultado concreto. Nem desarmamento, nem reorganização do Secretariado da ONU, nem encontro, nem coisíssima nenhuma. O único «êxito» foi a criação da terceira força com Tito à frente e o seu baptismo pelo *djadja* (*) Kruchov. (...)

Muitas lembranças para Ramiz e os demais camaradas. Os camaradas daqui enviam-lhes saudações.

Abraço-vos

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([68]) Na época, as camaradas Vito Kapo e Nexhmije Hoxha estudavam por correspondência na Faculdade de História e Filologia da Universidade de Tirana.

(*) Em russo no original — tiozinho.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

4 de Outubro de 1960

Camarada Mehmet:

Recebi todos os radiogramas. Temos estado a acompanhar o «fiasco» da ONU.

1) Em Moscovo, a reunião começou sábado. E ficou apenas na abertura. O discurso de abertura foi de Suslovska. Estavam presentes Kozlovska, Andropovka, Muhitudinovka, Pospielovka (*) e outros. O clima frio, glacial. Deu-se tempo para o estudo dos materiais e a reunião recomeça hoje, terça-feira, às 14 horas. O representante chinês falará antes de Hysni, cuja intervenção está prevista para quinta ou sexta-feira.

2) Estudei com todo o cuidado o projecto de declaração e enviei todas as minhas observações para Hysni, juntamente com a táctica que deve ser seguida na Comissão. O documento é fétido, revisionista, com repetição de fórmulas esfarrapadas e alongamento das questões para poder distribuir veneno que nós possamos engolir, só que o caminho foi salpicado com um pouco de açúcar refinado para que o veneno nos pareça doce. Faz algumas «fintas», simulando um recuo, mas que não nos satisfazem nem um pouco. Por isso, pus Hysni em guarda e

(*) Formas diminutivas.

dei-lhe instruções acerca da forma como devem ser formuladas as questões.

3) Hysni escreveu-me dizendo que me enviará o seu discurso de abertura para que eu o veja. Hysni é inteiramente capaz e está bem armado para defender as posições que deve assumir.

(...) Na reunião, há quem tenha medo daquilo que nós não tememos, isto é, que o grupo de Kruchov não reconsidere. Nós não estamos de acordo com isso, mas devemos discutir com eles para convencê-los, pois vemos as coisas de maneira mais correcta e radical. É o grupo de Kruchov que deve temer as nossas opiniões, e não o contrário. As nossas posições são correctas e fortes. As deles são revisionistas e fracas. Portanto, deve-se martelar o ferro enquanto ele está quente, pois, se o saltimbanco de feira se nos escapa das mãos, fará mil e uma magias e há o perigo de ele passar uns 10 ou 15 anos a fazer estragos. De qualquer forma, esta é a última etapa: tu voltarás e conversaremos aqui, antes de irmos para Moscovo.

4) Hysni escreveu-me a dizer que Kozlovska o convidou para um almoço ontem, mas ele agradeceu e não foi. Tendo em conta tudo o que ele nos fez, foi muito bem feito, para que compreenda com quem está a lidar.

5) Soubemos de fontes seguras que a Reunião de Bucareste foi previamente preparada nas costas do nosso Partido e do Partido Comunista da China. Kruchov tinha informado toda a sua rapaziada, discutido com ela e obtido a sua aprovação sobre a maneira como as questões deveriam ser apresentadas em Bucareste, o que seria discutido e que decisões deveriam ser tomadas. Já não se trata só de fracção, mas de uma flagrante conspiração! Daqui, todo o objectivo da insistência de Ivanov e Koço Tashko para que eu fosse lá passar as férias: queriam comprometer-me e lançar-me no lamaçal. Mas levaram foi um manguito...

6) (...) Fiqret e as crianças estão bem.
Abraço-te. Esperamos-te tão brevemente quanto possível.

Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

6 de Outubro de 1960

Camarada Mehmet:

1) Foi boa a tua resposta a Vinogradov sobre a questão do desarmamento. «Rrapo Lelo» quer esconder o fracasso da ONU, confundir os espíritos e mobilizar a imprensa, prometendo novos espectáculos de circo para o ano que vem. É bom que a opinião pública pressione os norte-americanos, pois isto aumenta o ódio e a vigilância dos povos. Mas o caso dele é que ele próprio apareça, ele próprio tome a iniciativa, ele próprio vá a toda a parte e ele próprio faça tudo. Portanto, agiste bem em não recusar em princípio a proposta de Vinogradov. Se for caso de fazermos alguma declaração, teremos tempo. Ele declarará por si mesmo, pois não pedirá a nossa opinião. Mas se o fizer, será com segundas intenções.

2) Abriu-se ontem a reunião da Comissão em Moscovo. Falaram umas cinco pessoas, delegados dóceis que já tinham recebido a palavra de ordem «nenhuma palavra sobre as contradições», como se nada tivesse acontecido. Não se referiram nem à União Soviética, nem à China. Palavras genéricas e adesão ao projecto de declaração soviético. Falaram o finlandês, o húngaro, o alemão ocidental, o mongol e o italiano. Hoje falará o chinês.

3) ...

4) Da frente interna não há novidades. As terras estão a ser lavradas; a beterraba açucareira está a ser colhida, mas parece muito fraca. Houve um pequeno tremor de terra na zona de Kardhiq, mas sem perdas humanas; desabaram apenas algumas casas. A situação não é preocupante. O recenseamento da população foi feito em ordem e Spiro ([69]) está fechado em casa, a trabalhar no informe.

Hoje fui de novo visitar a tua mãe. Dei-lhe a boa nova do teu regresso, e ela ficou toda contente. Fiqret e as crianças estão bem e enviam-te lembranças. Os camaradas e Nexhmije também te mandam lembranças. Dá lembranças a Behar, Reiz e aos outros camaradas.

Teu
Shpati

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([69]) Camarada Spiro Koleca, membro do Bureau Político do CC do PTA e vice-presidente do Conselho de Ministros da RPA.

CARTA ENVIADA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

7 de Outubro de 1960
24.00 horas

Querido camarada Hysni:

Começamos hoje a Sessão Plenária. Os trabalhos vão bem: prosseguimos as discussões sobre a reforma da escola. As intervenções são boas. Amanhã continuaremos ainda o debate sobre este problema e depois passaremos ao projecto de directrizes do Plano Quinquenal.

Hoje ao almoço recebi o embrulho com materiais que me enviaste. Tu compreendes que, efectivamente, tenho tido muito pouco tempo. Mas dei uma rápida vista de olhos pelas tuas cartas, no teu discurso e nas reformulações e correcções que vocês proporão ao projecto de declaração.

1) No que concerne ao teu discurso, agradou-me, pois os problemas estavam bem abordados e o tom era correcto. Se surgir oportunidade — seja na reunião plenária, seja o Ramiz na Comissão — **defendam com maior vigor o Partido Comunista da China**, pois o ataque principal é contra ele, o **grosso das baterias** dirige-se contra ele. Eles detestam-nos tanto quanto aos chineses e não há dúvida de que também nos atacarão. Mas o seu ataque principal concentrar-se-á contra o Partido Comunista da China, pois eles consideram — e assim é efectivamente — que o principal perigo para eles é representado pelo Partido

Comunista da China, devido ao seu próprio potencial. E raciocinam: *«Se subjugarmos estes, o caso dos albaneses deixa de ter importância.»*

Assim, por enquanto, nós estamos em posições inatacáveis, **mas seremos atacados**, sobretudo quando atirarmos os podres sobre a cabeça de Kruchov; então, acusar-nos-ão de «dogmáticos» por estarmos a tomar partido pela China. Nós devemos mostrar aos soviéticos e aos seus partidários **que possuímos uma linha marxista-leninista, que defendemos o Partido Comunista da China porque ele tem uma justa linha marxista-leninista e que combatemos os pontos de vista revisionistas e oportunistas de direita, bem como os caluniadores e falsificadores.** É destas posições que nós atacaremos todos aqueles que ousarem, de forma aberta ou camuflada, atacar-nos.

Com excepção dos partidos que sabemos estarem em posições erradas, nem toquem nos partidos que hesitam, que não têm coragem para falar abertamente, que não falam do nosso Partido ou que dizem apenas algumas palavras **inofensivas a nosso respeito; manobrem, não os lancem em luta aberta contra nós. O ataque tem de se concentrar contra os principais, que são os causadores do desvio oportunista e que atacam a nossa justa linha.** Excepto os partidos soviético, búlgaro, polaco, ou algum outro desse género, também não toquem naqueles partidos que atacam apenas com uma ou outra palavra o Partido Comunista da China, **porque não podem actuar de outra maneira;** nesse caso, deixem que os próprios chineses julguem a táctica que devem seguir.

2) (...) Na minha opinião, **os soviéticos têm interesse em encobrir as coisas, pondo uma tampa sobre as suas porcarias, pois por enquanto não lhes interessa aprofundar as contradições. Eles estão prontos a fazer algumas concessões desde que atravessem o rio sem se molhar.** Ou seja, fazem de uma ou de outra forma as correcções exigidas e dizem depois: *«Vocês não têm razões para continuarem os debates e discussões»; «Estamos de acordo»; «Vão para casa!».*

Pode ser que me engane na minha avaliação sobre a manobra que possa estar a ser levada a cabo pelos soviéticos. Já te disse no início que só pude dar uma rápida olhadela pelos materiais. O teu discurso não oferece aos soviéticos a possibilidade de pôr fim aos debates, pois mostra claramente que «temos contas a ajustar». No início, os nossos discursos podem ser como «prelúdio», mas depois devem explodir como as sinfonias de Beethoven, pois nós não somos pelas «serenatas ao luar».

3) Também li as observações redigidas sobre o projecto de declaração. Parecem-me boas. Consultem os camaradas chineses e colaborem com eles. Por que motivo se coordenam entre si os soviéticos e os outros e nós não?

Eu diria que vocês devem rever mais uma vez as formulações da «transição ao socialismo», para que seja mais explícito o espírito da nossa concepção. Chamo novamente a vossa atenção para a questão do *«culto»,* **que deve ser formulada de outra maneira, pois em Novembro abordaremos essa questão quando tratarmos do assunto de Staline e da atitude de Kruchov a este propósito.** Há um trecho que fala de *«fracções»;* vejam mais uma vez **se não foi posto com intenções ocultas.** Ainda uma última observação: na página 27, 2.º parágrafo, do projecto de declaração copiado em Tirana ou na página 14 das vossas formulações, deve entrar a ideia de Lenine: «(...) na medida em que a burguesia não entrava o movimento operário e a sua vanguarda na sua luta ideológica, política e económica (...)» — a citação é de Lenine. Mas deve-se também precisar a ideia apresentada pelos soviéticos logo depois, pois eles aludem a Nehru e a outros, tentando justificar as ajudas que lhes concedem.

4) É difícil dizer-te o que deves e o que não deves atirar-lhes à cara. Isso depende das circunstâncias. Guia-te pelos princípios e defende o Partido e a sua linha sem receio nem hesitações do tipo «digo isto ou deixo de reserva?» Faz como melhor te pareça. **Tu deves desmascarar o adversário com argumentos justos e pô-lo de rastos. Para tanto, pode ser que apenas um**

facto, utilizado no momento devido e com propriedade, seja o bastante para que ele (o adversário) caia com a cara na lama. Portanto, não cruzes os braços com a preocupação de cometer algum erro. O único problema reside apenas em guardarmos alguns argumentos para a Conferência de Moscovo em vez de os lançar na Comissão, pois, tomando conhecimento deles, os soviéticos já elaborarão uma táctica para contra-atacar.

Refere-te sem hesitação aos búlgaros e polacos, pois eles e os soviéticos são como o cu e as calças. Há ainda outros circundando por aí, mas vê como actuar. Mostra-te mais comedido com os checos, se eles não nos atacarem; digo-te isto pois, em Nova Iorque, Novotni comportou-se como sempre com Mehmet, como se nada tivesse acontecido. Ao que sabemos, tão-pouco os húngaros se mostram activos, independentemente do discurso que pronunciaram aí.

Quanto aos franceses, na medida em que hesitam, digam-lhes de uma ou outra forma: «**Para onde estão vocês a ir?** Nós sentimos que vocês compreendem onde estão os erros; vocês devem contribuir para que não se cometam erros ainda mais graves; etc., etc.» Façam um esforço neste sentido.

Em Roma, um diplomata de um país de democracia popular disse a um camarada nosso que os dirigentes dos partidos comunistas e operários do nosso campo — à excepção do Partido do Trabalho da Albânia e do Partido Comunista da China — já sabiam de tudo o que seria apresentado em Bucareste, pois Kruchov tinha-os consultado. **Ou seja, a Reunião de Bucareste tinha sido previamente organizada nos bastidores como uma fracção internacional (mas este argumento utilizá-lo-emos na Conferência de Moscovo).**

Que mais te posso dizer, além de te desejar um bom trabalho? Sei que vocês estão cansados e sofrem com o clima glacial que os cerca. Mas não há outro remédio: **a luta pelo direito não se trava sobre prados floridos. E não há cansaço nem aborrecimento quando se luta pelo Partido, pelo povo e pelo comunismo.**

Os camaradas foram à *priom* (*) dos alemães, mas eu não fui, pois queria escrever-te esta carta para enviá-la amanhã por avião. E também não fui à recepção dos alemães para lhes dar a entender que nos desagradou o facto da sua delegação não nos ter devolvido a visita oficial, apesar da data e da composição da delegação já estarem definidas. Eles invocaram pretextos banais, mas as razões são aquelas que sabemos e pelas quais vocês estão a lutar aí.

Na ONU, «fiasco» é com F maiúsculo! Mehmet partirá de Nova Iorque em 11 de Outubro e chegará a Tirana lá pelo dia 20 ou 21.

No dia 25 de Outubro reuniremos a Assembleia Popular, ocasião em que Mehmet falará sobre o «triunfo» do desarmamento e da coexistência de «Rrapo Lelo» na ONU. Dá muitas lembranças a Ramiz.

Abraço-os com saudades

Enver

Publicado péla primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

(*) Em russo no original — recepção.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA MEHMET SHEHU EM NOVA IORQUE

9 de Outubro de 1960

Camarada Mehmet:

A luta já aqueceu ([70]). As coisas, portanto, marcham bem. Que sejam desmascarados de uma vez para sempre os detritos. Todos os que intervieram nos atacaram — a nós e à China — com excepção do japonês, do coreano e do vietnamita, que não disseram nem uma palavra, nem a nosso respeito nem acerca dos soviéticos. Mas as suas observações sobre o projecto de declaração estão próximas das nossas observações sobre todas as questões, inclusivé sobre a questão da luta contra o revisionismo contemporâneo e o revisionismo jugoslavo.

Bagdach ([71]) lançou-se com particular força contra nós e a China. A nosso respeito, disse: «Não entendemos que tipo de comunismo querem os albaneses.» Mas quem falou de maneira mais infame até agora foram o romeno e, sobretudo,

---

([70]) Refere-se à reunião da Comissão Preparatória dos 26 partidos em Moscovo.

([71]) Secretário geral do CC do PC da Síria, com residência permanente em Moscovo.

Suslovka. Suslov disse que nós seríamos contrários à coexistência e comparou-nos com os partidos burgueses e a Kerensky ([72]).

Segunda-feira eles serão atacados tanto por nós como pelos chineses. O búlgaro ainda não sabemos se falou, e tão-pouco o checo.

Esperamos-te. Que tudo te corra bem no regresso.

Shpati

Publicado péla primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

([72]) Em radiograma enviado a Moscovo em 9 de Outubro de 1960 ao camarada Hysni Kapo, o camarada Enver Hoxha, entre outras coisas, recomendava-lhe: «Diz também isto a Suslov: «Os falsificadores vão ver-se em maus lençóis por acusarem os comunistas albaneses de não compreenderem a coexistência pacífica e estarem contra ela. Nós sempre fomos e seremos sempre favoráveis à coexistência, mas de acordo com os ensinamentos de Lenine e Staline. E mais dificuldades terão ainda os sustentáculos do traidor fascista contra-revolucionário Imre Nagy em acusar o Partido do Trabalho da Albânia de ser um partido burguês e os comunistas albaneses de serem Kerenskys. De qualquer maneira, muito em breve nós provaremos com factos quem são os Kerenskys e quem são os verdadeiros marxistas-leninistas. O resto vê tu mesmo, mas que Suslovka engula esta. E que os outros também vejam que os soviéticos foram os primeiros a atacar-nos dessa maneira e, portanto, não se surpreendam com tudo o que cairá sobre a cabeça dos kruchovianos em Novembro. Que saboreiem o prefácio.» (Extraído do 19.º Volume, Ed. albanesa, pág. 324).

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

11 de Outubro de 1960

Camarada Hysni:

Estou de acordo contigo. Não desperdicem grandes argumentos numa reunião como essa. Dêem apenas umas punhaladas de advertência em todos aqueles que o merecem. Em Novembro, a «frente» criada por eles desagregar-se-á ainda mais do que agora. Bravo ao indonésio! É muito importante que os soviéticos e os seus lacaios vejam que nem todos comem capim. Que Ramiz, na Comissão, torça o nariz a todos os provocadores e caluniadores. O avião chega hoje.

Lembranças
Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

CARTA ENVIADA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

13 de Outubro de 1960

Querido Hysni:

(...) Nós não partilhamos da posição daqueles que se esforçam por resolver as questões através de frases em resoluções ou declarações.

Nós não somos da opinião de «corrigir o que possa ser corrigido, que o tempo se encarrega de corrigir o resto». **Nós somos de opinião que se vá até ao fundo da questão.**

Se não se compreende isto, **significa que não se compreende o perigo representado pelo grupo de Kruchov para o movimento comunista mundial.**

Se esse grupo deve ou não continuar no poder é uma questão que não depende de nós, **mas é indispensável que nós desmascaremos esse grupo encabeçado por Kruchov, da forma que ele merece.**

Estamos a ver que esse perigoso grupo de revisionistas tem posições muito fracas, tanto ideológica quanto politicamente.

Não nos preocupa a impressão e o clima que possam ser criados entre os delegados da Comissão ou, mais tarde, na Conferência de Moscovo.

Nós não devemos deixar campo livre aos soviéticos para que eles possam pastar a seu bel-prazer.

(...) Concordo que devemos fazer uma boa declaração. Mas é suficiente? **Nós não podemos satisfazer-nos apenas com isto.** Ficaremos satisfeitos apenas com a defesa ou também atacaremos? (...) O revisionista inveterado não muda de rumo. Os revisionistas não admitirão nenhum dos seus erros. E um compromisso com eles não contribui em nada para a nossa causa. Da mesma maneira que nos «ajudou» o revisionista Tito, indo de traição em traição de dia para dia que passava, também nos «ajudarão» estes novos revisionistas.

(...) Eu estou a preparar o discurso para a Conferência de Moscovo, da forma como tínhamos decidido. (...) Na Conferência, excepto os camaradas chineses, a nossa posição será única. A maioria indignar-se-á connosco e insultar-nos-á, mas **nós temos razão e o tempo dar-nos-á razão.** Está seguro de que, na Conferência, poucos ousarão dar-nos razão. (...) Mas cumpriremos o nosso dever, defendendo o marxismo-leninismo. O grupo de Kruchov cometeu faltas. E se não se apontam os faltosos, separando o joio do trigo, então amarra-se as próprias mãos e causa-se prejuízos. Não, nós não nos impressionamos com aqueles que dizem: «Como se pode atacar a gloriosa União Soviética ou o grande Partido Comunista de Lenine pelas faltas de alguns safados?» A esses nós dizemos: **precisamente para defender a União Soviética e o Partido de Lenine é que se devem desmascarar esses «safados», e não abrandar a crítica e encobrir os desviacionistas.** Num caso como este, mesmo se se dá à luz uma declaração *atlichno* (*), o perigo permanece e, inclusivé, torna-se ainda mais ameaçador, tanto para o nosso campo como para todo o movimento comunista e operário.

Tudo isto nós veremos. E «queira Deus» — como diz Kruchov — que eu esteja enganado no meu juízo. E não nos dizes para quando se prevê o fim do primeiro acto? Ele já se prolonga há cerca de três semanas!

(*) Em russo no original — excelente.

Por aqui não temos nenhuma novidade (daquelas habituais em relação aos soviéticos daqui há aos milhares). Mehmet partiu de Nova Iorque no dia 11 e chegará a Tirana lá pelo dia 20 ou 21 de Outubro.

Eu e Nexhmije enviamos muitas lembranças para ti e Ramiz.

Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

NOS, ALBANESES, NÃO VIOLAREMOS OS PRINCÍPIOS E NÃO TRAIREMOS O MARXISMO-LENINISMO, MESMO SE FICARMOS SEM PÃO

Intervenção na reunião do Bureau Político do CC do PTA ([73])

31 de Outubro de 1960

A Sessão Plenária do Comité Central do nosso Partido encarregou-nos de preparar o projecto do discurso a ser pronunciado na Conferência de Moscovo. E o projecto foi elaborado, já vos tendo sido distribuído para exame e discussão. Como vêem, ele fala muito da direcção soviética. Na nossa opinião, isto é correcto, pois os dirigentes soviéticos desviaram-se do marxismo-leninismo e caíram no oportunismo e no revisionismo.

Nós achamos que possivelmente não haverá nenhum outro discurso como o nosso na Conferência de Moscovo, a realizar-se em Novembro. Pelo que estamos informados, o discurso dos camaradas chineses tão-pouco será açucarado, pois desmascarará a linha oportunista da direcção soviética. Os cama-

---

([73]) Esta reunião aprovou o discurso que seria pronunciado em nome do CC do PTA na Conferência dos partidos comunistas e operários de Novembro de 1960, em Moscovo. O discurso também foi submetido à XX Sessão Plenária do CC do Partido, que se reuniu no 1.º de Novembro de 1960 e o aprovou unanimemente. A Sessão Plenária também fixou a composição da delegação que participaria da Conferência chefiada pelo camarada Enver Hoxha e formada ainda pelos camaradas Mehmet Shehu, Hysni Kapo e Ramiz Alia.

radas chineses também tratarão amplamente das questões teóricas acerca das quais foram injustamente acusados pela direcção soviética, com Kruchov à frente. O seu discurso não será académico, contendo também factos concretos que exemplificarão os graves erros dos dirigentes soviéticos.

Mas o nosso discurso não fica só nos factos puros e simples, pois faz a ligação desses factos com os problemas mais gerais, chegando a conclusões teóricas. Os factos contidos no nosso discurso comprovam que os dirigentes soviéticos violaram os princípios do marxismo-leninismo e as decisões conjuntas. Mas nós não tratamos desses problemas conforme a estrutura do projecto de declaração da Conferência de Moscovo preparado pela Comissão.

E porque pensamos agir desta maneira? Fazêmo-lo tendo em conta que, antes, enquanto J. V. Staline era vivo, o Partido Comunista da União Soviética sempre defendeu o nosso Partido ao passo que hoje, a coisa é diferente. Devem ser consideradas negativas as actuais acções dos dirigentes soviéticos em relação ao nosso Partido. Os actuais dirigentes da União Soviética estão contra nós porque nós têmo-los criticado com razão e dureza. Eles, todavia, não aceitam críticas, porque são presunçosos e, principalmente, porque se desviaram do marxismo-leninismo. Não devemos ter nenhuma ilusão a este respeito: trata-se de toda uma linha de Kruchov e companhia, e por isso mesmo a atitude deles para connosco não será correcta.

Os dirigentes soviéticos já observaram em toda a nossa actividade onde é que se encontram os nossos pontos de discordância com eles. Um deles é representado pelas posições opostas a propósito do revisionismo contemporâneo, sobretudo o jugoslavo. Nós também temos tido discordâncias em muitas outras questões de princípios da política externa. E eles compreenderam também que nós tão-pouco estamos de acordo com a posição deles em relação a Staline. Mas as maiores divergências políticas e ideológicas têm-se manifestado sobretudo na questão da posição em relação ao revisionismo.

Assim, depois da Reunião de Bucareste, os dirigentes soviéticos desencadearam infames e hostis ataques contra nós. E foram tão longe que chegaram a dizer ao delegado chinês que «trataremos a Albânia da mesma forma que a Jugoslávia». Por isso, é importante a questão de que a posição marxista-leninista que nós adoptamos está em função do presente e do futuro do nosso Partido. Portanto dessa maneira, estejamos conscientes da política firme que estamos a seguir e das dificuldades que se nos anteporão no nosso caminho. E, por conseguinte, devemos mobilizar todas as nossas forças e organizar a nossa luta e a nossa resistência, pois a coisa não vai ser fácil.

Nós sempre estivemos cercados. E, agora, ainda por cima, também nos criam uma situação difícil com os países de democracia popular e com a União Soviética. E esta situação agravar-se-á ainda mais, pois procurarão isolar política e economicamente o nosso país. E a situação que está a ser criada não deixa de ser notada pelo imperialismo que, ombro a ombro com os revisionistas, tratará de atacar os nossos sinceros laços com a China, pois vê que nós temos unidade de pontos de vista com a China e com uma série de partidos de outros países, tanto da Ásia como da América Latina. Os inimigos imperialistas e revisionistas preparar-se-ão em toda a escala para nos atacarem, mas nós lutaremos inquebrantavelmente até ao fim, defendendo coerentemente o marxismo-leninismo, a pátria e o socialismo.

Desde a discussão do informe preliminar sobre a Reunião de Bucareste, o Comité Central, o Bureau Político e todo o nosso Partido já deram a sua palavra de que nos manteremos inabaláveis na linha marxista-leninista e não faremos nenhuma concessão nas questões de princípios. Não tenhamos medo de criticar quem quer que deforme estes princípios, como a direcção da União Soviética e as direcções de outros partidos, pois a justeza da nossa linha vencerá e o marxismo-leninismo triunfará.

A justa luta de princípios do nosso Partido contra o revisionismo já demonstrou e continua a provar a correcção da nossa linha. Passaram-se vários anos, ocorreram reviravoltas e até se criaram situações favoráveis ao revisionismo, mas tudo isto apenas veio provar a justeza da nossa linha. E desta justa via não nos retiraremos. Não nos assustam as raivas pessoais e o espírito vingativo de Kruchov e dos demais dirigentes que o seguem: defenderemos os princípios marxistas-leninistas, convencidos que estamos de que o caminho por eles trilhado é errado. Kruchov e os seus seguidores arcam com uma grande responsabilidade perante o nosso campo e o marxismo-leninismo, pois foram eles que, com as suas atitudes, provocaram a divisão no seio do nosso campo. E, agora, imaginam que essas coisas podem ser cobertas com um véu, fazendo a Conferência de Moscovo emitir uma declaração feita de frases genéricas, que não aquecem nem arrefecem.

Todos os dados revelam que a direcção soviética não está a dar nenhum passo em frente, mas sim a fincar os pés nos seus próprios pontos de vista. A declaração pode até conter alguma frase contra o imperialismo, mas o facto é que, no essencial, os dirigentes soviéticos não modificam as suas posições; pelo contrário, chegaram mesmo a dar um grande passo atrás no período compreendido entre o encontro com os camaradas chineses em Setembro e a reunião da Comissão de Redacção do projecto de declaração da Conferência de Moscovo, ocasião em que afirmaram não terem cometido erros. Esta atitude não é marxista-leninista. Portanto, o nosso discurso na Conferência de Moscovo, em Novembro, encontrará uma forte oposição da direcção soviética. Não devemos perder isto de vista.

Naturalmente, haverá direcções de outros partidos que apoiarão a direcção do Partido Comunista da União Soviética, e não serão poucas. E haverá ainda algumas direcções que jogarão dos dois lados.

Alguns partidos continuam a viver do mito da infalibilidade da direcção soviética, encontrando-se na situação em que estávamos anteriormente. Quando Staline vivia, nós tínha-

mos a plena convicção espiritual e moral de que o caminho do Partido Comunista da União Soviética era correcto, e por isso o apoiávamos com total confiança. Mas o tempo encarregar-se-á de revelar claramente a roupa suja dos actuais dirigentes soviéticos, estes revisionistas dos dias de hoje. Até agora, temos defendido os princípios, mas sem atirar pedras à direcção soviética. É chegado, porém, o momento de meter o dedo na ferida. Trata-se de cortar o mal pela raiz. E isto não será fácil. A luta será prolongada.

O revisionismo deve ser combatido do ponto de vista teórico, senão transformar-se-á numa gangrena. Nos últimos anos, os revisionistas jugoslavos fortaleceram as suas posições, ajudados pelos carinhos e pela política de conciliação seguida pelos dirigentes soviéticos, com Kruchov à frente. Desta forma, se não os combatermos, eles tornar-se-ão ainda mais perigosos. Da mesma forma, se estamos convencidos de que os dirigentes soviéticos trilham o caminho revisionista, então também devemos ser decididos na luta contra eles. E isto porque só se alcança a verdadeira unidade através de uma coerente luta de princípios, e não com frases que só servem para esconder a verdade. Se o projecto de declaração da Conferência de Moscovo falar de unidade sem que ela exista efectivamente, isto significará enganar os partidos e povos.

A situação da direcção soviética agravar-se-á e precipitar-se-á. Aprofundar-se-ão os erros da sua política, interna e externa, erros que ela procurará encobrir. Tito já apareceu abertamente como demagogo e agente do imperialismo, fazendo demagogia continuamente. E Kruchov e os demais começaram a aproximar-se tanto dele que discutem os seus discursos até mesmo na Escola do Partido. Nós compreendemos quão difícil é desmascarar a actual direcção soviética, que dispõe de um tão grande potencial económico e de propaganda nas mãos. Mas nós não nos conciliaremos com ela e acabaremos por vencer, porque temos razão. N. S. Kruchov encontra-se bastante desacreditado, mas pode ganhar fama fazendo um gesto aventureiro qualquer como, por exemplo, ameaçar os norte-ameri-

canos de intervir em Cuba e exigir a sua retirada de lá. Tais actos dificultam ainda mais a luta contra Kruchov ao nível internacional, pois ele dá uma colher de açúcar ao comunismo, mas depois dá vinte de veneno.

Nós não temos a pretensão de modificar a correlação de forças, mas daremos a nossa opinião, quem quiser que a escute e julgue com serenidade. Também haverá quem considere as nossas posições de princípios como «loucura». Mas não há-de ser nada. Os que hoje pensam assim, amanhã mudarão de opinião, ao ver quão justa é a posição do nosso Partido, que será comprovada pelo tempo. Nós também devemos ter em vista estas coisas.

Com as nossas palavras e obras, devemos dar a entender a todos os demais partidos que o Partido do Trabalho da Albânia procura a unidade, mas apenas com base no marxismo-leninismo, e não com base noutra coisa qualquer. Nós devemos defender sem vacilações o marxismo-leninismo e a personalidade do nosso Partido. E o nosso Partido tão-pouco está de acordo com o ponto de vista de Kozlov, que pôs a questão em termos de «ou com a União Soviética, ou com a China». Haverá gente que chegará a conclusões com base neste espírito, imaginando que a Albânia se desligou da União Soviética para seguir com a China. Isto é errado do ponto de vista dos princípios. Nós somos contra quem quer que viole os princípios do marxismo-leninismo, e defendemos quem quer que defenda estes princípios.

Nós, albaneses, não violaremos os princípios e não trairemos o marxismo-leninismo, mesmo que fiquemos sem pão. Que isto fique claro para todos, amigos e inimigos.

O nosso Partido forjou a sua própria personalidade, justa e marxista-leninista, travando uma luta indomável em defesa dos princípios, desenvolvendo o trabalho revolucionário e superando as provas do tempo, sobretudo agora que posições revisionistas se manifestam abertamente na direcção do Partido Comunista da União Soviética. O tempo e a luta deram uma maturidade crescente ao nosso Partido. Por isso, ele hoje com-

preende muito melhor os problemas. O nosso Partido mostrou a sua própria personalidade em muitas questões, inclusivé opondo-se à actual linha do Partido Comunista da União Soviética, e só o fez porque estava em condições de detectar as posições hostis, não só no nosso Partido, mas também nos demais partidos.

Nós devemos ressaltar claramente esta questão. Dizemos alto e em bom som que todos os males que hoje se observam no campo socialista têm a sua fonte nos erros da actual direcção soviética. Este é o nosso ponto de vista, que ninguém nos fará modificar, nem mesmo com as ameaças que nos lançarão de que «a Albânia é um país cercado», «tem necessidades económicas», e assim por diante. Mas que os senhores que assim falam saibam que a Albânia e os comunistas albaneses não se vendem nem por rublos, nem por trigo, nem por dólares. Quem quiser unidade connosco, que construa as relações unicamente com base no marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário. No que respeita à ajuda, são os marxistas e os amigos do nosso povo que no-la devem dar. E nós também devemos honrar os compromissos com os nossos verdadeiros amigos. E no que se refere aos falsos amigos que violam as suas promessas, eles prejudicam-se, antes de mais nada, a si próprios, enquanto que o prestígio do nosso Partido crescerá.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o texto extraído da acta da reunião do Bureau Político do CC do PTA, existente no Arquivo Central do Partido.

NÃO É KRUCHOV QUEM DECIDE SE A ALBÂNIA É OU NÃO UM PAIS SOCIALISTA; QUEM O DECIDIU FOI O POVO ALBANÊS, COM AS SUAS LUTAS E O SEU SANGUE

Extractos da conversa tida com J. Andropov em Moscovo

8 de Novembro de 1960

CAMARADA ENVER HOXHA: Hoje, avisaram-me que Kruchov manifestou o desejo de se encontrar comigo amanhã, às 11 horas. Eu tinha pensado em responder positivamente a esta solicitação, mas hoje mesmo li um documento soviético no qual a Albânia não figura como país socialista.

J. ANDROPOV: Que documento é esse? Não estou a compreender; diga-me concretamente a que material se está a referir. Onde foi dito isso?!

CAMARADA ENVER HOXHA: Trata-se do material enviado pelo Partido Comunista da União Soviética ao Partido Comunista da China ([74]).

J. ANDROPOV: Mas que relação tem isso? Trata-se de uma carta para a China. Que relação tem a China com a Albânia?

([74]) Refere-se à carta de 125 páginas enviada em 5 de Novembro de 1960 pelo CC do PCUS ao CC do PC da China, na qual, além das acusações contra o PC da China, o CC do PCUS ignorava a existência da RP da Albânia como pais socialista e denegria o Partido do Trabalho da Albânia.

CAMARADA ENVER HOXHA: E isto barrou definitivamente o caminho do meu encontro com Kruchov.

J. ANDROPOV: Não estou a compreendê-lo! O que é que se diz nesse documento a vosso respeito?

CAMARADA ENVER HOXHA: Leia-o e verá.

J. ANDROPOV: Eu já li e conheço muito bem aquele documento, pois participei directamente na sua elaboração. Mas a sua declaração, camarada Enver, é uma declaração muito séria.

CAMARADA ENVER HOXHA: Sim, séria. Diga a Kruchov que não é ele quem decide se a Albânia é ou não um país socialista; quem o decidiu foi o povo albanês, com as suas lutas e o seu sangue. Quem o decidiu foi o Partido do Trabalho da Albânia, que sempre marchou e continuará a marchar pela via marxista-leninista.

J. ANDROPOV: Não estou a compreendê-lo camarada Enver. Aquele documento trata da China. Que relação tem isto com a Albânia?

CAMARADA ENVER HOXHA: Eu falo no que se refere à minha pátria, ao meu povo, ao meu país.

J. ANDROPOV: Trata-se de uma declaração muito séria, e eu só posso manifestar o meu pesar por isso.

CAMARADA ENVER HOXHA: Nós teremos a Conferência dos partidos, e lá o nosso Partido manifestará a sua opinião. Bem, então, até à vista!

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme notas tiradas durante a conversa existentes no Arquivo Central do Partido.

NÓS DEFENDEREMOS COM ARDOR O MARXISMO-LENINISMO E OS INTERESSES DO NOSSO POVO

Extractos da conversa da delegação do PTA com os representantes do PCUS A. Mikoian, F. Kozlov, M. Suslov, P. Pospielov e J. Andropov, realizada em Moscovo ([75])

10 de Novembro de 1960

Inicialmente, toma a palavra A. Mikoian que, manifestando o seu «pesar» pelas divergências surgidas entre o PCUS e o Partido do Trabalho da Albânia, acusa o nosso Partido de ser o «causador» das divergências, pois «já não tem a confiança que antes nutria (...)» pelo PCUS. Disse ainda que os nossos oficiais teriam mudado inteiramente de comportamento em relação aos oficiais soviéticos na base naval de Vlora, e perguntou: «Por acaso vocês desejam sair do Tratado de Varsóvia? (...)», Depois de outras acusações deste tipo, acrescentou que a direcção soviética presumivelmente desejaria a solução desses «mal-entendidos» da forma mais correcta. Afirmou ele:

([75]) Este encontro com a delegação do PTA, que se encontrava em Moscovo, foi solicitado pelos dirigentes soviéticos, com o objectivo de «convencer» a nossa delegação a não levantar na Conferência dos 81 Partidos as questões em tomo das quais o PTA não estava de acordo com eles, particularmente no que se refere às suas práticas antimarxistas e hostis em relação ao nosso país depois da Reunião de Bucareste.

«Digam-nos onde estão os nossos erros, que nós não nos enraivecemos. Nós ficamos furiosos, isto sim, é quando vocês falam pelas costas.»

CAMARADA ENVER HOXHA: Digam-nos vocês quando e onde falámos nós a vosso respeito pelas costas? Nós, albaneses, temos o costume de nunca falar pelas costas!

Não é verdade aquilo que disse sobre a base militar de Vlora. Aí existe uma estreita amizade entre os marinheiros e oficiais soviéticos e albaneses. Assim foi até a Reunião de Bucareste e, da nossa parte, assim continua a ser até agora. O Comité Central do nosso Partido deu instruções à nossa gente para manter uma atitude correcta em relação ao pessoal soviético na base de Vlora, mas alguns dos vossos marinheiros até atacaram os nossos. Ele também deu instruções para que tais problemas sejam solucionados através das organizações de base do Partido. Houve um caso entre um oficial da nossa marinha e um contra-almirante soviético que tinha chegado de Sebastopol para fazer uma inspecção, o qual tinha o costume de beber. Ele contactou de forma incorrecta um oficial nosso — um bom camarada que estudou na União Soviética — pedindo que ele lhe contasse o que tinha sido decidido na Sessão Plenária do Comité Central, já que, dizia ele, «darei lições acerca disso em Sebastopol e lá me perguntarão a este propósito». O nosso oficial respondeu-lhe que o comunicado da XVIII Sessão Plenária do Comité Central tinha sido publicado no jornal ([76]) e perguntou-lhe: «O que quer mais você além disso?» Depois, pegou no seu bivaque e foi informar o seu próprio comandante do sucedido. Os vossos camaradas puxaram as orelhas ao contra-almirante, que pediu desculpas, ficando tudo resolvido.

Já no tocante à entrega dos submarinos, devo dizer que os nossos militares estudaram e prepararam-se em Sebastopol durante 2 anos e meio, inclusivé destacando-se no tiro. O Es-

---

([76]) Jornal «Zeri i Popullit» (A Voz do Povo), órgão do CC do PTA, 9 de Setembro de 1960.

tado-Maior da base e os nossos marinheiros estavam preparados para receber os submarinos de maneira solene. Mas no nosso Estado-Maior da base há um contra-almirante soviético que pode ser tudo, menos contra-almirante. E ele disse: «Não podemos entregar-lhes os submarinos, pois vocês não estão preparados.» Os camaradas do nosso Ministério da Defesa responderam-lhe que não era possível uma coisa dessas, salientando que, se os nossos militares precisavam ainda de alguns meses de instrução, nós deveríamos ter sido informados, apesar do próprio Estado-Maior soviético da base ter afirmado que as equipas albanesas estavam preparadas.

Depois, foi-nos dito que, com a chegada do Inverno, o mar estava muito agitado. Os nossos camaradas vieram aqui, ao vosso almirantado, expuseram o problema e receberam a resposta de que «os submarinos ser-lhes-ão entregues». Mas veio uma nova ordem do vosso pessoal para que eles não nos fossem entregues. Quando ainda estávamos em Tirana, o nosso Ministério da Defesa enviou uma carta a Gorchkov ([77]), explicando-lhe a questão num espírito de camaradagem, tal como eu vo-la descrevi. Dizia a carta que, se é que os nossos militares ainda precisam de alguns meses de instrução, vocês podem-nos dizer. Mas a verdadeira razão não é essa.

A. MIKOIAN: E qual é a razão?

CAMARADA ENVER HOXHA: Isto quem nos deve dizer são vocês. Mas esta não é a questão principal. (...) Vejamos agora a questão da nossa saída do Tratado de Varsóvia, já que no início se referiu a isto (…).

A. MIKOIAN: Não, mas é a impressão que se tem.

CAMARADA ENVER HOXHA: Como, «é a impressão que se tem»? Com base nos dados de um tal contra-almirante?! Vejamos esta questão, pois aí há coisas mais sérias.

A. MIKOIAN: Deveras?! Nós não sabemos de nada.

([77]) Trata-se do marechal Sergei Gorchkov, vice-ministro da Defesa da URSS.

CAMARADA ENVER HOXHA: Como é que não sabem? Se assim é, então não é bom que o vosso Comité Central ignore tais coisas. Vocês sabem que nos ameaçaram de nos excluir do Tratado de Varsóvia? Foi Grechko ([78]) quem fez tal ameaça.

A. MIKOIAN: Nós não sabemos de nada. Conte-nos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Contar-lhes-emos e com vontade, pois trata-se de uma questão de princípios. A ameaça foi feita por dois marechais vossos, Malinovsk e Grechko. Vocês devem saber disto.

CAMARADA HYSNI KAPO: Eu próprio falei acerca disto a Poliansk no dia 22 de Outubro.

A. MIKOIAN: Vocês podem não acreditar em mim, mas eu não sei.

CAMARADA ENVER HOXHA: Já que põem a questão desta forma — que não sabem de nada — devemos lembrar-lhes que há quatro meses atrás lhes escrevemos acerca do embaixador. E por que razão não adoptaram a prática leninista do vosso partido, deixando-nos sem resposta?

F. KOZLOV: Nós enviar-lhes-emos outro embaixador.

CAMARADA ENVER HOXHA: Isso dizem vocês agora, mas porque não nos escreveram antes? Já há quatro meses que lhes escrevemos, e ainda não recebemos resposta alguma.

A. MIKOIAN: E fizemos bem em não responder. Eis a razão: há 15 anos que os nossos embaixadores vão aos comités dos partidos para porem questões, e isso também sucedia na Albânia. Será por acaso uma ingerência do nosso embaixador perguntar ao presidente da Comissão Central de Verificação ([79]) o que aconteceu na Sessão Plenária ([80])?

([78]) Trata-se do marechal Andrei Grechko, comandante em chefe das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia.

([79]) Refere-se a Koço Tashko.

([80]) Trata-se da XVII Sessão Plenária do CC do PTA, de 11/12 de Novembro de 1960, que aprovou a actividade da delegação do PTA na Reunião de Bucareste.

CAMARADA ENVER HOXHA: É ingerência sim, e inteiramente inadmissível! Eu posso dizer que o nosso país nunca teve segredos para os soviéticos. Há 16 anos que seguimos a prática de lhes dar conhecimento das decisões e documentos importantes do Comité Central do nosso Partido ou do Governo. E porque fazíamos isto? Porque sempre fomos sinceros e francos para com a União Soviética e o PCUS. Não têm o direito de acusar o nosso Partido de se comportar mal para com o PCUS. Nós sempre estivemos muito ligados aos camaradas soviéticos, desde o embaixador até ao mais simples técnico: todas as portas sempre estiveram abertas para eles.

A. MIKOIAN e M. SUSLOV: Certo, é isso mesmo.

CAMARADA ENVER HOXHA: Nós pensamos ser difícil encontrar outro partido que se tenha comportado desta maneira com o PCUS. E porque fazíamos isto? Porque consideramos o PCUS como o partido que, sob a direcção de Lenine, realizou a grande Revolução Socialista e desbravou o caminho que leva ao socialismo e ao comunismo.

Antes de Bucareste nós já tínhamos divergências, e disso falaremos. Por exemplo, em torno do revisionismo jugoslavo. Mas nós agimos de forma a que não transparecesse nada para fora do Partido. Posto isto, porque se arruinaram as nossas relações depois de Bucareste? E o que dissemos nós em Bucareste? Manifestámos a nossa posição, dizendo que as divergências expostas por Kruchov na Reunião de Bucareste eram divergências entre o PCUS e o PC da China e que o Partido do Trabalho da Albânia se reservava o direito de manifestar a sua opinião sobre elas na Conferência de Moscovo. Então, por que razão foi o nosso Partido atacado?

Nós não estamos de acordo com a Reunião de Bucareste, mas nada fizemos que ocasionasse uma mudança de noventa graus na vossa atitude para connosco. Em primeiro lugar, o embaixador soviético comportou-se de uma forma infame. Nós gostávamos dele. Mas, depois de Bucareste — e particularmente após o seu regresso de Moscovo — ele começou a atacar-nos e a manifestar desprezo por nós.

A. MIKOIAN: Nunca pensei que ele chegasse a isso.

CAMARADA ENVER HOXHA: Ou seja, vocês não acreditam em nós. Lembrem-se de que eu sou primeiro secretário do CC do Partido do Trabalho. Tenho sido e continuo a ser amigo da União Soviética. Vocês podem não acreditar em mim, mas acreditam nos vossos *chinovniks* (*). Qual é o interesse do PTA em criar divergências e inventar coisas sobre o embaixador da União Soviética?!

A. MIKOIAN: Creio que vocês não estão interessados nisso. E o embaixador não disse nada de mal a vosso respeito. Como pessoa, ele é bom indivíduo.

M. SUSLOV: Não muito sagaz, sobretudo em matéria de política.

A. MIKOIAN: Digam-nos o que devemos fazer para regularizar as nossas relações. O embaixador, substitui-lo-emos.

CAMARADA ENVER HOXHA: A coisa não é bem assim. Nós não temos relações puramente diplomáticas, mas vínculos de partido, e eles devem assentar em bases marxistas-leninistas. Por exemplo: o embaixador Ivanov contactava comigo; por que motivo se encontrava ele com o presidente da Comissão Central de Verificação?!

Eu sou primeiro secretário do CC do Partido. E perguntei-vos porque afastaram Jukov ([81])? Até ao momento, eu nada sei sobre isso. O embaixador soviético veio sempre fazer-me perguntas acerca das Sessões Plenárias do nosso Partido e eu informava-o sempre. Ele também me interrogou acerca da Sessão Plenária em foco. Eu disse-lhe o que devia ser dito.

(*) Em russo no original. Assim eram chamados os funcionários públicos na Rússia czarista. E foi precisamente esse tipo de funcionários burocratas que o revisionismo cultivou na URSS.

([81]) Refere-se a Gheorghi Jukov, marechal da URSS, ex-membro do CC do PCUS e ex-ministro da Defesa da URSS. Quando se encontrava em visita à RP da Albânia, foi destituído de todas as suas funções pelo grupo Kruchov, tendo recebido a comunicação somente depois, quando desembarcava em Moscovo de regresso da Albânia.

E, na medida em que o primeiro secretário do CC do Partido lhe disse só aquilo, só lhe restava ir para casa dormir. Caso contrário, se o vosso embaixador prossegue contactando uns e outros para fazer perguntas, ele e seus companheiros não estão a agir como diplomatas e representantes de um país socialista, mas como agentes do serviço de informações. Os funcionários da Embaixada, através de Bespalov, contactaram o presidente da Comissão Central de Verificação e manipularam-no em dois encontros. Numa terceira ocasião, em nome do embaixador, convidaram-no para um almoço na casa do primeiro secretário da Embaixada. E lá estavam os três: o embaixador, o conselheiro e o secretário. E lá o nosso camarada — que 15 dias antes estava de acordo com a decisão da Sessão Plenária e com a linha do nosso Comité Central — virou-se contra a linha do Partido. Agora, pergunto-lhes: pode-se permitir que um embaixador actue desta maneira, por sua alta recreação?!

Pensamos que o objectivo dessas acções era fazer subversão no nosso Partido. E o vosso embaixador foi ainda mais longe. Aludindo aos acontecimentos de Bucareste, disse aos nossos generais, no aeroporto: «De que lado estará o Exército?»

A. MIKOIAN e F. KOZLOV: Ele é um imbecil.

CAMARADA ENVER HOXHA: Eu respeito-vos, mas nós não podemos engolir «justificações» como essa, apesar de não termos experiência disso.

Quanto ao convite que me foi feito por Kruchov, que é um ponto essencial, inicialmente eu tinha decidido ir ao encontro. Mas, ao tomar conhecimento do vosso documento — a carta enviada aos camaradas chineses em 5 de Novembro — vi que ele excluía a Albânia do campo socialista. O documento enumerava todos os países de democracia popular da Europa, à excepção da Albânia.

M. SUSLOV: Mas ele tão-pouco menciona a União Soviética.

CAMARADA ENVER HOXHA: Que história é essa que vocês nos vêm contar?! Se estivesse no vosso lugar, eu admi-

tiria tratar-se de um erro. Ivanov agiu como agiu. Grechko também, o documento contém tais ideias, Kruchov disse coisas indignas à delegação chinesa sobre a Albânia — mas vocês não admitem nada disso. Ao passo que nós sempre nos mostrámos sinceros convosco! E Kossiguine também não se comportou bem para comigo numa conversa que tivemos. Comportou-se comigo como se fosse um patrão, dizendo: «No vosso Partido há inimigos que nos querem dividir.»

Este ano tivemos uma miséria de cereais de panificação, devido às más condições atmosféricas. O pão que tínhamos só chegava para 15 dias. Encomendámo-vos 50 mil toneladas de trigo, esperámos 45 dias e não recebemos resposta. Tivemos de comprar à França, pagando em divisas. O comerciante francês foi imediatamente à Albânia para auscultar a situação. Perguntou: «Como é possível uma coisa destas, se a Albânia nunca comprou trigo aos países ocidentais e a União Soviética vende cereais a todo o mundo?» Para pôr fim às suas suspeitas, respondemos-lhe: «A União Soviética forneceu-nos cereais, mas era milho, e nós utilizámo-lo para alimentar os porcos.» Sabemos bem a quem vocês vendem cereais e a quem vendem os romenos e os alemães: para a Inglaterra e outros. Mas vocês impuseram-nos condições e nós fomos obrigados a oferecer-lhes ouro para poder comprar o trigo de que precisávamos.

A. MIKOIAN: Nós não nos recusámos a fornecer-vos trigo. Que eu saiba, mensalmente, enviava-se-lhes trigo por via marítima. Foram vocês que propuseram aos nossos representantes pagar em ouro, e eles aceitaram. Para que nos servem as vossas divisas!

CAMARADA ENVER HOXHA: Camarada Pospielov, quando esteve na Albânia, pôde constatar o carinho que o nosso povo sente pela União Soviética. Mas, presentemente, vocês procuram esse carinho em Koço Tashko e Liri Belishova e não em nós.

A vossa táctica está completamente errada. Deveriam ter conversado comigo antes de escrever o que escreveram na carta a que me referi. Mas não poderei nunca admitir que acu-

sem o nosso Partido e a sua direcção de serem anti-soviéticos e criminosos e de utilizarem o que vocês designam por «métodos stalinistas» e, depois de terem feito as acusações publicamente, ainda pretendam conversar comigo!

A. MIKOIAN: Nós tínhamo-lo convidado antes para conversar, mas você não aceitou.

CAMARADA ENVER HOXHA: Isso não é bem assim. Eu tinha poucos dias para descansar e tratava-se na verdade de um semi-descanso, pois estava a trabalhar no informe para o Congresso do Partido ([82]). O camarada Hysni Kapo comunicou-me que Ivanov lhe dissera que «se o camarada Enver desejar, pode ir descansar na União Soviética», mas nada lhe disse acerca de qualquer encontro com Kruchov.

CAMARADA HYSNI KAPO: No que se refere à carta em que nos convidavam para conversações, mostrava claramente sobre o que se iria discutir.

CAMARADA ENVER HOXHA: A carta falava em realizar um encontro para discutir a questão da China.

A. MIKOIAN: Não, a questão da China não; a carta nem mencionava a palavra «China» ([83]). Vocês recusaram o encontro.

CAMARADA MEHMET SHEHU: Como é possível negar-se uma coisa destas? Como podem vocês comportar-se desta maneira em relação ao nosso país? Tenha vergonha, camarada

([82]) Refere-se ao IV Congresso do PTA, cuja realização estava fixada para Novembro de 1960. Depois, em virtude da Conferência dos 81 Partidos Comunistas e Operários em Moscovo, decidiu-se adiar o Congresso para Fevereiro de 1961.

([83]) Trata-se de uma mentira flagrante de A. Mikoian. A carta enviada em 13 de Agosto pelo CC do PCUS ao CC do PTA dizia literalmente: «A reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários realizada em Bucareste mostrou haver diferentes concepções entre o Partido Comunista da China e os demais partidos irmãos em tomo de uma série de importantes questões da situação internacional e da táctica dos partidos comunistas (...).» (Vide igualmente material publicado na pág. 96 deste Volume).

Kozlov, que até se permitiu fazer um ultimato à pequena Albânia na base do «connosco ou com a China»!

F. KOZLOV: Quando a vossa delegação passou por cá, eu disse apenas que a posição do camarada Kapo me surpreendera. A vossa posição era diferente da dos demais partidos. Nós comportámo-nos perfeitamente convosco! Falando em Leninegrado, o camarada Enver disse inclusivé que o povo albanês se sente como se fossem 201 milhões de pessoas, e não um milhão.

CAMARADA ENVER HOXHA: E estou pronto a repeti-lo agora, mas não se ignorarem a China. Tanto nós como vocês devemos ser favoráveis à unidade do nosso campo, a favor do bilião de pessoas que o compõem. Gostamos da União Soviética, mas também gostamos muito do povo chinês e do PC da China. Mas por que razão, depois de Bucareste, o camarada Kozlov começou a falar de pretensos «ziguezagues» do nosso Partido e a perguntar de que lado estaríamos, «com os 200 ou com os 600 milhões»? E, num encontro em que estavam inúmeros embaixadores presentes, chegou mesmo a dizer que basta uma bomba para transformar a Albânia em pó e cinzas. (...)

CAMARADA HYSNI KAPO: Vocês afirmam que nós falamos pelas costas. Mas, no dia 22 de Outubro, Kruchov disse ao delegado chinês que daqui em diante se comportará em relação à Albânia da mesma forma que em relação à Jugoslávia.

J. ANDROPOV: Eis como isso se passou: em conversa com os camaradas chineses, o camarada Kruchov disse que certos dirigentes albaneses estão descontentes com o facto de a questão de Berlim ainda estar pendente.

CAMARADA ENVER HOXHA: Eu próprio declarei algo parecido. Depois de Kruchov ter regressado de Paris, Ivanov interrogou-me sobre a questão de Berlim. E eu respondi-lhe: segundo a minha opinião pessoal, o imperialismo está abalado, as nossas posições são fortes e criou-se uma situação política favorável nos Estados Unidos que pode ser aproveitada para

a solução do problema de Berlim. Esta foi a minha opinião pessoal.

A. MIKOIAN: Nisso não há nada de mal. Mas não foi isso que outras pessoas disseram, que nos ofenderam, dizendo aos nossos oficiais que «vocês tremeram em Berlim», «não mantiveram a palavra», e assim por diante. (...)

J. ANDROPOV: Comentando essas palavras, Kruchov disse que «anteriormente tínhamos boas relações com os albaneses, mas, a julgar pelos acontecimentos, já não poderemos confiar neles, perdemos a Albânia». (…)

CAMARADA ENVER HOXHA: Mesmo nessa atitude não há um mínimo de camaradagem. O que foi que o partido dos bolcheviques nos ensinou? Que todas as coisas têm uma origem. O marxismo-leninismo não admite que os acontecimentos se desenvolvam espontaneamente. Portanto, vocês devem ir ao fundo dessas questões. Quais as razões que levaram a tais atitudes depois de Bucareste? Pensamos que são vocês quem deverá dizê-lo.

A. MIKOIAN: Podemos ser más pessoas, mas não somos imbecis. De que nos serviria um agravamento das relações convosco?

CAMARADA ENVER HOXHA: Já pusemos, a nós mesmos, essa questão. É um facto que não cometemos erros. Mas, mesmo que tivéssemos errado, o PCUS, que já passou por muita coisa na sua vida, deveria ter-se mostrado paciente connosco, albaneses, e a vossa direcção poderia ter dito: «Bem, os albaneses erraram; esperemos um pouco para ver o que dirão depois de terem reflectido.»

É bom que saibam, camaradas, que é com pesar que constatamos esta evolução na atitude dos dirigentes e de outras personalidades oficiais soviéticas em relação à Albânia e ao nosso Partido do Trabalho. E afirmamos-lhes que é preciso mudar radicalmente o espírito mal-intencionado que anima o pessoal soviético na Albânia. Depois da Reunião de Bucareste

e do que Ivanov e companhia fizeram não voltei a encontrar-me e recuso-me a conversar com os vossos representantes em Tirana.

A. MIKOIAN: Os vossos quadros é que mudaram de atitude para connosco. O Comité Central do nosso partido deixou de ser mencionado e Kruchov só é citado para ser criticado.

CAMARADA ENVER HOXHA: Devo dizer-lhes com companheirismo que Kruchov nos acusa frequentemente de «exaltados». Mas é o próprio Kruchov que deve controlar as palavras, pois cada Estado e cada pessoa têm a sua dignidade. Ele disse que tratarão a Albânia da mesma forma que a Jugoslávia.

P. POSPIELOV: Em Bucareste, o camarada Kapo não agiu correctamente ao fazer aquelas intervenções.

CAMARADA ENVER HOXHA: A Reunião de Bucareste, tal como vocês a organizaram, nem mesmo agora a aceitamos.

A. MIKOIAN: Bucareste é uma outra questão. Agora, a questão reside em saber se devemos ou não melhorar as nossas relações. No discurso que fez hoje, o camarada Kruchov disse que dedicaremos amizade mesmo aos partidos com os quais temos divergências. Devíamos marcar um encontro para conversarmos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Não nos opomos aos encontros. Mas exigimos que os camaradas da direcção do PCUS sejam mais cuidadosos, pois é inteiramente inaceitável para nós que distribuam a oitenta e tantos partidos um documento em que excluem a Albânia do campo socialista e depois nos venham convidar para conversações.

M. SUSLOV e A. MIKOIAN. Encontremo-nos para discutir a forma de melhorar as nossas relações.

CAMARADA ENVER HOXHA: Também desejamos uma melhoria nas nossas relações.

M. SUSLOV: Mas não com um tom desses.

CAMARADA ENVER HOXHA: Quero dar-lhes um conselho: tirem da cabeça que nós somos exaltados. Mas saibam que, quando se trata de defender o marxismo-leninismo e os interesses do nosso povo, defendê-los-emos com ardor.

Publicado no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme notas tiradas no encontro e existentes no Arquivo Central do Partido.

MESMO DESCALÇOS E SEM PÃO, JÁ COMBATEMOS. MAS NUNCA NOS CURVÁMOS DIANTE DE NINGUÉM

Conversa entre a delegação do PTA, chefiada pelo camarada Enver Hoxha, e N. S. Kruchov, no Kremlin, em Moscovo ([84])

12 de Novembro de 1960

N. S. KRUCHOV: Podem falar, que nós ouvimos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Foram vocês que nos convidaram. E o dono da casa é que deve, primeiro, usar da palavra.

N. S. KRUCHOV: Aceitamos as condições dos albaneses. Não compreendo o que sucedeu depois da minha visita à Albânia em 1959! Se é que já nessa altura estavam descontentes connosco, devo ser muito idiota e ingénuo para não o ter compreendido. Foram só amabilidades, à excepção de algumas brincadeiras isoladas, como a que tive com o camarada Mehmet Shehu a propósito dos choupos ([85]).

([84]) Em 12 de Novembro de 1960, a delegação do PTA aceitou encontrar-se novamente com representantes do PCUS. Também participaram do encontro, pela parte soviética, A. Mikoian, F. Kozlov e J. Andropov.

([85]) A única observação que M. Kruchov achou por bem fazer durante a sua visita à Albânia em Maio de 1959 foi a de que os choupos plantados nas margens das nossas estradas deveriam ser substituídos por figueiras e ameixoeiras...

CAMARADA ENVER HOXHA: Se isto é um intróito à conversação, então a coisa muda de figura. Mas, de qualquer forma, a brincadeira dos choupos não tem nada a ver com a questão.

N. S. KRUCHOV: Mas então que outra razão teriam vocês para terem mudado de atitude para connosco?

CAMARADA ENVER HOXHA: Não fomos nós, foram vocês quem mudou de atitude. Já anteriormente existiam divergências entre nós; por exemplo, a respeito da posição em relação aos revisionistas jugoslavos. A diferença de atitude verificou-se depois de Bucareste, e, precisamente, da vossa parte.

N. S. KRUCHOV: Quero que isto fique bem claro: sempre pensei que não tínhamos qualquer divergência acerca da Jugoslávia. Vocês falaram mais do que nós a esse respeito, no entanto nós não deixámos de escrever, contudo sem cólera. Dissemos que quanto mais se falasse contra eles, mais eles se valorizariam. Foi justamente o que aconteceu.

CAMARADA ENVER HOXHA: Quanto a nós, não foi isso que aconteceu.

N. S. KRUCHOV: Falo por nós. Além disso, quero perguntar-vos: em que tom vamos conversar? Se não querem a nossa amizade, digam-nos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Sempre quisemos ser amigos e resolver as questões amistosamente. Mas isto não significa que estaremos de acordo com todos os vossos pontos de vista.

N. S. KRUCHOV: Convidámo-los três vezes para conversações. Quererão vocês, por acaso, um corte de relações connosco?!

CAMARADA ENVER HOXHA: Foram vocês quem provocou a deterioração das nossas relações depois da Reunião de Bucareste. Expusemos muitos factos aos vossos camaradas. Eles devem ter-vos contado.

N. S. KRUCHOV: Não consigo compreender bem; em Bucareste eu não tive nenhum conflito com Hysni Kapo. Ele

disse que não estava autorizado pelo Comité Central a assumir uma posição sobre as questões em discussão.

CAMARADA HYSNI KAPO: Em Bucareste, eu expus a posição do nosso Partido, declarando que a Reunião de Bucareste foi prematura e não se realizou em conformidade com as normas organizativas leninistas, que as divergências lá discutidas eram divergências entre o PCUS e o PC da China e que o Partido do Trabalho da Albânia daria a sua opinião sobre as questões na próxima Conferência. Na ocasião, você disse que se espantava com a posição do Partido do Trabalho da Albânia. E disse-o tanto na reunião dos doze partidos dos países socialistas como na reunião ampliada dos cinquenta e tantos partidos. Na verdade, nós já o havíamos informado da nossa posição antes mesmo de falarmos na reunião dos doze partidos. Foi com Andropov que eu falei sobre isto. E, quando ele lhe relatou, você disse a Andropov que pedisse aos albaneses que reflectissem, a fim de modificarem a sua posição.

CAMARADA ENVER HOXHA: O Comité Central do nosso Partido nunca concordou com a Reunião de Bucareste. Estive sempre informado, desde o início, acerca de tudo o que se estava a passar em Bucareste.

N. S. KRUCHOV: Isto não tem grande importância. O problema é que, antes mesmo de Bucareste, vocês já não estavam de acordo connosco, mas não nos disseram nada. E nós, continuávamos a considerá-los como amigos! A culpa é minha, que confiei demasiado em vós.

CAMARADA MEHMET SHEHU: Peço ao camarada Kruchov o favor de se recordar das nossas discussões em 1957. Falámos-lhe de coração aberto acerca de todas as questões, inclusivé sobre a actividade dos revisionistas jugoslavos. Você escutou-nos e, em seguida, após uma réplica do camarada Enver, levantou-se e disse-nos: «Por acaso quererão que actuemos da mesma forma que Staline?» Quer dizer, você já anteriormente sabia que as nossas ideias sobre os revisionistas jugoslavos eram diferentes das suas. Sabe disso pelo menos desde Abril de 1957. Mais ainda, recordo-lhe que, em 1955, quando você se

prontificava a ir à Jugoslávia, enviou-nos uma carta propondo uma mudança de atitude face dos revisionistas jugoslavos, e nós respondemos que a questão deveria ser analisada antes pelo Cominform, ao qual competia decidir.

A. MIKOIAN: Sim, foi isto o que aconteceu.

N. S. KRUCHOV: Vocês dizem que gente nova e inexperiente subiu ao poder na União Soviética. Por acaso quererão dar-nos lições?

CAMARADA ENVER HOXHA: Não, não é preciso. Isto é um problema interno vosso. E, sabe o que disse o vosso embaixador? Entre muitas outras coisas, cito apenas um facto, relacionado com o Exército: ele perguntou a quem permaneceria fiel o Exército albanês. Esta pergunta foi feita aos nossos generais, no aeroporto, na presença de um general vosso. Os nossos oficiais responderam-lhe que o Exército albanês permaneceria fiel ao marxismo-leninismo, ao Partido do Trabalho e ao socialismo.

N. S. KRUCHOV: Se o embaixador fez tal, foi uma imbecilidade sua.

CAMARADA ENVER HOXHA: Sim, mas uma imbecilidade política.

N. S. KRUCHOV: Digamos, uma imbecilidade como outra qualquer.

A. MIKOIAN: Pensam que esse comportamento do embaixador reflectiria a nossa linha?

CAMARADA ENVER HOXHA: A imbecilidade de um imbecil pode ser desculpada uma vez, mesmo sendo de carácter político. Mas, se ela se repete muitas vezes, então já se trata de uma linha.

N. S. KRUCHOV: Sim, isso é verdade.

CAMARADA ENVER HOXHA: O vosso embaixador era amigo do nosso Partido e nosso amigo pessoal. Ele não era imbecil. Tal «imbecilidade» foi feita depois da Reunião de Bucareste. Por que razão não fez «imbecilidades» deste género antes de Bucareste, nos três anos a fio durante os quais esteve na Albânia? Ê espantoso!

A. MIKOIAN: Não é espantoso, porque anteriormente recebia regularmente informações da vossa parte e não tinha constatado nunca um comportamento vosso deste tipo.

CAMARADA ENVER HOXHA: Parece-me que você tinha dito que ele não sabia da existência de divergências entre nós... (...)

A. MIKOIAN: O camarada Enver disse-nos que antes contava tudo a Ivanov e, depois, deixou de contar. Aí está a causa da mudança de atitude do embaixador. Este assunto já nós discutimos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Se nós já discutimos este assunto, como diz Mikoian, então porque estamos aqui? De acordo com este raciocínio, depois de discutirmos as questões, vocês poderão dizer-nos «já as discutimos», mesmo que tenhamos estado em desacordo convosco.

A. MIKOIAN: Mas já mandámos regressar o embaixador! Porque voltam vocês à carga com este assunto?

CAMARADA ENVER HOXHA: Bem, deixemos a questão do embaixador de parte. Mas aquilo que escreveram sobre a Albânia e o Partido do Trabalho na vossa carta aos camaradas chineses é monstruoso!

A. MIKOIAN: Exprimimos a nossa opinião.

CAMARADA RAMIZ ALIA: Vocês acusam-nos abertamente de anti-sovietismo. *(Leu a página 46 da carta).*

N. S. KRUCHOV: Trata-se da nossa opinião. E vocês não se exaltem!

CAMARADA ENVER HOXHA: Vocês atacam-nos e nós não devemos exaltar-nos!

N. S. KRUCHOV: Lamentamos o que sucedeu com essas pessoas ([86]). E vocês não estão de acordo com isso. Eu não conheci Koço Tashko. Pode ser que o tenha visto. Mas, mesmo que me mostrassem a sua fotografia, não me recordaria dele.

([86]) Refere-se a Liri Belishova e Koço Tashko.

CAMARADA ENVER HOXHA: Se quiserem a fotografia, poderemos enviá-la.

N. S. KRUCHOV: Quanto a Belishova conheço-a menos que vocês. Sei que era membro do Bureau. Ela informou-nos acerca da conversa que teve na China. Quando o camarada Mehmet esteve em Moscovo, Kossiguine disse-lhe isso, ele empalideceu de raiva ao ouvir. Ela era uma mulher corajosa: disse-nos francamente aquilo que sentia. Foi uma tragédia terem-na afastado por ela ser favorável à amizade connosco! Foi por esta razão que mencionámos o facto no documento.

CAMARADA ENVER HOXHA: Quer dizer que consideram correcto o que está escrito aqui, no vosso documento?

N. S. KRUCHOV: Sim.

CAMARADA ENVER HOXHA: Aqui há duas coisas. Primeiro, dizem que afastámos um membro do Bureau de forma não-democrática. Quem lhes disse que não foi feito de acordo com as normas democráticas e leninistas, mas sim conforme o que vocês chamam de «métodos stalinistas»?! Segundo, dizem que nós a afastámos por pró-sovietismo, e daí conclui-se que seríamos anti-soviéticos. Podem explicar-nos isto?

N. S. KRUCHOV: Se já vieram aqui com a intenção de não chegarmos a um acordo e rompermos as relações, digam-nos imediatamente para não perdermos tempo.

CAMARADA ENVER HOXHA: Você não respondeu à nossa pergunta. Além disso distribuiram o documento a todos os partidos!

N. S. KRUCHOV: Aos partidos aos quais os chineses distribuiram o documento deles.

CAMARADA ENVER HOXHA: Também nós temos o nosso ponto de vista, que não corresponde ao vosso. Por duas ou três vezes nos perguntou se estamos pela amizade ou pelo rompimento de relações. Nós viemos aqui para fortalecer a amizade. Mas vocês ainda não reconheceram nenhum dos vossos erros. Têm críticas a fazer-nos e nós também temos a fazer-vos. Já nos criticaram de maneira reservada e também

abertamente, publicamente. E pode ser que tenham ainda outras críticas. Pois façam-nas, que também faremos as nossas, a fim de que os nossos Comités Centrais delas tomem conhecimento. O Comité Central do nosso Partido enviou-nos aqui para fortalecermos a nossa amizade.

N. S. KRUCHOV. Um dos vossos camaradas afirmou aos nossos militares que «Kruchov não é marxista».

CAMARADA ENVER HOXHA: Sobre a questão dos militares nós já falámos com os vossos camaradas. Que interesse tem para nós em que os nossos militares tenham conflitos entre si na base de Vlora! Por outro lado, vocês emitem «documentos» dizendo que um dos nossos camaradas teria afirmado isto ou aquilo. Dêem uma vista de olhos aos vossos militares. Eu disse a Mikoian, por exemplo, que o vosso contra-almirante na base militar de Vlora não é contra-almirante.

N. S. KRUCHOV: Se quiserem, nós podemos acabar com a base.

CAMARADA ENVER HOXHA: Então, é verdade aquilo que Malinovsk e Grechko disseram! Será que querem ameaçar-nos? Se o povo soviético souber que procuram acabar com a base de Vlora, que serve à defesa da Albânia e dos demais países socialistas da Europa, ele jamais vos perdoará. (...)

N. S. KRUCHOV: Camarada Enver, não levante a voz!

CAMARADA ENVER HOXHA: Se suprimirem a base, estarão a cometer um grande erro. Já combatemos até mesmo descalços e sem pão, mas nunca nos curvámos diante de ninguém.

N. S. KRUCHOV: Os submarinos são nossos.

CAMARADA ENVER HOXHA: Vossos e nossos também, pois lutamos pelo socialismo. O território da base é nosso. E temos acordos assinados que reconhecem os direitos do Estado albanês sobre os submarinos. Eu defendo os interesses do meu país.

A. MIKOIAN: Pelo tom com que fala, parece que Kruchov nada vos deu. Quando conversámos entre nós acerca da questão, Kruchov não era favorável a que se acabasse com a base. Fui eu que lhe disse: se os nossos oficiais continuarem com conflitos com os albaneses, então de que nos servirá manter a base?!

CAMARADA MEHMET SHEHU: Vocês consideram-nos como inimigos. Aqui mesmo, em Moscovo, desenvolveram actividades de espionagem contra nós. Sabem muito bem que é verdade o que digo ([87]).

CAMARADA ENVER HOXHA: Pela forma como a questão foi posta aqui, podemos discuti-la no Tratado de Varsóvia. Devo dizer-vos, porém, que foram vocês os causadores, e não nós. E ainda por cima vêm dizer-nos «se quiserem, nós acabamos com a base». Na base de Vlora sempre existiram boas relações entre albaneses e soviéticos. Só depois da Reunião de Bucareste é que ocorreram alguns incidentes isolados, causados por incorrecções de alguns oficiais soviéticos. Se insistem, podemos reunir o Tratado de Varsóvia. Mas a base de Vlora é nossa e continuará nossa.

N. S. KRUCHOV: Você exalta-se, cospe-me na cara. Convosco não se pode conversar.

CAMARADA ENVER HOXHA: Passam o tempo a repetir que nos exaltamos.

N. S. KRUCHOV: Você está a deformar as minhas palavras. Será que o intérprete sabe russo?

CAMARADA ENVER HOXHA: Não se justifique com o intérprete, que ele sabe muito bem russo. Eu respeito-o e você também deve respeitar-me.

N. S. KRUCHOV: Foi assim que Macmillan ([88]) quis falar comigo.

([87]) Refere-se à aparelhagem de escuta instalada secretamente pelos revisionistas soviéticos tanto no local designado para a hospedagem da delegação do PTA — em Zarecje, nos subúrbios de Moscovo — como nas dependências da Embaixada da R. P. da Albânia em Moscovo.

([88]) Harold Macmillan, então primeiro-ministro da Inglaterra.

CAMARADAS MEHMET SHEHU e HYSNI KAPO: O camarada Enver não é Macmillan. Portanto, retire a sua afirmação!

N. S. KRUCHOV: E onde a meto?!

CAMARADA MEHMET SHEHU: Meta-a no bolso!

CAMARADA HYSNI KAPO *(dirigindo-se aos demais camaradas da delegação albanesa):* Não concordo que as conversações se realizem desta maneira.

(Então, o camarada Enver Hoxha e os demais camaradas da delegação albanesa levantam-se e abandonam a sala).

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), com algumas supressões, conforme notas tiradas durante a conversação, existentes no Arquivo Central do Partido.

DISCURSO PRONUNCIADO EM NOME DO CC DO PTA NA CONFERÊNCIA DOS 81 PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS REALIZADA EM MOSCOVO ([89])

16 de Novembro de 1960

Queridos camaradas:

Esta Conferência dos partidos comunistas e operários reveste-se de grande importância histórica para o movimento comunista internacional, pois está a fazer uma análise detalhada da situação política internacional e um balanço dos êxitos e erros que tenham sido observados no nosso caminho, ajudando-nos a definir mais claramente a linha que deveremos seguir de agora em diante para alcançar novos êxitos no sentido do socialismo, do comunismo e da paz.

A existência do campo socialista, com a União Soviética à frente, é hoje uma realidade mundial. O movimento comunista em geral ampliou-se, fortaleceu-se e desenvolveu-se. Os partidos comunistas e operários de todo o mundo trans-

([89]) A Conferência dos 81 partidos comunistas e operários realizou-se de 10 de Novembro a 1 de Dezembro de 1960, em Moscovo, numa situação extremamente complexa para o movimento comunista internacional, devido à difusão do revisionismo contemporâneo e, especialmente, à actividade divisionista e antimarxista da direcção soviética, com Kruchov à frente. A delegação do PTA à Conferência era chefiada pelo camarada Enver Hoxha.

formaram-se numa força colossal, que conduz a humanidade avante, na direcção do socialismo e da paz.

Como também acentua o projecto de declaração da Conferência, o nosso campo socialista é muito mais forte do que o campo imperialista. Enquanto o socialismo cresce e se fortalece de dia para dia, o imperialismo enfraquece e decompõe-se. Nós devemos acelerar esse processo por todos os meios e com todas as forças. E só o conseguiremos se nos mantivermos inabalavelmente fiéis ao marxismo-leninismo e o aplicarmos correctamente. Caso contrário, acabaremos por refrear tal processo, pois temos pela frente ferozes inimigos que é preciso derrotar e destruir: o imperialismo mundial, tendo à sua frente o imperialismo norte-americano.

Nós queremos a paz. Mas o imperialismo não a deseja, estando em preparativos para uma terceira guerra mundial. Assim, devemos lutar com todas as nossas forças para evitar uma nova guerra e fazer triunfar uma paz justa e democrática no mundo. E isto só será alcançado quando obrigarmos o imperialismo a desarmar-se. Mas o imperialismo não ensarilha as armas por sua própria vontade; quem acreditar nessa possibilidade está a iludir-se a si próprio e a enganar os outros. Desta maneira, devemos pôr o imperialismo perante a colossal força económica, militar, moral, política e ideológica do campo socialista, juntamente com a força unida dos povos de todo o mundo, a fim de impedir por todas as formas a guerra que ele está a preparar.

O Partido do Trabalho da Albânia nunca escondeu nem esconderá ao seu próprio povo tanto esta situação como a ameaça lançada pelos imperialistas à humanidade amante da paz. E podemos assegurar-lhes que o povo albanês, que odeia a guerra, não se atemorizou com esta justa atitude do seu partido: ele não se tornou pessimista, nem deixou de avançar na construção do socialismo. Tendo uma clara visão das perspectivas do futuro, o nosso povo trabalha com plena confiança e mantém-se sempre vigilante, com a picareta numa mão e a espingarda na outra.

Somos de opinião que o imperialismo mundial, tendo à frente o imperialismo norte-americano, deve ser desmascarado sem piedade, tanto política quanto ideologicamente. Não devemos permitir jamais que se lhe façam bajulações, rodeios e elogios. E tão-pouco devemos fazer qualquer concessão de princípios ao imperialismo. As tácticas e compromissos, para serem admissíveis, devem contribuir para a nossa causa e não para a causa do inimigo.

A nossa unidade total constitui a garantia para o triunfo da nossa causa sobre esse feroz inimigo. Mas só asseguraremos a unidade eliminando as profundas divergências ideológicas surgidas entre nós e alicerçando-a no marxismo-leninismo, na igualdade, na fraternidade, no espírito de camaradagem e no internacionalismo proletário. O nosso Partido considera que não deve haver nenhum atrito ideológico no nosso seio e que, além do mais, também devemos manter uma posição política única sobre todas as questões. A nossa táctica e estratégia em relação aos inimigos devem ser elaboradas por todos os nossos partidos, com base nos princípios marxistas-leninistas e em justos critérios políticos, devendo-se adequar ás situações concretas e reais. (...)

Todos os povos do mundo lutam pelas suas aspirações de liberdade, independência, soberania, justiça social, cultura e paz. Estes sagrados anseios sempre foram e continuam a ser sufocados pelo capitalismo, o feudalismo e o imperialismo. Nestas condições, é perfeitamente natural que a luta desses povos se dirija com todo o rigor contra os capitalistas, os senhores feudais e os imperialistas. E também é perfeitamente natural que os povos do mundo procurem aliados nesta verdadeira luta pela existência que eles travam contra os seus carrascos. (...) Assim, o campo socialista não se encontra só diante do campo imperialista na luta pela paz, o desarmamento e o progresso social em todo o mundo, pois está estreitamente aliado a todos os povos progressistas do mundo. São os imperialistas que se encontram isolados diante do campo socialista.

Estamos numa época em que se observa a total derrocada do colonialismo, com o desaparecimento dessa peste que dizimava os povos sobre a face da Terra. Nascem novos Estados na África e na Ásia. Países antes dominados pelo capital, o chicote e a espingarda estão sacudindo o jugo da escravidão e os povos tomam os seus destinos nas próprias mãos. E isto deve-se à própria luta dos povos e à ajuda moral a eles prestada pela União Soviética, a China Popular e os demais países do campo socialista.

Os traidores do marxismo-leninismo, agentes do imperialismo e intriguistas do tipo de Josip Broz Tito lançam mão de todos os meios e tramam planos diabólicos para desorientar os povos e os novos Estados, afastá-los dos seus aliados naturais e vinculá-los directamente ao imperialismo norte-americano. Nestas condições, devemos lutar com todas as nossas forças para liquidar os planos desses servidores do imperialismo.

Actualmente, estamos a testemunhar a desagregação, a decomposição e a agonia do imperialismo. Vivemos e lutamos numa época que se caracteriza pela irrefreável transição do capitalismo ao socialismo. Estão a comprovar-se todos os geniais ensinamentos de Karl Marx e Vladimir Ilitch Lenine, ensinamentos que não estão ultrapassados, como pretendem os revisionistas.

O imperialismo mundial tem sido duramente flagelado, facto claramente revelador de que já não se encontra na sua «idade de ouro», época em que ditava a lei quando e como bem entendia. A iniciativa escapou-lhe das mãos, e contra a sua vontade. Mas a iniciativa não lhe foi tomada simplesmente com palavras ou discursos, mas sim através de um longo processo de sangrentas lutas e revoluções, provocadas pelo próprio capitalismo contra o proletariado e os povos, que se levantavam para destruir o mundo da fome, da miséria e da escravidão. E esta gloriosa página foi aberta pela grande Revolução Socialista de Outubro, pela grande União Soviética, pelo grande Lenine.

Mas, mesmo agora, ao ver que a sua morte se aproxima e defrontando-se com poderosos e decididos adversários como o campo socialista e a sua grande aliança com todos os povos do mundo, o imperialismo mundial, chefiado pelo imperialismo norte-americano, não deixa de concentrar, organizar e armar as suas forças de choque, preparando-se para a guerra. Quem não vê isto é cego. E quem vê, mas o dissimula, é traidor ao serviço do imperialismo.

O Partido do Trabalho da Albânia considera que não há razão para se ser pessimista, apesar das grandes dificuldades que se nos antepõem na luta pela instauração da paz mundial, pelo desarmamento e pela solução dos demais problemas internacionais. São precisamente os nossos inimigos que, sofrendo derrotas e mais derrotas, devem ser pessimistas. Nós sempre vencemos, estamos a vencer e continuaremos a vencer; é por isto que sempre fomos e continuamos a ser optimistas, convencidos que estamos de que os nossos esforços se coroarão de êxitos.

Pensamos, porém, que o optimismo exagerado e carente de uma visão realista, longe de ser benéfico, é prejudicial. Aquele que nega, minimiza ou não acredita na nossa grande força económica, política, militar e moral é um derrotista, não merecendo a designação de comunista. Mas tão-pouco é realista aquele que, inebriado pela nossa força, considera o adversário insignificante como uma mosca e imagina que o inimigo perdeu qualquer esperança, tomou-se inofensivo e encontra-se inteiramente à nossa mercê. Quem assim pensa não faz mais do que iludir e entorpecer as pessoas e os povos diante das situações complexas e prenhes de perigo que estamos a viver, as quais exigem de todos uma vigilância muito grande e impõem a elevação do ímpeto revolucionário das massas e não o seu decréscimo, a desagregação, a decomposição e o acomodamento. Como diz correctamente o nosso povo sofredor, «até a água dorme; só o inimigo é que não».

Vejamos os factos bem de frente. O imperialismo mundial, encabeçado pelo seu destacamento mais agressivo, o imperia-

lismo norte-americano, está a orientar a sua economia no sentido da preparação da guerra e arma-se até aos dentes. O imperialismo norte-americano está a equipar a Alemanha de Bonn, o Japão e todos os seus aliados e satélites com toda a espécie de armamentos. Organizou e está a aperfeiçoar pactos militares agressivos, criou e continua a criar bases militares em volta de todo o campo socialista, aumenta os seus stocks de armas nucleares, recusa desarmar-se, nega-se a cessar as experiências nucleares e trabalha febrilmente na invenção de novas armas de extermínio em massa. E por que razão fará o imperialismo norte-americano tudo isto? Para ir a alguma festa? Não, mas para lançar-se em guerra contra nós, para liquidar o socialismo e o comunismo, para escravizar os povos!

O Partido do Trabalho da Albânia considera que pensar e falar de maneira diferente significa enganar-se a si próprio e aos outros. Não mereceríamos o nome de comunistas se tremessemos diante das dificuldades da vida. Nós, comunistas, odiamos a guerra e lutaremos até ao fim para aniquilar os planos diabólicos e belicistas que estão a ser tramados pelo imperialismo norte-americano. Mas, se ele nos declarar guerra, então devemos assestar-lhe um golpe definitivo, de modo que o imperialismo desapareça para sempre da face da terra.

Diante das ameaças de guerra atómica do imperialismo mundial, tendo à frente o imperialismo ianque, devemos estar inteiramente preparados tanto do ponto de vista económico, político e moral como do ponto de vista militar para enfrentar qualquer eventualidade. Devemos lutar para evitar a guerra mundial, pois ela não é fatalmente inelutável. Mas ninguém nos perdoará jamais se vivermos de sonhos e nos deixarmos surpreender pelo inimigo. E isto porque jamais existiu um inimigo que pudesse ser chamado de *loyal* (*), caso contrário não seria inimigo. O inimigo é sempre inimigo e, além do mais, pérfido. Quem nele deposita confiança, mais cedo ou mais tarde acaba por perder. (...)

(*) Em francês no original — leal.

A política pacífica dos países do campo socialista influiu grandemente no desmascaramento dos objectivos agressivos do imperialismo, na mobilização dos povos contra os fomentadores de guerra e no desenvolvimento da sua gloriosa luta contra os opressores imperialistas e seus lacaios. (...) Mas, apesar disso, continuam sem solução muitos problemas concretos colocados na ordem do dia, como as propostas sobre o desarmamento, a Conferência Cimeira de Paris e outros, cujo encaminhamento tem sido sistematicamente sabotado pelos imperialistas norte-americanos.

Que conclusões devemos extrair disto? O Partido do Trabalho da Albânia considera que o imperialismo — especialmente o imperialismo norte-americano — não mudou de pele nem de natureza. Ele é agressivo e assim continuará enquanto lhe restoar um só dhente na boca, e é bem capaz de precipitar o mundo numa guerra. Por isso, como já ressaltámos na Comissão de Redacção, continuamos a insistir na necessidade de explicar claramente aos povos que só poderemos ter uma garantia absoluta de que não haverá mais guerras mundiais quando o socialismo tiver triunfado em todo o mundo ou na maior parte dos países do mundo. Os norte-americanos dizem abertamente que não aceitam o desarmamento; pelo contrário, intensificam o seu armamento e preparam a guerra. Portanto, devemos manter-nos vigilantes.

Não devemos fazer nenhuma concessão de princípios ao inimigo. E tão-pouco podemos alimentar qualquer ilusão em relação ao imperialismo, pois, pensando arriscar apenas um dedo, poderemos perder a mão. O inimigo não só se arma e prepara a guerra contra nós, como também está a promover uma desenfreada propaganda para envenenar as consciências e confundir os espíritos. Além disso, ele gasta milhões e milhões de dólares na compra de agentes e espiões e na organização de actos de espionagem, subversão e atentados nos nossos países. O imperialismo norte-americano já deu e continua a dar biliões de dólares aos seus fiéis agentes do bando traidor de Tito. E, se faz tudo isto, é precisamente para debilitar a nossa frente

interna, para nos dividir, para enfraquecer e desorganizar a nossa retaguarda.

Muito se tem discutido sobre a questão da coexistência pacífica. Alguns chegam mesmo a dizer absurdos como o de que a China Popular e a Albânia seriam contra a coexistência pacífica. Parece-me ser preciso desmentir de uma vez por todas tais afirmações falsas e prejudiciais. Nenhum comunista ou Estado socialista pode estar contra a coexistência pacífica e a favor da guerra. Foi o grande Lenine quem primeiro definiu o princípio da coexistência pacífica entre países de diferentes sistemas sociais como uma necessidade objectiva, enquanto houver países capitalistas e socialistas no mundo. Permanecendo fiel a este grande princípio de Lenine, o nosso Partido do Trabalho sempre considerou que a política de coexistência pacífica corresponde aos interesses fundamentais de todos os povos e conduz ao maior fortalecimento das posições do socialismo. Por isso, o nosso Partido sempre colocou este princípio de Lenine na base da política externa do nosso Estado popular. A coexistência pacífica entre dois sistemas opostos não significa, porém, que se deve perder de vista a luta de classes, como pretendem os revisionistas contemporâneos. Pelo contrário, a luta de classes deve prosseguir, com a crescente intensificação da luta política e ideológica contra o imperialismo e da luta contra as ideologias burguesa e revisionista. Ao mesmo tempo que se luta com coerência pela instauração da coexistência pacífica leninista — sem fazer a mínima concessão de princípios ao imperialismo — é necessário que se desenvolvam ainda mais a luta de classes nos países capitalistas e o movimento de libertação nacional dos povos nos países coloniais e dependentes.

Somos de opinião que os partidos comunistas e operários dos países socialistas devem lutar pelo estabelecimento da coexistência pacífica entre os seus países — que ainda se encontram sob o sistema capitalista — e os nossos países socialistas. (...) Mas a sua tarefa não acaba aí. Ê necessário que a luta de classes se desenvolva, cresça e se fortaleça nesses países: é preciso que, dirigidas pelo proletariado de cada país, tendo

à frente o partido comunista e em aliança com todo o proletariado mundial, as massas trabalhadoras tomem a vida impossível ao imperialismo, desmantelem as bases da sua economia e da sua máquina de guerra, lhe arranquem das mãos o poder económico e político e marchem em direcção à destruição do velho poder do imperialismo e à instauração do novo poder do povo. Mas de que forma as massas alcançarão esse objectivo: através da violência ou do caminho pacífico e parlamentar?

Esta questão estava clara, era desnecessário que o camarada Kruchov viesse complicá-la inutilmente no XX Congresso, e complicá-la precisamente num sentido que, de facto, muito agradou aos oportunistas. Qual o interesse de fazer tantos rodeios em torno das teses cristalinas de Lenine e da Revolução Socialista de Outubro? O Partido do Trabalho da Albânia sempre teve claros os ensinamentos de Lenine sobre esta questão e deles não se afasta. Até hoje, nenhum povo, nenhum proletariado e nenhum partido comunista ou operário tomou o poder sem derramamento de sangue e sem violência. Portanto, é injusta a atitude de alguns camaradas, que pretendem ter tomado o poder sem efusão de sangue, esquecendo-se de que o glorioso Exército Soviético por eles derramou rios de sangue na Segunda Guerra Mundial.

No que se refere a esta questão, o nosso Partido considera que devemos preparar-nos para as duas situações, principalmente para a tomada do poder através da violência, pois, se estivermos prontos para este caso, a outra possibilidade também terá maiores condições de êxito. A burguesia pode muito bem deixar-te fazer discursos, mas depois lança-te um golpe fascista sobre a cabeça e arrasa-te, porque não preparaste nem quadros de choque, nem trabalho ilegal, nem locais para te resguardar e trabalhar, nem meios para combater. E é para esta eventualidade trágica que devemos estar precavidos.

O Partido do Trabalho da Albânia sempre foi favorável à paz e à coexistência pacífica, tal como nos ensina Lenine, e por elas continuará a lutar com base no marxismo-leninismo e na Declaração de Moscovo. Da mesma forma, o nosso Partido

sempre foi favorável ao desarmamento geral, estando disposto a lutar activamente pela sua concretização. Mas, aconteça o que acontecer, o Partido do Trabalho da Albânia jamais abdicará do combate político e ideológico contra as manobras do imperialismo e do capitalismo e contra a ideologia burguesa, nem deixará de travar uma luta dura, incessante e intransigente contra o revisionismo contemporâneo, particularmente contra o revisionismo titista jugoslavo. Pode ser que certos camaradas acusem os albaneses de teimosos, exaltados, irascíveis, sectários, dogmáticos e do que quiserem. Mas nós refutamos todas essas falsas acusações e declaramos que não nos afastaremos das nossas posições, que são marxistas-leninistas.

Dizem que nós queremos a guerra e somos contra a coexistência. O camarada Kozlov chegou inclusivé a pôr-nos — a nós, albaneses — diante da seguinte alternativa: ou a coexistência como ele a concebe ou uma bomba atómica dos imperialistas, que transformaria a Albânia em cinzas e não deixaria vivo nenhum albanês. Até hoje, o povo albanês ainda não teve nenhuma ameaça atómica como esta da parte de qualquer representante do imperialismo norte-americano. Eis, porém, que ela é feita por um membro do Presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. E a quem faz ele esta ameaça? A um pequeno e heróico povo que lutou durante séculos contra incontáveis e ferozes inimigos, mas nunca se dobrou. A um pequeno povo que lutou com incomparável heroísmo contra os hitlerianos e os fascistas italianos. A um partido que demonstra uma fidelidade consequente e total ao marxismo-leninismo. Mas bateste na porta errada, camarada Frol Kozlov, pois não nos amedrontas de maneira alguma e tão-pouco és capaz de fazer com que nos curvemos à tua errada vontade. Nós, porém, jamais confundimos o glorioso Partido de Lenine convosco, que vos comportais tão mal e tão desavergonhadamente com o povo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia. Assim, o Partido do Trabalho da Albânia continuará a apoiar todas as propostas justas e pacíficas da União Soviética e dos outros países do campo socialista, bem como dos de-

mais países amantes da paz, estando decidido a lutar pela sua concretização.

O Partido do Trabalho da Albânia empenhará todas as suas forças, lançará mão de todos os seus direitos e cumprirá todas as suas tarefas em prol do fortalecimento da unidade do campo socialista, mas de uma unidade marxista-leninista. É absurdo pensar que a pequena Albânia socialista queira desligar-se do campo socialista e viver fora dele, à margem da fraternidade dos nossos povos socialistas. Ninguém deu de presente à Albânia a sua condição de membro do campo socialista; essa posição foi conquistada pelo nosso próprio povo e pelo Partido do Trabalho da Albânia com sangue, trabalho, sacrifício e suor, com o sistema de governo por eles instaurado e com o caminho marxista-leninista por eles sempre seguido. Mas que não passe pela cabeça de ninguém que, sendo a Albânia um pequeno país e o Partido do Trabalho da Albânia um pequeno partido, devam obedecer a quem quer que seja, quando estiverem convencidos de que este «quem quer que seja» esteja errado.

Como já ressaltei, o Partido do Trabalho da Albânia considera que o campo socialista, possuindo um objectivo único e guiando-se pelo marxismo-leninismo, também deve contar com uma estratégia e uma táctica próprias, elaboradas conjuntamente pelos nossos Partidos e Estados. Criámos algumas formas de organização do trabalho no seio do nosso campo, mas podemos dizer com razão que elas se mantiveram até certo ponto formais — melhor dizendo, elas não funcionam de maneira colectiva. Exemplos disso são os órgãos do Tratado de Varsóvia e o Conselho de Ajuda Económica Mútua (90). Compreendamo-nos bem: aqui não se trata da questão de também sermos ou não consultados. Naturalmente, ninguém nos nega esse

(90) O COMECON foi criado em Janeiro de 1949 e a RPA tornou-se seu membro em fins de Fevereiro daquele ano. Com a ascensão da camarilha revisionista de Kruchov ao poder na URSS, o COMECON degenerou, transformando-se de uma instituição de ajuda mútua num instrumento dos objectivos social-imperialistas daquela camarilha.

direito; mas, para sermos consultados, é necessário que nos reunamos. Estamos a levantar a questão no plano dos princípios, para dizer que estas formas de organização devem funcionar regularmente, pois é lá que têm de ser apresentados os problemas, tomadas as decisões e controlada a sua aplicação.

O maior desenvolvimento e fortalecimento da economia dos países socialistas sempre foi uma questão de primeiro plano para os nossos Partidos e Governos, constituindo-se num dos factores determinantes da invencível força do campo socialista. Os nossos países avançam impetuosamente na construção do socialismo e do comunismo. E isto deve-se aos grandes esforços dos nossos povos e à ajuda mútua que nos prestamos. Até este momento, a República Popular da Albânia não concedeu ajuda económica a ninguém; por um lado, porque somos pobres e, por outro, porque ninguém necessita da nossa ajuda económica. Mas, atendo-nos às justas normas, temos feito e continuaremos a fazer todos os esforços para ajudar os países amigos e irmãos, por pouco que seja, através das nossas exportações. Por outro lado, fomos ajudados pelos nossos amigos, em primeiro lugar pela União Soviética (...).

O Partido do Trabalho da Albânia e o Governo da República Popular da Albânia souberam aproveitar o melhor possível a ajuda da União Soviética e dos restantes países de democracia popular, em benefício do seu povo. E o nosso povo estará eternamente grato aos povos soviéticos e aos povos dos países de democracia popular por essa ajuda. Sempre a entendemos e sempre a conceberemos como uma ajuda fraternal e internacionalista, e não como uma esmola.

O nosso povo, que conheceu uma miséria extrema, que lutou com heroísmo, que foi massacrado e martirizado, tinha pleno direito de pedir ajuda aos seus amigos e irmãos maiores e economicamente mais fortes. E os seus amigos tinham e têm o dever internacionalista de conceder essa ajuda. Por isso, é necessário refutar qualquer concepção obscura e antimarxista que se possa manifestar por parte de quem quer que seja em relação ao carácter e ao objectivo dessa ajuda. Jamais

terá êxito qualquer pressão económica sobre o Partido do Trabalho da Albânia, o Governo albanês e o nosso povo.

A propósito, quero levantar aqui a questão da ajuda dos países mais fortes aos países economicamente mais fracos, como é o caso do nosso país. Consideramos que essa ajuda deve ser maior. O povo albanês não pensa de maneira nenhuma ficar de braços cruzados, esperando, de boca aberta, que outros o venham alimentar. Não é esse o nosso hábito. O nosso povo tão-pouco pretende elevar imediatamente o seu nível de vida ao ponto alcançado por muitos países de democracia popular. O nosso país necessita de uma maior ajuda para o mais rápido desenvolvimento das suas forças produtivas. Pensamos que os países economicamente fortes do campo socialista também devem conceder créditos aos países capitalistas não-alinhados e aos povos recém-libertos do colonialismo, quando os governantes desses países se colocam contra o imperialismo, apoiam a política pacífica do campo socialista e não entravam nem se opõem à legítima luta das forças revolucionárias. Mas, antes do mais, é preciso considerar com maior atenção e atender melhor às necessidades dos países do campo socialista. É certo que a Índia necessita de ferro e aço, mas a Albânia socialista precisa mais do que ela e antes do que ela. Também é certo que o Egipto necessita de irrigação e energia eléctrica, mas a Albânia socialista precisa mais do que ele e antes do que ele.

O nosso campo socialista tem tido pontos de vista únicos no que se refere a inúmeros problemas políticos de primordial importância. Mas, na medida em que não se realizam consultas colectivas regulares, acontece por vezes que países do campo socialista tomam iniciativas políticas que muitas vezes prejudicam outros países do nosso campo. Em princípio, nós não somos contra a tomada de iniciativas, mas o facto é que algumas delas não são correctas, o que acontece sobretudo quando a sua adopção não é feita colectivamente pelos membros do Tratado de Varsóvia.

Um exemplo disso foi a iniciativa do Governo búlgaro que, sem a mínima consulta à Albânia, comunicou ao Governo grego

que os países de democracia popular dos Balcãs aceitariam desarmar-se se a Grécia fizesse o mesmo. Quanto a nós, tratou-se de uma iniciativa errada, pois, mesmo que a Grécia aceitasse tal proposta, o Governo albanês não aceitaria. A Albânia concorda com a proposta soviética feita por Nikita Kruchov em Maio de 1959 ([91]), mas não com a proposta búlgara, que prevê o desarmamento dos países balcânicos excluindo a Itália. Ou será que os camaradas búlgaros se esqueceram de que a Itália burguesa e fascista já atacou várias vezes a Albânia durante este século? Ou ainda — como sucedeu noutra ocasião — pode-se permitir que os camaradas búlgaros, sem a mínima consulta ao Governo albanês, ao qual estão ligados por um tratado de defesa mútua, proponham ao Governo grego um tratado de amizade e não-agressão, sabendo que a Grécia se considera em estado de guerra com a Albânia e alimenta pretensões territoriais em relação à nossa pátria? Parece-nos perigoso tomar iniciativas deste tipo de maneira unilateral. Esta nossa justa e legítima posição pode ter levado os camaradas búlgaros a concluir que os albaneses não compreenderiam bem a coexistência, estariam interessados na guerra, e assim por diante. Mas tais conclusões são falsas.

Iniciativas deste género também foram tomadas pelos camaradas polacos nas Nações Unidas: o camarada Gomulka declarou unilateralmente perante a Assembleia Geral das Nações Unidas que a Polónia propunha «a manutenção do actual *status quo* da distribuição das forças militares no mundo e, concretamente, que não sejam criadas novas bases militares, mantendo-se as já existentes; que não sejam instaladas novas rampas de lançamento de mísseis, mantendo-se as já existentes; e que os países que possuam a bomba atómica guardem o

([91]) Através dessa proposta e de notas enviadas em 25 de Maio de 1959 aos Governos da Albânia, Bulgária, Roménia, Jugoslávia, Turquia, Grécia, Itália, França, Inglaterra e Estados Unidos, o Governo soviético requeria a criação de uma zona sem armas nucleares e sem mísseis nos Balcãs e na região banhada pelo mar Adriático.

seu segredo, não o transmitindo a outros países». Nós consideramos que tal proposta é contrária aos interesses do nosso campo. Quem é que não deve instalar novas rampas de lançamento de mísseis e onde é que não deve instalá-las? Todos os membros da NATO estão equipados com mísseis, inclusivé a Itália, a Alemanha Ocidental e a Grécia. E a quem é que não se deve transmitir o segredo da bomba atómica? Ele já é conhecido pela Inglaterra, pela França e até mesmo pela Alemanha Ocidental. Está claro que esta proposta teria como único resultado obrigar os países de democracia popular a não instalarem novas rampas de lançamento de mísseis ou, então, fazer com que nenhum outro país do campo socialista possuísse a bomba atómica, além da União Soviética.

Nestas condições, perguntamos: por que motivo a China comunista não deveria possuir a bomba atómica? Pensamos que a China deve possuí-la. E quando ela contar com a bomba atómica e com mísseis, então veremos com que linguagem falará o imperialismo norte-americano, então veremos se os direitos da China na arena internacional continuarão a ser negados, então veremos se os imperialistas norte-americanos ousarão brandir as suas armas como hoje o fazem. Alguém poderia perguntar: será que é possuindo e lançando a bomba atómica que a China forçará os Estados Unidos a reconhecerem os seus direitos? Não, a China jamais recorrerá à bomba atómica se não formos atacados por aqueles que têm a agressão e a guerra no sangue. Se a União Soviética não possuísse a bomba, o imperialismo usaria uma outra linguagem para com ela. Jamais seremos os primeiros a utilizar a bomba atómica, pois somos contra a guerra e estamos prontos a destruir as armas nucleares. Mas a bomba é necessária à nossa defesa. Como diz o nosso povo, «o medo guarda a vinha». E os imperialistas devem ter medo de nós, muito medo mesmo.

Com base no marxismo-leninismo, na Declaração de Moscovo de 1957 e no Manifesto da Paz de Moscovo, o Partido do Trabalho da Albânia tem seguido uma justa linha marxista-leninista no que se refere à política internacional e às questões

fundamentais da construção do socialismo. No que respeita às relações internacionais, a linha do nosso Partido tem estado de acordo com a política do campo socialista (...).

Os grandes problemas da nossa época também preocupam o Partido do Trabalho da Albânia e o nosso pequeno povo. A nossa República Popular sempre esteve e continua geograficamente cercada por países capitalistas e pelos revisionistas jugoslavos. Nestas condições, tivemos de nos manter muito vigilantes e empenhar consideráveis recursos humanos e financeiros na protecção das nossas fronteiras e na defesa da liberdade e da independência da pátria, contra as incontáveis ameaças dos imperialistas, seus satélites e servidores. Somos um pequeno país e um pequeno povo; temos sofrido grandemente, mas também temos lutado muito. A liberdade de que hoje desfrutamos não nos foi dada de presente por quem quer que seja, mas conquistada com o nosso próprio sangue. Já aprendemos a conhecer e conhecemos melhor, a cada dia que passa, os inimigos imperialistas e as suas manobras contra o campo socialista em geral e contra o nosso país em particular. Portanto, nunca tivemos nem teremos a mínima ilusão de que eles possam mudar de natureza e modificar os seus objectivos contrários aos povos, ao nosso campo em geral e à Albânia socalista em particular (...).

Os imperialistas norte-americanos e ingleses sempre acusaram e ainda hoje acusam os albaneses de «selvagens» e «belicistas». E isto é perfeitamente compreensível, já que o povo albanês sempre lutou com unhas e dentes contra todos os seus esforços para escravizá-lo, bem como aniquilou os seus agentes, que tramavam complots contra o Partido do Trabalho da Albânia e o nosso regime de democracia popular. (...) Aliás, parece-nos inteiramente desnecessário tratar de comprovar nesta Conferência que a guerra é algo estranho aos países socialistas e aos nossos partidos marxistas-leninistas. A questão reside em saber por que razão os imperialistas e seus agentes acusam a China e a Albânia de serem belicistas e estarem contra a coexistência pacífica.

Tomemos o caso da Albânia: contra quem e com que objectivo a Albânia se lançaria na guerra? Seria ridículo procurarmos uma resposta a esta pergunta. O facto é que quem nos faz tais acusações são precisamente aqueles que delas precisam para encobrir os seus objectivos agressivos em relação à Albânia. Rankoviç, por exemplo, desejaria muitíssimo que transformássemos as nossas fronteiras em albergues com duas portas, para que os agentes jugoslavos, italianos e gregos pudessem entrar e sair com inteira liberdade e sem o menor controlo para infiltrar as suas armas e a sua cultura de piratas no nosso país, para que Tito pudesse realizar o seu sonho de fazer da Albânia a sétima república da Jugoslávia, para que a burguesia reaccionária italiana tentasse pela terceira vez concretizar os seus objectivos de rapina em relação à Albânia ou ainda para que os monarco-fascistas gregos procurassem materializar o insensato sonho de usurpar o sul da Albânia. Será que somos «belicistas» justamente porque nunca permitimos e jamais permitiremos que isso aconteça? Os nossos inimigos sabem muito bem que, se tocarem nas nossas fronteiras, aí sim é que terão guerra, connosco e com todo o campo socialista.

Assim, o objectivo inimigo tem sido e continua a ser o de isolar-nos do nosso campo e dos nossos amigos, acusando-nos de «belicistas», «selvagens» e contrários à coexistência precisamente porque não abrimos as fronteiras para que eles venham pastar livremente no nosso território. Mas, por ironia do destino, há camaradas que acreditam nessas manobras dos revisionistas e dirigem tais calúnias contra o Partido do Trabalho da Albânia. Naturalmente, somos contrários a uma coexistência em nome da qual os albaneses tenham que fazer concessões territoriais e políticas a Sófocles Venizelos. Não, já passou para sempre o tempo em que o território da Albânia era objecto de transacção! Somos contrários a uma coexistência com o Estado jugoslavo que tenha como condição a extinção da luta ideológica e política contra os revisionistas jugoslavos, estes agentes do imperialismo internacional e traidores do marxismo-leninismo. Somos contrários a uma coexistência com

os ingleses ou norte-americanos, em nome da qual, conforme as suas exigências, tenhamos de reconhecer as velhas concessões políticas, diplomáticas e comerciais que lhes foram feitas pelo regime do rei Zog.

Como conclusão geral, o Partido do Trabalho da Albânia está totalmente convencido do triunfo final da nossa grande causa, a causa do socialismo e da paz. As forças unidas do campo socialista — tendo à frente a União Soviética —, do movimento comunista e operário internacional e de todas as pessoas e povos amantes da paz, com as suas acções firmes e decididas, estão em condições de obrigar os imperialistas a aceitarem a coexistência pacífica e são capazes de evitar a guerra mundial. Mas, ao mesmo tempo, devemos aumentar cada vez mais a nossa vigilância revolucionária, de modo a nunca sermos colhidos de surpresa pelos inimigos. Anima-nos a convicção de que, nesta nobre luta pela paz mundial e o triunfo do socialismo, a vitória pertencer-nos-á. Como sempre, o povo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia envidarão todos os esforços e contribuirão com todas as suas forças para o triunfo da nossa causa comum. E, como até agora, continuaremos a marchar adiante, em férrea unidade com todo o campo socialista, com a União Soviética, com todo o movimento comunista e operário internacional.

Queridos camaradas:

A unidade do movimento comunista e operário internacional é o factor decisivo para a concretização do nobre objectivo da luta pela conquista da paz, da democracia, da independência nacional e do socialismo. E esta questão é destacada com particular força pela Declaração de Moscovo de 1957 e também pelo projecto de declaração preparado para esta Conferência. A Declaração de 1957 ressalta: «Os partidos comunistas e operários têm uma responsabilidade histórica particularmente séria para com os destinos do sistema socialista mundial e do movimento comunista internacional. Os partidos

comunistas e operários presentes à Conferência declaram que fortalecerão incansavelmente a sua unidade e a sua colaboração fraternal, em proveito da maior união da família dos Estados socialistas e no interesse do movimento operário internacional e da causa da paz e do socialismo» (*). É um facto, porém, terem surgido profundas divergências políticas e ideológicas no movimento comunista internacional e nas relações entre alguns partidos, especialmente nos últimos tempos. E a acentuação dessas divergências não poderá trazer senão prejuízos à nossa grande causa. Portanto, o Partido do Trabalho da Albânia considera que devemos condenar e corrigir as manifestações negativas e os erros observados até agora, a fim de que possamos marchar adiante, unidos, em direcção a novas vitórias.

Queremos deter-nos um pouco na questão da Reunião de Bucareste, na qual, como se sabe, o nosso Partido não manifestou a sua opinião sobre as divergências surgidas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, reservando-se desde então o direito de fazê-lo na presente Conferência de representantes dos partidos comunistas e operários. Naquela ocasião, os camaradas soviéticos e certos camaradas de outros partidos irmãos acusaram o Partido do Trabalho da Albânia de tudo o que se possa imaginar. Mas não passou pela cabeça de ninguém meditar um momento sequer sobre as razões pelas quais este Partido assumia tal posição contra toda a corrente; quais os motivos pelos quais este Partido, que sempre se manteve coerentemente fiel ao marxismo-leninismo e à Declaração de Moscovo, de repente passava a ser acusado de estar «contra o marxismo-leninismo e a Declaração de Moscovo»; por que razão este Partido, tão estreitamente ligado à União Soviética e ao Partido Comunista da União Soviética, aparece abertamente opondo-se à direcção da União Soviética. Agora, tendo na sua posse os materiais informativos soviéticos e os do Partido Comunista da China,

(*) «Declaração da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários do campo socialista» (Ed. albanesa), 1958, pág. 24.

que todos os camaradas reflictam por si mesmos. Da nossa parte, lemos e estudámos os documentos soviético e chinês, discutindo-os atentamente nos activos do Partido. Deste modo, o que trazemos à Conferência é o ponto de vista unânime de todo o Partido.

Como se sabe, em 24 de Junho deste ano, por ocasião do III Congresso do Partido Operário da Roménia, os camaradas da direcção do Partido Comunista da União Soviética tomaram a iniciativa de organizar a Reunião de Bucareste, inesperadadamente e sem o menor aviso prévio, pelo menos no que se refere ao nosso Partido. Ao invés de «trocar opiniões» e fixar a data da Conferência que agora estamos a realizar — conforme o combinado através das cartas de 2 e 7 de Junho (*) —, aquela reunião ocupou-se de uma questão inteiramente diferente, a acusação ideológica e política contra o Partido Comunista da China, com base no «material informativo soviético». Tendo por base esse documento, inteiramente desconhecido até poucas horas antes da reunião, os delegados dos partidos comunistas e operários irmãos presentes em Bucareste tiveram de se pronunciar a favor dos pontos de vista do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. E isto muna situação em que aqueles delegados lá se encontravam para tratar de outra questão e — pelo menos a delegação do nosso Partido — não possuiam nenhum mandato dos seus partidos para discutir e menos ainda para decidir sobre uma questão tão importante do comunismo internacional. Nem sequer se poderia pensar num debate sério daquele documento, que continha tão grandes acusações contra um outro partido marxista-leninista. E isto por duas razões: por um lado, não se permitiu que os delegados e — sobretudo — as direcções dos partidos comunistas e operários estudassem o documento em todos os seus aspectos; por outro lado, não se deixou à parte acusada o tempo necessário para que ela também apresentasse os seus pontos de vista em tempo oportuno e da forma utilizada pela parte acusadora.

(*) Vide material publicado na pág. 99 deste Volume.

O facto é que a única preocupação da direcção soviética era fazer a reunião aprovar rapidamente as suas acusações contra o Partido Comunista da China, condenando-o custasse o que custasse. Foi esta a preocupação do camarada Kruchov e dos restantes camaradas soviéticos em Bucareste, e não as questões de política internacional derivadas do fracasso da Conferência de cúpula de Paris, que nessa altura preocupava o nosso campo e o mundo em geral.

O nosso Partido teria concordado inteiramente com a realização de uma conferência internacional dos partidos comunistas e operários ou com qualquer outra conferência, com qualquer ordem do dia que pudesse ser estabelecida, mas com a condição de que ela fosse regular, contasse com a aprovação de todos os partidos e tivesse uma ordem do dia definida com clareza e antecedência. Além disso, deveriam ser dados aos partidos comunistas e operários os materiais necessários, dando-se-lhes tempo adequado para estudar os documentos e preparar a sua participação, bem como para que os bureaux políticos, se fosse caso disso, obtivessem a aprovação dos comités centrais para as decisões que eventualmente pudessem ser tomadas. Ou seja, as conferências devem realizar-se em conformidade com as normas leninistas que regem as relações entre os partidos comunistas e operários, bem como em completa igualdade entre os partidos, num espírito de camaradagem comunista e internacionalista e de acordo com as elevadas normas da moral comunista.

A Reunião de Bucareste não correspondeu a tais condições. Foi por isso que, apesar de ter participado dela, o nosso Partido condenou-a e condena-a como uma reunião irregular, que infringiu as normas leninistas. Consideramos que a Reunião de Bucareste prejudicou muito a causa do movimento comunista internacional, da solidariedade internacional dos trabalhadores, do fortalecimento de unidade do campo socialista e da exemplar solução marxista-leninista das divergências ideológicas, políticas e organizativas que possam surgir no seio dos partidos comunistas e operários e que prejudiquem

o marxismo-leninismo. E a responsabilidade disso recai sobre os camaradas da direcção do Partido Comunista da União Soviética, que organizaram a reunião, conceberam-na daquela maneira e aplicaram tais normas não-marxistas.

O Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia está profundamente convencido de que o objectivo dos promotores da reunião era forçar o movimento comunista internacional a condenar o Partido Comunista da China por erros e falhas infundados e inexistentes. Esta convicção tem por base o estudo dos factos, o documento soviético, o material chinês de que o nosso Partido já dispõe e uma análise detalhada do desenvolvimento da situação internacional e das posições oficiais do Partido Comunista da União Soviética e do Partido Comunista da China.

O Partido do Trabalho da Albânia considera unanimente que os camaradas soviéticos cometeram um grave erro em Bucareste ao denunciarem injustamente o Partido Comunista da China de ter-se desviado do marxismo-leninismo, de ter violado e abandonado a Declaração de Moscovo de 1957, de ser «dogmático» e «sectário», de ser «favorável à guerra», de estar «contra a coexistência pacífica», de «querer um lugar privilegiado» no campo socialista e no movimento comunista internacional e de outras coisas mais. Os camaradas soviéticos também erraram gravemente ao aproveitarem-se do grande carinho e confiança dos comunistas em relação à União Soviética e ao Partido Comunista da União Soviética para tentar impor aos demais partidos comunistas e operários os seus pontos de vista incorrectos acerca do Partido Comunista da China.

Desde os primeiros momentos, quando os camaradas soviéticos começaram febrilmente e de maneira inadmissível a tentar manipular os camaradas da nossa delegação em Bucareste, o Partido do Trabalho da Albânia viu claramente que, com argumentos infundados e pressões, eles desejavam atrair a delegação do nosso Partido para a armadilha que estavam a preparar, levando-a a alinhar nos seus pontos de vista errados. O importante para o camarada Kruchov era se nós «alinharia-

mos ou não com a posição soviética» — e isso foi dito pelo próprio camarada Andropov ao camarada Hysni Kapo. O camarada Kruchov também manifestou essa preocupação de outras formas, no decorrer das suas intervenções contra o nosso Partido na Reunião de Bucareste. E isto ficou comprovado ainda melhor depois da Reunião de Bucareste por muitas atitudes incorrectas e inamistosas da direcção soviética e do pessoal da Embaixada soviética em Tirana, questão sobre a qual falarei mais adiante. Para os camaradas soviéticos, o ponto de vista de um partido marxista-leninista como o nosso não tinha a mínima importância; a única coisa que importava para eles era fazer com que o nosso Partido adoptasse em Bucareste a mesma posição do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

O Partido Comunista da União Soviética, que organizou a Reunião de Bucareste, nem sequer preveniu o Partido do Trabalho da Albânia de que, por ocasião do Congresso do Partido Operário da Roménia, o Partido Comunista da China seria acusado de graves erros de carácter programático. Tais acusações surgiram de maneira totalmente inesperada para o Partido do Trabalho da Albânia. Agora, porém, tomamos conhecimento de que, à excepção do Partido do Trabalho da Albânia, do Partido Comunista da China, do Partido do Trabalho da Coreia e do Partido dos Trabalhadores do Vietname, todos os demais partidos do campo socialista tinham conhecimento de que seria organizada uma reunião em Bucareste para acusar a China. Se é que assim aconteceu, então fica bem claro que o caso se torna ainda muito mais sério, assumindo o carácter de uma fracção à escala internacional.

Mas, apesar disso, o nosso Partido não foi colhido de surpresa nem manifestou pouca vigilância. Isto, porque o nosso Partido sempre respeitou as normas leninistas nas relações com os demais partidos, porque tem um grande respeito marxista pelo Partido Comunista da União Soviética, pelo Partido Comunista da China e por todos os outros partidos comunistas e operários e porque respeita o princípio da igualdade entre os

partidos, preceito que todos os partidos também devem respeitar em relação ao Partido do Trabalho da Albânia, independentemente dele ser numericamente pequeno.

O nosso Partido viu desde o início que todas essas normas estavam a ser violadas na Reunião de Bucareste. Foi por isso que ele assumiu a posição de todos conhecida, considerando-a naquele momento e ainda hoje como a única posição correcta diante das circunstâncias em que se desenvolveram os acontecimentos. Mas alguns dirigentes de partidos irmãos classificaram-nos de «neutralistas» e outros ainda acusaram-nos de nos termos «afastado da justa linha marxista-leninista». Esses dirigentes chegaram até ao ponto de começarem a desacreditar o nosso Partido no seio dos seus próprios partidos. Rechaçamos com desprezo todas essas calúnias e práticas desonestas, incompatíveis com a moral comunista. E perguntamos àqueles que empreenderam tais actos condenáveis contra o Partido do Trabalho da Albânia: será que um partido não tem o direito de exprimir livremente a sua própria opinião, a maneira como pensa?

E qual foi a opinião manifestada pelo Partido do Trabalho da Albânia em Bucareste? Manifestámos fidelidade ao marxismo-leninismo, e isto é comprovado pela vida inteira e por toda a luta do Partido do Trabalho da Albânia; manifestámos fidelidade ao conteúdo da Declaração de Moscovo e do Manifesto da Paz de 1957, e isto é comprovado pela linha coerente seguida pelo Partido do Trabalho da Albânia; manifestámos fidelidade à unidade do campo socialista e defendemos essa unidade, e isto é comprovado por toda a luta do Partido do Trabalho da Albânia; manifestámos fidelidade ao Partido Comunista da União Soviética e aos povos soviéticos e o nosso carinho para com eles, e isto é comprovado por toda a vida do Partido do Trabalho da Albânia. Naquela ocasião, não aceitámos julgar os «erros» do Partido Comunista da China e muito menos «condenar» este Partido sem examinar também os seus pontos de vista sobre as questões levantadas contra ele de maneira tão incorrecta, apressada e antimarxista. E, final-

mente, aconselhámos que todos nós nos mostrássemos ponderados, agíssemos com serenidade e actuássemos num espírito de camaradagem na solução dessa questão vital e extremamente séria para o comunismo internacional. Foi este todo o «crime» pelo qual nos atiram tanta pedra. Mas pensamos que as pedras erguidas para serem lançadas contra nós acabaram por cair nas próprias cabeças dos que as lançavam. Os dias que passaram já demonstraram e os tempos que virão comprovarão ainda melhor a justeza da posição do Partido do Trabalho da Albânia.

Por que razão o camarada Kruchov e os outros camaradas soviéticos se apressaram tanto em acusar o Partido Comunista da China sem factos nem fundamentos? Pode-se permitir que comunistas, particularmente dirigentes máximos de um grande partido como o da União Soviética, realizem actos tão infames? Que eles próprios respondam a estas questões. Mas o Partido do Trabalho da Albânia também tem o pleno direito de dar a sua opinião a este propósito. E o Partido do Trabalho da Albânia não só considera que a Reunião de Bucareste foi um grande erro, como também acha que este erro foi conscientemente aprofundado. Não se pode de maneira alguma deixar a Reunião de Bucareste no esquecimento. Pelo contrário, ela deve ser duramente condenada como uma mancha na vida do movimento comunista internacional.

Não há a menor dúvida de que são grandes as divergências ideológicas existentes, nem de que foi entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China que elas surgiram e se desenvolveram. E essas divergências já deveriam ter sido resolvidas entre os dois partidos, em tempo oportuno e de forma marxista-leninista. No seu documento, o Partido Comunista da China afirma que as divergências de princípios surgiram imediatamente após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que elas foram logo levantadas pelos camaradas chineses e que algumas foram levadas em consideração, mas outras foram rechaçadas pelos camaradas soviéticos.

O Partido do Trabalho da Albânia é de opinião que, na medida em que as divergências não foram solucionadas pelos dois partidos, então deveria ter sido solicitada a convocação de uma reunião dos partidos comunistas e operários que delas tomasse conhecimento, discutisse e adoptasse uma posição. Não foi justo pôr essas questões de lado. E a responsabilidade disso recai sobre os camaradas soviéticos, que sabiam das divergências e não faziam caso delas, convencidos que estavam da justeza e da «intocabilidade» da sua linha, o que, para nós, é uma concepção idealista e metafísica.

Se os camaradas soviéticos estavam efectivamente convencidos da justeza da sua linha e da sua táctica, porque não organizaram em tempo útil uma reunião desse tipo para que as divergências fossem solucionadas? Será que eram insignificantes os problemas que foram levantados, como, por exemplo, a questão da condenação de J. V. Staline, o grande problema da contra-revolução húngara e a questão das formas de tomada do poder, para não se falar das inúmeras outras importantes questões levantadas depois? Não, não se trata de forma alguma de questões insignificantes! E todos nós temos os nossos pontos de vista sobre esses problemas, que nos interessam como comunistas, na medida em que os nossos partidos são responsáveis perante os seus próprios povos, mas também respondem diante do comunismo internacional.

O camarada Kruchov e os demais dirigentes soviéticos estavam muito interessados em apresentar a questão como se as divergências fossem entre a China e todo o movimento comunista internacional, a fim de obter a condenação do Partido Comunista da China por culpas e pecados imaginários. Mas foram o camarada Kruchov e a gente do seu círculo que apreciaram e decidiram sozinhos as questões a que antes me referi, pois julgaram desnecessários discuti-las colectivamente numa reunião de representantes de todos os partidos, apesar delas possuirem um importante carácter internacional. Houve a contra-revolução húngara, por exemplo, mas as questões relacionadas com ela ficaram encobertas. Por que razão os cama-

radas soviéticos lançam mão desta táctica de enterrar as coisas que não lhes interessam ao passo que, em caso contrário, não se limitam a organizar reuniões como a de Bucareste, como ainda fazem tudo para impor aos outros o ponto de vista de que a China «tem uma linha oposta à de todos os partidos comunistas e operários do mundo»?

E os camaradas soviéticos também levaram a efeito uma tentativa deste género connosco. Em Agosto deste ano, a direcção soviética enviou uma carta ao nosso Partido, propondo um encontro entre representantes dos nossos dois partidos para que «a centelha das divergências» não se transformasse em chamas, a fim de que o nosso Partido alinhasse ao lado da União Soviética contra o Partido Comunista da China e os nossos dois partidos viessem a esta Conferência como uma frente única. Naturalmente, o Comité Central do nosso Partido não aceitou tal proposta, considerando-a, na sua resposta oficial, como uma atitude que nada tinha de marxista e como uma acção fraccionista voltada contra um terceiro partido irmão, o Partido Comunista da China. E a justa posição de princípios do nosso Partido certamente não agradou à direcção do Partido Comunista da União Soviética.

Que essas questões têm uma importância primordial, disso não há dúvida; que elas interessam grandemente a todos nós, disso também não há dúvida; mas tão-pouco há a mínima dúvida para o Partido do Trabalho da Albânia de que havia segundas intenções nas questões levantadas contra a China em Bucareste, com o objectivo de condenar o Partido Comunista da China e isolá-lo de todo o movimento comunista internacional. Para o Partido do Trabalho da Albânia, isto era uma coisa terrível e inaceitável. Não só porque o nosso Partido dela não estava convencido, mas também porque suspeitava com plena razão que se estava a organizar, à margem do marxismo, uma acção contra um grande e glorioso partido irmão como o Partido Comunista da China e que, sob o pretexto da acusação de dogmatismo contra a China, se estava a preparar um ataque contra o marxismo-leninismo.

O Partido Comunista da China foi acusado de muitas falhas naquela reunião, o que deveria ter-se reflectido no comunicado final. E porque não sucedeu isto? Se é que as acusações tinham fundamento, porque houve hesitações, saindo um comunicado que não correspondia aos objectivos da reunião? E por que razão o comunicado não mencionou o «grande perigo do dogmatismo» que pretensamente ameaçava o comunismo internacional? Não, camaradas, a Reunião de Bucareste é indefensável: não foi uma reunião de princípios; pelo contrário, foi uma reunião organizada com má fé, tendo em vista alcançar objectivos bem determinados. E, para o Partido do Trabalho da Albânia, o principal objectivo era utilizar a acusação de dogmatismo contra o Partido Comunista da China para encobrir alguns graves erros que os camaradas dirigentes soviéticos tinham permitido cometer em questões de carácter programático.

Mas, para tanto, os camaradas soviéticos necessitavam do apoio dos restantes partidos. Daí terem tentado claramente apanhá-los de surpresa. Com isso, os camaradas soviéticos alcançaram parcialmente o seu objectivo, obtendo o direito de apresentar aos demais partidos a condenação da China como se fosse fruto de uma «conferência internacional do comunismo». À excepção do Partido do Trabalho da Albânia e de alguns outros partidos, as bases dos partidos comunistas e operários foram informadas dos «graves erros do Partido Comunista da China em questões programáticas» e foram informadas a respeito da condenação «unânime» feita à China em Bucareste, ao mesmo tempo que se tratava de fazer valer essa opinião no seio desses partidos e dos seus respectivos povos. E o Partido do Trabalho da Albânia também foi condenado em algumas dessas reuniões partidárias.

Da nossa parte, depois da Reunião de Bucareste, o Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia decidiu — e decidiu correctamente — que só levaria às bases partidárias o comunicado final da reunião, informando ainda o conjunto do Partido de que existiam divergências de princípios entre o Par-

tido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, as quais deveriam ser examinadas e solucionadas na Conferência convocada para Novembro, em Moscovo. Foi isto o que fizemos.

Mas esta posição do nosso Partido não agradou aos camaradas da direcção do Partido Comunista da União Soviética, e começámos a senti-lo logo. Após a Reunião de Bucareste, teve início um ataque inesperado e estranho a qualquer princípio contra o nosso Partido e o seu Comité Central, sob a forma de brutais ingerências e de pressões multilaterais. Iniciado pelo camarada Kruchov em Bucareste, esse ataque foi retomado pelo camarada Kozlov em Moscovo. Os camaradas do Bureau Político que passavam casualmente pela capital soviética eram intensamente trabalhados para se voltarem contra a direcção do nosso Partido, dizendo-se-lhes que «a direcção do Partido do Trabalho da Albânia traiu a amizade com a União Soviética», que «a linha seguida pela direcção do Partido do Trabalho da Albânia se caracteriza pela sinuosidade», que «a Albânia deve decidir se fica com os 200 milhões (ou seja, com a União Soviética) ou se vai com os 650 milhões (ou seja, com a China Popular)» e, finalmente, que, «isolada, a Albânia está em perigo, pois basta que os norte-americanos lancem uma bomba atómica para que ela e toda a sua população desapareçam do mapa», além de outras ameaças deste género. Está bem evidente que o objectivo era criar divisões na direcção do Partido do Trabalho da Albânia e eliminar do seu seio os elementos considerados pelos dirigentes soviéticos como obstáculos ao seu tortuoso e desonesto empreendimento.

O resultado deste trabalho divisonista foi a capitulação de Liri Belishova, ex-membro do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, que cedeu às bajulações, chantagens e intimidações dos dirigentes soviéticos, colocando-se abertamente contra a linha do Partido. É falaciosa a tentativa dos camaradas soviéticos, na sua carta ao Comité Central do Partido Comunista da China, no sentido de apresentar a questão como se a Albânia estivesse a condenar os

amigos da União Soviética. Amigos eternos dos povos soviéticos são o milhão e meio de albaneses e o Partido do Trabalho da Albânia, que construiram, cimentaram e forjaram essa amizade com sangue, e não o são os diversos capitulacionistas, divisionistas e desviacionistas.

Mas não se limitaram a Moscovo os esforços dos camaradas soviéticos para criar dúvidas em relação à justa posição assumida pelo nosso Partido em Bucareste. Esforços ainda mais intensos e prementes foram feitos também em Tirana por parte dos funcionários da Embaixada soviética, tendo à frente o próprio embaixador.

Como já disse anteriormente, antes da Reunião de Bucareste não se poderia imaginar laços mais estreitos, sinceros e fraternais do que os que nos ligavam aos camaradas soviéticos. Não tínhamos nenhum segredo para os camaradas soviéticos, fossem eles segredos de Partido ou de Estado. Era uma decisão do Comité Central do nosso Partido. Tais laços reflectiam o carinho e a fidelidade do povo albanês para com o povo soviético, sentimentos forjados, com o próprio sangue, pelo nosso Partido.

Mas esses sagrados sentimentos do Partido do Trabalho da Albânia e do nosso povo foram espezinhados por alguns elementos maldosos, com o embaixador soviético à frente. Aproveitando-se desses laços de amizade e da boa fé dos nossos quadros, começaram intensa e febrilmente a atacar a linha marxista-leninista do Partido do Trabalho da Albânia, tentando dividir o Partido, criar o pânico e confusão nas fileiras partidárias e separar o Partido da sua direcção. E a coisa foi tão longe que o embaixador soviético em Tirana chegou ao ponto de tentar incitar os nossos generais a levantarem o Exército Popular Albanês contra a direcção do Partido do Trabalho da Albânia e do Estado albanês. Mas tais elementos encontraram um osso duro de roer, pois é férrea a unidade do nosso Partido. Forjados na Luta de Libertação Nacional e na dura luta de vida ou morte contra os revisionistas jugoslavos, os nossos quadros defenderam de maneira marxista o seu heróico Par-

tido, eles sabem perfeitamente fazer a distinção entre os divisionistas e o Partido da União Soviética, o Partido de Lenine. E, de facto puseram esses difamadores no seu devido lugar.

Entretanto, utilizando-se de métodos inadmissíveis e antimarxistas, os funcionários da Embaixada soviética em Tirana, tendo à frente o embaixador, conseguiram fazer com que o presidente da Comissão Central de Verificação do Partido do Trabalho da Albânia, que quinze dias antes se havia mostrado solidário com a linha seguida em Bucareste pelo Comité Central do Partido, caísse nas garras desses intriguistas, se afastasse inteiramente do caminho marxista-leninista e se colocasse em flagrante oposição à linha do Partido. É evidente que esses condenáveis esforços dos referidos camaradas soviéticos visavam dividir a direcção do Partido do Trabalho da Albânia e afastá-la das massas do Partido. E isto como punição pelo nosso «crime» de Bucareste, por termos ousado manifestar livremente o nosso ponto de vista da forma que considerávamos correcta.

Mas os funcionários da Embaixada soviética em Tirana foram ainda mais longe neste caminho. E precipitaram-se sobre os albaneses que tinham estudado na União Soviética para incitá-los contra a direcção albanesa, imaginando serem eles os elementos adequadas para satisfazer os seus sinistros desígnios. Mas os albaneses, tenham ou não estudado na União Soviética, sabem muito bem que os métodos baixos utilizados pelos funcionários da Embaixada soviética em Tirana são inteiramente alheios ao marxismo-leninismo. Os albaneses são filhos do seu próprio povo, são filhos do seu Partido, são marxistas-leninistas, são internacionalistas.

Poderíamos mencionar inúmeros outros exemplos. Mas, para não tomar muito tempo desta importante Conferência, relatarei ainda dois outros casos típicos. As pressões sobre o nosso Partido continuaram até mesmo quando já se encontrava reunida, aqui em Moscovo, a comissão encarregada de redigir o projecto de declaração que nos foi apresentado, altura em que os camaradas soviéticos diziam que devíamos olhar para a

frente e não para trás. Naquela ocasião, numa reunião ampliada dos chefes de Estado-Maior dos países membros do Tratado de Varsóvia, realizada em Moscovo, o marechal Malinovsk, membro do Comité Central e ministro da União Soviética, atacava abertamente o povo albanês, o Partido do Trabalho da Albânia, o Governo albanês e a nossa direcção. Foi um ataque público e inamistoso, muito semelhante à estocada subversiva do embaixador soviético em Tirana, que tentava incitar o nosso Exército Popular contra a direcção do Partido e o nosso Estado. Mas, a exemplo do embaixador soviético, o marechal Malinovsk também estava redondamente enganado. Que ninguém pense conseguir alcançar tal objectivo, e muito menos deteriorar a amizade que une o nosso povo aos povos da União Soviética. A justa luta do Partido do Trabalho da Albânia contra esta actividade de sapa fortalece a sincera amizade existente entre o nosso povo e os povos da União Soviética. A nossa amizade não pode ser abalada nem mesmo pelas surpreendentes declarações do comandante-chefe das forças do Tratado de Varsóvia, marechal Grechko, que não se contentou apenas em dizer que seria difícil satisfazer as necessidades do nosso Exército em certos armamentos indispensáveis que deveriam ser-nos fornecidos conforme os contratos vigentes, mas ainda disse abertamente que «por enquanto, vocês ainda estão no Tratado de Varsóvia», dando a entender desta forma que teria decidido excluir-nos daquele organismo. Felizmente, porém, uma decisão destas não é da competência do camarada marechal.

Por outro lado, o camarada Kruchov, em Outubro deste ano, declarou com a maior seriedade aos camaradas chineses que «nós trataremos a Albânia como tratámos a Jugoslávia». Trazemos isto ao conhecimento desta Conferência do comunismo internacional para que se possa avaliar o ponto a que estão a chegar as coisas e que atitudes estão a ser tomadas contra um pequeno país socialista. Que «crime» cometeu o Partido do Trabalho da Albânia para que o nosso país seja tratado como a Jugoslávia titista? Será que traímos o marxismo-leninismo, como fez a camarilha de Tito? Ou será que nos afastamos do

campo socialista e nos amarramos ao carro do imperialismo norte-americano, como sucedeu com o revisionismo jugoslavo? Não, e disto é testemunha todo o movimento comunista internacional, disto é testemunha toda a actividade política, ideológica e económica concreta do nosso Partido e do nosso Estado durante a Luta de Libertação Nacional e ao longo dos 16 anos decorridos desde a libertação da pátria, disto é testemunha o próprio Comité Central do Partido Comunista da União Soviética que, em carta enviada a 13 de Agosto de 1960 ao Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, ressaltou: «Baseadas nos princípios do internacionalismo proletário, as relações entre o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista da União Soviética sempre foram verdadeiramente fraternais. A amizade existente entre os nossos partidos e povos nunca foi ofuscada por qualquer discordância ou afastamento. As posições do Partido do Trabalho da Albânia e do Partido Comunista da União Soviética sempre coincidiram em todas as questões mais importantes do movimento comunista e operário internacional e de política externa.»

Qual é então a nossa falta? O nosso único «crime» é o de nos termos recusado em Bucareste a condenar injustamente um partido comunista irmão como o Partido Comunista da China; o nosso único «crime» é o de — numa reunião comunista internacional e não em ruas e praças — termos ousado opor-nos abertamente à actividade incorrecta do camarada Kruchov; o nosso único «crime» é o de sermos um pequeno partido de um pequeno e pobre povo, a quem, na concepção do camarada Kruchov, compete apenas aplaudir e aprovar, em vez de manifestar a sua própria opinião. Isto, porém, não é nem marxista, nem admissível. Quem nos deu o direito de dizer a nossa palavra foi o marxismo-leninismo. E dele ninguém pode privar-nos, nem com pressões políticas ou económicas, nem com ameaças ou epítetos que possam lançar-nos.

Aproveitando a ocasião, gostaríamos de perguntar ao camarada Kruchov: por que motivo não fez ele tal declaração directamente a nós, mas a um representante de um terceiro

partido? Ou será que o camarada Kruchov imagina que o Partido do Trabalho da Albânia não possui os seus próprios pontos de vista, tendo feito causa comum sem princípios com o Partido Comunista da China e que, portanto, as questões relativas ao nosso Partido podem ser discutidas com os camaradas chineses? Não, camarada Kruchov, você continua a errar e a ter opiniões negativas em relação ao nosso Partido. O Partido do Trabalho da Albânia possui os seus próprios pontos de vista e por eles responde perante o seu próprio povo, bem como diante do movimento comunista e operário internacional.

Somos forçados a informar esta Conferência de que, efectivamente, a direcção soviética já começou a transformar em acções concretas as suas ameaças de tratar a Albânia como a Jugoslávia titista. Este ano, o nosso país foi atingido por inúmeras calamidades naturais: houve um grande terramoto, houve inundações em Outubro e sofremos uma seca particularmente terrível, passando 120 dias a fio sem ver um único pingo de chuva. Praticameste todo o cereal ficou queimado nas plantações. A fome ameaçava a população. Foram consumidas as poucas reservas que tínhamos. Nestas condições, explicando a gravíssima situação existente, o nosso Governo fez uma encomenda urgente de compra de trigo à União Soviética. Isto aconteceu depois da Reunião de Bucareste. Pois bem, tivemos de esperar 45 dias pela resposta da União Soviética, numa situação em que só tínhamos pão suficiente para 15 dias. Ao cabo dos 45 dias de espera e de reiteradas solicitações oficiais, o Governo soviético, das 50 mil toneladas encomendadas, concedeu-nos apenas 10 mil toneladas, o que corresponde à satisfação das necessidades da população por apenas 15 dias, e mesmo assim anunciando que só nos enviaria essa quantidade em Setembro ou Outubro. Tratava-se de uma clara pressão para que o nosso Partido se dobrasse à vontade dos camaradas soviéticos.

Nós pudemos constatar muitas coisas naqueles dias difíceis. Será que a União Soviética, que vende cereais a todo o mundo, não tinha 50 mil toneladas de trigo para fornecer ao

povo albanês, um povo irmão, fiel ao povo soviético, ao marxismo-leninismo e ao campo socialista, que se encontrava ameaçado de fome por razões alheias à sua vontade? O camarada Kruchov tinha-nos dito certa vez: «Não se preocupem com o trigo; o que vocês consomem num ano equivale ao que os ratos comem nos nossos depósitos.» Ou seja, os ratos da União Soviética podiam continuar a comer, mas o povo albanês que morresse de fome até que a direcção do Partido do Trabalho da Albânia se submetesse à vontade da direcção soviética! Isto é terrível, camaradas, mas é verdade. Se o povo soviético tomar conhecimento disto, jamais perdoará aos seus dirigentes por tal atitude, que não é nem marxista, nem internacionalista, nem digna de camaradas. Também não é, nem de longe, amistosa a atitude de não aceitar um acordo de pagamento para a compra do trigo, obrigando-nos a recorrer à pequena reserva de ouro do nosso Banco Nacional para comprar, na própria União Soviética, milho com que fazer pão para o nosso povo.

Tais actos não são por acaso; estão ligados entre si. Particularmente nos últimos dias, os ataques do camarada Kruchov contra o nosso Partido do Trabalho chegaram ao seu ponto culminante. O camarada Kruchov declarou em 6 de Novembro que «os albaneses comportam-se connosco da mesma forma que Tito». Disse aos camaradas chineses: «Nós perdemos uma Albânia, enquanto vocês, chineses, ganharam uma Albânia.» E, finalmente, declarou que «o Partido do Trabalho da Albânia é o nosso elo fraco».

Que acusações monstruosas são estas e que comportamento de «comerciante» é este em relação ao nosso Partido e ao nosso povo, em relação a um país socialista que se perderia ou ganharia como num jogo de cartas? Que considerações são estas acerca de um partido irmão que, segundo vocês, seria o elo fraco do movimento comunista internacional? Compreendemos claramente e com evidência que a nossa justa posição marxista-leninista de princípios e a nossa coragem de discordar de vós e condenar as vossas práticas erradas é que os impelem a atacar o nosso Partido, a perpetrar toda a espé-

cie de pressões sobre ele e a dizer mesmo as mais absurdas monstruosidades contra ele. Não há nada de amistoso nem de comunista em tudo isto. Vocês comparam-nos aos revisionistas jugoslavos. Mas todos sabem como o nosso Partido lutou e luta contra os revisionistas jugoslavos. Não somos nós que agimos como os jugoslavos, mas você, camarada Kruchov, quem tem utilizado contra o nosso Partido métodos estranhos ao marxismo-leninismo. Considera a Albânia como um artigo de feira, que pode ser ganho ou perdido por este ou por aquele. Houve um tempo em que a Albânia era realmente considerada como artigo de feira, quando havia quem pensasse que deles dependia a sua existência. Mas esses tempos acabaram-se com o triunfo das ideias do marxismo-leninismo no nosso país. E vocês, agora, tentam recriar a mesma situação, pretendendo terem «perdido» a Albânia e que algum outro a tenha «ganho», ou então concluindo que o nosso país já não é socialista, como transparece da carta que nos foi entregue por vocês em 8 de Novembro, a qual não menciona a Albânia como um país socialista.

Não é você, camarada Kruchov, quem determina se a Albânia marcha pelo caminho do socialismo ou faz parte do campo socialista. Isto não depende dos seus desejos. Quem o decidiu foi o povo albanês, com a sua própria luta e tendo à frente o seu Partido do Trabalho. Não há força no mundo capaz de desviá-lo desse caminho.

No que se refere à afirmação de que o nosso Partido do Trabalho seria o elo mais fraco do campo socialista e do movimento comunista internacional, a prova contrária é dada pela própria história de vinte anos do nosso Partido, pela heróica luta do nosso Partido e do nosso povo contra os ocupantes fascistas e pelos 16 anos decorridos desde a Libertação, ao longo dos quais o nosso Partido e o nosso pequeno povo souberam fazer face a todas as tempestades. Cercada de inimigos como uma ilha no meio das vagas, a República Popular da Albânia resistiu ousadamente a todos os ataques e provocações dos imperialistas e seus servidores. E, como rocha de granito, man-

teve e continua a manter bem hasteada a bandeira do socialismo na retaguarda do inimigo. Você, camarada Kruchov, levantou a mão contra o nosso pequeno povo e o seu Partido. Mas nós estamos convencidos de que o grande Partido de Lenine e o povo soviético, que também derramou sangue pela liberdade do nosso povo, não concordarão com a sua acção. Temos confiança total no marxismo-leninismo e estamos seguros de que os partidos irmãos representados nesta Conferência saberão examinar e julgar a questão com espírito de justiça marxista-leninista.

O nosso Partido sempre considerou o Partido Comunista da União Soviética como o partido-guia, por se tratar do partido mais antigo, do glorioso partido dos bolcheviques, bem como pela sua experiência universal e a sua grande maturidade. Mas o nosso Partido nunca aceitou e jamais aceitará que qualquer dirigente soviético lhe imponha pontos de vista que consideremos incorrectos.

A direcção soviética encarou de forma inteiramente errada esta importante questão de princípios, vendo-a de maneira idealista e metafísica. Os colossais êxitos alcançados pelos povos soviéticos e pelo Partido Comunista da União Soviética subiram à cabeça da sua direcção, que passou a violar os princípios marxistas-leninistas, a considerar-se infalível e a achar que todas as suas decisões, acções, palavras e gestos são infalíveis e imutáveis. Os outros podem errar, os outros são condenáveis, mas a direcção soviética não... Diziam os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética à nossa gente: «As nossas decisões são sagradas e intocáveis», «não podemos fazer nenhuma concessão ou chegar a qualquer compromisso com o Partido Comunista da China». Então, por que motivo nos reuniram eles em Bucareste? Certamente para que votássemos de olhos fechados a favor dos pontos de vista da direcção soviética. Será que isto é marxista? Será isto normal?

Pode-se permitir que um partido realize actividades de sapa em relação a outro partido, para quebrar a unidade e

derrubar a direcção de um outro partido ou um outro Estado? Nunca, jamais! Os dirigentes soviéticos acusaram o camarada Staline de, pretensamente, ter intervido noutros partidos para impor-lhes os pontos de vista do Partido Bolchevique. Mas nós podemos testemunhar que o camarada Staline nunca procedeu de tal forma connosco; pelo contrário, sempre se comportou com o povo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia como um grande marxista, como um destacado internacionalista, como um camarada, irmão e amigo sincero do povo albanês. Em 1945, quando o nosso povo se encontrava ameaçado de fome, o camarada Staline desviou o rumo de navios que levavam cereais destinados ao povo soviético para enviá-los directamente ao povo albanês, e isto num momento em que o povo soviético estava na penúria, necessitando grandemente de cereais. Hoje, porém, a actual direcção soviética permite-se acções indignas, completamente opostas.

Pode-se permitir pressões económicas, como as realizadas, e ameaças contra o Povo albanês, como fez a direcção soviética depois da Reunião de Bucareste? Não, de maneira alguma; (...) Consideramos como um auxílio internacionalista a ajuda concedida ao nosso pequeno povo, que antes da guerra vivia mergulhado na maior e mais profunda miséria, que foi massacrado e devastado no decorrer da Segunda Guerra Mundial, mas que não se curvou, lutando com grande heroísmo sob a gloriosa direcção do Partido Comunista da Albânia, até alcançar a sua libertação. Mas por que razão a direcção soviética mudou de posição em relação a nós, depois da Reunião de Bucareste, chegando ao ponto de deixar o povo albanês passar fome? E não só a direcção soviética, a direcção romena também agiu da mesma forma, recusando-se a fornecer um único grão de trigo ao nosso povo através de um acordo de pagamento e obrigando-nos a despender divisas na compra de milho a fazendeiros franceses. Isto, sabendo-se que a Roménia vende cereais aos países capitalistas.

Alguns meses antes da Reunião de Bucareste, o camarada Dej ([92]) convidou uma delegação do nosso Partido a visitar a Roménia, expressamente para discutir as perspectivas de desenvolvimento da Albânia. Tratava-se de uma preocupação louvável e marxista. Na ocasião, disse o camarada Dej ao nosso Partido: «Nós, os demais países de democracia popular, não devemos discutir o montante dos créditos que devem ser concedidos à Albânia, mas sim quais as fábricas que devem ser lá construídas e a que nível devem ser elevados os meios de produção; quanto ao custo disso em milhões de rublos, trata-se de uma questão secundária.» E disse ainda o camarada Dej: «Nós discutimos este assunto com o camarada Kruchov e ele está de acordo.» Mas veio a Reunião de Bucareste e o nosso Partido assumiu a posição de todos conhecida. A partir de então, os camaradas romenos esqueceram-se do que tinham dito antes, optando pela solução de deixar o povo albanês passar fome.

Já demos conhecimento oficial de tudo isto ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. São questões que não levantámos nem discutimos pelas ruas e praças, e muito menos segredámos a quem quer que seja, mas estamos a apresentar pela primeira vez em público numa reunião de partidos, como é o caso desta nossa Conferência. Porque levantamos tais questões? Fazêmo-lo partindo do desejo de que se ponha fim a estas manifestações negativas que, ao invés de fortalecerem, debilitam a nossa unidade. O nosso ponto de partida é o desejo de que se fortaleçam as relações e laços marxistas-leninistas entre os partidos comunistas e operários e entre os Estados socialistas, varrendo-se com todas as manifestações perniciosas até agora surgidas. Somos optimistas. E estamos plenamente convencidos e inabalavelmente confiantes em que os camaradas soviéticos e os demais camaradas compreenderão correctamente as nossas críticas. Elas são

([92]) Gheorghiu Dej, então primeiro secretário do CC do Partido Operário da Roménia.

duras, mas francas e sinceras, feitas com o objectivo de fortalecer as nossas relações.

Não obstante estas atitudes injustas e prejudiciais observadas em relação a nós, as quais acreditamos que cessarão no futuro, o nosso Partido e o nosso povo solidificarão ainda mais o carinho e a lealdade infinita para com os povos soviéticos, o Partido Comunista da União Soviética e os povos e partidos comunistas e operários do campo socialista, sempre com base nos ensinamentos do marxismo-leninismo. O nosso Partido só concebe a amizade baseada na justiça, no respeito mútuo e nos princípios marxistas-leninistas. É isto o que está dito na Declaração de Moscovo de 1957 e repetido no projecto de declaração que nos foi apresentado agora. Declaramos, com a maior seriedade, que o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês, como sempre, continuarão a lutar decididamente pela consolidação da unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional.

O povo albanês é capaz de se lançar ao fogo pelos seus verdadeiros amigos. E não o digo por dizer: ao fazê-lo, exprimo os profundos sentimentos do nosso povo e do nosso Partido. Mas que fique bem claro que não é pelos belos olhos de ninguém ou para satisfazer a quem quer que seja que amamos a União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética.

Queridos camaradas:

A Declaração de Moscovo de 1957 e o projecto de declaração que nos foi apresentado constatam que o revisionismo constitui hoje o principal perigo no seio do movimento comunista e operário internacional. A Declaração de Moscovo de 1957 destaca correctamente que a fonte interna do revisionismo é a existência de influências burguesas e a sua fonte externa é a capitulação perante as pressões imperialistas. A vida comprovou inteiramente que, camuflado com palavras-de-ordem pseudo-marxistas e revolucionárias, o revisionismo contemporâneo vem tentando por todos os meios desacreditar a nossa grande doutrina, o marxismo-leninismo, por ele proclamada

como «caduca», que já não corresponderia ao processo de desenvolvimento social. Escondendo-se detrás dos lemas do «marxismo criador» e das «novas condições existentes», os revisionistas, por um lado, têm-se esforçado por privar o marxismo do seu espírito revolucionário e minar a confiança da classe operária e do povo trabalhador no socialismo e, por outro lado, têm tratado de embelezar, por todas as formas, o imperialismo e fazer crer que ele abrandou e se tomou pacífico. Os três anos decorridos desde a Conferência de Moscovo comprovaram plenamente que os revisionistas contemporâneos não procuram mais do que provocar a divisão do movimento comunista e do campo socialista, agem como fiéis servidores do imperialismo e inimigos jurados do socialismo e da classe operária.

Como a vida tem mostrado até agora, os revisionistas jugoslavos, a camarilha traidora de Tito & Cia, são os porta-bandeiras e os representantes mais agressivos e perigosos do revisionismo contemporâneo. Na altura da aprovação da Declaração de Moscovo, este grupo hostil de agentes do imperialismo norte-americano não foi publicamente denunciado, apesar de existirem então factos e dados suficientes para tal, na nossa opinião. E não apenas isto. Mesmo depois, quando a sua perigosidade se tornou ainda mais clara, não se deu a devida força à luta contra o revisionismo jugoslavo, não se travou uma luta incessante e coerente para destruí-lo ideológica e politicamente. Antes pelo contrário. Esta tem sido a fonte de muitos erros e prejuízos para o nosso movimento comunista e operário internacional. O nosso Partido considera que a tendência conciliadora, a opinião errada e a avaliação incorrecta do camarada Kruchov e de alguns outros dirigentes soviéticos em relação ao perigoso grupo revisionista de Tito influíram grandemente no seu não-desmascaramento total e na difusão de falsas «esperanças» em tomo de uma pretensa «melhoria» e de uma suposta «viragem» positiva desse grupo traidor.

Disseram que J. V. Staline se enganou na avaliação dos revisionistas jugoslavos e errou ao assumir uma posição dura

para com eles. O nosso Partido, porém, nunca concordou com tal ponto de vista, pois o tempo e a vida comprovaram justamente o contrário. Staline avaliou muito correctamente o perigo representado pelos revisionistas jugoslavos, tratando de resolver a questão no devido tempo e de forma marxista. Foi convocado o organismo colectivo daquela época, o Cominform; e, desmascarado o grupo titista, travou-se uma impiedosa luta contra ele. E o tempo demonstrou sobejamente que esse procedimento foi justo e indispensável.

O Partido do Trabalho da Albânia sempre considerou — e disto continua convencido — que o grupo de Tito é traidor ao marxismo-leninismo, agente do imperialismo e perigoso inimigo do campo socialista e de todo o movimento comunista e operário internacional, devendo-se, portanto, desenvolver uma luta inclemente contra ele. Da nossa parte, nós sempre travámos e continuamos essa luta, tanto como comunistas internacionalistas como pelo facto de que sempre sentimos diariamente sobre as nossas costas o peso da actividade hostil da camarilha revisionista de Tito contra o nosso Partido e o nosso país. Mas a posição do nosso Partido nunca agradou ao camarada Kruchov e a alguns outros camaradas.

O grupo titista é um bando de trotskistas e renegados desde há muito e muito tempo. Pelo menos, para o Partido do Trabalho da Albânia, ele é-o desde 1942, isto é, há 18 anos. Já em 1942, quando a luta do povo albanês avançava com grande ímpeto, o grupo trotskista de Belgrado, a pretexto da amizade e aproveitando-se da nossa boa fé, tratou, por todos os meios, de obstruir o desenvolvimento da nossa luta armada, esforçou-se por entravar a criação de poderosos destacamentos de choque dos guerrilheiros albaneses e, na impossibilidade de impedi-lo, tentou assumir directamente a sua direcção política e militar. Aquele grupo procurou fazer com que tudo dependesse de Belgrado, tentando transformar o nosso Partido e o nosso Exército guerrilheiro em simples apêndices do Partido Comunista Jugoslavo e do Exército de Libertação Nacional Jugoslavo. Mas, ao mesmo tempo em que preservava a amizade

com os guerrilheiros jugoslavos, o nosso Partido enfrentou com êxito tais desígnios diabólicos.

Desde essa época, que o grupo de Tito procurava lançar os fundamentos de uma Federação Balcânica dirigida pelos titistas de Belgrado, amarrar os partidos comunistas da região ao carro do Partido Comunista Jugoslavo e colocar os exércitos guerrilheiros dos povos balcânicos sob a dependência do Estado-Maior titista jugoslavo. Foi com tal objectivo que ele, já naquela época, em conluio com os ingleses, se esforçou por criar o Estado-Maior Balcânico e colocá-lo — ou seja, os nossos Exércitos — sob a direcção dos anglo-americanos. Mas o nosso Partido resistiu com êxito a tais planos maquiavélicos. E, quando a bandeira da libertação flutuou em Tirana, o bando titista de Belgrado ordenou aos seus agentes no nosso país que desacreditassem o feito do Partido Comunista da Albânia e organizassem um *putsch* ([93]) para derrubar a direcção do Partido, aquela mesma direcção que tinha organizado o Partido, dirigido a Luta de Libertação Nacional e levado o povo albanês à vitória. O primeiro golpe foi montado pelo próprio Tito, juntamente com os seus agentes ocultos no nosso Partido. No entanto, o Partido Comunista da Albânia aniquilou a conspiração de Tito.

Mas nem por isso os conspiradores de Belgrado depuseram as armas. E, em conluio com o seu agente-mor nas fileiras do nosso Partido, o traidor Koçi Xoxe, retomaram sob novas formas a organização de uma conspiração contra a nova Albânia. O seu objectivo era fazer do nosso país a sétima república da Jugoslávia. Num momento em que o nosso país se

---

([93]) Na II Sessão Plenária do CC do PTA, realizada em 23 de Novembro de 1944 na cidade de Berat, o delegado do CC do PC Jugoslavo organizou, nos bastidores, uma conspiração contra o PC da Albânia, contando com a colaboração dos elementos antipartido Sejfulla Maleshova, Koçi Xoxe e Pandi Kristo. O principal objectivo do conluio era o derrube da direcção do Partido, com o camarada Enver Hoxha à frente, e a sua substituição por uma nova direcção pró-jugoslava.

encontrava devastado e incendiado, devendo ser reconstruído a partir do nada; num momento em que o nosso povo vivia sem pão e sem tecto, mas com um elevado moral; num momento em que o nosso Exército e o nosso povo, de armas nas mãos, montavam uma guarda vigilante contra as maquinações da reacção, organizadas pelas missões anglo-americanas, que ameaçavam a nova Albânia com novas invasões; num momento em que uma grande parte do Exército guerrilheiro albanês atravessava a fronteira da pátria para acudir em socorro dos irmãos jugoslavos, combatendo lado a lado com eles e juntos libertando Montenegro, Bosnia, Herzegovina, Kossova e Macedónia — precisamente nesse momento, os conspiradores de Belgrado tramavam planos para escravizar a Albânia.

Mas o nosso Partido enfrentou heroicamente estes agentes ocultos sob a máscara do comunismo. Vendo que o jogo estava perdido, pois que o nosso Partido liquidara as suas conspirações uma a uma, os trotskistas de Belgrado tentaram então jogar a última cartada: invadir a Albânia com os seus exércitos, sufocar a resistência, prender os dirigentes do Partido do Trabalho da Albânia e do Estado albanês e proclamar a Albânia como a sétima república da Jugoslávia. Mas o Partido levou ao fracasso mais este diabólico plano por eles tramado. E, naquele momento, a ajuda e a intervenção de J. V. Staline foram decisivas para o nosso Partido e para a liberdade do povo albanês.

Foi precisamente naquele momento que o Cominform desmascarou a camarilha de Tito, fazendo fracassar as suas actividades conspirativas não só na Albânia, mas também nos demais países de democracia popular. Agindo sob a máscara de comunistas, Tito e o seu bando, esses renegados e agentes do imperialismo, tentaram destruir a amizade e a aliança combativa que uniam os países de democracia popular dos Balcãs e da Europa Central à União Soviética, liquidar os partidos comunistas e operários dos nossos países e transformar os nossos Estados em reservas do imperialismo anglo-americano. Quem não percebia e não via em execução os planos hostis do imperialismo e de seu fiel servidor, Tito? Todos sabiam, todos

tomaram conhecimento e todos, unanimemente, aprovaram as justas decisões do Cominform. As resoluções do Cominform foram aprovadas por todos, sem excepção. E, para nós, todas aquelas resoluções, sem excepção, eram e continuam a ser correctas.

Com a contra-revolução na Hungria e as incessantes conspirações de Tito na Albânia, os que não queriam ver e compreender as actividades desse bando tiveram uma segunda prova de que o lobo muda de pêlo mas continua lobo, de que Tito e a sua quadrilha podem lançar mão de subterfúgios e máscaras, mas continuam a ser traidores, agentes do imperialismo e assassinos de heróicos comunistas internacionalistas — pois é isso o que eles são, é assim que eles agem e assim continuarão até serem liquidados.

O Partido do Trabalho da Albânia não considera que as decisões adoptadas pelo Cominform contra o grupo renegado de Tito tenham sido tomadas pessoalmente pelo camarada Staline, mas sim por todos os partidos que participavam daquele organismo. E não apenas por tais partidos, mas também por todos os partidos comunistas e operários que não participavam do Cominform. Tratando-se de uma questão respeitante a todos os partidos comunistas e operários, também dizia respeito ao Partido do Trabalho da Albânia. E o nosso Partido, tendo recebido e estudado a carta enviada por Staline e Molotov ao Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo, manifestou-se inteiramente solidário com ela e com as decisões do Cominform.

Qual a razão, agora, para a «reviravolta» operada em 1955 pelo camarada Kruchov e pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética em relação aos revisionistas jugoslavos não ter sido objecto de uma consulta regular aos demais partidos comunistas e operários, sendo concebida e realizada de maneira tão rápida e unilateral? Tratava-se de uma questão respeitante a todos nós: ou os revisionistas se tinham lançado à luta contra o marxismo-leninismo e os partidos

comunistas e operários do mundo, ou então não o tinham feito; ou tinham errado eles, ou então tínhamos errado nós em relação a eles, e não somente Staline. E isto não poderia ser resolvido unicamente pelo camarada Kruchov, a seu bel-prazer—nem lhe era permitido tal. Mas, de facto, foi o que fez, vinculando a sua visita a Belgrado à reviravolta nas relações com os revisionistas jugoslavos. Tal iniciativa caiu sobre o Partido do Trabalho da Albânia como uma bomba inesperada. E o Partido opôs-se-lhe de maneira imediata e categórica.

Nesse sentido, em Maio de 1955, antes da partida do camarada Kruchov para Belgrado, o Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia enviou uma carta ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética manifestando a oposição do nosso Partido à visita de Kruchov a Belgrado. A carta ressaltava que a questão jugoslava não poderia ser resolvida unilateralmente, sendo necessária a realização de uma reunião do Cominform, para a qual solicitávamos também a participação do Partido do Trabalho da Albânia como convidado. Era nessa reunião que a questão deveria ser decidida, depois de um extenso e justo debate. É certo que, do ponto de vista formal, não nos cabia o direito de decidir se o camarada Kruchov deveria ou não ir a Belgrado, e, neste aspecto, recuámos na nossa posição. Mas, do ponto de vista da essência, tínhamos razão ao achar que a questão jugoslava não deveria ter sido resolvida apressamente, e isto foi comprovado pelo tempo.

A partir de então, foi lançado o lema das «superposições», foi rapidamente anulada a segunda resolução do Cominform, foi inaugurada a «época da reconciliação» com os «camaradas jugoslavos», foram revistos os casos dos conspiradores, promoveu-se a sua reabilitação e começou-se a falar a torto e a direito de «camaradas jugoslavos» para cá, «camaradas jugoslavos» para lá. O resultado foi que os «camaradas jugoslavos» sairam purificados e começaram a cantar de galo, apregoando aos quatro ventos que a sua «justa causa» havia triunfado e que fora o «criminoso Staline» quem tinha maquinado tudo. Desta maneira, foi criada uma situação segundo a qual quem

não trilhasse o novo caminho era «stalinista» e devia ser liquidado.

Mas o nosso Partido recusou-se a seguir essa senda conciliadora e oportunista, mantendo-se nas justas posições ideológicas marxistas-leninistas, na sua posição de luta ideológica e política contra os revisionistas jugoslavos. O Partido do Trabalho da Albânia manteve inabalável o seu ponto de vista de que o grupo titista era um grupo de traidores, renegados, trotskistas, subversivos e agentes norte-americanos, bem como a sua convicção de que o nosso Partido não se tinha enganado em relação a ele. O Partido do Trabalho da Albânia permaneceu inquebrantável na sua opinião de que o camarada Staline não tinha errado nesta questão. E manteve-se convicto de que, com a sua linha traidora, os revisionistas tinham tentando escravizar o nosso país e liquidar o Partido do Trabalho da Albânia e que, além disso, em conluio com os imperialistas anglo-americanos tramaram uma série de intrigas internacionais, tentando envolver a Albânia em conflitos internacionais.

Não obstante, o Partido do Trabalho da Albânia estava de acordo em estabelecer relações estatais de boa vizinhança, bem como relações comerciais e culturais com a República Federativa Popular da Jugoslávia. Mas isto com a condição de serem respeitadas as normas da coexistência pacífica entre Estados de diferentes regimes sociais, pois que, para o Partido do Trabalho da Albânia, a Jugoslávia titista nunca foi, não é e jamais será um país socialista, pelo menos enquanto tiver à sua frente esse grupo de renegados e agentes do imperialismo.

Nenhum esforço, aberto ou camuflado, conseguiu afastar o Partido do Trabalho da Albânia destas justas posições. O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, através do camarada Suslov, dispendeu esforços inúteis ao tentar convencer-nos de que devíamos deixar de mencionar a questão de Koçi Xoxe no informe ao nosso III Congresso, realizado em Maio de 1956, o que significaria negarmos a nossa luta e as nossas posições de princípio.

Os titistas tinham encontrado na Albânia um osso duro de roer ou, na expressão do próprio Tito, «um espinho cravado no pé». E, naturalmente, o grupo titista traidor continuou a lutar contra o Partido do Trabalho da Albânia, desta vez pensando estar a desmascarar-nos ao qualificar-nos de «stalinistas». E não foi apenas com propaganda que o grupo de Belgrado nos combateu: prosseguiu em actos de espionagem e subversão, em conspirações e no envio de bandos armados ao nosso país, actuando ainda mais intensamente do que antes de 1948. Tudo isto é comprovado pelos factos. Mas o trágico é que, por um lado, o Partido do Trabalho da Albânia tinha de defender-se face aos ataques duros e ininterruptos dos revisionistas jugoslavos e, por outro lado, a inabalável posição marxista-leninista de princípios do nosso Partido entrava em contradição com as atitudes conciliatórias dos dirigentes soviéticos e dos dirigentes de alguns outros partidos comunistas e operários em relação aos revisionistas jugoslavos.

Naquela época, dizia-se e escrevia-se com grande alarido que «a Jugoslávia é de facto um país socialista», que «os comunistas jugoslavos possuem uma grande experiência e têm grandes méritos», que «a experiência jugoslava é digna do maior interesse e merece um atento estudo», que «não foi a Jugoslávia que provocou o período das altercações e mal-entendidos», que ela «tinha sido vítima de uma grande injustiça» e outras coisas mais. Tais posições, naturalmente, encorajaram a camarilha de Tito, que imaginou já ter ganho a partida, restando-lhe apenas «um espinho cravado no pé», obstáculo que ela pensava isolar e, por conseguinte, liquidar. Mas não conseguiu isolar e muito menos liquidar o nosso Partido, acontecendo justamente o contrário: o tempo comprovou que os pontos de vista do nosso Partido eram correctos.

O nosso Partido foi objecto de muitas pressões em virtude da sua posição. A direcção albanesa era considerada como «exaltada» e «teimosa», acusada de «exagerar» os problemas com a Jugoslávia, «irritar injustamente» os jugoslavos, e assim

por diante. Neste sentido, o nosso Partido foi atacado sobretudo pelo camarada Kruchov.

Pouco antes, mencionei sucintamente a actividade dos revisionistas jugoslavos contra o nosso Partido e o nosso país na época da guerra, depois da guerra e depois de 1948, mas também me deterei um pouco no período anterior à contra-revolução húngara, que foi obra dos agentes jugoslavos. Naquela ocasião, o grupo traidor de Belgrado também iniciara a preparação de uma contra-revolução na Albânia. Se o nosso Partido tivesse cometido o erro de entrar na «dança da reconciliação» com os revisionistas jugoslavos, como era aconselhado depois de 1955, a democracia popular albanesa teria ido por água abaixo. E nós, albaneses, não estaríamos aqui nesta sala hoje, mas ainda nos encontraríamos a combater nas nossas montanhas.

No entanto, em férrea unidade e mantendo elevada a vigilância, o nosso Partido e o nosso povo descobriram e desmascararam os espiões de Tito no seio do Comité Central, os quais trabalhavam em colaboração com a Delegação jugoslava em Tirana. Tito fez saber a esses traidores que se tinham precipitado, pois deveriam ter esperado pelas suas orientações. Esses espiões e traidores, por seu turno, escreveram ao camarada Kruchov para que ele interviesse contra o Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia. Todos estes factos são comprovados por documentos. O objectivo de Tito era coordenar a contra-revolução na Albânia com a contra-revolução na Hungria.

Estando o nosso III Congresso fixado para algum tempo depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, os agentes jugoslavos pensaram ter chegado o momento oportuno para derrubar a direcção albanesa «teimosa» e «stalinista». Organizaram então a conspiração que foi descoberta e arrasada na Conferência do Partido em Tirana, em Abril de 1956. Os conspiradores receberam o severo castigo que mereciam. Então, dois outros perigosos agentes de Tito na Albânia, Dali Ndreu e Liri Gega, receberam uma ordem de Tito no sentido de fugirem para a Jugoslávia, por se «encontrarem em

perigo» e que as actividades contra o nosso Partido «deveriam ser organizadas a partir de território jugoslavo». O Partido, porém, conhecendo inteiramente a actividade e a ordem secreta de Tito, manteve-se vigilante e capturou os traidores na fronteira, quando tentavam fugir. Os traidores foram julgados e fuzilados, enquanto todos os agentes jugoslavos que preparavam a contra-revolução na Albânia eram descobertos e aniquilados.

Surpreendentemente, porém, o camarada Kruchov apresenta-se diante de nós como defensor daqueles traidores e agentes jugoslavos, acusando-nos de terem fuzilado a agente jugoslava, a traidora Liri Gega, «quando ela se encontrava em estado de gravidez, coisa que não acontecia nem no tempo do czar, tendo criado uma má impressão na opinião pública munrial». Tratava-se de um eco das calúnias dos jugoslavos, em quem o camarada Kruchov tinha mais confiança do que em nós. E, naturalmente, refutamos as insinuações do camarada Kruchov.

Mas não ficou aí a atitude incorrecta, sem princípios e inamistosa do camarada Kruchov em relação ao nosso Partido e à sua direcção. Panajot Plaku, um outro agente jugoslavo e traidor do Partido do Trabalho da Albânia e do povo albanês, fugiu para a Jugoslávia, colocando-se ao serviço dos jugoslavos, passou a organizar as emissões hostis de uma estação de rádio apelidada de «Albânia socialista». Esse traidor ainda escreveu ao renegado Tito e ao camarada Kruchov, solicitando deste último que, com a sua autoridade, liquidasse a direcção da Albânia, com Enver Hoxha à frente, porque seríamos «antimarxistas» e «stalinistas». O camarada Kruchov, em vez de se indignar com a carta daquele traidor, ainda manifestou a ideia de que ele poderia voltar à Albânia, com a condição de que não lhe fizéssemos nada, ou então, poderia ir para a União Soviética como asilado político. Para nós, foi como se as muralhas do Kremlin nos desabassem sobre a cabeça, pois jamais poderíamos imaginar que o primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética chegasse ao ponto

de apoiar os agentes de Tito e traidores do Partido, colocando-se contra o nosso Partido e o nosso povo.

No entanto, as nossas discordâncias de princípios com o camarada Kruchov acerca da questão jugoslava chegaram ao seu ponto culminante quando, diante da nossa insistência de princípios para que a quadrilha titista de Belgrado fosse desmascarada, ele se revoltou tanto que, em conversações oficiais realizadas em Abril de 1957 entre as nossas duas delegações, chegou ao cúmulo de nos dizer encolerizado: «Interrompamos as conversações, pois convosco não nos podemos entender. Vocês pretendem levar-nos ao caminho de Staline!» Foi grande a nossa revolta a esta atitude inamistosa do camarada Kruchov de pedir a interrupção das conversações, o que significaria agravar as relações com o Partido e o Estado albanês na questão do grupo de Tito, traidor do marxismo-leninismo. Não podíamos, de maneira alguma, concordar com aquilo. E, apesar de sermos acusados de exaltados, mostrámos a nossa serenidade, pois estávamos convencidos de que nós é que tínhamos razão e não o camarada Kruchov, de que a linha por nós seguida é que era correcta e não a do camarada Kruchov e de que a nossa linha seria novamente comprovada pela vida, como de facto o foi, e muitas vezes.

A nossa opinião é de que a contra-revolução húngara foi principalmente obra dos titistas. Os imperialistas norte-americanos tinham em Tito e nos renegados de Belgrado a sua melhor arma para destruir a democracia popular na Hungria. Depois da visita do camarada Kruchov a Belgrado, em 1955, a actividade de sapa de Tito não foi tida em conta. E a contra-revolução na Hungria não estourou da noite para o dia, de maneira inesperada. Podemos mesmo dizer que foi preparada de forma aberta e publica, e nunca ninguém nos conseguiria convencer de que a sua organização foi feita no mais profundo segredo. A contra-revolução foi preparada pelos agentes do bando de Tito em colaboração com o traidor Imre Nagy e com os fascistas húngaros. Todos eles actuavam abertamente, sob a direcção dos norte-americanos. Os titistas, principais orga-

nizadores da contra-revolução, planeavam separar a Hungria do nosso campo socialista, transformá-la numa segunda Jugoslávia, aliá-la à NATO através da Jugoslávia, da Grécia e da Turquia, levá-la a depender das ajudas norte-americanas e atraí-la à luta contra o campo socialista, ao lado da Jugoslávia e sob a direcção do imperialismo.

Os contra-revolucionários conspiravam abertamente na Hungria. Como é que não se percebeu a sua actividade? Não podemos conceber que Tito e os bandos horthystas pudessem agir tão livremente como fizeram numa democracia popular irmã como a Hungria, país em que o partido estava no poder, tendo nas mãos as armas da ditadura do proletariado, e onde se encontrava também o Exército Soviético. Somos de opinião que o camarada Kruchov e os demais camaradas soviéticos não assumiram posições claras em relação à Hungria porque os seus pontos de vista completamente errados acerca do bando de Tito não os deixaram ter uma visão correcta da questão. Os camaradas soviéticos confiavam em Imre Nagy, que era justamente o homem de Tito. E nós não dizemos isto sem fundamentos, simplesmente por dizer. Antes de eclodir a contra-revolução, no momento em que o cozinhado se preparava no Clube Petőfi, encontrando-me de passagem por Moscovo, tive uma conversa com o camarada Suslov, informando-o de tudo o que tinha observado ao passar por Budapeste e dizendo-lhe também que o revisionista Imre Nagy estava a levantar a cabeça e a organizar a contra-revolução no Clube Petőfi. O camarada Suslov discordou categoricamente do meu ponto de vista e, para provar-me que Imre Nagy era boa pessoa, tirou de uma gaveta «a auto-crítica ainda fresca de Imre Nagy». Apesar disso, repeti ao camarada Suslov que Imre Nagy era um traidor.

Outra coisa ainda nos surpreendeu, e é perfeitamente legítima a pergunta: por que motivo o camarada Kruchov e os camaradas soviéticos foram várias vezes à ilha de Brioni para conversações com o renegado Tito sobre a questão da Hungria? Se os camaradas soviéticos tinham conhecimento de que

os titistas estavam a preparar a contra-revolução num país do nosso campo, seria permissível que os dirigentes da União Soviética tivessem conversações com um inimigo que organiza conspirações e contra-revoluções nos países socialistas? Como partido comunista, como Estado de democracia popular, como membros do Tratado de Varsóvia e como participantes do campo socialista, temos pleno direito de pedir ao camarada Kruchov e aos camaradas soviéticos que nos expliquem como é que, em 1956, realizaram todas aquelas reuniões em Brioni com o traidor ao marxismo-leninismo Tito e não fizeram nenhuma reunião com os nossos países e nenhum encontro com os membros do Tratado de Varsóvia.

Consideramos que não era da competência de uma só pessoa decidir da conveniência de levar a efeito ou não uma intervenção armada na Hungria. Na medida em que criámos o Tratado de Varsóvia, devemos decidir conjuntamente. Caso contrário, não vale a pena continuarmos a falar de aliança, colegialidade e colaboração entre os partidos. A contra-revolução húngara custou sangue ao nosso campo, à Hungria e à União Soviética. Como se explica que se tenha chegado àquele derramamento de sangue sem que se tivessem tomado medidas para o evitar? Pensamos que era impossível tomar qualquer medida prévia, visto que o camarada Kruchov confiava no traidor Tito, o organizador da contra-revolução na Hungria, e visto ainda que os camaradas soviéticos subestimavam de tal maneira as indispensáveis reuniões regulares com os seus amigos e aliados a ponto de considerarem as suas próprias decisões unilaterais sobre questões relativas a todos nós como as únicas decisões correctas, desprezando totalmente a prática das decisões colectivas.

O Partido do Trabalho da Albânia não tem ideias claras quanto à maneira como se desenvolveram as coisas nem do modo como foram decididas. Num momento em que os titistas, por um lado, mantinham conversações com os camaradas soviéticos em Brioni e, por outro lado, organizavam febrilmente a contra-revolução na Hungria e na Albânia, os camaradas

soviéticos nem sequer se davam ao trabalho de pôr a nossa direcção a par do que acontecia e das medidas que pensavam tomar. Nem sequer o fizeram de uma maneira puramente formal, tendo em consideração o facto de que somos aliados. Não se trata aqui de uma questão formal, pois os camaradas soviéticos sabem muito bem quais eram os propósitos e objectivos do bando de Belgrado em relação à Albânia. Por conseguinte, a atitude dos camaradas soviéticos é verdadeiramente condenável e, além do mais, incompreensível.

Os acontecimentos da Hungria foram para nós um grande ensinamento. Tanto pelo que sucedeu como por tudo o que se passou no palco e nos bastidores. Após a contra-revolução húngara, acreditávamos que a traição de Tito e da sua quadrilha estava mais do que clara. A propósito: sabemos que inúmeros documentos reveladores da bárbara actividade do grupo de Tito nos acontecimentos da Hungria são mantidos em gavetas e não são dados a conhecer. E não compreendemos a razão desta atitude. Que interesses se escondem por detrás desses documentos para que não sejam revelados, mas, pelo contrário, sejam cuidadosamente guardados em gavetas? Até mesmo os mínimos documentos foram pesquisados e descobertos para condenar *post morten* o camarada Staline, enquanto agora são metidos em gavetas os documentos que desmascaram esse infâme traidor que é Tito.

Mas, mesmo depois da contra-revolução húngara, em lugar de se intensificar a luta política e ideológica contra o bando titista, como o exigia o marxismo-leninismo, caminhou-se rumo ao amortecimento, à reconciliação, aos sorrisos, aos contactos e à suavização, chegando-se quase aos beijos. E, na verdade, graças a tal atitude oportunista, os titistas conseguiram saltar também esse fosso.

O Partido do Trabalho da Albânia era contrário à linha seguida pelo camarada Kruchov e os demais camaradas em relação aos revisionistas jugoslavos. Em face disto o nosso Partido prosseguiu com força redobrada a sua luta contra os revisionistas. Na impossibilidade de atacar a nossa justa linha,

muitos amigos e camaradas, especialmente os camaradas soviéticos e búlgaros, zombavam de nós, sorriam ironicamente e, onde quer que fosse, isolavam a nossa gente, preferindo colóquios amistosos com os titistas.

Tínhamos esperanças de que, após o VII Congresso titista, até mesmo os cegos — quanto mais os marxistas — veriam quem eram eles e o que se devia fazer. Mas, infelizmente, nada disso aconteceu. Mesmo após o VII Congresso titista, passado pouco tempo, o desmascaramento do revisionismo serenou. As revistas teóricas soviéticas falavam de todas as espécies de revisionismo, até mesmo do revisionismo de Honolulu, mas muito pouco falavam do revisionismo jugoslavo. O que quer dizer: não vejam o lobo que está diante de nós, saiam à procura dos seus rastos por aí. Ao mesmo tempo, apareciam as directrizes «não falemos mais de Tito e do seu grupo para não alimentar a sua vaidade», «não falemos mais de Tito e do seu grupo para não prejudicar o povo jugoslavo», «não falemos mais dos renegados titistas porque Tito utiliza-se das nossas palavras para mobilizar o povo jugoslavo contra o nosso campo», e assim por diante. Muitos partidos adoptaram tais normas, mas o nosso não. E pensamos que o nosso Partido agiu correctamente.

Criou-se assim uma situação tal, que a imprensa dos países amigos só aceitava artigos de autores albaneses que não contivessem referências aos revisionistas jugoslavos. Os nossos embaixadores foram indirectamente isolados em todos os países de democracia popular da Europa — à excepção da Checoslováquia, visto que os camaradas checoslovacos, em geral, julgaram judiciosamente as nossas acções ([94]). Os diplomatas dos países amigos adoravam os colóquios com os diplomatas titistas, enquanto os nossos diplomatas detestavam os titistas, não querendo nem vê-los pela frente.

([94]) Os checoslovacos mantiveram esta atitude no início, modificando-a depois.

E a coisa chegou a tal ponto que o camarada Kruchov colocou a questão jugoslava como condição para a sua visita à Albânia, em Maio de 1959, à frente de uma delegação do partido e do Governo soviéticos. Ao iniciarem-se as conversações em Tirana, as primeiras palavras do camarada Kruchov foram para avisar todos os presentes de que não falaria contra os revisionistas jugoslavos, coisa que, de resto, ninguém o obrigava a fazer. Mas o facto é que, com tal declaração, ele queria mostrar abertamente a sua discordância com o Partido do Trabalho da Albânia acerca daquela questão. Respeitámos o desejo do hóspede enquanto ele permaneceu na Albânia, não obstante a incomensurável alegria da imprensa titista, que não deixou de dizer que Kruchov havia tapado a boca aos albaneses. E isto, de certa maneira, correspondia à realidade. Mas o camarada Kruchov estava muito longe de nos convencer. Assim, os titistas tiveram oportunidade de ver logo claramente que, com a partida de Kruchov do nosso país, o Partido do Trabalho da Albânia se desobrigava da condição imposta pelo hóspede e prosseguia o seu próprio caminho marxista-leninista.

Nas suas conversações com Vukmanoviç Tempo ([95]), o camarada Kruchov, entre outras coisas, considerou as nossas atitudes semelhantes às dos jugoslavos no que se refere ao tom, declarando-se em desacordo com o tom usado pelos albaneses. Nós consideramos erradas e condenáveis as declarações do camarada Kruchov a Vukmanoviç Tempo, que é um inimigo do marxismo, do campo socialista e da Albânia. O nosso povo diz que «cada mula tem o arreio que merece», sendo assim, nós tão-pouco estamos de acordo com o tom conciliador do camarada Kruchov em relação aos revisionistas, pois como bem mostra o ditado popular, «diante do inimigo,

---

([95]) Um dos dirigentes revisionistas jugoslavos que desde 1943 fazia acusações caluniosas contra o CC do Partido Comunista da Albânia (hoje, Partido do Trabalho da Albânia).

o tom deve ser duro; mas, diante da amada, deve sair mel da boca».

Raciocinando erradamente, alguns camaradas pretendem que nós mantemos estas posições em relação aos titistas porque, pretensamente, desejaríamos ser os porta-bandeiras da luta contra o revisionismo ou porque teríamos uma visão estreita do problema, considerando-o de um ponto de vista estritamente nacional. E, por isso, para tais camaradas, nós ter-nos-íamos metido, se não num «caminho chauvinista» pelo menos na via do «nacionalismo estreito». Mas o Partido do Trabalho da Albânia sempre encarou a questão do revisionismo jugoslavo do ponto de vista do marxismo-leninismo, e assim prossegue. E não só isso: ele sempre considerou e combateu o revisionismo jugoslavo como o principal perigo para o movimento comunista internacional e como ameaça para a unidade do campo socialista, e assim continua a fazer.

Mas, ao mesmo tempo em que somos internacionalistas, somos também comunistas de um país determinado, a Albânia. E nós, comunistas albaneses, não poderíamos ser designados por comunistas se não defendessemos com coerência e firmeza a liberdade da nossa sagrada pátria contra as conspirações e os ataques subversivos da camarilha revisionista de Tito, cujos propósitos de invadir a Albânia já são conhecidos de todos. Seria aceitável e permissível que nós, comunistas albaneses, deixássemos o nosso país tomar-se presa de Tito, dos norte-americanos, dos gregos ou dos italianos? Não, jamais!

Outros aconselham-nos a não falar contra os jugoslavos, dizendo-nos: «Do que têm vocês medo, se a União Soviética vos protegerá?» Nós já dissemos e repetimos agora a esses camaradas que não temos medo nem dos trotskistas jugoslavos nem de quem quer que seja. Somos marxistas-leninistas, sabemos, por isso, que não devemos abrandar em nenhum momento a luta contra os revisionistas e imperialistas até à sua liquidação. E isto porque, para ser protegido pela União Soviética, é preciso, antes, ser capaz de se defender a si próprio.

Os jugoslavos acusam-nos de sermos «chauvinistas», de levarmos a efeito «ingerências» nos seus «assuntos internos» e de exigirmos «rectificações de fronteiras com a Jugoslávia». Inúmeros de entre os nossos amigos pensam e dão a entender que nós, comunistas albaneses, estaríamos de facto navegando nessas águas. Mas nós dizemos aos amigos que assim pensam que estão redondamente enganados. Não somos chauvinistas e nunca, nem antes nem agora, exigimos rectificação de fronteiras. Aquilo que exigimos e continuaremos a exigir permanentemente dos titistas — e pelo que os desmascararemos até ao fim — é que acabem com o crime de genocídio contra a população albanesa de Kossova, acabem com o terror branco contra os albaneses de Kossova e acabem com a expulsão dos albaneses das suas próprias terras e o seu envio em massa para a Turquia. O que nós exigimos é que sejam reconhecidos os direitos da população albanesa da Jugoslávia, com base na própria Constituição da República Federativa Popular da Jugoslávia. São chauvinistas ou marxistas estas exigências?

Estas são as nossas posições sobre a questão em foco. Mas se, ao mesmo tempo em que falam de coexistência, paz e relações de boa vizinhança, os titistas montam conspirações e organizam na Jugoslávia tropas de mercenários e fascistas, em conjunto com a Grécia monarco-fascista, para atacar as nossas fronteiras e retalhar a Albânia socialista, então estejam mais do que certos que não só o povo albanês da nova Albânia se levantará de armas nas mãos, como também, de armas nas mãos, um milhão de albaneses que vive sob a servidão titista se levantarão para deter a mão do criminoso. E isto é de marxistas. É isto o que acontecerá, se qualquer coisa deste género vier a ser tentada. O Partido do Trabalho da Albânia não permite que ninguém brinque com os direitos do povo albanês ou os discuta.

Nós não intervimos nos assuntos internos de ninguém. Mas também não podemos ficar calados quando, devido ao abrandamento da luta contra os revisionistas jugoslavos, as coisas cheguem ao ponto de num país amigo como a Bulgária,

se publique um mapa dos Balcãs que inclui a Albânia nas fronteiras da Jugoslávia Federativa. Disseram-nos que isto tinha acontecido devido a um erro técnico de um funcionário. Mas como se explica que coisas como esta não sucedessem anteriormente?

Não se trata, porém, de um caso isolado. Num comício realizado na cidade de Sremska Mitrovica, como é habitual, o bandido Rankoviç atacou a Albânia, classificando-a de «inferno em que dominam o arame farpado e a bota do guarda de fronteira» e dizendo que a democracia dos neo-fascistas italianos é mais avançada do que a nossa. As palavras de Rankoviç não teriam a mínima importância para nós se não tivessem sido ouvidas com a maior serenidade e sem o menor protesto pelos embaixadores soviético e búlgaro em Belgrado, que assistiam ao comício. Em face disto protestámos de forma amistosa contra tal atitude junto dos Comités Centrais do Partido Comunista da União Soviética e do Partido Comunista Búlgaro.

No entanto, na sua carta de resposta ao Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, o camarada Jivkov ainda teve o atrevimento de rechaçar o nosso protesto e classificar positivamente o discurso do bandido Rankoviç. Jamais poderíamos imaginar que o primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro pudesse considerar positivo o discurso de um bandido como Rankoviç, que ofende tão duramente a Albânia socialista, designando-a por inferno. Não só rejeitamos com desprezo esta ofensa intolerável do primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, como também manifestamos a nossa absoluta convicção de que o partido comunista e o heróico povo búlgaros se revoltariam profundamente se tomassem conhecimento do facto. Se permitirmos a ocorrência de erros de tal gravidade seja por parte de quem for, então as coisas não poderão caminhar.

Da mesma forma, não podemos concordar de maneira alguma com o camarada Kruchov a propósito das suas conversações com Sófocles Venizelos sobre a minoria grega na Albâ-

nia. E este protesto nós já lho apresentámos directamente e em devido tempo. O camarada Kruchov sabe que as fronteiras da Albânia são sagradas e invioláveis, sabe que quem lhes tocar é agressor e sabe também que o povo albanês derramará sangue se alguém violar as suas fronteiras. Por isso, o camarada Kruchov cometeu um grave erro ao dizer a Venizelos que tinha visto gregos e albaneses a trabalhar como irmãos em Korça. Não existe qualquer minoria grega em Korça; existe, isto sim, a cobiça secular dos gregos pela região de Korça, como de resto por toda a Albânia. Só em Girocastra há uma minoria grega, e muito pequena. E o camarada Kruchov sabe que essa minoria desfruta de todos os direitos, fala a língua grega, conta com o ensino em grego e, além disso, goza dos mesmos direitos que todos os restantes cidadãos albaneses.

São perfeitamente conhecidas as reivindicações dos gregos, entre as quais as de Sófocles Venizelos, filho de Eleutherios Venizelos, esse assassino de albaneses, o incendiário das regiões do Sul da Albânia, o mais raivoso chauvinista grego e o pai da «megaliidhea» grega ([96]), do retalhamento da Albânia e da anexação do nosso país sob a dissimulação da autonomia. O camarada Kruchov conhece muito bem a posição do Partido do Trabaho da Albânia, do Governo albanês e do povo albanês acerca desta questão. Por isso, é para nós inaceitável e condenável não dar a resposta que ele merecia, deixar-lhe ilusões e esperanças e dizer-lhe que transmitiria os seus desejos aos camaradas albaneses, os desejos de um agente inglês, de um chauvinista, de um inimigo do comunismo e da Albânia. Nós demos a nossa resposta a Sófocles Venizelos, camarada Kruchov, e cremos que você tomou conhecimento dela através da imprensa. Não temos qualquer objecção quanto às suas relações políticas com Sófocles Venizelos, mas você não deve fazer política com as nossas fronteiras e os nossos direitos, porque isto nunca permitimos e jamais permitiremos. Com

([96]) É assim designada a pretensão da burguesia chauvinista grega de criar uma «grande» Grécia nos limites do antigo Império Bizantino.

isto não estamos a ser nacionalistas, mas sim internacionalistas.

Poderá haver quem considere as minhas palavras como coisas descabidas, declarações que não estão à altura da Conferência. Não me teria sido difícil redigir um discurso de tom pretensamente teórico, alinhar palavras e citações genéricas, apresentar-lhes um informe geral, tornar-me agradável e dar lugar ao próximo inscrito. Mas o Partido do Trabalho da Albânia é de parecer que não é este o caso. Poderá haver quem considere tudo o que eu disse como ataques, mas trata-se de críticas que seguiram o seu caminho normal, já tendo sido feitas antes, em devido tempo e no lugar próprio, de acordo com as normas leninistas. Agora, porém, que os erros se agravam, seria errado silenciar, pois são precisamente as posições, os actos e as práticas que comprovam, enriquecem e criam a teoria.

Com que rapidez foi organizada a Reunião de Bucareste e com que facilidade o Partido Comunista da China foi condenado como «dogmático»! Porque não se organizou com tal celeridade uma conferência para também condenar o revisionismo? Por acaso o revisionismo já teria sido completamente desmascarado, como pretendem os camaradas soviéticos? Não, de maneira alguma! O revisionismo foi e continua a ser o perigo principal, o revisionismo jugoslavo não foi liquidado e, da maneira como nos estamos a comportar em relação a ele, deixamos-lhe um vasto campo de acção para que actue sob todas as formas. E não haverá por acaso preocupantes manifestações de revisionismo contemporâneo noutros partidos? Quem disser que não, está a fechar os olhos ao perigo e arriscando a ver-se um belo dia diante de imprevistos.

Nós somos marxistas. Portanto, analisemos o nosso trabalho como nos ensinava e como agia Lenine, que não tinha medo dos erros, olhava-os de frente e corrigia-os. Foi assim que se forjou o Partido Bolchevique e foi assim que também se temperaram os nossos partidos. Agora, porém, o que está a suceder no seio dos nossos partidos? O que está a acontecer

no nosso campo desde o XX Congresso? O camarada Suslov pode estar muito optimista a este respeito, como ele próprio declarou na Comissão que se reuniu em Outubro, quando acusou a delegação do Partido do Trabalho da Albânia e o camarada Hysni Kapo de terem uma visão pessimista dos acontecimentos. Nós, os comunistas albaneses, nunca fomos pessimistas nem mesmo nos tempos mais sombrios da história do nosso Partido e do nosso povo, quanto mais agora. Mas realistas, isto sim, sempre seremos. Muito se tem dito, por exemplo, da nossa unidade. A unidade é uma coisa indispensável e devemos lutar para fortalecê-la e forjá-la. Mas o facto é que não existe unidade entre nós em tomo de muitas importantes questões de princípios.

Por isso, o Partido do Trabalho da Albânia considera que as questões devem ser reexaminadas á luz de uma análise marxista-leninista e que os erros existentes devem ser corrigidos. Tomemos, por exemplo, a questão da crítica a Staline, e à sua obra. Como partido marxista-leninista, o nosso Partido tem plena consciência de que o culto da personalidade é uma manifestação estranha e nociva aos partidos e ao próprio movimento comunista. Os partidos marxistas não devem permitir o desenvolvimento do culto da personalidade, que entrava a actividade das massas, nega o papel das massas e opõe-se ao desenvolvimento da própria vida do partido e das leis que a regulam. Além disso, os nossos partidos devem lutar com todas as suas forças para arrancá-lo pela raiz, quando começa a manifestar-se ou já se manifestou nalgum país. Vendo as coisas sob este prisma, estamos inteiramente de acordo que se deve criticar o culto da personalidade de Staline como uma manifestação nefasta na vida do partido. Consideramos, porém, que o XX Congresso, e particularmente o informe «secreto» do camarada Kruchov, não abordaram correctamente a questão do camarada Staline e não a trataram de maneira objectiva, marxista-leninista.

Staline foi dura e injustamente condenado nesse aspecto por parte do camarada Kruchov e do XX Congresso. O cama-

rada Staline e a sua obra, porém, não pertencem apenas ao Partido Comunista da União Soviética e ao Povo soviético, mas também a todos nós. Se em Bucareste o camarada Kruchov apresentou as divergências entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China como sendo divergências entre o Partido Comunista da China e o movimento comunista internacional e se lhe agrada ainda dizer que as decisões do XX e do XXI Congressos foram adoptadas por todos os partidos comunistas e operários do mundo, então porque não mostrou tanta amplitude e coerência no que se refere ao julgamento das actividades de Staline, para que isto pudesse ser feito com plena consciência pelos partidos comunistas e operários do mundo?

Não pode haver dois pesos e duas medidas nestas questões. Como se explica então que o camarada Staline tivesse sido condenado no XX Congresso sem uma consulta prévia aos demais partidos comunistas e operários do mundo? E por que razão foi lançado aos partidos comunistas e operários do mundo de forma inesperada e surpreendente o «anátema» contra Staline, fazendo com que muitos partidos irmaos dele só tomassem conhecimento quando o imperialismo publicou o informe «secreto» do camarada Kruchov, difundindo-o aos milhares por todos os cantos? A condenação do camarada Staline foi imposta ao mundo comunista e ao mundo progressista pelo camarada Kruchov. E o que poderiam ter feito os nossos partidos numa situação em que, inopinadamente e utilizando a grande autoridade da União Soviética, se lhes impunha em bloco tal questão?

O Partido do Trabalho da Albânia encontrou-se diante de um grande dilema. Isto porque não estava convencido — como não o estará jamais — da justeza da condenação do camarada Staline da maneira e da forma como foi feita pelo camarada Kruchov. O nosso Partido, em geral, adoptou as formulações do XX Congresso sobre a questão. Mas, apesar disso, não se manteve estritamente dentro dos limites fixados pelo congresso, não se dobrando às chantagens e intimidações que lhe

vinham do exterior. O Partido do Trabalho da Albânia mostrou-se realista na questão de Staline, manifestando-se justo e reconhecido em relação a esse glorioso marxista que, enquanto vivo, não apareceu, dentre nós, nenhum «valente» que o criticasse, mas que, morto, foi enlameado.

Criou-se, então, uma situação intolerável: negava-se o papel dirigente de J. V. Staline em toda uma gloriosa época da história da União Soviética, abrangendo a construção do primeiro Estado socialista do mundo, o fortalecimento da União Soviética, o esmagamento das conspirações imperialistas, a destruição dos trotskistas, dos bukarinistas e dos *kulaks* enquanto classe, a triunfal construção da indústria pesada, a vitória da colectivização da agricultura; em suma, uma gloriosa época em que a União Soviética se transformou numa potência colossal, construindo, com êxito, o socialismo, lutando com heroísmo legendário na Segunda Guerra Mundial e derrotando o fascismo, uma época em que se criou o poderoso campo socialista entre tantos outros feitos. O Partido do Trabalho da Albânia considera não ser correcto, normal e marxista apagar o nome e a grande obra de Staline de toda essa época, como se está a fazer. Todos nós devemos defender a fecunda e imortal obra de Staline. E quem não a defende é oportunista e cobarde.

Como pessoa e como dirigente do Partido Comunista Bolchevique, o camarada Staline foi também o mais destacado dirigente do comunismo internacional depois da morte de Lenine, tendo influído com grande autoridade e de maneira muito positiva na consolidação e no desenvolvimento das conquistas do comunismo em todo o mundo. Todas as obras teóricas do camarada Staline constituem um ardente testemunho da sua fidelidade ao leninismo e ao mestre genial, o grande Lenine. Staline lutou pelos direitos da classe operária e dos trabalhadores de todo o mundo, combateu com grande coerência e até ao fim pela liberdade dos povos dos nossos países de democracia popular. Quanto mais não fosse, só isto já bastaria para comprovar que Staline pertence ao mundo comunista e não só aos comu-

nistas soviéticos, pertence a todos os trabalhadores do mundo e não só aos trabalhadores soviéticos.

Se o camarada Kruchov e os camaradas soviéticos tivessem examinado a questão com este espírito, teriam sido evitados os grandes erros cometidos. Consideraram a questão de Staline de maneira muito simplista e apenas segundo a óptica interna da União Soviética. Mas, para o Partido do Trabalho da Albânia, mesmo sob esse prisma eles foram unilaterais no exame da questão, vendo unicamente os erros de Staline, pondo quase totalmente de parte a sua imensa actividade e a sua grande contribuição para o fortalecimento da União Soviética, para a têmpera do Partido Comunista da União Soviética, para a construção da economia, da indústria e da agricultura *kolkoziana* da União Soviética, para a direcção do povo soviético na grande vitória sobre o fascismo alemão.

Staline cometeu erros? Num período tão longo, prenhe de heroísmo, esforços, lutas e vitórias, seria inevitável que também se cometessem erros, não só erros pessoais de José Staline, mas também erros da direcção enquanto organismo colectivo. Haverá, no entanto, algum partido ou alguma direcção que se considere infalível no seu trabalho? Quando se fazem críticas à actual direcção soviética, os camaradas soviéticos aconselham-nos a olhar para a frente e dizem que devemos pôr de lado as discussões. Mas quando se tratou de Staline, não só deixaram de olhar para a frente como se voltaram para trás, muito para trás, a fim de descobrir unicamente as deficiências do seu trabalho.

O culto da personalidade de Staline devia justamente ser superado. Mas poderá dizer-se, como se disse, que Staline foi o próprio artesão desse culto da personalidade? Devia-se, justamente, combater o culto da personalidade. Mas seria necessário e correcto ir tão longe que aquele que mencionasse o nome de Staline ficasse logo marcado e aquele que utilizasse uma citação de Staline passasse a ser visto com maus olhos? Houve quem se apressasse com grande zelo a destruir as estátuas de Staline e a dar novas designações às cidades baptizadas

com o seu nome. Não precisamos de ir muito longe: em Bucareste, o camarada Kruchov disse aos camaradas chineses: «Vocês estão a agarrar-se a um cavalo morto. Se quiserem, podem até vir buscar os seus ossos.» E isto falando a propósito de Staline!

O Partido do Trabalho da Albânia declara solenemente estar contra estes actos e julgamentos sobre a obra e a pessoa de J. V. Staline. Qual a razão, camaradas soviéticos, para estas questões terem sido postas desta maneira e destas formas tortuosas, quando havia possibilidade de levantá-las correctamente, corrigindo-se não só os erros de Staline como também os da direcção e evitando-se o grande choque que abalou os corações dos comunistas de todo o mundo, cujo grito de protesto foi detido apenas devido ao seu sentido de disciplina e pela autoridade da União Soviética? O camarada Mikoian disse-nos que não tinham ousado criticar o camarada Staline em vida, porque ele os suprimiria. Mas nós estamos certos de que o camarada Kruchov não nos cortará a cabeça, se lhe fizermos críticas justas.

Foi depois do XX Congresso que sucederam na Polónia os factos já conhecidos, que estoirou a contra-revolução na Hungria, que começaram os ataques contra o sistema soviético, que houve convulsões em muitos partidos comunistas e operários do mundo e, finalmente, que sucede o que se está a ver. Nós perguntamos: por que motivo sucederam tais factos no seio do movimento comunista internacional e do nosso campo precisamente depois do XX Congresso? Ou será que sucederam porque a direcção do Partido do Trabalho da Albânia seria sectária, dogmática e pessimista? Este estado de coisas deve preocupar-nos grandemente. E devemos descobrir a fonte da doença para curá-la. O certo, porém, é que a doença não pode ser curada nem com palmadinhas nas costas do renegado Tito nem afirmando, em declarações, que o revisionismo contemporâneo foi definitivamente liquidado, como pretendem os camaradas soviéticos.

A autoridade do leninismo sempre foi decisiva. E ela deve ser instaurada em toda a parte, de maneira a irradiar definitivamente os pontos de vista errados. Não há outro caminho para nós, comunistas. Se é que se pode e se deve falar correctamente das coisas, tal como são, isto deve ser feito agora, antes que seja tarde, nesta mesma conferência. Achamos que os comunistas devem falar com a consciência tranquila e fortalecer a unidade marxista, mas sem guardar reservas, favoritismos e ressentimentos. O comunista deve dizer francamente o que lhe vai no coração. E as questões devem ser julgadas correctamente.

O que o nosso pequeno Partido diz pode não agradar a certas pessoas. Pode acontecer que o nosso pequeno Partido seja isolado. Podem ser feitas pressões económicas sobre o nosso país, para mostrar ao nosso povo uma pretensa incapacidade da sua direcção. O nosso Partido pode ser atacado como já tem acontecido: Mihail Suslov, por exemplo, compara o Partido do Trabalho da Albânia aos partidos burgueses e os seus dirigentes a Kerensky. Mas nada disto nos amedronta. Já estamos habituados a estas coisas. Rankoviç não disse muito mais mais do que isto sobre o Partido do Trabalho da Albânia e Tito apelidou-nos de Goebbels; mas nem por isso deixámos de ser leninistas, ao passo que eles continuaram a ser trotskistas, traidores, lacaios e agentes do imperialismo.

Desejo ressaltar que o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês demonstraram com factos o quanto querem e respeitam a União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética. E quando o Partido do Trabalho da Albânia critica as atitudes erradas de alguns dirigentes soviéticos, não quer dizer que os nossos pontos de vista e atitudes tenham mudado neste aspecto. Nós, albaneses, temos a coragem marxista de criticar esses camaradas dizendo-lhes tudo com a nossa dureza marxista, mas com companheirismo e de coração sinceramente aberto. Nós dizemos-lhes francamente o que pensamos, pois nunca fomos nem nunca seremos hipócritas. O Partido Comunista da União Soviética continuará a querer-nos, apesar da dureza que demonstramos e mesmo que nós nos enganemos.

Mas há uma coisa pela qual o Partido Comunista da União Soviética e os partidos comunistas e operários do mundo não nos poderão condenar: a nossa sinceridade, a sinceridade de quem não segreda nas costas seja de quem for e de quem não muda de bandeira conforme a ocasião.

Para finalizar, gostaria de deter-me um pouco no projecto de declaração que nos foi apresentado pela Comissão de Redacção. A nossa delegação tomou conhecimento do projecto e estudou-o com atenção. Agora, no novo projecto que nos foi apresentado, verificam-se muitas alterações em relação à primeira versão, apresentada pela delegação soviética, que tinha sido tomada pela Comissão de Redacção como base do seu trabalho. Com as alterações feitas, o novo projecto está bastante melhor: muitas ideias importantes foram destacadas com maior intensidade, várias teses foram formuladas com maior correcção e as alusões contra o Partido Comunista da China foram retiradas na sua esmagadora maioria.

Na reunião da Comissão de Redacção, a delegação do nosso Partido fez muitas observações, que foram parcialmente aceites. Apesar de não concordar que algumas importantes questões de princípio se mantivessem no projecto tal como estavam, a nossa delegação consentiu que o documento fosse apresentado a esta Conferência, reservando-se, porém, o direito de manifestar, mais uma vez, a sua opinião sobre todos os pontos com os quais não concordava. Antes de mais, pensamos que aquelas cinco questões em torno das quais não se chegou a um acordo (*) devem ser resolvidas, a fim de que possamos emitir um documento aprovado por unanimidade.

Consideramos que a declaração precisa de destacar claramente a ideia de Lenine — expressa recentemente pelo camarada Maurice Thorez, bem como pelo camarada Suslov no seu discurso na reunião da Comissão de Redacção — de que só poderá haver garantia absoluta de cessação das guerras quando

(*) Vide pág. 348 deste Volume.

o socialismo tiver triunfado em todo o mundo ou, pelo menos, em vários dos grandes países imperialistas. Da mesma forma, deve-se suprimir o parágrafo que fala de «actividade fraccionista» no movimento comunista internacional, pois como já explicámos na reunião da Comissão, isto não serve ao fortalecimento da unidade, servindo apenas para miná-la. Também achamos que devem ser suprimidos os textos referentes à «superação das consequências nefastas do culto da personalidade», ou então que lhes sejam acrescentadas as palavras «que se manifestava numa série de partidos», o que corresponde melhor à realidade.

Não quero ocupar mais tempo à Conferência com estas questões e com as restantes observações que temos a fazer ao projecto de declaração. A nossa delegação fará as suas observações concretas quando a reunião examinar o próprio projecto de declaração.

Seria extremamente salutar que, nesta Conferência, encarássemos os erros com audácia e curássemos as nossas feridas, que correm o risco de se agravar, tomando-se perigosas. Não nos ofendemos quando os camaradas nos criticam com razão e com factos, mas jamais aceitaremos ser tratados gratuitamente por «dogmáticos», «sectários» e «nacionalistas estreitos» pela simples razão de lutarmos com perseverança contra o revisionismo contemporâneo, particularmente contra o revisionismo jugoslavo. A quem quer que classifique a nossa luta contra o revisionismo de dogmatismo ou sectarismo, aconselhamos a que tire os óculos revisionistas para ver claramente.

O Partido do Trabalho da Albânia considera que esta Conferência ficará na história, pois seguirá a tradição das reuniões e conferências leninistas organizadas pelo Partido Bolchevique para desmascarar e liquidar pela raiz os pontos de vista errados, bem como para fortalecer e solidificar a unidade do nosso movimento comunista e operário internacional com base no marxismo-leninismo. O nosso Partido do Trabalho também no futuro continuará a lutar decididamente para consolidar a

nossa unidade, os nossos laços de fraternidade e a acção conjunta dos partidos comunistas e operários, porque é essa a garantia para a vitória da causa da paz e do socialismo. (...)

Publicado pela primeira vez na colecção «Principais Documentos do Partido do Trabalho da Albânia» (Ed. albanesa), 3.º Volume, 1970, pág. 414.

Publica-se conforme o 19.º Volume.

RADIOGRAMA ENVIADO AO CAMARADA HYSNI KAPO EM MOSCOVO

30 de Novembro de 1960
10,40 horas

Camarada Hysni:

Recebemos o radiograma. Se for retirado do projecto de declaração tudo aquilo que nos descreveram no radiograma, se se agrega a proposta chinesa e resta apenas a apreciação do XX Congresso conforme a Declaração de Moscovo de 1957, então podem subscrever a declaração. Ponham-se sempre completamente de acordo com os camaradas chineses sobre estas questões. Se for preciso fazer alguma declaração sobre a rejeição da apreciação do XX Congresso ou formulação feita pela Conferência de Moscovo, então faz uma declaração por escrito, entrega-a e assina o documento da Conferência.

Nós chegámos bem ([97]). Na noite de ontem, assistimos ao banquete no Palácio das Brigadas ([98]). Um entusiasmo

---

([97]) Os camaradas Enver Hoxha e Mehmet Shehu regressaram à pátria na tarde do dia 29 de Novembro de 1960.

([98]) Trata-se da recepção comemorativa ao 48.º aniversário da proclamação da independência e ao 16.º aniversário da libertação da Albânia.

indescritível. Os camaradas estão bem. Lembranças a Ramiz. Esperamo-vos.

Abraço-te
Enver

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

INFORME APRESENTADO À XXI SESSÃO PLENÁRIA DO CC DO PTA «SOBRE A CONFERÊNCIA DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS REALIZADA EM NOVEMBRO DE 1960 EM MOCOVO»

19 de Dezembro de 1960

De 10 de Novembro a 1 de Dezembro de 1960, realizou-se em Moscovo a Conferência dos representantes dos 81 Partidos comunistas e operários de diversos países do mundo. A Conferência aprovou uma Declaração e um Manifesto dirigido a todos os povos, que se constituem num programa de trabalho para o movimento comunista e operário na luta pelo socialismo, a paz e a democracia.

I —SOBRE AS DIVERGÊNCIAS FUNDAMENTAIS EXISTENTES NO SEIO DO MOVIMENTO COMUNISTA E OPERÁRIO INTERNACIONAL

Inicialmente, o camarada Enver Hoxha aborda as questões fundamentais. Em tomo das questões existiam contradições no seio do movimento comunista e operário internacional, como a definição do carácter da nossa época, os problemas da guerra e da paz, os caminhos de transição para o socialismo, a coexistência pacífica, a questão do revisionismo e do dogmatismo e a unidade do campo socialista e do movimento comunista e operário internacional. E prossegue:

Foi em torno destas questões tão importantes que se travou uma grande luta de princípios, inicialmente em Bucareste,

onde, como se sabe, os dirigentes soviéticos e de alguns outros partidos quiseram transformar em facto consumado a «condenação do marxismo — a condenação dos justos pontos de vista defendidos pelo Partido Comunista da China, que foi por eles classificado como «dogmático» e «sectário». O nosso Partido não se uniu àquela intriga de bastidores antimarxista, pois, em princípio, não estava de acordo nem com os métodos utilizados pelos organizadores da Reunião de Bucareste nem com o conteúdo das questões por eles levantadas. Essas questões de princípios estiveram no centro de uma luta ainda maior na reunião da Comissão em Moscovo, durante o mês de Outubro. E, finalmente, na Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários realizada em Novembro, em Moscovo, empreendeu-se uma decidida luta pela correcta compreensão marxista destes problemas e em defesa da concepção leninista na sua formulação, compreensão e interpretação.

Foi durante este longo processo de luta que se definiram as posições dos vários partidos sobre as questões em foco. Assim, ficou claro na Conferência de Novembro que as divergências sobre aqueles problemas não eram apenas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China — e muito menos entre o Partido Comunista da China e o comunismo internacional, como pretendiam os dirigentes soviéticos em Bucareste — mas abarcavam muitos partidos, tendo-se transformado em divergências entre os marxistas e os oportunistas, entre os partidos que defendiam a pureza do marxismo-leninismo e os partidos que deformavam e interpretavam unilateralmente várias teses do marxismo-leninismo. Se em Bucareste só o Partido Comunista da China e o nosso Partido do Trabalho defenderam abertamente os princípios marxistas contra a corrente que estava a deformar os princípios do marxismo-leninismo e a Declaração de Moscovo de 1957, contudo, na Comissão que se reuniu em Outubro, dos 26 partidos representados, 7 defendiam posições correctas. (...)

Esta correlação de forças modificou-se ainda mais na Conferência de Moscovo. Além daqueles 7 partidos, outros 4 ou

5 colocaram-se em posições correctas acerca de todas as questões em discussão (...). Também não era pequeno o número de partidos que apoiavam as nossas teses em determinadas questões, como, por exemplo, o problema das vias de transição para o socialismo, a agressividade do imperialismo e a necessidade da luta contra o revisionismo, particularmente contra o revisionismo jugoslavo. De acordo com estas posições estiveram quase todos os partidos da América Latina, como, por exemplo (...).

A mudança na correlação de forças testemunha a firme luta travada na Conferência pela delegação chinesa, pela delegação do nosso Partido e por outras delegações que, com argumentos persuasivos, lançaram por terra os pontos de vista errados e expuseram claramente, diante de todos, as suas posições de princípios sobre as questões em discussão. O facto de um considerável número de partidos se ter posto, completa ou parcialmente, nas posições justas demonstra que a justeza marxista-leninista está do nosso lado e está a ser rapidamente acolhida. E demonstra também que o justo vencerá o errado e que o marxismo-leninismo, como sempre, triunfará sobre o oportunismo e o revisionismo. É com esta confiança e total convicção que o nosso Partido, tal como tem feito, continuará a lutar decididamente pela pureza da nossa ideologia marxista-leninista e pelo triunfo do socialismo e do comunismo.

II — POSIÇÃO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA EM RELAÇÃO AS DIVERGÊNCIAS SURGIDAS NO SEIO DO MOVIMENTO COMUNISTA

O nosso Partido do Trabalho sempre seguiu uma justa linha marxista-leninista e se ateve aos princípios da Declaração de Moscovo de 1957. O nosso Partido tem defendido e aplicado uma correcta concepção marxista-leninista em todas as questões fundamentais a que já referi, ou seja, a caracterização da época actual, a luta contra o imperialismo e os problemas da guerra

e da paz, entre outras questões. Em momento algum o nosso Partido afirmou ou admitiu que o leninismo se tivesse tornado «caduco». Pelo contrário, lutou incessante e decididamente contra os revisionistas jugoslavos, que proclamaram o marxismo «caduco» para justificar a sua traição. O nosso Partido nunca alimentou ilusões a propósito do carácter do imperialismo norte-americano e dos seus dirigentes, tendo educado continuamente as massas num espírito de ódio e vigilância em relação a eles. Jamais considerámos que a paz nos será dada de presente ou que se possa criar um mundo sem armas, exércitos e guerras sem que o imperialismo tenha sido liquidado. Pelo contrário, tendo uma justa concepção dos problemas da guerra e da paz e percebendo o perigo que o imperialismo e a reacção fazem pairar sobre a humanidade, o nosso Partido mobilizou o Povo em tomo do lema **«numa mão a picareta e na outra a espingarda»**. O nosso Partido lutou consequentemente pelo desmascaramento do imperialismo e seus servidores, os revisionistas jugoslavos, e nunca aprovou a política «moderada», a «alta» política dos dirigentes soviéticos ou dos dirigentes búlgaros, tanto no que se refere ao imperialismo norte-americano como ao revisionismo jugoslavo. O nosso Partido jamais considerou que, em nome da coexistência, se deva abafar a luta de classes nos países capitalistas ou acabar com a luta política e ideológica contra o imperialismo e a burguesia. Pelo contrário, o nosso Partido sempre foi contra qualquer concepção oportunista da coexistência pacífica.

Portanto, a posição do nosso Partido nestas questões de princípios corresponde plenamente aos ensinamentos do marxismo-leninismo e de há muito que discordava da posição dos dirigentes soviéticos. Mas o nosso Partido também tinha divergências com as concepções e práticas dos actuais dirigentes soviéticos no respeitante a uma série de outras questões de princípio acerca das quais o nosso Comité Central já tem conhecimento.

Não concordámos com a posição dos dirigentes soviéticos em relação ao revisionismo jugoslavo, por exemplo. E isto

desde Maio de 1955, ocasião em que Kruchov e Bulganin ([99]) foram a Belgrado e, unilateralmente, pondo de lado o Cominform, decidiram reabilitar a camarilha de Tito. Essa iniciativa, como se sabe, trouxe muitos prejuízos posteriores ao movimento comunista e operário internacional. Pois já naquela época o nosso Partido se manifestou contra tal reabilitação. E, depois disso, nunca concordou com a táctica e a atitude dos dirigentes soviéticos em relação a Tito e à sua camarilha, que era acarinhada, considerada como socialista, consultada acerca de tudo, etc., etc.

O nosso Partido tão-pouco aprovou as conclusões do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, particularmente a crítica a Staline e a formulação da questão da via pacífica de transição ao socialismo. Não concordamos com a primeira questão pelo seguinte: por um lado, porque a crítica ao «culto de Staline» foi feita sem uma consulta prévia aos partidos irmãos, apesar de Staline não ter sido apenas dirigente da União Soviética, mas também do proletariado internacional; e, por outro lado, porque se falou só dos erros de Staline e não se disse uma palavra sobre os aspectos positivos da sua obra. No que se refere à segunda questão, o XX Congresso, na prática, deu armas ideológicas aos oportunistas para que eles só fizessem propaganda da via pacífica para a tomada do poder. Kruchov formulou erradamente o problema da transição para o socialismo no XX Congresso, acentuando com maior intensidade a tomada do poder pela via pacífica e parlamentar, o que contrasta com os ensinamentos do marxismo-leninismo e com a experiência histórica acumulada até hoje.

Além disso, o nosso Partido também não concordou com a avaliação feita pelos dirigentes soviéticos sobre os acontecimentos na Hungria e com a hesitação por eles demonstrada, tanto na liquidação da contra-revolução como no total desmas-

---

([99]) Trata-se de Nikolai Bulganin, na época presidente do Conselho de Ministros da URSS.

caramento do papel nela desempenhado pelos revisionistas jugoslavos. O Comité Central tem conhecimento desta questão. Assim, não é necessário que nos alonguemos mais a este respeito.

Finalmente, o nosso Partido discordou dos dirigentes soviéticos em muitas outras questões relacionadas com a correcta compreensão leninista das relações entre os partidos irmãos, os quais são iguais e independentes. A propósito, o Comité Central também tem conhecimento das ingerências incorrectas levadas a efeito pelos dirigentes soviéticos nos assuntos internos do nosso Partido, como foram os casos dos inimigos do nosso Partido Liri Gega, Tuk Jakova e Panajot Plaku, entre outros.

Como se vê, o nosso Partido sempre teve uma justa linha marxista-leninista no respeitante às questões fundamentais de política externa, de táctica e de estratégia do movimento comunista, uma linha oposta à seguida pela direcção soviética. No entanto, embora aplicando a sua linha com coerência e defendendo firmemente os justos princípios marxistas-leninistas sem fazer concessões — apesar das numerosas pressões dos dirigentes soviéticos nesse sentido — o Comité Central do nosso Partido não manifestou publicamente as suas discordâncias. Quais as razões desta atitude?

Em primeiro lugar, devido ao facto de que, após o XX Congresso, todos os ataques dos inimigos imperialistas e revisionistas se dirigiram contra a unidade do nosso movimento comunista. Em virtude disso e no interesse dessa unidade, devíamos manter-nos fiéis à linha marxista-leninista e aplicá-la consequentemente mas, ao mesmo tempo, evitar críticas públicas à direcção soviética.

Em segundo lugar, em virtude de, como se sabe, a reacção e os revisionistas se terem aproveitado da crítica a Staline para pôr em cheque todo o sistema soviético. Particularmente em consequência dos acontecimentos na Polónia e na Hungria, eram muito grandes os esforços de toda a reacção mundial para rebaixar a autoridade do Partido Comunista da União Sovié-

tica e o prestígio da própria União Soviética. Naquela situação, o dever internacionalista exigia que se defendesse a União Soviética e o seu partido comunista, não se desse nenhuma arma à reacção e se ajudasse a direcção soviética através de críticas feitas num espírito de camaradagem, visando fazer com que voltasse ao caminho justo. Foi assim que o nosso Partido actuou, defendendo publicamente o Partido Comunista da União Soviética e a própria União Soviética. Mas, em 1957 e posteriormente, em diferentes ocasiões, fizemos aos dirigentes soviéticos várias observações críticas, particularmente sobre a posição em relação ao revisionismo jugoslavo, os acontecimentos da Hungria e as ingerências nos assuntos internos do nosso Partido.

A posição do nosso Partido foi correcta, internacionalista e marxista-leninista. Agir de outra forma naquela época significaria fazer o jogo do inimigo e prejudicar a causa geral do socialismo e da classe operária internacional.

Mas os dirigentes soviéticos aprofundaram ainda mais os seus erros chegando ao ponto de além de acarinharem Tito e a sua camarilha, também bajularem Eisenhower, revelando com isto que estavam a deformar a concepção marxista-leninista acerca do imperialismo e da luta de classes. Com toda a razão, os camaradas chineses julgaram conveniente publicar alguns artigos, pondo os pontos nos ii no respeitante às questões fundamentais da situação internacional e de estratégia e táctica do movimento comunista e explicando-as com base nos ensinamentos marxistas-leninistas. Mas os dirigentes soviéticos não reconsideraram. Pelo contrário, organizaram a manobra de bastidores antimarxista de Bucareste para ajustar as suas contas com o Partido Comunista da China e com qualquer outro partido que constituísse um obstáculo ao seu caminho errado.

Não nos deteremos na maneira como decorreu a Reunião de Bucareste, pois a Sessão Plenária do Comité Central já está perfeitamente a par de tudo. No entanto, relatarei rapidamente a posição por nós mantida naquela reunião. Como já dissemos, o nosso Partido não concordou com os organizadores da

Reunião de Bucareste, os dirigentes soviéticos, não só devido ao método antimarxista utilizado, mas também porque não estava de acordo, no essencial, com as acusações feitas ao Partido Comunista da China. Foi por isso que adoptou a correcta posição de princípios que se sabe.

Mas como foi que o nosso Partido assumiu aquela posição? Casualmente? Não, a posição do nosso Partido em Bucareste não foi casual. **Correspondeu à linha coerente sempre seguida e às posições de princípio sempre defendidas pelo nosso Partido em todas as questões fundamentais que estavam em discussão. Em Bucareste, defendemos o marxismo-leninismo e a linha do nosso Partido. E, ao travar essa audaciosa luta de princípios, por um lado, encontrámo-nos com os camaradas chineses na mesma trincheira e defendemos o seu glorioso partido que, como nós, também lutava em defesa da pureza do marxismo-leninismo e, por outro lado, ficámos no campo oposto ao dos dirigentes soviéticos e de todos os representantes dos restantes partidos que organizaram a Reunião de Bucareste, os quais defendiam uma causa errada e contrária aos ensinamentos do marxismo-leninismo.** É aí que reside a importância dos princípios da nossa posição em Bucareste, posição que foi consequência lógica e coerente de toda a linha marxista-leninista seguida pelo nosso Partido, posição que elevou a autoridade e a personalidade do nosso Partido aos olhos do movimento comunista internacional.

O nosso Partido condenou a Reunião de Bucareste, considerando-a, com razão, como uma mancha na vida do movimento comunista. E a Conferência de Moscovo e as suas resoluções evidenciaram a grande justeza da nossa posição em Bucareste e da nossa apreciação sobre a manobra de bastidores antimarxista lá efectuada. Nenhum representante de partido algum teve a ousadia de defender a Reunião de Bucareste ou de responder às críticas feitas por nós e pelos camaradas chineses ao trabalho fraccionista lá realizado. E não só isso: ninguém teve a audácia de propor a inclusão de qualquer referência favorável à Reunião de Bucareste na Declaração de 52 páginas emi-

tida pela Conferência. Da Reunião de Bucareste não ficou nada, nem o cheiro.

Mas a Reunião de Bucareste, por outro lado, assinala o início do agravamento aberto das relações entre o nosso Partido e os dirigentes soviéticos, o que se reflectiu logo nas relações políticas e económicas entre os nossos dois países e Estados. A responsabilidade pela criação dessa situação cabe inteiramente aos soviéticos, que não estavam satisfeitos com a posição de princípios mantida pelo nosso Partido em Bucareste. E começaram a manifestar essa insatisfação em muitos actos errados, que têm vindo a prejudicar seriamente a amizade e os laços fraternais antes existentes entre os nossos dois partidos e países. Assim se iniciaram as ingerências antimarxistas do pessoal soviético nos assuntos internos do nosso Partido, com a intenção de dividir o Partido, provocar o descontentamento em relação à sua direcção, criar dúvidas em tomo da justeza da sua linha e atacar a sua direcção para a liquidar. Foi nesse sentido que trabalhou o pessoal da Embaixada soviética em Tirana, com o embaixador à frente; foi nesse sentido que Kozlov actuou junto dos nossos camaradas em passagem por Moscovo; foi nesse sentido que o marechal Malinovsk proferiu aquelas palavras no banquete dos chefes de Estado-Maior do Tratado de Varsóvia; foi nesse sentido que se começou a exercer pressão económica, com o caso do trigo e a diminuição da ajuda económica; foi nesse sentido que funcionaram as ameaças do marechal Grechko de afastar o nosso país do Tratado de Varsóvia, as provocações realizadas na base militar de Vlora, e assim por diante.

É claro o objectivo destas atitudes incorrectas e antimarxistas: *a direcção soviética visava fazer com que mudássemos de posição — isto é, abandonássemos o justo caminho marxista-leninista e as posições de princípios em que se mantinha o nosso Partido; caso contrário, de acordo com os desígnios dos dirigentes soviéticos, as dificuldades que seriam criadas teriam como resultado divisões no Partido e o descontentamento nas fileiras do partido e no seio do povo; e isto imporia, como única*

saída, a liquidação da direcção do Partido, possibilitando a ascensão de alguns «redentores» fiéis à linha antimarxista da direcção soviética.

Mas, como se sabe, todos os seus cálculos foram feitos sem terem em conta a parte interessada. Por isso todos estes objectivos fracassaram. Não alcançaram êxito justamente graças à fidelidade do nosso Partido ao marxismo-leninismo, graças à valorosa posição de princípios do Partido e graças à férrea unidade marxista-leninista do Partido com as massas do povo, do conjunto do Partido com o seu Comité Central e do Comité Central com o Bureau Político. Esta unidade inquebrantável tem sido e é garantia de todas as vitórias do nosso povo e do nosso Partido. Portanto, a nossa principal tarefa é fortalecê-la e salvaguardá-la cada vez mais, como a menina dos nossos olhos.

A fonte dos erros da direcção soviética em relação ao nosso Partido deve ser procurada nas suas concepções antimarxistas a propósito das questões fundamentais e nas divergências de princípios do nosso Partido com os dirigentes soviéticos acerca das questões de princípio do movimento comunista e operário internacional. A prática errada dos dirigentes soviéticos para com o nosso Partido também reflectem a sua concepção antimarxista acerca das relações entre os partidos e países irmãos, bem como da crítica e da unidade marxista-leninista do movimento comunista e do campo socialista. Em Bucareste não fizemos mais do que manifestar a nossa oposição à atitude dos dirigentes soviéticos, criticando a sua prática errada, com base em correctas posições de princípios.

Para os marxistas, a justa crítica de princípios não se choca com a unidade. Pelo contrário, contribui para o seu fortalecimento, pois é uma força motriz, uma lei do desenvolvimento. Mas os dirigentes soviéticos não encaram o problema deste modo. Não estão habituados a ouvir críticas, mas apenas a fazê-las. Em palavras, aceitam a igualdade de direitos nas relações entre os partidos mas, de facto, só reconhecem o seu próprio direito a dar a última palavra, que os outros têm de

aplicar cegamente. Ê por isso que, quando algum partido ousa criticá-los, é logo acusado de estar a assumir posições anti-soviéticas, a ser fraccionista, a opôr-se à unidade do movimento comunista, e assim por diante. É esta concepção errada que leva os dirigentes soviéticos a práticas erradas como as que já mencionei. Trata-se de concepções e práticas em que a dialéctica marxista foi substituída pela metafísica e pelo idealismo.

As práticas e atitudes incorrectas dos dirigentes soviéticos em relação ao nosso Partido e ao nosso país depois da Reunião de Bucareste convenceram-nos ainda mais fortemente de que o Partido assumia justas posições marxistas-leninistas, que as suas posições sobre todas as questões fundamentais se baseavam nos princípios e, consequentemente, que essas posições deveriam ser defendidas com firmeza contra qualquer pressão.

Esta justa posição de princípios foi mantida em Outubro pela delegação do nosso Partido na reunião realizada em Moscovo pela Comissão que preparou o projecto de declaração a ser aprovado pela Conferência de Novembro. Naquela reunião, a nossa delegação apresentou abertamente o correcto ponto de vista do nosso Partido sobre todas as questões de princípio em discussão. Com firmeza e boa argumentação, juntamente com os camaradas chineses e os camaradas dos partidos que também mantinham posições correctas, a nossa delegação defendeu os ensinamentos do marxismo-leninismo. A Comissão foi palco de uma grande luta de princípios em tomo de cada questão, de cada parágrafo, de cada termo. Isto prolongou-se por 25 dias.

Basta mencionar alguns factos para dar uma ideia da justa luta lá travada pela nossa delegação e pelas demais delegações que se mantinham em sadias posições. O documento apresentado pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética foi tomado como base para a elaboração do projecto de declaração. O projecto soviético, de 36 páginas, continha inúmeros pontos de vista errados e, em muitas passagens, continha ataques velados contra o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia. Acusava-nos de defensores do

«comunismo nacional» e de adversários da política de coexistência pacífica, comparava-nos com a Jugoslávia e rotulava-nos de «fraccionistas», só para dar alguns exemplos. À parte isso, o projecto não acentuava como devia a luta contra o imperialismo, era animado de um espírito moderado e frequentemente oportunista, dava demasiado destaque à via pacífica de transição para o socialismo, apresentava a burguesia nacional quase como defensora do socialismo, fazia silêncio acerca do revisionismo jugoslavo, apresentava o dogmatismo como sendo mais perigoso do que o revisionismo, apesar deste ser definido como o perigo principal, e assim por diante.

Pois foram apresentadas 175 páginas de observações sobre o projecto, das quais, só a nossa delegação, apresentou 20 páginas e a delegação chinesa 40 páginas. Ressalte-se que nenhuma das nossas observações foi rejeitada como incorrecta com argumentos, as que não foram incluídas na Declaração foram recusadas com pretextos tácticos ou por maioria de votos. Assim, o projecto tomado como base foi quase inteiramente modificado, aumentando de 36 para 52 páginas: foram rechaçados os ataques velados contra nós, foi fortalecido o texto sobre o imperialismo, foi agregado um parágrafo acerca do revisionismo jugoslavo, foi rectificada a questão da luta contra o revisionismo e o dogmatismo, e assim por diante. Entretanto, ficaram de fora ainda algumas questões, como a da importância do XX e do XXI Congressos, a das fracções e a do culto à personalidade, entre outras. A nossa delegação, a delegação chinesa e as delegações de alguns outros partidos não estavam de acordo com tais pontos, que ficaram para serem novamente discutidos pela Conferência de Novembro.

Na reunião da Comissão ficou claro até que ponto eram justas e de princípios as nossas posições e até que ponto eram erradas as posições dos dirigentes Soviéticos e dos partidos que os apoiavam. Ela revelou claramente o espírito oportunista que dominou alguns partidos comunistas, como os da Itália, Síria, Inglaterra, Estados Unidos e outros, facto que se tomaria ainda mais límpido na Conferência de Novembro. Os dirigentes sovié-

ticos esforçaram-se grandemente em manobrar, recorrendo a toda a espécie de métodos, desde o trabalho individual junto das diversas delegações até aos expedientes de procedimento. É exemplo típico disso o facto que passo a mencionar. A Comissão aprovou a inclusão no projecto de declaração de uma frase pronunciada por Maurice Thorez num discurso recente, no qual dizia precisamente que «só haverá garantia absoluta de liquidação de qualquer tipo de guerra quando o socialismo triunfar em todos os países ou nos principais países capitalistas». Esta tese foi incluída por proposta da delegação francesa, com o apoio da nossa delegação e da delegação chinesa. No entanto, passados menos de dois dias, os soviéticos apresentaram uma proposta de revisão do texto em virtude de, aparentemente, o seu Presidium não o ter aprovado. Apesar da nossa resistência, a maioria decidiu retirar a frase. Mas, na Conferência de Novembro, foram obrigados a repô-la, sob outra forma.

Os trabalhos da Comissão Preparatória e os pontos de vista lá defendidos mostraram claramente que a Conferência de Moscovo, em Novembro, se constituiria em arena de luta entre as justas concepções marxistas-leninistas e a tendência para o afastamento das posições revolucionárias da nossa ideologia. O nosso Partido e a delegação designada pelo Comité Central do Partido prepararam-se para a contenda. O Comité Central recomendou que a sua delegação, com franqueza, sinceridade e coragem marxista-leninista, apresentasse à Conferência de Moscovo a posição de princípios do nosso Partido sobre todas as questões em discussão, informasse a Conferência acerca das atitudes incorrectas dos dirigentes soviéticos contra o nosso Partido depois da Reunião de Bucareste e os criticasse duramente para fazer com que tais práticas não se voltassem a repetir. Queremos informar o Comité Central do nosso Partido de que a delegação aplicou essa directriz da maneira por ele decidida, levantando todas as questões na Conferência dos representantes dos 81 partidos comunistas e operários que se reuniu em Novembro deste ano, em Moscovo.

Será que o Comité Central do Partido agiu correctamente ao decidir apresentar abertamente todas as questões à Conferência de Novembro? Nós respondemos que sim, que a decisão do Comité Central foi muito justa, pelas seguintes razões:

1 — Como partido marxista-leninista, tínhamos o dever de defender as posições de princípios da Declaração de Moscovo de 1957, que vinham sendo violadas. Não poderíamos considerar-nos comunistas se nos calássemos diante das deformações do marxismo-leninismo e de práticas contrárias aos princípios fundamentais da nossa ideologia, independentemente do facto de, no caso concreto, os violadores e desviacionistas serem os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética. Quando se trata de defender a pureza do marxismo-leninismo e a causa do socialismo e do comunismo, devemos agarrar-nos sempre aos princípios, jamais manifestando-nos como sentimentalistas ou parciais.

2 — A direcção soviética foi Ião longe na violação da Declaração de Moscovo de 1957 e dos princípios marxistas-leninistas, bem como nas suas acções concretas que deixar de falar sobre esses graves erros e faltas representaria um suicídio e constituiria um crime contra a nossa causa comum. A Reunião de Bucareste, a manobra de bastidores antimarxista lá urdida pelos dirigentes soviéticos e as pressões e acções daninhas promovidas, por um lado, contra o nosso Partido e por outro, contra o Partido Comunista da China (refiro-me à retirada dos técnicos, à anulação de encomendas de maquinarias diversas e assim por diante), foram os primeiros sintomas de uma acção muito perigosa que teria consequências ainda mais sérias para o movimento comunista e o campo socialista se não fosse desmascarada.

3 — A nossa crítica, sincera e de princípios, possuía uma boa intenção: condenando as concepções e práticas erradas, visava com isso eliminá-las, barrar o caminho à sua repetição, purificar a atmosfera das manifestações negativas e, partindo dessa base, contribuir para o fortalecimento do nosso movimento comunista e para a consolidação da nossa unidade, que

se encontrava em perigo. Foi este objectivo — e nenhum outro — que levou, com razão, o Comité Central do Partido a exprimir abertamente o seu ponto de vista.

4 — Finalmente, há ainda outro motivo que nos faz repetir com plena convicção que o Comité Central agiu correctamente ao decidir apresentar estas questões na Conferência de Moscovo: antes da Conferência e ao longo da sua realização, vimos por nós mesmos que os dirigentes soviéticos estavam decididos a prosseguir no caminho que tinham começado a trilhar contra o nosso Partido e estavam preparados para nos transformar em culpados de tudo se nos calássemos — foi por esta razão que exerceram uma extraordinária pressão sobre a nossa delegação, na esperança de nos tapar a boca. É evidente que, se nos tivéssemos calado na Conferência acerca dos erros dos dirigentes soviéticos, isto não só teria significado abdicar de toda a nossa linha de princípios, como também teria sido fatal para o nosso Partido e para os destinos do socialismo na Albânia.

III — SOBRE A ATITUDE DOS DIRIGENTES SOVIÉTICOS EM RELAÇÃO A NOSSA DELEGAÇÃO E AOS NOSSOS ENCONTROS COM ELES

Como se sabe, a nossa delegação foi à União Soviética na qualidade de delegação oficial, convidada pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética para os festejos do 43.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Desta forma, prestaram-nos todas as homenagens formais da praxe. Mas a sua atitude para connosco era fria e as conversas pouco amistosas. Assim, encontrámo-nos com Kozlov no dia em que chegámos a Moscovo e com Kossiguine e Poliansk na noite de 7 de Novembro, ficando bem clara a posição deles, que procuravam atirar a culpa de tudo sobre o nosso Partido. No dia seguinte, isto é, 8 de Novembro, a situação foi mais clarificada ainda.

Com efeito, no dia 8, recebemos uma cópia da carta enviada pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética

ao Comité Central do Partido Comunista da China, em resposta à carta deste último, datada de Setembro. Por si só este facto já não nos agradou, pois era um mau prenúncio para o desenvolvimento da Conferência; mas disto falaremos mais adiante. O que nos impressionou foram os factos que passo a relatar. A carta continha um parágrafo que mencionava todos os países socialistas da Europa, nomeando todos, à excepção da Albânia. Isto significava que a direcção da União Soviética tinha apagado a Albânia do caderno como um país socialista. Mais adiante, apesar de se dirigir ao Partido Comunista da China, a carta atacava, aberta e tendenciosamente, o nosso Partido. A pretexto de que, desde a crítica ao «culto da personalidade», as questões do Partido Comunista da União Soviética se resolvem pretensamente de acordo com as regras do centralismo democrático, dizia a carta: «Mas, infelizmente, há também outros exemplos. Podemos citar um bastante recente: a maneira como estas questões são solucionadas pelos camaradas albaneses. Em Setembro deste ano, expulsaram a camarada Liri Belishova do Comité Central e demitiram-na do cargo de secretária do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia. Também o camarada Koço Tashko foi por eles demitido do cargo de presidente da Comissão Central de Verificação do Partido do Trabalho da Albânia e expulso do Partido. E porquê? Apenas porque estes camaradas manifestaram a sua opinião segundo a qual é inaceitável que se ofenda o Partido Comunista da União Soviética e o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Manifestamos o receio de que um triste fim espera todas as pessoas cuja única «culpa» é a de serem amigos da União Soviética, compreenderem correctamente a situação e manifestarem a sua simpatia pelo povo soviético e pelo Partido Comunista da União Soviética.»

A conclusão, de acordo com esta forma de apresentar a questão, é a seguinte: *em primeiro lugar,* o Comité Central do nosso Partido não teria aplicado as normas da democracia interna do Partido ao excluir Liri Belishova das suas fileiras e Koço Tashko dos efectivos da Comissão Central de Verifi-

cação; e parece-me supérfluo provar aqui, no Comité Central do Partido, que se trata de uma calúnia tendenciosa; *em segundo lugar,* os amigos da União Soviética estariam a ser condenados e perseguidos no nosso Partido, ou seja, o Comité Central do nosso Partido estaria a assumir posições anti-soviéticas, e assim por diante; tão-pouco é necessário provar que se trata de calúnia. Mas estas acusações tendenciosas revelavam claramente o objectivo da direcção soviética: desacreditar o nosso Partido e apresentar a situação como se ele se tivesse afastado da senda do leninismo e seguido o caminho da Jugoslávia (e é por esta razão que a Albânia, no nosso documento, não é mencionada como país socialista).

Isto demonstra que os dirigentes soviéticos não tinham interesse na solução das divergências surgidas entre nós; pelo contrário, queriam aprofundá-las e, inclusivé, utilizá-las para desacreditar o nosso Partido. Recorreram a todos os meios para nos reduzir ao silêncio, tendo em vista alcançar um êxito total nas suas acções contra o nosso Partido. O primeiro método foi o da ameaça. O próprio Nikita Kruchov falou duas vezes com os camaradas chineses sobre a Albânia, a respeito daquele objectivo. Da primeira vez, em 25 de Outubro de 1960, disse à delegação do P. C. da China que «nós trataremos a Albânia da mesma forma que a Jugoslávia». Da segunda vez, disse a um membro da delegação do P. C. da China que «os albaneses comportam-se connosco da mesma maneira que Tito», que «nós perdemos uma Albânia, enquanto vocês, chineses, ganhavam uma Albânia» e que «o Partido do Trabalho da Albânia é o nosso elo fraco».

Quais eram os seus desígnios? Em primeiro lugar, os dirigentes soviéticos visavam atemorizar-nos para nos obrigar a rever a nossa posição e desistir de levantar todas as questões que tínhamos pensado apresentar. Deve-se ter em conta que os soviéticos estavam mais ou menos a par do que iríamos apresentar na Conferência de Moscovo, pois Koço Tashko já os havia informado dos nossos pontos de vista. Em segundo lugar, falando contra o nosso Partido e proferindo ameaças, estavam,

ao mesmo tempo, a advertir de facto os chineses; ou seja, pensavam matar dois coelhos com uma só cajadada. E, *em terceiro lugar,* apresentando a questão como se estivéssemos seguindo o caminho da Jugoslávia, os dirigentes soviéticos procuravam desacreditar o nosso Partido, deformar a nossa posição e desviar a discussão da base dos princípios para a das calúnias, entre outras coisas.

Paralelamente ao método das ameaças directas, os dirigentes soviéticos também empregaram o das pressões directas, dos encontros e das conversações com a nossa delegação. Antes de falarmos sobre os encontros que mantivemos em Moscovo, é preciso dizer algumas palavras sobre o nosso ponto de vista acerca do método das conversações, encontros e consultas. Isto torna-se necessário na medida em que os dirigentes soviéticos se esforçaram muitas vezes por apresentar a questão como se estivéssemos contra as conversações. Para tanto, levantaram os seguintes exemplos: a nossa recusa ao encontro proposto por eles na conhecida carta de 13 de Agosto de 1960; o facto de o camarada Enver Hoxha não ter ido à União Soviética de férias no Verão, pretendendo evitar qualquer encontro; e, finalmente, a nossa rejeição ao convite de Kruchov para nos encontrarmos com ele a 9 de Novembro, de que falarei mais adiante.

O Partido e o Comité Central sempre foram de opinião que o método dos encontros, conversações e consultas entre dirigentes de partidos irmãos e da troca de pontos de vista sobre diversos problemas de interesse mútuo é o mais correcto e aconselhável método marxista-leninista — tanto mais quando surgem divergências entre dois partidos ou países socialistas. Portanto, o nosso partido e o seu Comité Central nunca recusaram no passado e tão-pouco recusarão no futuro qualquer encontro, porque o seu objectivo é fortalecer e cimentar a unidade marxista-leninista do campo socialista e do movimento comunista internacional.

Mas, ao mesmo tempo que partindo destas posições de princípios, o nosso Partido também considera necessário que

sejam respeitados alguns outros princípios do marxismo-leninismo nesses encontros, entre os quais os seguintes: *em primeiro lugar,* é inadmissível e contrário às normas marxistas-leninistas que dois partidos mantenham conversações sobre um terceiro partido e discutam a sua linha geral, sem a presença do partido interessado; e, *em segundo lugar,* qualquer conversação ou encontro entre dois partidos — sejam eles quais forem — deve fazer-se em condições de igualdade, com base nos princípios de consulta e respeito mútuo, evitando toda e qualquer tendência de alguma das partes a impor a sua vontade ou assumir uma posição privilegiada em relação à outra. O nosso Partido tem respeitado e continuará a respeitar estes princípios. Esta é a posição de princípios do nosso Partido acerca da questão dos encontros, conversações e consultas, posição que temos adoptado no passado e continuaremos a manter no futuro.

Agora, vejamos a questão concretamente: estão certos os dirigentes soviéticos, baseando-se nos casos já mencionados, ao acusarem-nos de sermos contra os encontros? É verdade que rejeitámos o encontro proposto na carta de 13 de Agosto de 1960 do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Mas fizemo-lo não porque sejamos, em princípio, contrários aos encontros ou porque quiséssemos evitar a discussão com os dirigentes soviéticos, mas sim porque um encontro como aquele seria contrário às normas leninistas. Isto porque, como se sabe, os dirigentes soviéticos propunham na sua carta que discutíssemos, a fim de apagar «em devido tempo a centelha do mal-entendido» surgida entre nós em Bucareste, de maneira que os nossos dois partidos fossem à Conferência de Novembro «em completa unidade de pensamento». Mas porque nasceu o mal-entendido em Bucareste? O problema fundamental da Reunião de Bucareste foi a crítica ao Partido Comunista da China. Como tal, deveríamos na verdade discutir sobre a China e chegar a um ponto de vista comum sobre a questão, e tudo isto nas costas do Partido Comunista da China. Será que esta atitude está de acordo com

os princípios? Não se assemelha isto a um trabalho fraccionista? Em Agosto mesmo, respondemos ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética explicando precisamente isto e ressaltando não ser correcto um encontro entre nós com tal objectivo. E continuamos convencidos de que agimos muito correctamente.

Vejamos a questão da nossa recusa ao encontro com Nikita Kruchov em 9 de Novembro de 1960. Consideramos que a delegação agiu correctamete ao rejeitar o encontro, e já o explicámos aos próprios dirigentes soviéticos. O facto é que, por um lado, em 8 de Novembro de 1960, a direcção soviética entregou-nos uma cópia da sua carta ao Partido Comunista da China, documento que não citava a Albânia como país socialista e ainda acusava o nosso Partido, entre outras coisas, de anti-sovietismo e de ter, pretensamente, violado os princípios do centralismo democrático, como já dissemos; tudo isso num material distribuído aos representantes dos 81 partidos. Por outro lado, naquele mesmo dia, a direcção soviética convidava-nos para conversações, a fim de examinar as divergências surgidas entre nós! Por um lado, dizem aos camaradas chineses que «trataremos a Albânia da mesma forma que a Jugoslávia» e, por outro, solicitam um encontro connosco! Será que desta maneira existem condições de igualdade para conversações? Será que foram criadas as bases de um espírito de camaradagem, indispensável à realização de conversações frutíferas? Será que nisto não se manifesta claramente a tendência dos dirigentes soviéticos a obterem posições privilegiadas nas conversações? Está claro que não podíamos manter conversações em tais condições, contrárias aos princípios de igualdade e respeito mútuo. E tanto mais que nós, até então, não havíamos dito uma só palavra diante do movimento comunista e operário internacional sobre as nossas divergências concretas com os dirigentes soviéticos. Eis a razão pela qual recusámos aquele encontro. Que o Comité Central do Partido julgue se a nossa delegação agiu ou não correctamente.

Também no que se refere ao facto de «o camarada Enver não ter ido passar férias na União Soviética este ano», o caso merece ser mencionado, pois nada tem de político. Eu também não passei férias na União Soviética no ano passado e, apesar disso, não foi feito escândalo algum. O problema é que, este ano, os dirigentes soviéticos «teriam pensado» em conversar com o camarada Enver quando ele fosse de férias... Mas o facto é que nem o Bureau Político nem eu mesmo tínhamos recebido qualquer aviso nesse sentido. Para adivinhá-lo, teria sido necessário consultar a «bola de cristal».

Efectivamente, não era o nosso Partido, mas os dirigentes soviéticos que estavam contra as conversações e a solução das divergências através de consultas. Como se sabe, já no início de Agosto enviámos ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética uma carta sobre as acções antimarxistas de alguns funcionários da Embaixada soviética, tendo à frente o embaixador Ivanov. Por que razão os dirigentes soviéticos, que tanto procuram aparentar desejos de solucionar as questões através de conversações, até hoje ainda não nos responderam? Em Moscovo, afirmaram não terem respondido porque, pretensamente, não queriam agravar as nossas relações, pois a sua resposta poderia ofender-nos. Isto atesta claramente que nem sequer lhes passava pela cabeça que as divergências deviam ser solucionadas, sendo preciso realizar conversações com esse objectivo. Eles já tinham uma posição definida: negar tudo. Portanto, para que realizar conversações? E assim, efectivamente, quem é contra as conversações? Está claro que não somos nós, o Partido do Trabalho da Albânia, mas sim a direcção do Partido Comunista da União Soviética que é contra as conversações.

Entretanto, face à insistência soviética e atendendo-se ao princípio do nosso Partido de que as conversações, consultas e troca de opiniões são necessárias, a nossa delegação aceitou e manteve três conversações com os dirigentes soviéticos, antes da Conferência e durante a sua realização. E fê-lo independentemente de tudo aquilo, malgrado as condições desiguais cria-

das pelos próprios soviéticos para as conversações — a que já nos referimos — e apesar das suas atitudes inamistosas para com a nossa delegação, as quais foram tão longe a ponto deles terem recorrido mesmo a métodos antimarxistas e policialescos como a escuta das nossas conversas através de aparelhagem especial, tanto no local em que estávamos hospedados como na nossa Embaixada.

A nossa delegação percebeu o verdadeiro objectivo dos dirigentes soviéticos na conversação que realizou em 9 de Novembro de 1960 com Maurice Thorez, que tinha sido encarregado por eles de se encontrar connosco, como a conversa revelaria claramente. Thorez esforçou-se por nos «convencer» da justeza da linha seguida pela União Soviética em todos os terrenos, principalmente na questão da guerra e da paz e na política de coexistência pacífica, chegando mesmo a designar Kruchov por «Lenine da nossa época» e assim por diante. Ao mesmo tempo, falou contra a China, apresentando o Partido Comunista da China como «dogmático, fraccionista e trotskista», como «um grande perigo para o movimento comunista» e como «partidário da guerra», que procura desacreditar a União Soviética», entre outras coisas. Finalmente, discorreu sobre o carinho da União Soviética pela Albânia, sobre a ajuda que nos concedeu e sobre o reconhecimento que por ela devíamos sentir. E, ao finalizar, disse que todos nós devíamos seguir a União Soviética e guiarmo-nos por ela.

Da nossa parte, expusemos os nossos pontos de vista, ressaltando termos divergências com os dirigentes soviéticos, as quais apresentaríamos na Conferência (não perdíamos de vista que tudo o que dizíamos era ouvido pelos dirigentes soviéticos ou então lhes seria transmitido por Thorez). Ele esforçou-se em nos «persuadir» a não levantar as questões na Conferência, dizendo que todo o plenário se voltaria contra nós, considerando-nos provocadores, razão pela qual devíamos solucionar os problemas com calma, através de conversações com os dirigentes soviéticos. E, neste ponto, observou-nos que teríamos feito mal em não nos encontrarmos com Kruchov.

O encontro com Thorez prolongou-se por três horas, ao cabo das quais as duas partes se separaram mantendo os seus próprios pontos de vista. Esta foi a primeira pressão directa para que não falássemos abertamente na Conferência. E, ao mesmo tempo, representou um esforço para saber o que iríamos expor na reunião.

Depois, realizaram-se dois encontros com a direcção soviética, um a 10/11 e outro em 12 de Novembro. No primeiro encontro, foram apresentados os pontos de vista de cada parte e, por assim dizer, preparou-se o terreno para o segundo, que era de facto o encontro oficial ([100]). (...)

Como conclusão, pode-se dizer que os dirigentes soviéticos não queriam realizar conversações nem chegar a um acordo connosco sobre coisa alguma. Já tinham o seu plano e a sua posição definidos de antemão. Também já haviam começado a trabalhar junto dos outros com o objectivo de desacreditar o nosso Partido. Só solicitaram conversações connosco, porque queriam ameaçar-nos e obrigar-nos a renunciar ao discurso que

---

([100]) O camarada Enver Hoxha informou a Sessão Plenária de que, tanto no primeiro como no segundo encontro, os dirigentes soviéticos se esforçaram por atirar a culpa pelo agravamento das relações soviético--albanesas sobre o Partido do Trabalho da Albânia, apresentando-se como se não houvessem feito nada de mal. Acusaram o PTA de anti-sovietismo por ter excluído do CC e do Partido Liri Belishova e Koço Tashko — que se tinham colocado ao lado da União Soviética — e porque os oficiais albaneses da base de Vlora não se haviam submetido às ameaças e provocações dos oficiais soviéticos. Com factos e argumentos, a nossa delegação rechaçou todas as calúnias, comprovando que os verdadeiros responsáveis pelo agravamento da relações eram os dirigentes soviéticos, que visavam colocar o PTA sob seu controlo e obrigá-lo a abandonar o seu caminho revolucionário e a trilhar a senda revisionista traçada pelo XX Congresso do PCUS. Em determinado momento, encolerizado com a recusa da delegação do PTA em aceitar os seus pontos de vista antimarxistas e anti--albaneses, Kruchov comparou as conversaçõts aos seus colóquios com Macmillan. Então, a nossa delegação retirou-se do local das conversações em sinal de protesto. (Vide materiais publicados nas páginas 209 e 222 deste Volume).

pronunciaríamos na Conferência, e não porque quisessem solucionar as divergências. Estes encontros revelaram, mais uma vez, muito claramente, quem era e quem não era favorável a conversações. E mostraram também que os dirigentes soviéticos não tinham intenção de fazer a autocrítica por tudo o que haviam feito contra o nosso Partido e o nosso país; pelo contrário, estavam decididos a ir ainda mais longe, o que ficou demonstrado pela ameaça relativa à base de Vlora.

Assim, podemos reafirmar uma vez mais que o Comité Central do Partido agiu com grande acerto naquela situação, tendo feito muito bem em decidir levantar todas as nossas contradições com os dirigentes soviéticos perante a Conferência dos representantes dos 81 partidos comunistas e operários do mundo, em Moscovo, como de facto fez.

IV — SOBRE O DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS DA CONFERÊNCIA DE MOSCOVO

A Conferência de Moscovo foi organizada com o objectivo de discutir os problemas actuais da situação internacional e questões da estratégia e da táctica do movimento comunista internacional. A base para o desenvolvimento dos seus trabalhos era o projecto de declaração preparado pela Comissão dos 26 partidos que, como dissemos, já em Outubro se havia reunido em Moscovo. Discutindo essas questões, a Conferência devia manifestar-se, de facto, sobre as divergências existentes no seio do movimento comunista e operário internacional, condenando os pontos de vista incorrectos e formulando as justas posições marxistas-leninistas na Declaração que aprovaria, fixando assim o ponto de vista único de todo o movimento comunista sobre tais questões.

No entanto, desde o início da Conferência — e até mesmo antes dela — ficou claro que os dirigentes soviéticos e os dirigentes de alguns partidos comunistas de países socialistas e capitalistas da Europa pensavam de forma diferente. O plano dos dirigentes soviéticos evidenciou-se ainda mais com a dis-

tribuição da carta enviada pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética ao Comité Central do Partido Comunista da China nas vésperas da Conferência e com a discussão dessa carta com todas as delegações. A tendência era de organizar uma nova Reunião de Bucareste, de legalizar, fora da Conferência, tudo aquilo que se tinha dito em Bucareste contra a China e de inculcar, em todos, a opinião de que o Partido Comunista da China é «dogmático e fraccionista», «violou a Declaração de Moscovo» e «actua em oposição a todo o movimento comunista», bem como de que «o Partido do Trabalho da Albânia segue a mesma orientação do Partido Comunista da China», conforme, aliás, a carta do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, que também fala contra o nosso Partido.

Visando difundir tal opinião, os dirigentes soviéticos realizaram um intenso trabalho preparatório junto das diversas delegações nos dias que precederam a Conferência. Neste sentido trabalharam particularmente a delegação do Partido Comunista Francês (junto das delegações dos países capitalistas da Europa), as delegações do Partido Comunista Espanhol e do Partido Popular de Cuba (junto das delegações da América Latina) e a delegação da Síria (junto das delegações dos países árabes e africanos). Além deste trabalho organizado, que consistia na leitura e discussão da carta enviada em 5 de Novembro pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética ao Partido Comunista da China, também se realizaram muitos encontros e conversações bilaterais com a delegação soviética e as delegações dos países socialistas da Europa. Naturalmente, um trabalho destes não pode ser considerado regular; pelo contrário, é errado e antimarxista. Mas, por outro lado, revela a debilidade das posições dos dirigentes soviéticos, pois quem está num caminho justo e se mantém fiel aos ensinamentos de Marx e Lenine não necessita de conquistar aliados através de métodos incorrectos, pressões e manipulações do género.

Realizando este trabalho preparatório à margem da Conferência, os dirigentes soviéticos visavam dar um carácter demonstrativo ao próprio desenvolvimento da reunião, que constaria de discursos genéricos, de elogios aos êxitos alcançados e de esforços de dissimulação das contradições existentes, acompanhados de aguilhoadas camufladas contra a justa posição marxista-leninista do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia acerca das questões fundamentais. Tal evolução dos trabalhos da Conferência seria favorável à direcção soviética e aos partidos que apoiavam os seus pontos de vista. Por um lado, porque teriam realizado o seu trabalho à margem da Conferência, criando a falsa opinião de que o Partido Comunista da China tinha errado e era inclusivé favorável à guerra e às aventuras, contrário à coexistência pacífica e assim por diante. E, por outro lado, porque, deixando de pôr as contradições a nu na Conferência, os dirigentes soviéticos armar-se-iam, falsamente, em firmes partidários da salvaguarda da unidade do movimento comunista e do campo socialista e, por conseguinte, mostrar-se-iam «benevolentes» e evitariam a discussão da sua linha, dos seus erros e dos seus desvios em relação à Declaração de Moscovo de 1957 e aos ensinamentos do marxismo-leninismo.

Os dirigentes soviéticos estavam conscientes de que um debate aberto sobre as contradições na Conferência os desacreditaria perante o movimento comunista em muitos sentidos: *primeiro,* porque violaram a Declaração de Moscovo e adoptaram uma política conciliadora na luta contra o imperialismo e o revisionismo; *segundo,* porque transgrediram as normas leninistas que regem as relações entre os Estados socialistas e entre os partidos comunistas e operários, como sucedeu no caso da China e da Albânia; e, *terceiro,* porque, aos olhos de todo o movimento comunista e dos representantes dos 81 partidos comunistas e operários do mundo, desapareceriam o mito da infalibilidade do Partido Comunista da União Soviética e da sua direcção e a opinião de que o Partido Comunista da União Soviética e a sua direcção estão a salvo de qualquer crítica, de

que tudo o que eles dizem «é lei, é justo, é a última palavra do marxismo, sendo consequentemente de aplicação obrigatória para todos», etc., etc.

Foi, segundo esta táctica, que Nikita Kruchov falou logo no primeiro dia da Conferência de Moscovo em nome da delegação soviética. De facto, o seu discurso indicava o espírito de que deveriam estar imbuídas as demais intervenções na Conferência. O discurso de Kruchov tinha sido preparado com velhacaria, sendo bastante distinto da carta enviada em 5 de Novembro pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética ao Comité Central do Partido Comunista da China, documento que acusava abertamente os camaradas chineses de violação da Declaração de Moscovo e dos princípios do marxismo-leninismo e tinha sido distribuído a todas as delegações antes da Conferência.

O discurso pronunciado por Kruchov na Conferência foi escrito num tom tal que até parecia não existir quase nenhuma divergência entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China. Nas suas mais de 80 páginas, o discurso nem sequer citava nominalmente o Partido Comunista da China. No entanto, apresentava os principais «argumentos» em defesa das teses do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética acerca dos principais pontos de divergência, como a questão da guerra e da paz, os problemas teóricos do XX Congresso, a questão da luta contra o «fraccionismo» no movimento comunista internacional, e assim por diante. Os oradores que depois apoiaram Kruchov, como Jivkov e outros, consideraram o seu discurso como «desenvolvimento criador do marxismo» e limitaram-se a repetir os seus argumentos sob formas diversas.

Apesar de se esforçar por não mencionar as divergências e conservar-se num tom moderado, o discurso de Kruchov, não obstante, continha alusões camufladas e cheias de veneno, dirigidas em primeiro lugar contra os camaradas chineses e referentes a uma série de importantes problemas. Kruchov insistiu intensamente na necessidade de se condenar a chamada acti-

vidade fraccionista no movimento comunista internacional, declarando hipocritamente que essa tese não se dirigia contra nenhum partido em particular e ressaltando com alarido que o acatamento e a aplicação das decisões da maioria por parte da minoria seria a condição determinante para se alcançar a unidade no movimento comunista internacional. E, com isso, apontou a todos os seus partidários a linha a ser seguida na Conferência, em função da questão chave e do seu principal objectivo: a condenação e a subjugação do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia.

Imediatamente após o discurso de Kruchov, a Conferência tomou um curso «tranquilo», de acordo com a táctica e o objectivo dos dirigentes soviéticos e conforme o princípio de «tirar as castanhas do fogo sem queimar as mãos». Assim, nos três primeiros dias da Conferência usaram da palavra 18 representantes de diversos partidos, entre os quais representantes dos partidos da Bulgária, Hungria, Canadá, Grécia, Argentina, Iraque e União Sul-Africana que, apoiando a posição da delegação soviética acerca de todas as questões levantadas no discurso de Kruchov e tecendo-lhe elogios, criticavam camufladamente os justos pontos de vista do Partido Comunista da China. Seguindo o exemplo de Kruchov, todos eles fincaram pé em que se mantivessem intocáveis na Declaração os pontos com os quais a delegação da China, a nossa delegação e as delegações de alguns outros partidos se tinham manifestado em oposição desde a reunião de Outubro da Comissão. Como se sabe, tratava-se da apreciação do XX e do XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, da questão do «culto da personalidade», do problema das «fracções» e da questão do «comunismo nacional».

Foi assim que a Conferência começou os seus trabalhos, cuja primeira fase de desenvolvimento teve essa aparência «tranquila». Mas, se formalmente a aparência era tranquila, no essencial o clima era pesado, pois algo remoía todos por dentro: todos levavam um peso nas suas consciências, do qual só poderiam livrar-se se o atirassem para fora. Todos se preocupavam

com a questão da unidade, mas o caminho tomado pela Conferência não levava à unidade. Era um caminho que encobria as contradições, mas não acabava com elas. Portanto, mais cedo ou mais tarde teriam de vir à tona e explodir. E quanto mais tarde isso acontecesse, tanto pior seria para os destinos do nosso movimento. O marxismo-leninismo ensina-nos a encarar a verdade de frente e não ter medo dela, por mais amarga que seja. As contradições existiam e, por conseguinte, deviam ser discutidas com audácia para que se descobrisse quem estava certo e quem estava errado. Isto teria de ser feito através da crítica e da autocrítica e por meio de consultas e debates francos e amistosos para que, depois, limpos das impurezas e vinculados por uma verdadeira unidade marxista-leninista, pudéssemos marchar adiante, em direcção a novas vitórias. Era assim que nós e os camaradas chineses concebíamos o desenvolvimento da Conferência de Moscovo dos representantes dos partidos comunistas e operários.

Desta maneira, era indispensável modificar o espírito dos trabalhos e dos debates, pondo fim à fase de «tranquilidade» relativa da Conferência, que interessava aos dirigentes soviéticos, mas não contribuía para o verdadeiro fortalecimento da nossa unidade. E o espírito dos trabalhos da reunião modificou-se com o discurso do delegado chinês e com o discurso por mim pronunciado em nome da delegação do Partido do Trabalho da Albânia. Então, a Conferência entrou na sua segunda fase, que se caracterizou pela discussão aberta das divergências existentes no movimento comunista e operário internacional em tomo das questões fundamentais. Esta discussão obrigou os representantes de cada partido a assumirem uma posição acerca das grandes questões expostas, fazendo com que os verdadeiros pontos de vista de cada partido aparecessem mais Claramente.

O discurso da delegação do PC da China possuía um elevado conteúdo ideológico. Baseado nos princípios e muito bem argumentado, desmascarava as concepções incorrectas, as deformações e os desvios dos dirigentes soviéticos nas ques-

tões fundamentais da estratégia e da táctica do movimento comunista internacional. Logo no início do seu discurso, o delegado do PC da China desmascarou os métodos dos dirigentes soviéticos e o seu propósito de não levantar as questões na Conferência. Ele qualificou a carta de 125 páginas de 5 de Novembro, que estava repleta de ferozes ataques contra o Partido Comunista da China, e o seu dirigente, o camarada Mao Tsé-tung, como sendo, de facto, o discurso principal do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. A única diferença está no facto de que o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética — aproveitando-se das condições que lhe eram favoráveis, já que a Conferência se realizava em Moscovo — distribuiu aquele discurso à margem da Conferência, pronunciando um outro na reunião propriamente dita.

A delegação chinesa atirou por terra a deformação feita à posição do Comité Central do Partido Comunista da China no respeitante ao conteúdo fundamental da época actual. Salientou que o PC da China nunca caracterizou a época actual como época do imperialismo, da guerra e da revolução, mas sim como a época das revoluções, da derrocada do imperialismo e do triunfo do socialismo e do comunismo. Foi o chefe da delegação soviética que fez tal calúnia pela primeira vez, na Reunião de Bucareste, juntamente com outras deformações da posição chinesa, como a de que ela sobrestimaria a força do imperialismo e subestimaria a nossa força. Falando sobre o conteúdo da época actual, a delegação chinesa manifestou-se contra a substituição da actividade das massas pela dos dirigentes estatais na luta pela paz, explicou o significado das expressões «o vento do Leste predomina sobre o vento do Oeste» e «o imperialismo é um tigre de papel» e ressaltou a necessidade da educação das massas no espírito de firme determinação em lutar contra o inimigo de classe.

Falando sobre o problema da guerra e da paz e a questão da coexistência pacífica, o delegado do Partido Comunista da China mostrou qual é a fonte das guerras e rechaçou a falsa acusação de que o Partido Comunista da China quer a guerra,

é favorável à guerra fria e procura instaurar o socialismo em todo o mundo através da guerra. Isto — disse ele — é o mesmo que dizer que o perigo de guerra deriva da China e não do imperialismo. O delegado chinês disse que devemos falar das duas possibilidades, a de se evitar a guerra e a de eclosão da guerra, sendo necessário que nos preparemos cuidadosamente para cada uma delas. Disse ele: «A sobrestimação da força dos povos e a subestimação da força do inimigo representam uma tendência que pode conduzir a erros sectários e aventureiristas de esquerda se não for combatida. A sobrestimação da força do inimigo e a subestimação da força dos povos constitui uma outra tendência que pode redundar em erros revisionistas e oportunistas de direita se não for combatida. É necessário lutar contra estas duas tendências.» E destacou ele: «Nós consideramos que, nas condições actuais, o principal perigo nas fileiras do movimento comunista internacional é representado pela segunda tendência e não pela primeira.»

Exigiu que a frase «só haverá a certeza de que nunca mais ocorrerão guerras quando o socialimo houver triunfado pelo menos nos principais países do mundo» fosse incluída no projecto de declaração. Depois, explicou a diferença existente entre a possibilidade de evitar a guerra mundial e a exclusão de qualquer tipo de guerra. Salientou que os povos oprimidos se levantarão inevitavelmente em luta contra os governos reaccionários e que devemos apoiar essas lutas. O representante do PC da China mostrou ainda que a política da União Soviética no respeitante às negociações conta com o apoio da República Popular da China, mas que não se devem basear todas as esperanças ou a maior parte das esperanças nas negociações, pois tudo depende da luta activa das massas de todo o mundo pela paz.

O delegado chinês acentuou que o revisionismo é o principal perigo para o movimento comunista internacional, dizendo que nunca aconteceu que o revisionismo se tivesse desenvolvido devido ao facto de ter-se lutado contra ele, como

pretendem os dirigentes soviéticos. Solicitou que fosse melhor completado o capítulo do projecto de declaração que falava desta questão. Depois de dizer que também existem tendências dogmáticas que podem transformar-se em perigo principal em determinadas ocasiões, ressaltou que o dogmatismo não se manifesta no Partido Comunista da China, e muito menos nas questões acerca das quais ele é caluniado.

O delegado chinês dedicou particular atenção às relações entre os partidos comunistas e operários irmãos, acentuando com força os princípios da igualdade, da independência dos diversos partidos e do internacionalismo proletário e dando especial importância ao princípio das consultas entre os partidos para a obtenção da unanimidade. Ressaltou ainda que a crítica é uma base sadia para a unidade entre os partidos. E refutou a acusação de que o Comité Central do Partido Comunista da China teria por objectivo lançar por terra todos os feitos do Partido Comunista da União Soviética. Depois de afirmar ser errado pensar que a crítica deteriora a unidade, disse que, se a crítica foi feita num tom áspero, a culpa não cabe ao Comité Central do Partido Comunista da China. Ressaltou também que o princípio da submissão da minoria à maioria não deve e não pode ser aplicado às relações entre os partidos, pois trata-se de um princípio aplicável internamente em cada partido, mas não em reuniões internacionais, nas quais cada partido mantém a sua própria independência.

O delegado do Partido Comunista da China criticou a Reunião de Bucareste por ter violado os princípios marxistas-leninistas, destacou os aspectos positivos e negativos do XX e do XXI Congressos do PCUS, criticou a atitude do Comité Central do PCUS em relação ao Partido do Trabalho da Albânia e rechaçou a proposta de que a Declaração condenasse a «actividade fraccionista», a qual se dirigia contra o Partido Comunista da China. Finalmente, deteve-se detalhadamente nas divergências entre o Comité Central do Partido Comunista da China e o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Depois de fazer um historial das divergências e mostrar como

o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética as estava a alargar ao domínio das relações estatais, o delegado chinês afirmou que as divergências se agravaram em virtude da violação do princípio da igualdade entre os partidos por parte dos dirigentes soviéticos e pelo facto da Declaração de Moscovo não ter sido respeitada.

Não é necessário determo-nos aqui no discurso da nossa delegação, porque o Comité Central tem conhecimento do seu conteúdo. Mas podemos dizer que foi ouvido com grande atenção pelos presentes e que ninguém — nem mesmo o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética na sua declaração escrita do 1.º de Dezembro — conseguiu derrubar, com argumentos convincentes, uma única das nossas teses, indepedentemente dos ataques que nos foram feitos depois do discurso, sobre os quais falarei mais adiante. Pelo contrário, muitas delegações de partidos irmãos saudaram o carácter de princípios do nosso discurso, bem como a correcta análise das questões e a corajosa crítica aos dirigentes soviéticos nele contidos.

Como já disse, depois dos nossos dois discursos, a Conferência tomou um outro caminho. E esta fase da reunião também pode ser dividida em duas partes. Nos dois ou três dias posteriores aos nossos discursos, predominaram as intervenções de representantes de partidos comunistas e operários que defendiam as teses dos dirigentes soviéticos e, consequentemente, atacavam o Partido Comunista da China e o nosso Partido do Trabalho. Mas nos dois ou três últimos dias da Conferência, predominaram os discursos das delegações dos partidos comunistas e operários que defendiam as justas posições marxistas-leninistas e, consequentemente, possuíam os mesmos pontos de vista que nós e os camaradas chineses. Porque sucedeu isto? Pelo facto de, também neste aspecto, os dirigentes soviéticos terem tido um procedimento incorrecto: querendo criar a impressão de que todo o movimento comunista estava contra nós, foram dando a palavra, uma por uma, às delegações que eles estavam seguros de que defenderiam o ponto de vista do

Partido Comunista da União Soviética, ao mesmo tempo que negavam a palavra às demais delegações. A delegação indonésia, por exemplo, teve a sua intervenção adiada por três dias seguidos. Mas, com a protelação das intervenções, os últimos discursos a serem pronunciados foram precisamente os dos partidos que defendiam uma justa posição marxista-leninista.

O que há de característico nos discursos da segunda fase da Conferência? *Em primeiro lugar,* os ataques contra o Partido Comunista da China e particularmente contra nós eram organizados (ao ponto de estarem devidamente abastecidos com citações de documentos do nosso Partido aos quais só o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética tinha acesso) e careciam de argumentos, que foram substituídos por ofensas. *Em segundo lugar,* no início, depois do discurso do delegado chinês, os ataques dirigiram-se apenas contra o Partido Comunista da China; em seguida, após o nosso discurso, os ataques voltaram-se sobretudo contra o nosso Partido; e, no final, particularmente durante a segunda volta das discussões, as críticas concentraram-se ao mesmo tempo sobre os nossos dois partidos, o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia. E, em *terceiro lugar,* as intervenções eram tendenciosas, condenando tudo o que era chinês ou albanês, mas deixando no silêncio — ou seja, apoiando — até mesmo as manifestações mais extremas do oportunismo de direita, que tentou aproveitar-se da situação para lançar as suas ideias.

Um exemplo desta última característica foi o discurso do representante do Partido Comunista Sueco, Hagberg, que mais parecia um discurso de um social-democrata do que de um comunista. Ele apresentou as seguintes teses oportunistas:

1 — Disse que o Partido Comunista Sueco obteve êxitos na colaboração com o partido social-democrata precisamente devido ao facto de ser favorável a uma ampla colaboração com todos os sociais-democratas e falar do que os une e não do que os separa. Declarou que a direcção do Partido Comunista Sueco é contra a criação de uma ala esquerda no partido social-demo-

crata, na medida em que os comunistas devem colaborar com todos os destacamentos da classe operária.

2 — Defendeu os revisionistas jugoslavos, criticou os que falam contra eles numa linguagem áspera e declarou que o essencial para nós é isolar o inimigo principal e não a Liga dos Comunistas Jusgoslavos. Disse ainda que não se deve manter para com os dirigentes jugoslavos uma atitude mais dura do que a observada em relação ao chefetes sociais-democratas, pois isto fere os sentimentos nacionais do povo jugoslavo. E acrescentou que nós não devemos agravar as relações com a direcção jugoslava, a fim de tê-la como companheira de viagem, mesmo temporária e insegura, na luta comum pela paz, e assim por diante.

3 — Declarou que «o termo 'ditadura do proletariado' não deve figurar no documento a ser emitido pela Conferência, pois só pode causar prejuízos. O termo 'ditadura do proletariado' é uma velha expressão do século XIX, que já se tomou arcaica e que atemoriza as massas. Apesar de compreendermos o conteúdo deste termo, nós, comunistas, não o empregamos, pelo facto de que, tanto do ponto de vista lógico como do filológico, 'ditadura' significa o contrário de democracia, a sua negação. Os operários suecos consideram uma ofensa que se lhes fale de 'ditadura do proletariado', expressão que não consta do programa do Partido Comunista Sueco. E, quando falamos aos operários sobre o poder socialista, ressaltamos sempre tratar-se do poder mais democrático», e assim por diante.

Da mesma forma, os representantes do Partido Comunista dos Estados Unidos e do Partido Comunista da Grã-Bretanha, sob diversos pretextos, também solicitaram que a formulação sobre a ditadura do proletariado fosse retirada do projecto de declaração. O representante do Partido Comunista dos Estados Unidos solicitou ainda que a frase «no caso dos imperialistas desvairados desencadearem a guerra, então os povos varrerão com o capitalismo e sepultá-lo-ão» fosse retirada do projecto de declaração. Também o delegado do Partido Comunista Italiano declarou no seu discurso que nenhum operário

concordaria em pagar com sangue o triunfo do socialismo, ou seja, que eles seriam favoráveis à «paz a qualquer custo». Além disso, o representante do Partido Comunista Italiano propôs a reformulação do texto do projecto de declaração que tratava do revisionismo jugoslavo, apresentando um enunciado que excluia as teses de que os revisionistas jugoslavos trairam o marxismo-leninismo e realizam actividades de sapa contra o campo socialista e o movimento comunista internacional.

Não obstante, nenhum dos delegados à Conferência — incluindo aqui também a delegação soviética — se levantou para contestar estas teses antimarxistas e abertamente revisionistas, a não ser a delegação do Partido Comunista da China, a nossa delegação e as delegações de alguns outros partidos que se mantinham em posições marxistas-leninistas, que combateram e rechaçaram estes pontos de vista incorrectos e oportunistas na Comissão de Redacção.

Sobre a atitude de algumas delegações diante do discurso da nossa delegação

Logo após o discurso pronunciado na Conferência pela nossa delegação, os representantes de alguns partidos comunistas e operários desencadearam duros ataques, repletos de epítetos injuriosos, contra o Partido do Trabalho da Albânia. Desconsiderando ou desconhecendo os factos, classificaram de calúnias todas as críticas que o nosso discurso dirigira aos dirigentes do Partido Comunista da União Soviética.

O ataque foi lançado por Dolores Ibarruri, que disse, entre outras coisas: «Hoje pela manhã escutei o mais vergonhoso discurso por mim ouvido em muitos anos de movimento comunista. Desde o tempo de Trotsky que não ouvíamos um discurso como esse. Trata-se de um discurso provocador. Como se pode falar com tais falsificações contra a União Soviética (...)! Nós protestamos contra as calúnias feitas a Kruchov. E confiamos em que todo o movimento condenará o vosso discurso (...)», e assim por diante.

Gomulka falou contra o nosso discurso e o nosso Partido com epítetos ainda mais insultuosos. Ele classificou o discurso de «ataque irresponsável contra o Partido Comunista da União Soviética» e de «acto de vagabundos, que nenhuma pessoa com senso de responsabilidade poderia permitir-se». E, mais adiante, disse ainda Gomulka: «Se há quem não acredite no fraccionismos dos chineses, que veja então o dos albaneses (...).»

Atacando o discurso da nossa delegação, Longo e os representantes de alguns outros partidos declararam que «ele soa como ofensa e humilhação, não só para o Partido Comunista da União Soviética, mas também para todo o movimento comunista internacional».

O representante do Partido Comunista do Marrocos, Ali Yata, também empreendeu infâmes ataques contra a direcção do nosso Partido.

Gheorghiu Dej manifestou-se da seguinte maneira contra o nosso discurso: «Ouvimos com indignação o discurso do primeiro secretário do Partido do Trabalho da Albânia. Nós contivemo-nos, pondo à prova a nossa paciência, pois parecia que desta tribuna falava a 'A Voz da América' ou a 'Europa Livre'. Nenhuma diferença em relação aos revisionistas jugoslavos. Com a sua política aventureira, os albaneses criam situações difíceis nos Balcãs (...). A nossa Conferência deve condenar firmemente o discurso e o acto divisionista do delegado albanês.»

As delegações de alguns partidos que já se tinham pronunciado antes de eu falar não tardaram em fazer declarações por escrito, condenando o discurso da delegação do nosso Partido e a sua direcção. Foi o que fizeram, entre outras, as delegações do Partido Comunista Búlgaro, do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista da Checoslováquia.

Dizia, entre outras coisas, a declaração distribuída pela delegação do Partido Comunista Búlgaro: «(...) O que os representantes do Partido do Trabalho da Albânia fizeram constitui-se numa negra ingratidão e cinismo. Eles pagam a ajuda fraternal que receberam com as mais infâmes falsificações e calúnias contra o Partido Comunista da União Soviética e a

própria União Soviética. Os revisionistas de Belgrado não têm razão para estarem descontentes com a luta dos dirigentes do Partido do Trabalho da Albânia contra eles. O único resultado dessa 'luta' é que eles são melhor cotados no mercado norte-americano, obtendo empréstimos e ajudas mais generosas dos Estados Unidos.»

Também a declaração da delegação do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia sobre o discurso da delegação do Partido do Trabalho da Albânia dizia, entre outras coisas: «Que objectivos prosseguem as monstruosas calúnias da delegação albanesa, que se permite considerar o Partido Comunista da União Soviética quase como responsável pela contra-revolução húngara? Indignação ainda maior é despertada pelas palavras de hoje da delegação albanesa, que acusa duramente a União Soviética de empregar métodos quase coloniais e de chauvinismo de grande Estado. Estes insultos só podem alimentar a propaganda burguesa e revisionista sobre os chamados colonialismo e hegemonismo soviéticos», e assim por diante.

Grande parte das delegações que falaram depois de nós, referindo-se ao nosso discurso, limitaram-se a pronunciar uma ou outra frase, como «este não era o lugar para levantar tais discussões», «os discursos dos camaradas chineses e albaneses não eram adequados, foram prejudiciais e continham calúnias contra o Partido Comunista da União Soviética» e «estamos de acordo com a apreciação dos oradores precedentes sobre o discurso do delegado albanês», só para dar alguns exemplos.

Em geral, as posições das diversas delegações em relação aos pontos de vista expressos no nosso discurso podem ser divididas em três grupos.

a) No primeiro grupo entram os partidos que nos defenderam abertamente, apoiaram as nossas teses sem nos mencionar ou apenas disseram uma ou outra palavra contra o nosso discurso, só para constar. Neste grupo, deve-se mencionar em primeiro lugar a delegação chinesa, que defendeu decididamente o nosso Partido. Além dela, inúmeras delegações de partidos comunistas e operários da Ásia colocaram-se aberta-

mente em defesa do nosso Partido. E algumas delas, como as da Birmânia, Malásia e Indonésia, criticaram os métodos não--comunistas de se recorrer a insultos contra os partidos que falam com franqueza e coragem. Também algumas outras delegações não se pronunciaram abertamente, mas disseram-nos em particular estarem de acordo connosco.

b) O segundo grupo é constituído pelas delegações que falaram contra nós mas, como já dissemos, utilizando termos muito ponderados, na base do «discurso inadequado» e assim por diante. Entram neste grupo a maioria dos países da América Latina, os países escandinavos e algumas delegações de África, entre outras.

c) O terceiro grupo é representado pelas delegações que falaram contra nós com grande ardor e que defenderam incondicionalmente as posições dos dirigentes soviéticos. Mas há algumas nuances entre elas:

— Os mais agressivos foram Gomulka, Ibarruri, Ali Yata, do Marrocos, Jivkov e os checos (ambos fizeram declarações por escrito), Dej, Longo, da Itália, e outros, que utilizaram contra nós as palavras mais ultrajantes.

— Os menos agressivos, como os franceses (que fizeram declaração por escrito), os tunisianos e outros, que falaram contra nós sem utilizar os termos já citados, mais sim na base do «discurso vergonhoso», «discurso intolerável e inaceitável», «discurso que visa desacreditar a União Soviética» e assim por diante.

— E, finalmente, os moderados, onde se podem incluir os húngaros, que foram muito ponderados na sua declaração por escrito.

Os duros ataques contra a delegação chinesa e a nossa delegação não foram nenhuma surpresa para nós. Eles constituiram-se numa explosão organizada de paixões à margem dos princípios e num esforço inútil para sufocar as nossas concepções e críticas de princípios por meio de ataques reles e palavras insultuosas, bem como para, com a ajuda de frases sentimentalistas, desviar a discussão de princípios das questões levan-

tadas. Mas não alcançaram esses objectivos de maneira nenhuma. De facto, a maioria das delegações começou a vacilar. E à medida que arrefeciam os ânimos e a lógica predominava sobre os sentimentos, mais objectivamente uma série de delegações começava a julgar os justos pontos de vista marxistas-leninistas de princípios defendidos pela delegação chinesa, pela delegação do nosso Partido e por outras delegações. E isto manifesta-se claramente na mudança da correlação de forças e na conclusão dos trabalhos da Conferência.

Como já dissemos no início deste informe, além da delegação chinesa e da nossa delegação, representantes de inúmeros outros partidos também se mantiveram em firmes posições marxistas-leninistas na Conferência de Novembro. Todos eles se manifestaram em prol da unidade do movimento comunista, reconhecendo abertamente que, sem a China e o seu partido comunista, não se pode falar de unidade, nem no movimento comunista, nem no campo socialista. Esta posição entrou em contraste aberto com as propostas e teses dos soviéticos e os seus ardorosos partidários no sentido de condenar o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia como fraccionistas, entre outras coisas.

No fim da sessão plenária da Conferência, depois das intervenções de 79 representantes dos diversos partidos, N. S. Kruchov tomou a palavra pela segunda vez e, em seguida, falaram o representante chinês e outras 23 pessoas. Os discursos de Kruchov e dos seus partidários caracterizaram-se pela maior moderação, pois fiscalizaram melhor a sua linguagem e esforçaram-se mais em defender os seus pontos de vista do que em atacar.

O segundo discurso de Nikita Kruchov reflectia a situação criada na Conferência até àquele momento: por um lado, os discursos da delegação chinesa e da nossa delegação haviam-se constituído num golpe para os argumentos nos quais os dirigentes soviéticos baseavam as suas acusações contra o Partido Comunista da China; por outro, além dos partidos que, mesmo sem argumentos convincentes, apoiavam abertamente a posi-

ção dos dirigentes soviéticos contra o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia, existia também um grupo não pequeno de partidos que apoiava os nossos pontos de vista e ainda um grupo de centro, que se opunha à divisão.

Em função disto, o segundo discurso de Kruchov teve dois aspectos característicos.

a) Apesar de ser aparentemente mais duro do que o primeiro e de atacar directamente os camaradas chineses e nós, ele foi, na essência, um discurso defensivo. Defendendo-se das nossas críticas e das críticas dos camaradas chineses, Kruchov tentou justificar os pontos de vista da direcção soviética sobre uma série de questões: o problema da guerra e da paz, a atitude em relação ao imperialismo, a tese do XX Congresso sobre os caminhos de transição ao socialismo, a atitude em relação ao movimento de libertação nacional, a crítica ao «culto da personalidade de Staline», e assim por diante. Não ousando entrar no exame dos factos, lançou mão de uma frase genérica para dizer que o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética responderia a todas «as calúnias e ataques contra o Partido Comunista da União Soviética» com uma carta especial. Além disso, o segundo discurso de Kruchov já mostrava os primeiros sinais de recuo, ao afirmar que, diante do inimigo, a Conferência devia sem falta concluir-se com um documento conjunto e com a eliminação das divergências.

b) No seu segundo discurso, baseando-se no apoio da maioria, Kruchov continuou a exercer pressão para tentar condenar e subjugar o Partido Comunista da China. Para tanto, insistiu com força na tese de que as divergências seriam entre o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia, de um lado, e todos os partidos comunistas e operários, de outro; que a minoria deve submeter-se à maioria e respeitar a sua opinião; que é preciso condenar a «actividade fraccionista» no movimento comunista internacional, e assim por diante. Também prosseguiu os seus ataques contra os camaradas chineses, acusando-os de se recusarem a admitir os seus próprios erros porque estariam a pôr a sua dignidade acima dos inte-

resses do movimento comunista internacional, entre outras coisas. Atacou ainda, sem argumentos e com base em falsificações, a direcção do Partido do Trabalho da Albânia.

O segundo discurso de Nikita Kruchov mostrou que a direcção do Partido Comunista da União Soviética, chefiado por Kruchov, não abdicou dos seus pontos de vista e métodos errados nas relações entre os partidos irmãos.

Depois do discurso de Kruchov — e respondendo a ele — falou pela segunda vez o representante do PC da China. O seu discurso concentrou-se em duas questões essenciais. *Primeira:* a direcção do Partido Comunista da China defendeu ou violou a Declaração de Moscovo de 1957? *Segunda:* a posição da direcção do Partido Comunista da China visa defender a coesão do movimento comunista internacional ou coloca-a em perigo?

No que se refere à primeira questão, o delegado chinês acentuou que a direcção do Partido Comunista da China se manteve de maneira consequente nas posições da Declaração de Moscovo de 1957, defendendo-as com decisão. Rechaçou ainda uma vez as acusações de muitos oradores de que os camaradas chineses — e sobretudo nos artigos coligidos no folheto «Viva o leninismo» — ter-se-iam afastado da Declaração de 1957, bem como de que negariam a importância do sistema socialista mundial na arena internacional, rejeitariam o princípio da coexistência pacífica e seriam aventureiristas de esquerda e dogmáticos, entre outras coisas. Demonstrou que, pelo contrário, foram os dirigentes soviéticos e os dirigentes de alguns outros partidos irmãos que começaram a declarar como caducas algumas importantes teses do leninismo, a actuar de acordo com a suposição de que a natureza do imperialismo mudou, a difundir ilusões daninhas em torno das conferências de cúpula, e assim por diante. Os artigos reunidos no folheto «Viva o leninismo» dirigiam-se contra o imperialismo, contra o revisionismo e contra as nocivas ilusões que os dirigentes soviéticos criaram em tomo do imperialismo. Portanto, eram eles que se tinham afastado das posições da Declaração de Moscovo de 1957 e não os camaradas chineses e, por conseguinte, eles é que

deveriam ter consultado os demais partidos acerca desses pontos de vista que diferiam dos da Declaração e não os camaradas chineses acerca dos seus artigos, que representavam uma defesa das teses da referida Declaração.

Abordando a segunda questão, o delegado do Partido Comunista da China lançou por terra a acusação de muitos oradores de que o primeiro discurso da delegação chinesa teria posto em perigo a coesão do movimento comunista internacional, ressaltando que, pelo contrário, ele foi uma resposta à carta de 5 de Novembro do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, a qual, de facto, aprofundou as contradições. O delegado do PC da China também rechaçou firmemente as acusações que muitos oradores tinham feito ao Partido Comunista da China durante a Conferência, e que Kruchov havia retomado no seu segundo discurso, de que os camaradas chineses estavam a pôr a sua dignidade acima dos interesses do movimento comunista internacional.

Mostrou claramente ter-se criado uma situação doentia e intolerável, na qual toda a crítica à direcção do Partido Comunista da União Soviética é rotulada de «actividade fraccionista», enquanto se permite aos camaradas soviéticos decidir de tudo por si sós e sem qualquer consulta aos demais partidos, a quem cabe apenas seguir a seu reboque. Isto representa uma violação dos princípios da igualdade e das consultas nas relações entre os partidos irmãos. A propósito disto, o delegado chinês desmascarou a manobra de Kruchov que, visando justificar os seus actos arbitrários, disse no seu segundo discurso que a questão da condenação do «culto da personalidade de Staline» não poderia ter-se tomado objecto de discussão entre os partidos irmãos antes do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética sem que fosse auscultada anteriormente a opinião do partido, mas que, tomada a decisão pelo Congresso, ela não podia ser violada — o que, de facto, significa negar inteiramente a possibilidade de consultas entre os partidos irmãos.

O delegado chinês ressaltou com vigor que o princípio das consultas não implica absolutamente a imposição da vontade

da minoria sobre a maioria e que não foram os princípios da igualdade e das consultas que puseram em perigo a unidade do movimento comunista, mas precisamente o facto de que esses princípios estavam a ser violados. Ele manifestou-se firmemente contra a inclusão no projecto de teses como as da chamada «actividade fraccionista» no movimento comunista internacional e do suposto «comunismo nacional», entre outras, as quais se dirigiam contra o Partido Comunista da China. Ao mesmo tempo, acentuou que não se pode alcançar a unidade sobre tal base. Também se manifestou contra a tese da importância do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, cuja introdução no projecto constituiria uma imposição dos pontos de vista de um partido aos demais partidos. Finalmente, destacou que a luta comum de todos os partidos comunistas e operários representa uma ampla base para a superação de todas as divergências existentes.

O discurso do delegado chinês mostrou que o Partido Comunista da China se mantém decididamente nas suas justas posições marxistas-leninistas e que este é o único caminho correcto para se alcançar a unidade.

A nossa delegação decidiu não intervir pela segunda vez e, consequentemente, não pediu a palavra. Mas fizemos uma breve declaração por escrito, que foi distribuída a todas as delegações. A nossa declaração ressaltava que nos mantínhamos nas mesmas posições expressas no discurso e destacava que as críticas ultrajantes a nós dirigidas eram apressadas e não serviam para o fortalecimento da unidade do nosso movimento. A propósito disso, acentuávamos:

«O discurso do delegado do Partido Operário Unificado da Polónia, Vladislau Gomulka, foi exemplo típico disso. Foi tão longe nos seus indignos esforços para deformar a verdade sobre o Partido do Trabalho da Albânia, que chegou ao ponto de recorrer a epítetos, qualificações e insinuações absolutamente intoleráveis nas relações entre partidos marxistas e que só os imperialistas e os revisionistas jugoslavos estão acostumados a utilizar diariamente contra nós. O conteúdo e o tom

do discurso do delegado polaco revelam claramente que ele não se interessa nada pela eliminação das divergências entre os partidos e pelo fortalecimento da unidade do movimento comunista e operário mas que, pelo contrário, se esforça zelosamente por aprofundar as divergências, coisa que só interessa aos nossos inimigos. O seu objectivo era pôr a nossa Conferência num impasse e desacreditar o Partido do Trabalho da Albânia diante do movimento comunista e operário internacional. Mas este esforço para isolar o nosso Partido fracassou, como estará sempre destinada a fracassar vergonhosamente qualquer tentativa deste género.»

E prosseguia a declaração: «Rechaçamos todas as calúnias e provocações feitas nesta Conferência contra a nossa delegação, o nosso Partido e o nosso povo. O Partido do Trabalho da Albânia manifesta o seu pesar pelo facto de que, sem estudarem bem os factos reais e sem estarem absolutamente a par da verdade, alguns delegados de certos partidos irmãos se precipitaram, utilizando uma linguagem incorrecta e inamistosa em relação ao Partido do Trabalho da Albânia, quer em discursos, quer em declarações por escrito distribuídos nesta reunião. Apesar disso, o nosso Partido espera que esses camaradas reflictam mais profundamente e compreendam a verdade acerca do conteúdo do discurso da delegação do Partido do Trabalho da Albânia.»

Como se vê, não mencionámos nenhum outro nome além do de Gomulka e tão-pouco respondemos aos ataques pessoais para evitar que também nos afastássemos das posições de princípios. Esta nossa breve declaração foi bem recebida pelas delegações em geral e nenhum dos 23 oradores seguintes falou contra ela, nem o próprio Gomulka.

Desta maneira, chegou ao fim a primeira e mais importante parte da Conferência de Moscovo, iniciando os seus trabalhos a Comissão encarregada da redacção definitiva da Declaração. A Comissão reuniu-se durante 5 dias, travando-se lá uma dura e decidida luta por parte da delegação chinesa, da nossa delegação e pelas delegações que defendiam os nossos

pontos de vista. Os trabalhos da Comissão revelaram claramente a mudança da situação, evidenciando melhor não só a mudança na correlação de forças, mas também os resultados da decidida luta e da corajosa e inflexível posição sustentada na reunião plenária particularmente pela delegação chinesa e pela nossa delegação. Muitas delegações de partidos que se mantinham no centro consideravam com respeito as propostas feitas pelas nossas delegações.

Em conclusão, foram feitas algumas mudanças que melhoraram o projecto de declaração apresentado, enquanto eram rechaçadas todas as propostas que visavam tomar mais fraca a Declaração e dar-lhe um carácter oportunista, como sucedeu com a proposta dos italianos e com as propostas dos suecos, entre outras. A Comissão também rechaçou a tese do «comunismo nacional». No fim, porém, restaram quatro questões sem solução: a avaliação do XX e do XXI Congressos, a questão do culto da personalidade, o problema das fracções e a inclusão, na Declaração, do princípio da consulta para a obtenção da unidade, proposta pela delegação chinesa.

A Comissão suspendeu então os seus trabalhos por um dia para que os chefes das delegações realizassem consultas para encontrar uma saída. Todavia, as nossas delegações manifestaram a sua decisão de rejeitar a colocação, na Declaração, das três questões mencionadas. Através de algumas delegações de centro, tínhamos inclusivé dado a entender que não subscreveríamos a Declaração se aquelas questões fossem mantidas.

Somente na tarde do último dia é que se chegou à completa unanimidade, depois da delegação do Partido Comunista da União Soviética ter sido obrigada a retroceder, graças à nossa luta e à nossa firme posição. E, com efeito, as questões controversas foram resolvidas da seguinte maneira: a questão das fracções foi totalmente suprimida do texto; foi incluída na Declaração a proposta chinesa sobre as consultas; foi inteiramente retirada a apreciação sobre o XXI Congresso, ficando apenas a fórmula da Declaração de 1957 sobre o XX Congresso, mas com a incorporação de uma frase sobre a contribuição que

os demais partidos também dão ao enriquecimento do marxismo-leninismo; a formulação sobre o culto da personalidade ficou, mas não como fenómeno relativo a todo o movimento comunista internacional. Depois destas modificações, a Declaração foi aprovada unanimemente pelas delegações.

As questões fundamentais em tomo das quais havia pontos de vista diferentes estão expostas correctamente na Declaração, interpretadas de acordo com o ponto de vista marxista. A característica da época, os problemas da guerra e da paz, a questão da coexistência pacífica, os problemas do movimento de libertação nacional, do movimento comunista nos países capitalistas e da unidade do campo socialista e dos partidos comunistas estão tratados de forma correcta na Declaração. A única questão fundamental com a qual não estávamos de acordo, mas em torno da qual fomos obrigados a ceder no interesse da unidade, foi a menção ao XX Congresso.

Deve-se, porém, ter sempre uma coisa em vista: existe a possibilidade de cada um interpretar à sua maneira as teses da Declaração. Como se sabe, a Declaração de Moscovo de 1957 também era correcta. Não obstante isso, houve muitas divergências de interpretação. A Declaração pode ser deformada sem que as suas teses sejam revistas e substituídas por outras: basta acentuar unilateralmente as suas teses ou mencionar apenas um aspecto da questão, pondo de lado o outro aspecto. Desta maneira, por exemplo, na caracterização da nossa época, existe o perigo de evidenciar só a nossa força, sobrestimando-a; no problema da guerra, existe o perigo de não se revelar devidamente o perigo de guerra e não se desmascarar o imperialismo; existe o perigo de se empreender apenas a política de aliança com os sociais-democratas e a burguesia nacional, deixando de lado a luta e a crítica contra as suas concepções e práticas reaccionárias; existe o perigo de se ressaltar principalmente a via pacífica e não mencionar devidamente o caminho não-pacífico de transição ao socialismo; existe o perigo de se admitir com duas ou três palavras que o revisio-

nismo é o principal perigo, mas ressaltar-se muito mais a luta contra o dogmatismo e o sectarismo. E deformações como estas também podem ser feitas noutros problemas abrangidos pela Declaração.

É daí que nasce a questão: como será aplicada esta Declaração e será ela respeitada por todos? Só podemos dar uma resposta segura no que nos diz respeito. E o nosso Partido do Trabalho lutará com todas as suas forças para aplicar a Declaração aprovada e, ao mesmo tempo, sente-se no dever de lutar contra quem a violar ou tentar deformar o seu conteúdo. No que respeita aos outros partidos, nós prevemos que todos apliquem a Declaração aprovada, no interesse da unidade, em proveito da luta comum contra o imperialismo e o revisionismo e em benefício do campo socialista e do comunismo. A aplicação escrupulosa desta Declaração assinalará um passo decisivo para a eliminação de todas as divergências no seio do movimento comunista. Além disso, representará uma preciosa contribuição para a consolidação da unidade do movimento comunista internacional, factor indispensável para se alcançar a vitória sobre os inimigos. A própria Declaração e o seu conteúdo constituem uma base real sobre a qual se pode apoiar essa unidade.

Não podemos, porém, abster-nos de informar o Comité Central do Partido sobre algumas reservas que se observam desde já nos dirigentes soviéticos a propósito da aplicação da Declaração. As reservas que se manifestaram e que julgamos incorrectas podem ser vistas nalguns factos. Num discurso pronunciado no banquete oferecido em homenagem aos membros da Comissão preparatória que se reuniu em Outubro, o próprio Kruchov considerou a Declaração como um «documento de compromisso», ressaltando que «tais documentos, como se sabe, não têm vida longa». Mais tarde, no último banquete oferecido aos participantes da Conferência de Moscovo, em 2 de Dezembro de 1960 — isto é, depois de já assinada a Declaração — Nikita Kruchov, falando sobre a Jugoslávia, ressaltou não ser um país socialista, mas que a sua economia se desenvolve por uma

via socialista (!). E disse ainda que os dirigentes soviéticos não lutarão contra o revisionismo jugoslavo da mesma forma que os albaneses, pois têm em conta que, em caso de guerra, a Jugoslávia tem várias divisões, que eles não querem ter contra si.

Não é caso para comentar aqui o que se esconde por detrás destas declarações e qual é o seu objectivo. Quem viver, verá. Nós apenas constatamos estes factos, informando o Comité Central do Partido. Naturalmente, na nossa opinião, tais declarações não são optimistas. Fazem pensar que a direcção soviética não lutará como cada partido deve lutar, para honrar os compromissos derivantes da aprovação unânime da Declaração assinada.

V — AS TAREFAS DO PARTIDO PARA O FUTURO

A actividade da delegação do nosso Partido, a sua firme posição de princípios, o seu corajoso discurso e todo o seu trabalho na Conferência de Moscovo foram muito positivos, tendo dado bons resultados, como já disse. Devemos ressaltar que em consequência disso, se engrandeceu a personalidade do nosso Partido e aumentaram imensamente o carinho e o respeito pela sua audácia, pela sua posição de princípios e pela sua firmeza na defesa do marxismo-leninismo. Isto alegra-nos, mas não nos envaidece nem nos toma presunçosos. Nada mais fizemos do que cumprir o nosso dever em relação ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário, ao Partido e ao nosso povo.

Ao mesmo tempo, porém, levantam-se diante de nós alguns problemas novos, que devemos solucionar com a sabedoria que caracteriza o nosso Partido, bem como com serenidade e perspicácia. Devemos estar conscientes de que a nossa corajosa posição de princípios não agradou nem aos dirigentes soviéticos nem aos representantes de alguns partidos de países socialistas e capitalistas, o que se denota nos ataques que lançaram contra o nosso Partido. Por outro lado, o trabalho dos dirigentes soviéticos junto às diversas delegações — sobretudo depois

do nosso discurso — e as calúnias lançadas contra nós na Conferência tiveram o efeito de criar em muitas delegações a impressão de que atacámos a União Soviética e o seu partido comunista.

... ...

Sobre as relações com o Partido Comunista da China

Nos últimos tempos, tomaram-se ainda mais estreitos os nossos laços e mais fortes as nossas relações com os camaradas chineses. Isto explica-se pelo facto de que os nossos dois partidos seguem o mesmo caminho e visam o mesmo objectivo, pois a luta de princípios em defesa do marxismo-leninismo uniu-nos e ligou-nos ainda mais estreitamente. Em Moscovo alguns representantes de certos partidos, como Jivkov e outros, esforçaram-se por apresentar a questão como se o Partido do Trabalho da Albânia estivesse a actuar segundo instruções do Partido Comunista da China. É supérfluo ressaltar aqui que o nosso Partido tem o seu próprio pensamento, o seu próprio ponto de vista e a sua própria personalidade. Há muitos anos que vem lutando decididamente em defesa do marxismo-leninismo. Nessa luta, encontramo-nos ao lado dos camaradas chineses, que também combatem com coragem e firmeza em defesa dos nossos vitoriosos ideais. Foi nessa base — a luta pelo marxismo-leninismo — que os nossos dois partidos se ligaram e uniram fortemente.

Devemos dizer que defendemos os camaradas chineses na Reunião de Bucareste partindo das posições do marxismo-leninismo e que foi com base nas mesmas posições que também os defendemos na Conferência de Moscovo. Mas, por seu turno, os camaradas chineses também defenderam decididamente o nosso Partido e as suas posições de princípios na Conferência de Moscovo. Permitam-me apresentar-lhes aqui o que o delegado do PC da China disse sobre o nosso Partido nos seus dois discursos.

No primeiro discurso, entre outras coisas, disse que a posição assumida ultimamente pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética em relação ao Partido do Trabalho da Albânia havia suscitado neles uma grande inquietação. Depois de ressaltar que ninguém nega que a União Soviética tenha ajudado a Albânia, continuou: «Mas, poder-se-á considerar inteiramente insignificante a ajuda internacionalista do heróico e trabalhador povo albanês à União Soviética, a todo o campo socialista, ao movimento comunista internacional, à causa da paz no mundo inteiro e à revolução dos povos dos diversos países? No entanto, seja como for, não é por ter ajudado a Albânia que o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética pode arrogar-se o privilégio de intervir nos assuntos internos da Albânia nem, em virtude disso, os camaradas albaneses perderam o direito de resolver as suas questões internas de maneira independente.»

E prosseguiu: «Nos últimos tempos, os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética atacaram mais do que uma vez o Partido do Trabalho da Albânia diante de camaradas chineses, declarando que eles manterão em relação a esse partido marxista-leninista e à República Popular da Albânia a mesma posição que mantêm em relação à Jugoslávia e dizendo que querem punir o Partido do Trabalho da Albânia com a suspensão de qualquer tipo de ajuda. Isto pela simples razão de que os camaradas albaneses defendem os seus próprios pontos de vista acerca de uma série de questões e pelo motivo de não terem ido a reboque dos camaradas soviéticos nas acções dirigidas contra o Partido Comunista da China, sobretudo na Reunião de Bucareste e no período subsequente. O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, na carta enviada em 5 de Novembro ao Comité Central do Partido Comunista da China, dá mesmo o seu apoio declarado aos elementos antipartido da Albânia, considerando-os amigos da União Soviética. Esperamos que os camaradas soviéticos irão reflectir com calma sobre a sua atitude para com o Partido do Trabalho da Albânia, para ver se estão a guiar-se pelos

princípios do internacionalismo proletário ou por princípios patriarcais intoleráveis nas fileiras comunistas. Se se chegar ao ponto em que todos os partidos e países irmãos intervenham mutuamente nos assuntos internos uns dos outros e provoquem reciprocamente divisões nas fileiras de uns e outros, sem nada que os detenha, então surgirá a questão: o que será da nossa grande família comunista? Não há dúvida de que tais actos são inteiramente inconciliáveis com os interesses do campo socialista e do movimento comunista internacional (...).»

Também no segundo discurso, ele declarou: «A delegação do Partido Comunista da China considera bastante sérias as questões levantadas pelo camarada Enver Hoxha a propósito das relações entre os partidos e Estados da União Soviética e da Albânia, achando que merecem séria atenção e estudo por parte dos camaradas. Os camaradas podem até não aprovar este ou aquele ponto das suas observações críticas, mas devem basear-se apenas nos factos e evitar, sem um exame dos factos, considerar tudo o que foi dito como calúnias, como se as sérias divergências surgidas entre partidos e países irmãos pudessem ser resolvidas dessa maneira. O Partido Comunista da China deseja sinceramente que as divergências entre os partidos e Estados da União Soviética e da Albânia sejam solucionadas através de consultas amistosas e que continuem, no futuro, a manter as boas relações fraternais que criaram ao longo de tantos anos. Quem o exige são os interesses do campo socialista e do movimento comunista internacional. Alguns camaradas ofenderam a delegação do Partido do Trabalho da Albânia, numa atitude contrária ao espírito de igualdade entre os partidos irmãos. Espantou-nos o facto de que até mesmo o camarada Gomulka se permitiu empregar expressões ultrajantes no seu discurso, afirmando que o discursos dos camaradas albaneses era um «sujo ataque de vagabundos». Será que a Albânia não é um país socialista e que o Partido do Trabalho da Albânia não é um partido internacionalista e comunista? Será que os camaradas albaneses não travam uma luta decidida contra o imperialismo e o revisionismo jugoslavo? Se

formos pensar com calma, tendo em conta que a Albânia é um pequeno país do nosso campo socialista que se encontra cercado por inimigos, será difícil acreditar que os camaradas albaneses tratem os outros com desprezo. As expressões insultuosas dirigidas aos camaradas albaneses não contribuem nem para a coesão do movimento comunista internacional, nem para a melhoria das relações entre a União Soviética e a Albânia.»

E prosseguiu: «Alguns camaradas permitiram-se declarar que o discurso dos camaradas albaneses seria um suposto resultado da actividade fraccionista dos camaradas chineses, e chegaram mesmo a afirmar que isto teria representado uma distribuição de papéis' entre os camaradas albaneses e chineses. É-nos muito difícil compreender como é que estes camaradas podem fazer tais invenções. Se se considera como actividade fraccionista ou resultado de actividades fraccionistas o facto dos camaradas albaneses e chineses terem manifestado os mesmos pontos de vista sobre uma série de questões, então surge a pergunta: e como é que se pode considerar o facto de os camaradas de outros partidos irmãos também manifestarem os mesmos pontos de vista? Camaradas, um tal clima de irresponsabilidade e injustiça manifestou-se nas nossas fileiras, nas fileiras de partidos irmãos. Isto não pode deixar de suscitar uma séria inquietação (...).»

O nosso Partido do Trabalho está grato ao irmão Partido da China por esse apoio internacionalista e marxista-leninista. No futuro, o nosso Partido fortalecerá os seus laços e a sua amizade com o Partido Comunista da China e com o grande povo chinês, atendo-se sempre aos ensinamentos do marxismo-leninismo e à justa linha continuamente seguida pelo Comité Central do nosso Partido.

Sobre a discussão destas questões no Partido e no Congresso

Até agora, o Comité Central do Partido, através de uma carta especial, só colocou o conjunto do Partido a par das questões referentes à Reunião de Bucareste. Pensamos que, agora,

através de outra carta, também devemos informar as organizações do Partido sobre a Conferência de Moscovo e sobre as contradições existentes entre o nosso Partido e a direcção do Partido Comunista da União Soviética. Achamos que essa carta do Comité Central deve ser discutida nas conferências regionais do Partido (ou de activos) e, depois, nas organizações de base. Seria bom que todo este trabalho terminasse antes do Congresso, de maneira a que os delegados que participarem no Congresso já estejam previamente informados sobre estas questões.

As organizações do Partido devem cuidar para que a nossa gente, e em especial os comunistas, redobre ainda mais a vigilância política revolucionária e preste maior atenção aos problemas da produção e ao cumprimento dos planos económicos, tanto na indústria e na construção como nas minas, no comércio, na agricultura e assim por diante. Nas condições actuais, é preciso uma mobilização geral — e inclusivé uma decuplicação do entusiasmo e da disposição das massas — para enfrentar as dificuldades e obstáculos que nos esperam ([101]) e para que o Partido e o povo saiam de cabeça erguida desta situação.

([101]) As previsões do PTA foram comprovadas pelo tempo, pois a direcção soviética lançou-se num ataque aberto e geral contra o PTA e a RPA: rompeu unilateralmente todos os acordos vigentes; anulou todos os créditos que, por força de acordos, tinha que conceder à RPA no período 1961/1965; cortou todas as relações comerciais, técnicas, científicas e culturais com o nosso país; retirou ameaçadoramente todos os técnicos soviéticos que se encontravam na Albânia; diante dos olhos de todo o mundo, retirou os seus navios da base naval de Vlora e roubou oito submarinos e outros navios de guerra albaneses que se encontravam em Sebastopol para reparação; anulou as bolsas de estudo de todos os albaneses que estudavam na União Soviética e expulsou-os do país; e, finalmente, levou a cabo um acto ainda mais sem precedentes nas relações entre países socialistas, cortando as relações diplomáticas com o nosso país. Posteriormente, também organizou um bloqueio económico total contra a República Popular da Albânia.

Também no que se refere ao Congresso do Partido, pensamos ser melhor transferi-lo mais ou menos para o início de Fevereiro, a fim de termos tempo de apresentar ao Partido as questões de que falámos e também de nos prepararmos melhor para o Congresso.

Camaradas:

Eram estas questões que queríamos dar a conhecer à Sessão Plenária ([102]). O nosso Partido, como sempre, continuará a avançar, rumo a novas vitórias, sob a bandeira do marxismo-leninismo. E alcançaremos êxitos sempre maiores porque trilhamos um caminho justo e lutamos por uma nobre causa, não havendo portanto nenhum obstáculo e nenhuma dificuldade que possa entravar o nosso vitorioso ímpeto.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

Publica-se conforme o 19.º Volume, com algumas supressões.

([102]) A Sessão Plenária aprovou inteiramente, por unanimidade, a actividade da delegação do CC do PTA na Conferência de Moscovo.

O CAMINHO DO NOSSO PARTIDO SEMPRE FOI E CONTINUA A SER A COERENTE LUTA DE PRINCÍPIOS CONTRA O IMPERIALISMO E O REVISIONISMO

Discurso de encerramento na XXI Sessão Plenária do CC do PTA

20 de Dezembro de 1960

Tratarei de falar sinteticamente, pois as intervenções dos camaradas da Sessão Plenária sobre este problema tão relevante e decisivo para a defesa do marxismo-leninismo e da linha do nosso Partido estiveram à altura, complementando perfeitamente o informe aqui apresentado em nome do Bureau Político do Comité Central.

Antes do mais, quero acentuar que a nossa tomada de posição em Moscovo, onde apresentámos a linha do nosso Partido, não constitui apenas um mérito pessoal meu ou da nossa delegação, mas um mérito de todo o nosso Partido, particularmente da sua direcção, o Comité Central, que sempre soube guiar correctamente o Partido, analisar as situações segundo um prisma marxista-leninista, manter-se fiel à nossa gloriosa doutrina, aplicar rigorosamente todas as justas decisões tomadas e transmiti-las devidamente ao Partido, a fim de o armar poderosamente. É por esta razão que toda a linha geral do nosso Partido tem alcançado grandes êxitos. Assim, tenhamos claro que o mérito cabe ao Comité Central e a todo o nosso heróico Partido.

Os revisionistas podem imaginar e afirmar que o nosso Partido no seu conjunto não toleraria o seu Comité Central se tomasse conhecimento da posição assumida pela nossa delegação na Conferência internacional de Moscovo. Mas nenhum de nós alimenta qualquer sombra de dúvida sobre a férrea unidade existente no seio da nossa direcção e entre o conjunto do Partido, o Comité Central e o Bureau Político. É nesta unidade que reside a grande força do nosso Partido, possibilitando que ele também contribuisse para a defesa do marxismo-leninismo à escala internacional. Naturalmente, nada mais fizemos do que cumprir o nosso dever de Partido marxista e internacionalista. Partindo desta justa concepção de dever que caracteriza o nosso Partido, estamos convencidos e seguros de que, unidos como um só homem, saberemos dedicar todas as nossas forças à aplicação rigorosa do marxismo-leninismo, até ao fim, sem vacilações e em quaisquer circunstâncias.

Como os camaradas salientaram, temos diante de nós uma luta renhida e de grande envergadura. Todos nós estamos conscientes do embate que nos espera, mas que não nos atemoriza. E não o dizemos para encorajar, mas sim porque toda a vida do noso Partido já demonstrou e os acontecimentos dos últimos tempos comprovaram com particular vigor que a luta não nos faz tremer. Mantendo coerentes posições de princípios em defesa da sua justa linha—ou seja, do marxismo-leninismo— o nosso Partido não se detém nem diante das dificuldades actuais nem das vicissitudes que virão. As dificuldades e a luta não nos amedrontam — e esta é uma característica dos marxistas. Nunca fomos e jamais seremos pessimistas em relação ao futuro. Pelo contrário, manter-nos-emos optimistas, confiantes de que o marxismo triunfará sempre sobre o oportunismo, o revisionismo e o imperialismo.

Mas porque é difícil o combate que temos pela frente? Porque, ao dizer que nos defrontamos com o revisionismo contemporâneo, compreendemos não ter pela frente apenas o revisionismo jugoslavo, sobre o qual a Declaração de Moscovo afirma ser a expressão concentrada do revisionismo contempo-

râneo, mas também revisionistas ainda mais perigosos do que os jugoslavos. Para manter as aparências, todos admitiram isso, inclusivé os outros revisionistas, até mesmo Kruchov e companhia, eles próprios revisionistas. E fizeram-no para se camuflarem, aceitando o mal menor. Se não o fizessem, a coisa iria cheirar mal, deixando a descoberto precisamente o que eles procuravam esconder. Também no futuro continuarão a esforçar-se por esconder isso com toda a espécie de artimanhas.

Tais elementos propuseram que não se falasse sobre o revisionismo jugoslavo na Declaração e só aceitaram a inclusão desta questão depois de uma longa luta. Mas o revisionismo não se concentra apenas na Jugoslávia. Representa toda uma perigosa corrente no seio do movimento comunista internacional. E o seu perigo deriva sobretudo dos esforços dos oportunistas para tranquilizar as pessoas, divulgando a ideia de que o revisionismo só existe na Jugoslávia e tratando de limitar a questão a esses estreitos marcos. Assim, o revisionismo internacional provoca grande confusão. E, futuramente, causará uma confusão ainda maior, tratando de encobrir o sério perigo que ameaça o movimento comunista internacional e continuando a confundir os espíritos e a enganar mais gente. Diante deste perigo, um dos partidos marxistas-leninistas a quem cabe travar uma batalha renhida e consequente contra o revisionismo é o nosso Partido, que cumprirá a sua missão.

O facto é que não estamos sós nesta luta. Ao dizer aos representantes do Partido Comunista da China que «trataremos a Albânia da mesma forma que a Jugoslávia» ou que «os albaneses comportam-se connosco da mesma forma que Tito», Kruchov estava apenas a trocar as voltas, sem conseguir enganar ninguém. O inimigo de Kruchov não é Tito, mas sim nós. No entanto, os revisionistas jugoslavos estão condenados como traidores e renegados do marxismo-leninismo pelo movimento comunista internacional, contra os desejos de Kruchov. Então, não podendo defendê-los directamente, Kruchov e companhia tratam de atacar as posições

dos verdadeiros marxistas, metendo no mesmo saco os revisionistas e os «dogmáticos» — estes, na verdade, são os que defendem os princípios do marxismo-leninismo. Mas, como nos ensina o marxismo, Kruchov e os seus seguidores, seguindo esta via, ainda um belo dia cairão seguramente numa total reconciliação com os revisionistas jugoslavos.

Desta maneira, Kruchov diz que, se os albaneses não são revisionistas, são «dogmáticos», combatendo os soviéticos da mesma forma que os titistas — ou seja, ele e os seus partidários seriam marxistas, ao passo que nós seríamos a ala «esquerda» do marxismo. Assim, segundo ele, «nós, os marxistas, somos combatidos por igual, tanto por Tito à direita como pelos albaneses à esquerda». Mas não são os revisionistas os inimigos de Kruchov e de todo o seu grupo. A vida está a demonstrar que os seus inimigos são unicamente os marxistas. Como bem ressalta o Bureau Político, Kruchov e o seu grupo revisionista já possuíam um plano completo desde a sua subida ao poder: por um lado, negar o marxismo-leninismo, reabilitando todas as correntes e pessoas que tinham sido desmascaradas, golpeadas e desbaratadas como antimarxistas ou que haviam sido liquidadas pelo marxismo-leninismo em acção; por outro lado, renegar toda a luta da URSS e do PCUS contra os renegados do marxismo-leninismo, luta que se encarnava no Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética, dirigido por Lenine e Staline.

Daí derivava a necessidade de atacar Lenine e Staline. Mas os revisionistas não podiam atacar Lenine, o que os conduziria a uma grande catástrofe. Por isso, limitaram-se a Staline, cozinhando mil e uma coisas contra ele. Hoje, está ainda mais claro que estes intriguistas, mentirosos, oportunistas e revisionistas fazem tudo isto descaradamente, forjando todas estas infâmias no movimento comunista internacional e organizando vergonhosas conspirações de bastidores no seio dos partidos irmãos. Vendo estes baixos métodos utilizados pelos revisionistas, o nosso Partido está plenamente convencido de que também no respeitante a Staline foram urdi-

das tais acusações e calúnias monstruosas, a fim de desacreditar a sua pessoa e enlamear a sua obra de grande marxista-leninista. Foram os elementos revisionistas, carreiristas e não-marxistas que aceitaram essas maquinações na União Soviética, aprovando as teses de Kruchov e do seu grupo a propósito dos «erros de Staline» e outras coisas mais.

O Bureau Político ressalta também que a direcção soviética, capitaneada por Kruchov, esforçou-se por reabilitar a camarilha de Tito — e isto é um facto. Deixemos de parte as «nuances» e os ziguezagues, que não pôde evitar, na medida em que não estava em condições de mudar a situação da noite para o dia, pois houve sadias forças marxistas-leninistas dentro do partido que não permitiram que Kruchov marchasse com a rapidez que desejava naquele caminho, visando concretizar imediatamente os seus próprios planos, juntamente com o seu grupo. Mas é um facto que Kruchov fez tudo para reabilitar inteiramente todos os inimigos do marxismo-leninismo até então condenados na URSS. Chegou até a desenterrar acusações contra Staline, como a questão da justeza ou não da execução de Kamenev e Zinoviev, que haviam traído Lenine. Isto quando se sabe que, tenha ou não tenha a sua execução sido ordenada por Staline, esses traidores já estavam moralmente liquidados há muito, devido ao facto de terem traído a URSS e o comunismo. No entanto, Kruchov desenterra agora tudo isto para reabilitar essa gente. Mas teve necessidade de descobrir muitas outras ficções contra Staline, para também reabilitar os revisionistas jugoslavos.

Com isto, não nos passa sequer pela cabeça que possa haver modificações na linha de Kruchov e do seu grupo, pois ela em nada mudará no que respeita à política internacional e à defesa do revisionismo. Kruchov e o seu grupo estão no caminho revisionista e esta sua posição já teve e continuará a ter graves repercussões na arena internacional.

Kruchov e o seu bando, apesar disto, terão êxito nos seus planos? Estamos plenamente convencidos que não, apesar de sabermos que, pela nossa parte, defrontamos imensas dificul-

dades pelo caminho. Devemos ter bem presente a política de Kruchov e considerá-la com atenção, pois não se trata de um revisionista qualquer, mas de um refinado e hábil saltimbanco. Se analisarmos bem a sua actividade desde que chegou ao poder, veremos que ele sempre ocupou os pontos cruciais, utilizou-se das mais variadas formas para se camuflar e levou sempre adiante as suas perigosas manobras.

No início, com as suas acrobacias, Kruchov conseguiu criar uma situação que lhe permitiu evitar o aparecimento de discordâncias. E fê-lo agarrando-se a algumas palavras de ordem ligadas à vida política internacional ou ao desenvolvimento da economia e difundindo-as aos quatro ventos com grande alarido, a fim de adormecer por algum tempo os espíritos. Também seguiu esta táctica na URSS, prometendo uma suposta mudança até no nível de vida das massas, ao mesmo tempo que apregoava que, no tempo de Staline, a vida dos trabalhadores da URSS era um inferno. Agora, Kruchov aparece-nos como «promotor de uma vida nova, democrática e economicamente próspera». Depois, entre outras coisas, levantou ainda a questão da paz mundial, que iria «impor» aos imperialistas.

Esta política foi apregoada com grande alarde desde o início da sua carreira de dirigente, enquanto as suas directrizes não tinham dado frutos. Mas, apesar do amontoado de palavras, de concreto não apareceu nada, pois tudo tinha sido feito apenas para preparar o terreno e a situação a Kruchov, que continuou trilhando esta via. Esta orientação teve grandes repercussões na política internacional, entorpecendo a vigilância em relação ao perigo representado pelo imperialismo, o revisionismo e todas as outras correntes oportunistas que ameaçam o comunismo internacional.

Com as suas concepções e a sua política oportunista e revisionista, Kruchov estimulou e mobilizou todos os elementos revisionistas, tomando-se assim muito perigoso. Os revisionistas já existentes antes noutros países estavam encobertos não porque tivessem medo que Staline os fuzilasse, pois mesmo que quisesse fazê-lo — se fosse verdade o que Kruchov agora

diz — Staline não tinha forma de os descobrir na Bulgária, na Albânia ou em qualquer outra parte. Eles não vinham à superfície porque, naquela época, predominava em todos os partidos uma justa linha marxista-leninista, que impedia que o revisionismo levantasse a cabeça.

O revisionismo jugoslavo havia sido desmascarado e condenado pelo PCUS e por Staline, e todos os demais partidos acataram esta orientação. Mas, com a ascensão de Kruchov e companhia ao poder, todos os revisionistas viram que poderiam contar com um poderoso apoio, pois essa gente encontrava-se nada menos do que na direcção da URSS. É por isso que observamos agora que, nesse período, inúmeros elementos de correntes oportunistas e revisionistas levantaram a cabeça em muitos partidos marxistas-leninistas que mantinham posições coerentes, chegando até mesmo a colocarem-se na direcção de alguns deles.

Kruchov, porém, por um momento, imaginou que a sua linha seguiria adiante às mil maravilhas. E, com isso, perdeu os freios, quer nas medidas económicas e organizativas tomadas internamente na URSS, quer nas medidas relacionadas com a política internacional. Seguindo a sua linha oportunista e revisionista, dizia o que lhe vinha à cabeça e fazia consecutivas concessões ao imperialismo. O facto, entretanto, é que se pode ameaçar à vontade os imperialistas com palavreado, que continuam de cabeça fria e não deixam de fazer bem os seus cálculos, pois julgam não só com base nas declarações e tácticas, mas também com base nos recursos e forças dos adversários. Além disso, os imperialistas ainda contam com a ajuda dos revisionistas, que conhecem a realidade concreta dos nossos países.

Sendo assim, o imperialismo não fez nenhuma concessão desde que Nikita Kruchov e o seu grupo chegaram ao poder. Pelo contrário, armou-se ainda mais e está a preparar-se para a guerra. Temos plena razão em dizer que o campo socialista e as forças da paz são muito mais poderosas do que as forças do imperialismo. Mas as nossas forças podem debilitar-se se

relaxarmos a vigilância, não defendermos firmemente o marxismo-leninismo, não dissermos um «basta» a todas as acções dos revisionistas, não desmascararmos incessantemente o imperialismo e o revisionismo, não educarmos politicamente o povo e não o prepararmos para que esteja sempre pronto a enfrentar qualquer perigo eventual.

É evidente que os métodos utilizados por Kruchov e os seus ajudantes determinam um enfraquecimento da vigilância diante dos perigos que nos ameaçam. Por isso — como ressaltou o informe do Bureau Político — chegou a altura em que não se podia mais esperar nem prosseguir com tais métodos. As afirmações dos dirigentes soviéticos de que «foram vocês que começaram os ataques» e coisas do mesmo estilo não passam de fábulas para camuflar o caminho que estão a trilhar. A questão reside fundamentalmente no facto de que começaram a seguir uma linha oportunista, que tem vindo a avolumar-se continuamente desde que açambarcaram o poder.

O aspecto característico da argumentação com que os dirigentes soviéticos se defendem é que só se agarram a fórmulas do tipo «Fulano disse assim» e «Beltrano disse assado», as quais não valem nem um vintém. O que constatamos é que, desde a sua ascensão ao poder, vêm seguindo uma linha revisionista e procurando debilitar a luta contra o imperialismo, relaxar a vigilância dos povos e ajudar o revisionismo a controlar o movimento comunista internacional.

Todavia, foi dito um «alto lá» a tudo isto, fazendo perigar toda a linha oportunista capitaneada por Kruchov. Vendo o que acontecia, tentou desbaratar a resistência marxista-leninista à sua linha. Internamente na URSS, imaginou que podia destroçar essa resistência levantando a questão de Staline e condenando o «culto» à sua personalidade. Também no movimento comunista internacional, conjecturou existirem forças suficientes para dar um golpe decisivo ao ataque marxista-leninista contra a sua linha oportunista. Isto ficou claro na Reunião de Bucareste, onde os dirigentes soviéticos se esforçaram

por condenar e liquidar os obstáculos que se lhes opunham. Mas, como sabemos, não tiveram êxito.

O nosso Partido desempenhou um importante papel na Reunião de Bucareste, pois foi o único que se opôs ao que lá estava a ser feito. Foi daí que resultou a aberta hostilidade contra nós, hostilidade que até então se encontrava encoberta. Isto dá a medida da grande e grave perda que a posição do nosso Partido representou para eles.

Devemos estar plenamente conscientes de que a situação criada por Kruchov em inúmeros partidos da Europa que conseguiu ganhar para as suas posições, é uma situação apenas transitória. A base desta nossa confiança é a força do marxismo-leninismo. Entretanto, o facto é que criou temporariamente essa situação doentia, levando à direcção de alguns partidos, de uma ou outra maneira, elementos portadores de pontos de vista oportunistas e revisionistas. Foi nestas condições favoráveis criadas por Kruchov para seu proveito que, ao lado do grande Partido Comunista da China, um pequeno Partido também se levantou contra essa linha, compreendendo a sua perigosidade e declarando com firmeza: «Alto lá! Daqui ninguém passa, pois não compartilhamos do caminho seguido por vocês!»

Até ao momento, tendo em conta os interesses do movimento comunista internacional, temos sido tácticos. Mas agora, que Kruchov trata de atacar a parcela saudável do movimento comunista internacional para a obrigar a seguir a sua linha oportunista, nós dizemos-lhe «chega!». Isto, naturalmente, representa um grande golpe para ele e para os seus seguidores.

Mas a situação deles complicou-se ainda mais com a Conferência de Moscovo, cujos trabalhos não se desenvolveram como haviam previsto. A prova disso é a Declaração de Moscovo, que é um bom documento, aceite por todos. Naturalmente, se a situação fosse sadia, teria saído uma declaração mais ardente e combativa. Seja como for, o documento é aceitável, devendo ser compreendido correctamente, tal como é.

Agora, levanta-se a questão: será que essa gente, que subscreveu um documento destes, é capaz de mudar? Temos o dever

de dizer ao Comité Central que essa gente não modificará a sua linha. É isto o que se depreende das palavras pronunciadas por Kruchov e mencionadas no informe, as quais não devem ser esquecidas. Falando sobre a Declaração, ele disse tratar-se de «um documento de compromisso». E para Kruchov é efectivamente um compromisso, porque ele agora passa a uma nova fase da sua actuação. Mas a nossa táctica também entra agora numa nova fase.

Todos os partidos comunistas e operários marxistas-leninistas sempre alimentaram um ardente carinho e depositaram uma inabalável confiança na URSS, no PCUS e na direcção do PCUS, com Staline à frente. Tratava-se de uma confiança merecida, justa, marxista-leninista. Mas, chegando ao poder, o grupo Kruchov nunca sentiu todo aquele calor antes existente no coração dos comunistas da Albânia e de outros países. Nós continuávamos a conservar os mesmos sentimentos de carinho e confiança em relação à URSS e ao PCUS, como antes. Mas com uma diferença: baseando-nos nos acontecimentos em curso na URSS, constatávamos que o PCUS estava a cometer injustiças e a alterar a sua linha. Inicialmente, algumas coisas ainda estavam indefinidas, mas depois cristalizaram-se.

Mesmo nessa fase, preservámos o nosso carinho pela URSS. Mas já víamos e compreendíamos que a direcção do PCUS marchava para a direita, rumo ao caminho oportunista e revisionista. Nessas condições, adoptámos a táctica de silenciar em público, sobretudo no que se refere à opinião pública internacional. Foi uma táctica justa, e não uma atitude casual da nossa direcção. O seu objectivo era defender o marxismo-leninismo e a linha do nosso Partido.

E qual é a nossa linha? É a luta contra o revisionismo e contra qualquer corrente oportunista ou dogmática que golpeie ou tente destruir o marxismo-leninismo. É o desmascaramento ideológico e político do imperialismo, do revisionismo jugoslavo e de qualquer género de revisionismo. É o fortalecimento da vigilância, a preparação armada e a prontidão permanente face a qualquer perigo eventual. E é a amizade indissolúvel com

todos os partidos comunistas e operários e com todos os países do campo socialista, pouco nos importando se a nossa linha agrada ou não a Kruchov, Jivkov, Gomulka e outros. Ou seja, não fizemos concessões na nossa linha, nem política nem ideologicamente. Foram eles que fizeram concessões. Nós esforçámo-nos por defender firmemente a nossa linha e preservar o nosso carinho pelo PCUS e pela URSS. Mas não estávamos e continuamos a não estar de acordo com Kruchov e companhia. Isto compreenderam-no muito bem, e agora já sabem.

Por isto, entramos agora numa nova fase, inaugurada pela Reunião de Bucareste e pela Conferência de Moscovo, fase na qual a sua táctica assumiu e ainda assumirá novas formas. Mas a nossa táctica também não ficará imutável, já que se adequará ao curso dos acontecimentos. No entanto, continuaremos sempre a defender firmemente o marxismo-leninismo e a desmascarar todos os seus inimigos.

Depois da Reunião de Bucareste, sobretudo após a Conferência de Moscovo, ficaram grandemente abaladas as posições dessa gente, que já pensava ter vencido. Ninguém tem dúvidas sobre isto. Nikita Kruchov já não se encontra instalado no trono que tinha ocupado no movimento comunista internacional. Isto deve-se à luta de princípios contra ele travada pelo nosso Partido, pelo PC da China e por diversos outros partidos que se mantiveram em posições marxistas-leninistas. Estas posições revestem-se de grande importância histórica, pois constituíram-se num «alto lá» para Kruchov, abalando desde os fundamentos as posições que tinha conquistado em diversos partidos e que considerava intocáveis.

Mas devemos ter em vista que Kruchov tratará de manter no seu redil todos os que o seguiram na Reunião de Bucareste e na Conferência de Moscovo, pois trata-se de gente bastante comprometida. Os revisionistas soviéticos e os seus aduladores que se encontravam na Conferência de Moscovo estavam extremamente interessados em que nós não os criticássemos. Foi por isso que se esforçaram em atirar poeira aos nossos olhos, levando-nos com jeitinho, como fez Mikoian antes de falarmos

na Conferência, quando nos disse aproximadamente: «De acordo, nós também estamos com Staline e pela 'condenação' do revisionismo jugoslavo; o que é que vocês querem mais?»

Se examinarmos o problema do ponto de vista ideológico, poderemos persuadir-nos do que era mais importante: falarmos sobre as grandes questões de princípios do movimento comunista ou discutirmos sobre outra coisa qualquer, como as afirmações de Malinovsk, só para dar um exemplo. Naturalmente, a defesa das questões de princípios do movimento comunista era o que estava em primeiro lugar na ordem de importância. Mas o que os dirigentes soviéticos haviam feito connosco também os desacreditava grandemente. Por isso é que eles se esforçaram em fazer com que nós não mencionássemos tais factos no nosso discurso, pois uma coisa dessas desmascararia não só a linha oportunista, mas também os métodos ocultos, diabólicos e sujos que os revisionistas e a direcção soviética utilizaram contra nós e contra muitos outros. Eles agora cobriram com um véu estes métodos infectos, mas não conseguiram levá-los ao esquecimento, pois precisamente tais métodos é que conduziram a erros em muitas importantes questões do comunismo internacional.

Maurice Thorez, por exemplo, podia ter tido outras razões para assumir aquela posição contra nós na Conferência de Moscovo, apesar de ter estado inteiramente de acordo com o que o informei quando se encontrava de férias na Albânia. Mas o discurso do nosso Partido em Moscovo também o deixou com a pulga atrás da orelha, pois que, como dirigente e representante do PC Francês, tem uma grande responsabilidade por ter permitido que uma questão tão importante como a dos revisionistas jugoslavos, que haviam sido condenados pelo Cominform, fosse resolvida por N. Kruchov e pelos seus seguidores com um simples telegrama, e não de forma marxista-leninista.

Foram várias as razões pelas quais Gomulka se levantou na Conferência para exigir que a questão da Albânia fosse examinada pelo Tratado de Varsóvia. Mas fê-lo também pelo facto de que o representante do nosso Partido se opôs à sua política

e discordou das suas propostas na ONU. Esta questão tem grande importância, na medida em que, com as suas propostas, ele disse de facto aos imperialistas: «Preservem todas as inúmeras bases militares que instalaram por aí e guardem a bomba atómica para que nenhum outro a possua.» É fácil compreender que, segundo Gomulka, a China não deve possuir a bomba, o que corresponde aos interesses dos imperialistas. Assim, a posição da nossa delegação representou um duro golpe para a política aventureira e oportunista dos revisionistas, que visam levar o campo socialista ao abismo. E foi por isso que Gomulka sugeriu que a Albânia fosse excluída do Tratado de Varsóvia.

Desta maneira, a colocação destas grandes questões relacionadas com os destinos do socialismo revestia-se de transcendente importância. Pouco se teriam importado os soviéticos se revelássemos apenas o que Ivanov havia feito na Albânia, para dar só um exemplo. Eles ficaram de rastos precisamente com as questões que levantámos, pois desmascaravam a sua política. Mas, na medida em que colocámos ainda o problema da sua ingerência nos assuntos internos do nosso país e dos seus planos para dividir a nossa direcção, também demos uma boa estocada em Jivkov, pois é sabido de todos que foi com a intervenção de Kruchov que subiu ao poder na Bulgária.

Assim, o nosso discurso na Conferência de Moscovo atingiu duramente Kruchov, pois, desmascarando-o, criava-lhe sérios problemas. Isto fez com que os soviéticos se lançassem em ofensas sem princípios contra nós, já que se outros também aprofundassem essas questões, surgiriam grandes embaraços não só para os que nos injuriavam como também para os que orquestravam tais insultos.

É facto sabido que, após o XX Congresso do PCUS, houve mudanças nas direcções de muitos partidos comunistas e operários. E Kruchov compreendia que os partidos que continuavam com as mesmas direcções representavam um grande perigo para a sua linha, pois os seus esforços e pontos de vista não poderiam vingar nesses partidos. Assim, contra a sua vontade,

foi obrigado a sorrir para nós e continuar a manter relações amistosas com o nosso Partido, só para disfarçar. Mas viu que não conseguia alcançar o seu objectivo e tratou de preparar-se para tentar alcançá-lo posteriormente, não só em relação ao nosso Partido e ao PC da China como também a outros partidos. Vendo o perigo representado pelos partidos cujas direcções não tinha conseguido minar de modo algum, Kruchov tratou então de concretizar os seus planos por outras vias.

Para tanto, agiu inicialmente no sentido de fortalecer as suas próprias posições, fazer com que todos acreditassem que era o «Lenine da nossa época», acabar com qualquer dúvida em relação a ele e, paralelamente a tal actividade, preparar os quadros fiéis que sustentassem as suas posições. Viu que a Albânia fazia uma boa propaganda da URSS, e por isso alimentava esperanças de que viria o tempo em que nós também seguiríamos o seu caminho. Mas nada disso aconteceu.

Assim, o facto da direcção soviética ter subscrito a Declaração não significa que tenha mudado de rumo. Trata-se apenas de uma táctica, que não se sabe por quanto tempo se prolongará, mas que é perigosa. Teremos oportunidade de constatá-lo, pois acompanharemos de perto a aplicação dessa táctica e, além disso, a situação internacional tornar-se-á mais complicada, apesar da evolução pacífica apregoada por Kruchov e pelos seus seguidores. O que se vê em toda a parte são os povos em greves, insurreições e movimentos de libertação nacional e os imperialistas exercendo o terror. Isto lança por terra o tão difundido ponto de vista de Kruchov sobre a evolução pacífica dos acontecimentos.

Só a grande força do comunismo internacional, a força dos partidos que lutam coerentemente em defesa do marxismo-leninismo, é que poderá barrar o caminho dessa gente.

Devemo-nos manter optimistas. As questões ficarão mais claras à medida que os dias forem passando. O desenvolvimento da situação internacional seguramente comprovará as nossas teses. Mas temos uma longa luta pela frente. Não devemos de maneira nenhuma imaginar que eles deporão as armas; pelo

contrário, tratarão de manobrar de maneira mais brutal e, ao mesmo tempo, mais subtil. Mas as contradições da política por eles seguida em relação aos imperialistas revelar-se-ão cada vez mais claramente. Quem for marxista compreenderá, pois enquanto o imperialismo se prepara para a guerra, os revisionistas querem refreá-lo apenas com palavras. Com a sua política, deixam campo livre ao imperialismo que, por conseguinte, se torna um perigo cada vez maior para o campo socialista, para todo o mundo comunista e para a paz mundial.

A União Soviética teve a nossa confiança porque, juntamente com os países de democracia popular, nos ajudou nos momentos difíceis. Mas nunca adormecemos, baseando as nossas esperanças apenas na ajuda dos amigos. Kruchov sempre disse com grande demagogia: «Para que necessitam vocês de armas, se nós estamos aqui para vos defender?» Mas o que significa tudo isto que está a acontecer? Porque não nos reunimos uma única vez para discutir e examinar conjuntamente estes problemas de tão grande importância para os destinos do campo socialista e do comunismo internacional? Se não fazemos isto, qual o interesse de o nosso ministro da Defesa ter sido nomeado sub-comandante das forças conjuntas do Tratado de Varsóvia? Bem como os seus colegas da Polónia, da Checoslováquia e de outros países? O facto é que eles só têm tais cargos de fachada, pois ninguém convoca nenhum deles para discutir, pois todas as medidas tomadas em nome do campo socialista são decididas por Kruchov e companhia. «Tenham confiança em nós — diz Kruchov — pois estamos bem armados.» Todavia, o inimigo pode-nos atacar de surpresa e não temos armas para responder. «Atacamos nós, a partir da Sibéria», replica ele.

O facto, porém, é que, da maneira como estão a evoluir os acontecimentos, devemos realizar uma melhor preparação conjunta, pois é juntos que iremos à guerra e também é juntos que devemos decidir sobre as modalidades de defesa. Não queremos saber os segredos militares da URSS, mas o certo é que Kruchov continua a fazer altas maquinações estratégicas no

Kremlin, envolvendo todos os países do campo socialista, e não nos convoca uma única vez para nos dizer pelo menos que a URSS tem estes ou aqueles tipos de armas em locais seguros. Os representantes dos países do Tratado de Varsóvia não são convocados com periodicidade para controlar os armamentos, tomar medidas em conjunto e, desta forma, fazer com que os nossos exércitos se conheçam e irmanem. Só a gente de Kruchov sabe dessas coisas. Creio que os outros também têm discordâncias neste ponto, inclusivé Gomulka, que agora se cala, pois aliou-se a Kruchov a ponto de, face a uma crítica da nossa parte, exigir imediatamente a nossa exclusão do Tratado de Varsóvia e proferir outras ameaças.

Assim, em face da situação criada, não é nada fácil a luta que nos espera. Pelo contrário, será muito difícil. Mas devemos lutar com decisão e seguir a situação passo a passo, tendo bem claro quem é essa gente e o que ela quer. Se os dirigentes soviéticos voltarem ao bom caminho, mudaremos de atitude e marcharemos novamente ao seu lado, como antes. Mas não nos é permitido desleixarmo-nos. Depois de tudo o que está a acontecer, não teremos confiança cega em Kruchov, pois as concepções e práticas desse indivíduo são abertamente antimarxistas. Kruchov está a cometer um grande crime contra o povo soviético e o comunismo internacional.

Devemos encarar com seriedade as ameaças que nos foram feitas pelos dirigentes soviéticos. Se eles não nos excluírem do Tratado de Varsóvia, não retirarem o seu pessoal da base naval de Vlora e não nos cortarem os créditos é porque o seu ímpeto foi quebrado em Moscovo e também porque terão em conta as circunstâncias políticas internacionais, e não porque nos amem. As ameaças referentes à base naval não eram simples chantagens, mas expressão de toda uma linha, que não foi elaborada apenas por Kruchov.

Com que objectivo tomaram eles posição em relação a nós antes mesmo de manifestarmos o nosso ponto de vista? Porque já tinham discutido entre si. Foi a Reunião de Bucareste que deu o sinal. Mais tarde, apelaram-nos a seguir a sua via.

E, como nos recusámos, já tinham a sua posição pré-estabelecida. Se a sua marcha não tivesse sido travada na Conferência de Moscovo, tratariam de nos atrair para o seu caminho anti-marxista; em caso de insucesso, tentariam então derrubar-nos; e, se não o conseguissem, então assumiriam a posição que agora estão a ter.

Como não alcançaram de modo algum nem o primeiro nem o segundo objectivos, chegámos então à situação que sabemos. O plano deles em relação a nós era certamente diferente, mas de difícil concretização, pois ter-se-iam desmascarado diante do movimento comunista internacional, sobretudo aos olhos dos povos da União Soviética. Mas, apesar do fracasso do seu plano contra o nosso Partido, jamais se esquecerão da valorosa e justa posição marxista-leninista por ele assumida e conservarão planos de vingança, se não para hoje, pelo menos para amanhã. Nós, porém, não lhes daremos armas para que nos combatam: não cometeremos erros, não violaremos a linha e não dobraremos a espinha, mantendo-nos sempre vigilantes nas posições do marxismo-leninismo.

A posição marxista-leninista assumida por nós e pelo PC da China reveste-se de importância decisiva para a vida dos países socialistas, bem como para a paz e o socialismo em todo o mundo. O Partido Comunista da China mantém-se inabalavelmente firme no caminho marxista-leninista, transformando-se num grande e sério obstáculo para a direcção soviética. Uma das principais causas do recuo soviético na Conferência de Moscovo foi precisamente a justa posição de princípios do PC da China.

Consideramos que, se Kruchov e companhia não tivessem recuado, a situação ter-se-ia tornado calamitosa para eles e para todos os seus filhotes, pois os seus partidos não cometeriam tal crime contra o comunismo internacional. Mesmo que os seus partidos o aceitassem durante algum tempo, seguramente acabariam por concluir que eles são revisionistas e traidores, ao passo que a China e a Albânia estão no caminho marxista-leninista, lutam contra o revisionismo e constroem o socia-

lismo. Foi por isso que preferiram resignar-se à retirada, visando conquistar novas forças a partir destas posições recuadas. É por isto que pensamos que nos vamos defrontar com uma luta árdua e de grande responsabilidade, em defesa do socialismo na Albânia, da linha geral do nosso Partido e dos justos princípios da Declaração de Moscovo.

A grave situação criada no movimento comunista internacional e nas nossas relações com a direcção do PCUS e de alguns outros partidos coloca-nos diante de tarefas muito importantes, que devemos cumprir sempre com correcção, sabedoria e audácia marxista-leninista, como até hoje soubemos fazer.

Em primeiro lugar, devemos fortalecer cada vez mais a unidade do Partido. É férrea a nossa unidade, mas devemos trabalhar continuamente para forjá-la sempre mais, pois vivemos momentos de importantes viragens, nos quais há sempre gente que se deixa abalar. Assim, que o Partido se mantenha próximo não só de cada comunista, mas também de cada pessoa e das massas do povo em geral, a fim de que a unidade das fileiras partidárias e a unidade partido-povo se forjem em moldes marxistas-leninistas.

Somos de opinião que o Partido deve conhecer a actividade hostil e revisionista desses traidores, para poder ver quem é que deseja cavar o túmulo do nosso Partido e do comunismo internacional. Há documentos escritos sobre isso, mas também devemos realizar um trabalho de propaganda oral para esclarecer o Partido, travando uma renhida luta contra o revisionismo, não só do ponto de vista teórico, mas também do ponto de vista prático, com exemplos concretos. Os membros do Partido devem manter-se vigilantes, defender a linha partidária e preservar os elevados interesses do nosso povo, do Partido e do marxismo-leninismo.

Assim, é importante educar bem o Partido, inclusivé para que ele compreenda correctamente as tácticas que deveremos empregar nesta situação tão complexa. É indispensável que o nosso Partido utilize certas tácticas, com o objectivo, entre

outras coisas, de fazer com que o povo soviético e os demais povos dos países de democracia popular compreendam que estamos no caminho marxista-leninista e somos seus amigos, mas que nos opomos àqueles que são inimigos do marxismo-leninismo e dos seus próprios povos. Se as direcções desses países continuarem a agir contra nós, receberão a devida resposta. Mas esforçar-nos-emos por manter relações amistosas com todos os países socialistas, sem fazer concessões de princípios, sem deformar a nossa linha e mantendo sempre atitudes correctas, com base nos princípios do marxismo-leninismo.

Devemos ter em vista que teremos contactos com gente da União Soviética e dos países de democracia popular. A nossa atitude em relação a eles não mudará, mas seguramente as relações não serão como antes — embora os causadores disso não sejamos nós, mas eles próprios. Mikoian, por exemplo, disse-nos: «Agora, já não é necessário termos estreitas relações partidárias; basta termos relações comerciais.» Respondemos-lhe que não concordávamos com tal ponto de vista mas, se o desejavam, também estávamos prontos a encarar as nossas relações sob esse prisma.

Quando Ivanov ou Novikov se encontraram connosco, pusemo-los, de bom grado, ao corrente das questões sobre as quais desejavam informar-se. Não o fazíamos como se estivessemos a prestar-lhes contas, mas sim porque essa atitude derivava da íntima e incondicional amizade que tínhamos para com a União Soviética. Agora, que a situação se modificou — e exclusivamente por sua culpa — recebê-los-emos quando vierem de novo e perguntaremos o que desejam, mas só lhes diremos aquilo que julgarmos conveniente, e não tudo o que eles queiram.

Com os técnicos e outros especialistas soviéticos que trabalham nas nossas empresas, devemo-nos mostrar calorosos, amáveis e amistosos. É certo que também pode haver entre eles gente mal intencionada; e, mesmo que não haja, alguns receberão instruções para se tornarem malévolos. Por isso, também devemos mostrar-nos atentos e vigilantes, distinguindo bem entre os que são honrados e sinceros para connosco e os

que foram enviados para aplicar as instruções hostis de Kruchov e companhia. Devemos defender sempre a nossa linha marxista-leninista, contra quem quer que seja. Não tenhamos nenhum receio de responder quando eles, num caminho errado, atacarem o nosso Partido, a nossa direcção e a nossa unidade. Devemo-nos precaver contra as provocações, pois há gente que as faz; mas há também provocações às quais devemos responder imediatamente, assestando um merecido golpe nos seus forjadores.

Estejamos atentos e vigilantes para nos orientarmos correctamente em qualquer momento, com base na linha do Partido. É aqui que os comunistas devem mostrar a sua capacidade e astúcia. É fácil dizer a qualquer um «vá-se embora!» ou «não quero falar contigo!», mas esta atitude não seria nem política nem marxista. Portanto, actuemos com maturidade e flexibilidade.

Que se divulgue junto dos estrangeiros que se encontram na Albânia a linha do nosso Partido e a nossa posição, tratando de esclarecê-los para que compreendam bem as questões, pois pode ser que muitos deles não as tenham claras.

Os órgãos de imprensa devem manter-se particularmente vigilantes e prudentes. A nossa imprensa deve difundir devidamente a linha e a táctica do Partido. Esse trabalho deve ser feito com cuidado pelo Directório de Propaganda e Agitação. É importante manter a imprensa no caminho certo, pois qualquer erro da nossa parte poderá ser aproveitado pelos inimigos externos, imperialistas e revisionistas, ou então fazer com que as amplas massas do Partido e do povo deixem de ser correctamente orientadas.

Assim, trabalhemos com cuidado para orientar correctamente o Partido através da imprensa. Que os órgãos de imprensa façam eco de tudo o que esteja no justo caminho marxista-leninista e responda aos interesses do Partido, do povo e do socialismo. Mas que não publique nada que corresponda a qualquer manobra dos revisionistas, coisas que podem até parecer bonitas, mas que de facto são nocivas. Disto não pres-

tamos contas a quem quer que seja. Devemos examinar profundamente cada coisa, pesando com atenção os seus aspectos positivos e negativos e escolhendo o melhor, aquilo que serve o nosso trabalho e a nossa causa.

Superaremos seguramente esta situação difícil. Assim, antes de mais nada, o Partido deve mobilizar-se, ter as questões claras, manter uma unidade total, elevar o seu nível político e ideológico, aplicar coerentemente a sua linha marxista-leninista e mobilizar-se plenamente para o cumprimento dos planos.

Que os camaradas do Partido e do poder tenham esta situação em vista e dediquem todo o cuidado ao trabalho de persuasão e educação das massas, para as tornar conscientes da necessidade de cumprir todas as tarefas e, sobretudo, de explorar todas as possibilidades internas. Desta maneira, quando se determinar a abertura de novas terras, não devemos depositar esperanças somente nos tractores. Se houver possibilidade, também traremos tractores, mas o facto é que devemos fortalecer o nosso potencial económico com todas as nossas possibilidades, de forma a que o povo seja abastecido regularmente, que não sejamos levados à crise e que possamos criar reservas em todos os sectores, economizando correctamente os nossos recursos. Neste sentido, deve ser feito um programa de trabalho por todo o Partido e pelos órgãos estatais. São inúmeras as tarefas que se nos colocam na prática neste terreno.

O nosso Partido e o nosso povo forjaram-se nas dificuldades. Por isso é que sempre realizámos os nossos planos. Assim, também superaremos estas novas dificuldades, trazendo dias melhores para o nosso Partido e o nosso povo. Isto, porque a justiça está do nosso lado, porque temos muitos amigos no mundo, não só a grande China, mas todos os povos e os verdadeiros comunistas, para quem a causa da liberdade, da independência e do socialismo constituem uma causa sagrada.

Era o que tinha para dizer. Agora, aprovemos o comunicado. Além disso, temos diante de nós o IV Congresso do Partido, que se realizará em Fevereiro do próximo ano, como decidimos. Nesse período, o Partido deve mobilizar todas as suas

forças e realizar um múltiplo trabalho político, ideológico e económico, visando fazer com que cheguemos ao Congresso em férrea unidade marxista-leninista, com as tarefas cumpridas em todos os terrenos e com a consciência preparada para discutir num elevado espírito de Partido e para assumir as difíceis mas gloriosas tarefas que nos são incumbidas.

Publicado pela primeira vez no 19.º Volume (Ed. albanesa), conforme o original existente no Arquivo Central do Partido.

ÍNDICE

Composto e impresso na Tip. SILVAS - C. T. G., scarl



edições
BANDEIRA VERMELHA